



O jardim secreto

FRANCES HODGSON
BURNETT

*The Secret
Garden (1911)*

Tradução: Ricardo Giassetti

Edição bilingue: POR/ENG
Distribuição gratuita

mojo.org.br

CILE

MUNDOS EXTRAORDINÁRIOS

O Jardim Secreto

Frances Hodgson Brunett

Traduzido por
Ricardo Giassetti

1ª edição

Para o aniversário de nove anos de
Lisa Hart.

CAPÍTULO 1.

NÃO SOBROU NINGUÉM

Quando Mary Lennox foi enviada para morar com seu tio na Mansão Misselthwaite,¹ todos disseram que era a criança com a aparência mais desagradável que já haviam conhecido. E o pior é que era verdade. Seu corpo e cabelos eram finos, e tinha uma expressão amarga no rosto. Ela toda tinha cor de palha porque havia nascido na Índia e estava sempre com alguma doença. Seu pai era funcionário do governo inglês, sempre ocupado e também doente, enquanto sua mãe, uma mulher belíssima, só se importava com grandes festas em companhia de pessoas joviais. Ela não queria uma menininha de jeito nenhum, e quando Mary nasceu, foi entregue aos cuidados de uma ama, instruída a manter a criança fora da vista o máximo possível, se quisesse agradar à sua Mem Sahib.² Assim, enquanto Mary era uma bebezinha doente, nervosa e feia, foi mantida afastada dos pais, e quando se tornou uma criancinha doente, nervosa e feia aprendendo a andar, continuou afastada. Suas únicas lembranças de infância eram os rostos morenos de sua ama e dos outros empregados nativos, e como sempre a obedeciam e a deixavam fazer o que bem quisesse — afinal, Mem Sahib ficaria irritada caso fosse perturbada com seu

choro —, quando fez seis anos já havia se tornado a pestinha mais mandona e egoísta que já se vira. A jovem tutora inglesa que veio ensiná-la a ler e a escrever a odiou tanto que desistiu do emprego em três meses, e quando outras tutoras vinham para ocupar seu lugar, cada uma ia embora mais rápido que a última. Por isso, se a própria Mary não tivesse decidido que realmente queria saber como é que se lia os livros, nunca teria aprendido a ler.

Numa manhã extremamente quente, quando já tinha quase nove anos, ela acordou sentindo-se muito indisposta, e ficou ainda mais indisposta quando viu que a empregada ao seu lado na cama não era a sua ama.

— Quem mandou você? — perguntou à desconhecida.
— Não quero você aqui. Vá chamar a minha ama.

A mulher ficou aterrorizada, mas se ateve a balbuciar que a ama não poderia vir. E quando Mary foi tomada por um acesso de raiva e a bateu e a chutou, a mulher ficou ainda mais aterrorizada, repetindo que não seria possível que a ama viesse atender Missie Sahib.

Havia algo de misterioso no ar daquela manhã. Nada estava sendo feito como de costume e vários dos empregados pareciam ter faltado — e mesmo aqueles que Mary encontrava pareciam fugir ou se apressar com seus rostos pálidos e assustados. Ninguém queria contar nada a ela e a ama não aparecia. Na verdade, se viu sozinha conforme a manhã foi passando e finalmente saiu para o jardim, para brincar debaixo de uma árvore perto da

varanda. Fingiu que fazia um canteiro de flores e espetou grandes brotos vermelhos de hibisco em montinhos de terra. Cada vez mais irritada, murmurava sozinha sobre o que pretendia falar e os nomes com que xingaria Saidie quando ela voltasse.

— Porca! Porca! Sua filha de uma porca! — repetia, porque chamar um nativo de porco é o pior insulto de todos.

Ela rangia os dentes repetindo essas palavras sem parar, quando ouviu sua mãe na varanda com outra pessoa. Estava acompanhada de um belo jovem e ficaram ali sussurrando com vozes estranhas. Mary conhecia o rapaz, que parecia um menino. Ela ouvira dizer que era um oficial muito jovem, recém-chegado da Inglaterra. A menina olhou para ele, mas olhava mais para sua mãe. Sempre fazia isso quando tinha a chance de vê-la, porque Mem Sahib — Mary costumava chamá-la assim mais do que de qualquer outro nome — era muito alta, magra e linda, e sempre vestia roupas encantadoras. Seus cabelos eram como seda desenrolada, tinha um narizinho delicado que parecia desdenhar das coisas e olhos grandes e iluminados. Todas as suas roupas eram finas e esvoaçantes, e Mary dizia que eram “enlaçadas”. Naquela manhã, mais do que em qualquer outra, suas roupas pareciam ainda mais cheias de laços, mas seus olhos não estavam nada sorridentes. Estavam saltados, arregalados e aterrorizados, e imploravam ao jovem oficial:

— Mas é muito ruim? Me diga! — Mary ouviu sua mãe dizer.

— Terrível — respondeu o jovem com a voz trêmula. — Terrível, sra. Lennox. Vocês deveriam ter ido para as colinas há duas semanas.

Mem Sahib apertou as mãos:

— Ah, eu sei que devíamos — exclamou. — Só fiquei para poder ir àquele jantar idiota. Que tola eu fui!

Naquele momento, um lamento alto vindo do alojamento dos empregados fez com que ela se agarrasse ao braço do jovem, e Mary se levantou, tremendo dos pés à cabeça. A lamentação ficava cada vez mais fora de controle:

— O que é isso? O que é isso? — perguntou a sra. Lennox, sobressaltada.

— Alguém morreu — respondeu o jovem oficial. — Você não sabia que os empregados já estavam contaminados?

— Eu não sabia! — gritou Mem Sahib. — Venha comigo! Venha! — disse, virando-se e correndo para a casa.

Depois disso, mais coisas assustadoras aconteceram e o clima misterioso daquela manhã foi explicado a Mary. Tratava-se de um surto de cólera do pior tipo e as pessoas morriam como moscas. A ama caíra de cama à noite e os lamentos vindos das cabanas dos empregados anunciavam a sua morte. Antes do dia seguinte, outros três empregados morreriam e outros fugiriam aterrorizados. O

pânico estava por todos os lados e havia cadáveres em todas as casas.

Durante a confusão e o completo espanto do segundo dia, Mary se escondeu em seu quarto e foi esquecida por todos. Ninguém pensou nela, ninguém a queria, e mais coisas estranhas aconteceram, para as quais ela não tinha explicação. Mary alternava entre chorar e dormir por horas a fio. Só sabia que as pessoas estavam doentes e ouvia sons misteriosos e assustadores. Em determinado momento, ela engatinhou até a sala de jantar, que estava vazia, embora com uma refeição pela metade sobre a mesa. As cadeiras estavam afastadas e os pratos pareciam ter sido empurrados para o centro da mesa, como se as pessoas tivessem fugido dali no meio da refeição. A criança comeu algumas frutas e biscoitos e, com sede, bebeu um copo de vinho quase cheio. Era um vinho doce e, sem que ela soubesse, muito forte. Em pouco tempo, sentiu-se muito zozna e voltou para o quarto, trancando-se outra vez, assustada com os gritos vindos das cabanas e pelo som de passos apressados. O vinho a deixou tão sonolenta que mal podia manter os olhos abertos. Deitou-se em sua cama e ficou alheia a tudo por um bom tempo.

Muitas coisas aconteceram durante as horas em que dormiu tão profundamente. Nem os lamentos e nem o som de coisas sendo carregadas para fora dos bangalôs a perturbaram.

Quando acordou, continuou deitada olhando para o teto. A casa estava em completo silêncio, nunca havia ficado assim antes. Não se ouvia mais nem as vozes, nem os passos, e Mary se perguntou se todos já haviam se curado da cólera, se o problema estava resolvido. Perguntou-se também quem tomaria conta dela agora que sua ama estava morta. Uma nova ama viria, que talvez soubesse algumas histórias novas. Mary já estava bem cansada das velhas. Ela não chorou pela morte de sua cuidadora. Não era uma criança carinhosa e toda aquela choradeira por causa da cólera a deixou com medo. Estava irritada porque ninguém parecia se lembrar que ela estava viva. Todos haviam ficado tão aterrorizados que se esqueceram da garotinha que não era querida por ninguém. Parece que, quando as pessoas pegam cólera, só pensam em si mesmas. Mas se agora todos já estavam curados, sem dúvida alguém se lembraria e viria ver como ela estava.

Mas ninguém veio e ela ficou deitada esperando enquanto a casa ficava mais e mais silenciosa. Ouviu algo rastejar sobre a colcha e, ao olhar para baixo, viu uma pequena cobra deslizando e olhando para ela com olhos de pedras preciosas. Não teve medo porque aquela coisinha parecia inofensiva, incapaz de feri-la. Parecia que estava apressada em sair do quarto, e passou por debaixo da porta sob o olhar da menina.

— Que silêncio esquisito — disse. — Parece que não tem mais ninguém no bangalô além de mim e da cobrinha.

Quase imediatamente ouviu passos do lado de fora e depois na varanda. Eram passos de homens, que entraram no bangalô e falavam baixo. Ninguém foi recebê-los ou falar com eles, e parecia que estavam abrindo as portas para olhar todos os quartos.

— Que tristeza! — Mary ouviu uma das vozes dizer.

— Uma mulher tão, tão bela! E acho que a criança também. Ouvi dizer que tinham uma filha, embora ninguém saiba dela.

Mary estava em pé no meio do quarto quando abriram a porta minutos depois. Era uma coisinha feia e malcuidada, sua testa estava franzida de fome e pela sensação de completo abandono. O primeiro homem a entrar era um grande oficial que ela já vira antes conversando com seu pai. Ele parecia cansado e confuso, mas quando a viu ficou tão surpreso que quase pulou para trás.

— Barney! — gritou. — Tem uma criança aqui! Uma criança sozinha! Em um lugar como este! Misericórdia, quem será?

— Sou Mary Lennox — disse a menininha, se apurando.

Achou que era grosseria o homem chamar o bangalô de seu pai de “um lugar como este!”.

— Fiquei dormindo quando todos estavam com cólera e acabei de acordar. Por que ninguém veio aqui?

— É a criança que ninguém tinha visto! — exclamou o homem para seus amigos. — Ela ficou aqui, esquecida!

— Por que eu fui esquecida? — disse Mary, batendo o pé. — Por que ninguém tinha aparecido até agora?

O jovem, de nome Barney, olhou para ela com muita tristeza. Mary até achou tê-lo visto piscar os olhos, como quando alguém tenta segurar as lágrimas.

— Pobre pequenina — disse —, não sobrou ninguém.

Foi daquele modo estranho e repentino que Mary descobriu que não tinha mais nem pai nem mãe; que eles haviam morrido e sido levados durante a noite, e que os poucos empregados nativos que sobreviveram também haviam deixado a casa o mais rápido que puderam. Nenhum deles sequer se lembrou de que existia uma Missie Sahib. Por isso o lugar estava tão quieto. E era mesmo verdade que não havia ninguém mais no bangalô além dela e da cobrinha rastejante.

CAPÍTULO 2.

DONA MARY, SEMPRE IRRITADA

Mary gostava de olhar sua mãe de longe e a achava muito bonita, mas como sabia muito pouco sobre ela, mal podia pensar em amor ou em sentir muito a sua falta. Na verdade, não sentia nenhuma saudade e, por ser uma criança egoísta, todos os seus pensamentos eram somente para si, como sempre. Se fosse mais velha, sem dúvida estaria muito nervosa por estar sozinha no mundo, mas ainda era muito jovem. Sempre se arranjava sozinha e, por isso, achava que seria assim para sempre. Só o que se passava por sua cabeça é se agora seria encaminhada a pessoas gentis, que a tratariam bem e que a deixariam fazer o que bem entendesse, como sua ama e os outros empregados nativos.

Ela sabia que não ficaria por muito tempo na casa do padre inglês para onde a levaram. O padre era pobre e tinha cinco filhos, quase da mesma idade, que se vestiam com roupas puídas e viviam brigando e roubando brinquedos uns dos outros. Mary odiava aquele lugar desarrumado e era tão mal-educada com eles que, depois do primeiro ou segundo dia, ninguém mais queria brincar com ela. Já no segundo dia lhe deram um apelido que a deixou furiosa.

Foi Basil quem teve a ideia primeiro. Basil era um menininho de olhos azuis xeretas e nariz arrebitado. Mary o odiava. Ela estava brincando sozinha debaixo de uma árvore, exatamente como fazia quando ocorreu o surto de cólera. Fazia bolinhos de terra e desenhava no chão os caminhos de um jardim quando Basil chegou e parou perto dela. Ficou interessado na hora e já foi dando palpites:

— Por que você não faz uma pilha de pedras e coloca as flores entre elas? — sugeriu ele. — Assim, no meio... — e abaixou-se para explicar.

— Vá embora! — gritou Mary. — Não gosto de meninos. Suma!

Por um momento, Basil ficou furioso. Depois, passou a provocá-la. Ele sempre provocava suas irmãs. Começou a dançar em volta dela, fazendo caretas enquanto cantava e ria:

*Dona Mary, sempre tão irritada,
Em seu jardim não cresce nada,
Só flores-de-sino despetaladas
E flores-de-defunto enfileiradas.*³

Cantou até que as outras crianças ouviram e riram junto. Quanto mais Mary se zangava, mais eles cantavam “Dona Mary, sempre tão irritada”. Pelo tempo em que Mary continuou com eles, era chamada de “Dona Mary, sempre tão irritada” quando falavam dela entre si e, às vezes, até quando falavam com ela.

— Vão te mandar pra casa neste final de semana — disse Basil. — A gente ficou bem feliz.

— Também fiquei feliz — respondeu Mary. — Onde fica essa tal casa?

— Ela não sabe onde fica a própria casa! — zombou Basil com seu sarcasmo de sete anos de idade. — Fica na Inglaterra, claro. Nossa avó mora lá e a Mabel, nossa irmã, foi morar com ela no ano passado. Mas você não vai ficar com a sua avó, nem avó você tem. Vai ficar com o seu tio. O nome dele é sr. Archibald Craven.

— Nunca ouvi falar — disparou Mary.

— Eu sei que não — respondeu Basil. — Você nunca sabe de nada mesmo. Meninas nunca sabem de nada. Ouvi meu pai e minha mãe falando dele. Ele mora em uma casa bonita, grande e longe, no interior, e ninguém chega perto dele. Ele é tão bravo que não deixa ninguém ir lá e, mesmo se deixasse, ninguém iria. Ele é corcunda e horroroso.

— Não acredito em você — disse Mary, dando as costas ao menino e metendo os dedos nas orelhas para não ouvir mais nada.

Mas depois Mary pensou muito naquilo. À noite, quando a sra. Crawford contou que dali a alguns dias ela pegaria um navio para a Inglaterra, para ficar na Mansão Misselthwaite com seu tio, o sr. Archibald Craven, a menina se esforçou tanto para parecer fria e desinteressada que deixou todos confusos. Tentaram ser gentis, mas ela virava o rosto quando a sra. Crawford

tentava beijá-la, e se encolhia toda quando o sr. Crawford fazia um carinho em seu ombro.

— Ela é uma criança tão sem graça — a sra. Crawford comentou mais tarde, consternada. — A mãe era uma mulher tão linda, tinha uma excelente educação. Mas Mary tem os modos mais repugnantes que já vi em uma criança. Os meninos a chamam de “Dona Mary, sempre irritada” e, embora seja errado da parte deles, até entendo a brincadeira.

— Talvez se a mãe tivesse levado sua beleza e sua educação com mais frequência ao quarto de Mary, a criança teria aprendido a ser uma pessoa melhor. É muito triste lembrar que muitas pessoas sequer sabiam que a mulher tinha uma filha.

— Acho que a mãe mal olhava para ela — suspirou a sra. Crawford. — Quando sua aia morreu, não sobrou ninguém para cuidar da coitadinha. Imagine os criados fugindo e abandonando a menina no bangalô deserto! O coronel McGrew contou que ficou completamente sem ação quando abriu a porta e a encontrou ali parada, no meio do quarto.

Mary fez uma longa viagem à Inglaterra, sob os cuidados da esposa do oficial, que levava os próprios filhos para um internato. A mulher dava muito mais atenção aos seu filho e filhinha, e estava mais que feliz em entregar Mary à criada que a encontraria em Londres a mando do sr. Archibald Craven. A criada se chamava sra. Medlock e era a

governanta na Mansão Misselthwaite. Tratava-se de uma mulher robusta, com bochechas bem vermelhas e olhos negros inquietos. Usava um vestido muito roxo, um xale de seda preto franjado e uma boina, também preta, com flores de veludo roxas que balançavam quando ela mexia a cabeça. Mary não gostou nem um pouco da governanta, mas, como quase nunca gostava de ninguém mesmo, não fazia muita diferença. E, além disso, estava bem claro que a opinião da sra. Medlock sobre ela também não era das melhores.

— Pelos céus, é mesmo uma coisinha ordinária! — espantou-se a governanta. — Parece que a filha não herdou muito da famosa beleza da mãe, não é mesmo, minha senhora?

— Talvez melhore com o tempo — disse a esposa do oficial em um tom otimista. — Se não fosse tão pálida e amuada, sua aparência já melhoraria bem. As crianças mudam rápido.

— Vai precisar mesmo mudar bastante — respondeu a sra. Medlock. — Mas, se quer saber, em Misselthwaite não existe muita coisa que melhore uma criança!

Ambas achavam que Mary, distante e olhando pela janela do hotel onde se hospedaram, não as podia ouvir. A menina observava os ônibus, os táxis e as pessoas, mas ouviu tudo muito bem e ficou curiosa sobre seu tio e o lugar em que moraria. Que tipo de lugar seria? Será que

iria gostar? Como era um corcunda? Ela nunca tinha visto um. Talvez não existissem corcundas na Índia.

Desde que fora morar na casa de outras pessoas e que ficara sem ama, Mary sentia-se sozinha. Pensamentos esquisitos e novos habitavam sua cabeça, e agora se perguntava por que nunca se sentira parte de nenhuma família, nem mesmo quando seus pais estavam vivos. As outras crianças pareciam ser queridas pelos pais, mas ela nunca se sentira a filhinha de ninguém. Tinha criados, comida e roupas, mas ninguém se importava muito com ela. Não sabia que a tratavam desse modo por ser tão rabugenta porque, claro, não percebia que era assim. Às vezes, ela achava isso de outras pessoas, mas nunca de si mesma.

Mary achou a sra. Medlock a pessoa mais rabugenta que já conhecera, com seu rosto sem graça, exageradamente corado e seu chapeuzinho ordinário. No dia seguinte, quando começaram a viagem até Yorkshire, a sra. Medlock caminhou pela estação até o vagão do trem com a cabeça empinada, tentando se manter o mais longe possível da menina, pois não queria dar a impressão que fosse sua filha. Ficaria furiosa só de imaginar alguém pensando isso.

A sra. Medlock não parecia nem de longe se preocupar com Mary ou com o que ela pensava. Era o tipo de mulher que “não admite criancices”. Pelo menos era isso o que ela diria se alguém perguntasse. Não queria ter ido para

Londres bem na época do casamento da filha de sua irmã Mary, mas tinha um bom salário como governanta na Mansão Misselthwaite, e o melhor jeito de mantê-lo era obedecer às ordens do sr. Archibald Craven sem questionar. Ela nunca ousou fazer sequer uma pergunta a ele.

— O capitão Lennox e sua esposa morreram de cólera — o sr. Craven anunciou com seu jeito frio e direto. — O capitão Lennox era irmão da minha esposa e eu sou o guardião de sua filha. A criança deve ser trazida para cá. Você deve ir pessoalmente até Londres e trazê-la.

E assim ela fez sua pequena mala e viajou até Londres.

Mary sentou-se no canto do vagão, com seu jeito sem graça e rabugento. Não tinha nada para ler, nem para olhar, e por isso ficou dobrando suas luvinhas finas no colo. Seu vestido preto a fazia parecer ainda mais amarelada e seu cabelo fino pendia por debaixo do chapéu preto de crepe.

“Nunca vi uma jovenzinha mais encardida em toda a minha vida”, pensou a sra. Medlock.

(“Encardida” é uma palavra usada em Yorkshire para crianças mimadas e impertinentes.) Ela nunca conhecera uma criança que ficasse sentada sem fazer nada. Por fim, entediou-se de ficar só olhando e puxou conversa com sua voz áspera e aguda:

— Acho melhor contar a você alguma coisa sobre o lugar para onde estamos indo — disse. — Já sabe alguma coisa sobre o seu tio?

— Não — respondeu Mary.

— Nunca ouviu seu pai ou sua mãe falarem dele?

— Não — Mary franziu a testa.

Sua expressão era porque seus pais nunca haviam falado nada com ela. Eles nunca contavam nada a ela.

— Hunf — resmungou a sra. Medlock, encarando aquele rostinho esquisito e indiferente.

Ficou em silêncio por alguns momentos e começou novamente:

— Acho melhor já deixar você avisada. Você está indo para um lugar peculiar.

Mary continuou sem dizer nada e a sra. Medlock pareceu ainda mais frustrada com a aparente indiferença, mas, depois de respirar profundamente, continuou:

— É um lugar imponente, mas de um jeito triste, e o sr. Craven tem lá o seu orgulho por ele..., mas é realmente bem sombrio. A casa tem seiscentos anos e fica na beira de uma charneca. Tem quase cem cômodos, embora a maioria deles esteja fechado e trancado. E temos retratos e lindos móveis antigos e outras coisas que também estão por lá há séculos. Há também um grande gramado em volta e jardins e árvores com galhos que vão até o chão... algumas, pelo menos. — Fez uma pausa para respirar. — Mas é só isso — e parou de repente.

Mary ouvia mesmo sem querer. Tudo aquilo parecia muito diferente da Índia e qualquer coisa nova a deixava curiosa. Mas ela não queria parecer interessada. Esse era o seu jeito infeliz e rabugento. Por isso, continuou sentada e quieta.

— Bem — disse a sra. Medlock —, o que acha?

— Não acho nada — respondeu. — Não sei nada de lugares assim.

Aquilo fez com que a sra. Medlock soltasse uma espécie de risada:

— Eita! — disse ela. — Você parece uma velha. Você gosta de ser assim?

— Não faz diferença se eu gosto ou não — disse Mary.

— Você está é certa — disse a sra. Medlock. — Não faz diferença. Eu realmente não sei o motivo de você ir para a Mansão Misselthwaite, além de ser a solução mais óbvia. Ele não vai se preocupar com você, disso eu tenho certeza. Ele nunca se preocupa com ninguém, só com uma pessoa.

Parou de falar como se tivesse se lembrado de alguma coisa.

— Ele tem as costas curvadas — disse. — Foi isso que o deixou assim. Ele era um jovem amargurado, que não aproveitava nem sua fortuna, nem sua mansão, até se casar.

Os olhos de Mary se voltaram para a governanta, apesar de sua intenção em parecer que não se importava. Nunca imaginou que o corcunda tivesse se casado e ficou

um tanto impressionada. A sra. Medlock percebeu e, por ser uma mulher faladeira, continuou com interesse redobrado. Pelo menos, era um jeito de passar o tempo.

— Ela era uma menina bela e gentil, e ele cruzaria o mundo inteiro só para colher uma folha da planta que ela desejasse. Ninguém achou que ela se casaria com ele, mas casou. E as pessoas diziam que ela havia se casado por dinheiro. Mas não foi por isso... não, não foi por isso — disse ela categoricamente. — Quando ela morreu...

Mary deu um pulo sem nem perceber.

— Ah, ela morreu! — exclamou, também sem perceber.

E Mary lembrou-se de um conto de fadas que leu uma vez, chamado *Henrique, o topetudo*.⁴ Era sobre um corcunda e uma linda princesa, e isso imediatamente a fez ficar com dó do sr. Archibald Craven.

— Sim, morreu — continuou a sra. Medlock. — E então ele ficou ainda mais esquisito do que antes. Ele não liga mais para ninguém. Não quer ver ninguém. Viaja na maior parte do tempo e, quando está em Misselthwaite, fica trancado na ala oeste e não deixa ninguém além de Pitcher entrar. Pitcher é um velho amigo que cuidou dele quando criança e o conhece muito bem.

Aquilo se parecia com uma história de algum um livro e Mary se sentiu apreensiva. Uma casa ao lado de uma charneca — seja lá o que fosse uma charneca — cem quartos, quase todos fechados, as portas trancadas... era

tudo muito sinistro. Um homem com as costas curvadas que também vivia trancado! Ela olhou pela janela com os lábios apertados e pareceu muito natural que a chuva começasse a cair em cinzentas linhas diagonais, respingando e escorrendo pelos vidros da janela. Se a bela esposa ainda estivesse viva, talvez as coisas ficassem mais alegres, pois teria uma pessoa parecida com sua mãe, correndo para lá e para cá, indo às festas como ela fazia, usando tecidos “enlaçados”. Mas ela não estava mais lá.

— Não fique achando que vai se encontrar com ele porque há poucas chances disso acontecer — disse a sra. Medlock. — E não espere que as pessoas conversem com você. Vai ter de brincar e se virar sozinha. Vão te mostrar em quais quartos você pode entrar e de quais deverá se manter longe. Também temos muitos jardins. Mas quando você estiver em casa, não fique perambulando, nem xeretando. O sr. Craven não gosta nada disso.

— Talvez eu nem queira perambular e xeretar mesmo — disse a pequena e amargurada Mary. Ao mesmo tempo em que deixava de sentir pena do sr. Archibald Craven, não se sentia mais tão triste e nem achava que ele era asqueroso ao ponto de merecer tudo o que tinha lhe acontecido.

Então virou o rosto para os filetes de água que escorriam pelos vidros do vagão e contemplou a tempestade que parecia nunca mais acabar. Ficou olhando por tanto tempo sem desviar os olhos, que o cinza foi

ficando cada vez mais escuro à sua frente e ela caiu no sono.

CAPÍTULO 3.

PELA CHARNECA

Ela dormiu bastante e, quando acordou, a sra. Medlock já havia comprado uma refeição em uma das estações, com frango, carne desfiada, pão, manteiga e chá quente. Parecia que a chuva caíra ainda mais forte, pois todos na estação vestiam capas de chuva brilhantes e molhadas. O encarregado acendeu as luzes do vagão e a sra. Medlock se deliciou com o chá, o frango e a carne. Fez um belo lanche e, em seguida, foi sua vez de dormir. Mary ficou sentada observando sua boina escorregar para o lado até que acabou dormindo novamente, embalada pelos respingos da chuva. Já estava bem escuro quando acordou de novo. O trem havia parado na estação e a sra. Medlock a sacudia.

— Que sono pesado! — disse. — Hora de abrir os olhos! Chegamos na estação de Thwaite e ainda temos um bom caminho pela frente.

Mary ficou em pé e tentou manter os olhos abertos enquanto a sra. Medlock juntava as bagagens. A menina não ofereceu ajuda porque na Índia os criados sempre pegavam e carregavam as coisas, e ela achava normal esperar enquanto faziam isso.

Era uma estação pequena e parecia que ninguém além delas desceria do trem. O chefe da estação falou com a sra.

Medlock de um modo grosseiro, mas bem-humorado, pronunciando as palavras de maneira muito estranha, o que depois Mary descobriria ser o sotaque de Yorkshire.

— Tô veno que cê vortô — disse. — E que trôxe a minininha cocê.

— Sim, sinhô. É ela merma — respondeu a sra. Medlock com o mesmo sotaque e apontando para Mary com a cabeça. — Como que tá a patrôa?

— Tá boa. O carro tá esperano ocês lá fora.

Um brougham⁵ esperava na estrada em frente à pequena plataforma externa. Mary viu que tanto a carruagem como o carregador que a ajudou a subir eram bem elegantes. Sua longa capa de chuva e a cobertura à prova de água de seu chapéu estavam brilhantes e molhadas, assim como tudo ali, incluindo o corpulento chefe da estação.

O carregador colocou as malas ao lado do condutor, fechou a porta e a carruagem partiu. A menina se sentou em um canto confortável e estofado, mas não sentia mais sono. Ficou olhando pela janela, curiosa para ver alguma coisa na estrada que levava para o tal lugar melancólico que a sra. Medlock havia descrito. Ela não era uma criança medrosa e nem estava exatamente assustada, mas tinha o pressentimento de que era impossível saber o que aconteceria na tal casa de cem quartos (quase todos fechados)... uma casa que ficava na beira de uma charneca.

— O que é uma charneca? — perguntou, de repente, para a sra. Medlock.

— Fique olhando mais dez minutos pela janela e vai descobrir — respondeu a mulher. — São oito quilômetros pela charneca Missel até a mansão. Não dá para enxergar bem porque já é noite, mas dá para ver alguma coisa.

Mary não fez mais perguntas e esperou no seu canto escuro, sem tirar os olhos da janela. Os faróis da carruagem jogavam raios de luz um pouco adiante e ela via de relance as coisas que passavam. Depois de saírem da estação, passaram por um vilarejo onde ela viu chalés caiados e uma taberna iluminada. Depois, passaram por uma igreja e pela casa do padre, e pelo que pareceu a vitrine de uma lojinha de brinquedos, doces e outras bugigangas. Então tomaram a estrada principal e ela viu fileiras de arbustos e árvores. Depois disso, não viu mais nada de diferente por um bom tempo — ou, pelo menos, pareceu que tinha se passado um bom tempo.

Finalmente a carruagem passou a andar mais devagar, como se subissem uma colina, e as cercas vivas e as árvores pareciam ter sumido. Ela não via mais nada além de uma escuridão completa dos dois lados. Inclinou-se para encostar o rosto na janela bem quando o carro deu um solavanco.

— Veja! Agora sim, estamos na charneca — disse a sra. Medlock.

Os faróis banhavam de amarelo a estrada de cascalho que parecia ter sido aberta por entre os arbustos e outras plantas baixas, e para além havia uma grande vastidão escura que se espalhava por todos os lados. Um vento começou a soprar fazendo um som diferente, solitário, grave e apressado.

— Aqui não é o mar, é? — disse Mary, virando-se para sua acompanhante.

— Não, não é — respondeu a sra. Medlock. — Nem são pastos e nem montanhas, são apenas quilômetros e mais quilômetros de terra virgem onde nada cresce além de urzes, carqueja e giesta, e nada sobrevive além de pôneis selvagens e cabras.

— Achei que podia ser o mar, caso tivesse água aqui — disse Mary. — O som é igualzinho ao do mar.

— É o vento soprando nos arbustos — disse a sra. Medlock. — Para mim, é um lugar bem inóspito e sem graça, embora eu goste de algumas das plantas... principalmente quando as urzes dão flor.

E continuaram ainda pela escuridão. Mesmo com a chuva tendo parado, o vento soprava e assobiava sons estranhos. A estrada seguia, subindo e descendo, e várias vezes a carruagem passava por alguma pequena ponte sobre águas abundantes e barulhentas. Mary sentia que aquela viagem nunca acabaria e que a grande e bucólica charneca era um imenso mar negro que ela atravessava por uma faixa de terra seca.

— Não gosto daqui — falou para si mesma e apertou ainda mais os lábios.

Os cavalos venciam um trecho íngreme da estrada quando ela finalmente viu uma luz. A sra. Medlock também a viu logo em seguida e deu um longo suspiro de alívio.

— Ai, que bom ver aquela luzinha trêmula — exclamou. — É a luz da janela da guarita. Daqui a pouco vamos tomar uma boa xícara de chá quente, ah, se vamos.

Demorou mesmo um “pouco”, como ela disse, porque depois que a carruagem passou pelos portões da entrada, seguiram ainda por mais de três quilômetros pelo calçamento, e as árvores — que quase se tocavam lá em cima — pareciam formar um túnel longo e escuro.

Saíram do túnel para um lugar aberto e pararam diante de uma casa de dois andares, muito comprida, que parecia contornar todo o pátio de pedra. Primeiro, Mary pensou que as luzes de todas as janelas estavam apagadas, mas quando desceu do carro viu um brilho fraco em dos quartos na ponta do andar de cima.

A porta de entrada era enorme, feita de carvalho, pesada e de formas curiosas, decorada com grandes rebites e com fortes braços de ferro. Ela se abria para um saguão enorme, tão mal iluminado que Mary teve medo de olhar para os rostos nas pinturas das paredes e as armaduras de metal. Parada sobre o chão de pedra, ela parecia muito

pequena, uma coisinha sombria e indefinida, e sentiu-se muito frágil, perdida e insignificante.

Um homem elegante e magro se aproximou do criado que abriu a porta para elas.

— Leve-a para o quarto — disse, com uma voz rouca.

— Ele não quer vê-la. Amanhã cedo ele vai para Londres.

— Muito bem, sr. Pitcher — respondeu a sra. Medlock.

— Sempre que me dizem o que fazer, eu faço.

— O que se espera da senhora, sra. Medlock — continuou o sr. Pitcher —, é que se certifique de que ele não seja perturbado e de que não veja o que não quer ver.

E assim Mary Lennox foi levada por uma ampla escadaria e por um longo corredor, e depois por mais um lance de escada e por outro corredor, depois outro, até atravessar uma porta e chegar a um quarto com lareira e a mesa posta para o jantar.

A sra. Medlock disse sem cerimônia:

— Bem, veja você! Este e o quarto ao lado agora são a sua casa e você deve ficar dentro dela. Não se esqueça disso.

Foi assim que dona Mary chegou à Mansão Misselthwaite e talvez nunca tenha se sentido tão irritada em toda sua vida.

CAPÍTULO 4.

MARTHA

Ela abriu os olhos de manhã porque uma jovem empregada havia entrado no quarto para acender o fogo. A criada estava ajoelhada no tapete em frente à lareira, raspando as cinzas com um tremendo barulho. Ainda deitada, Mary observou a moça por algum tempo antes de começar a contemplar o resto do quarto. Nunca vira um quarto assim e achou tudo muito curioso e triste. As paredes eram cobertas de tapeçarias bordadas com cenas de florestas. Havia pessoas fantásticamente vestidas debaixo das árvores e, ao longe, apareciam difusas as torres de um castelo. Havia caçadores, cavalos, cães e damas. Mary sentiu como se estivesse no meio da floresta com eles. Uma enorme janela dava para uma grande extensão de terra em aclive, quase sem nenhuma árvore, que mais se parecia com um mar infinito, monótono e meio arroxeadado.

— O que é aquilo? — disse, apontando para a janela.

Martha, a jovem empregada, se levantou, olhou e apontou também:

— Aquilo ali? — perguntou ela.

— Sim.

— Aquilo lá é a charneca — e deu um sorriso bem-humorado. — Cê gosta?

— Não — respondeu Mary. — Odeio.

— É porque ocê ainda num se acostumou — disse Martha, voltando ao trabalho. — Cê vai achar que a charneca é muito grande e sem nada. Mas depois vai gostar.

— Você gosta? — perguntou Mary.

— Gosto sim — respondeu Martha esfregando a grade alegremente. — Eu mais é adoro. Num é vazio não. É cheio de brotinho nascendo e tem um perfume que é uma doçura. É muito lindo na primavera, e no verão as carqueja, as urze e as giesta dão flor. Fica tudo com cheiro de mel e o ar fica bem fresco... e o céu parece mais alto ainda e as abelha e as cotovia fazem um barulhão zunino e cantano. Ai! Num me mudo de perto da charneca por nada no mundo.

Mary ouviu a tudo aquilo com uma expressão séria e confusa. Os serviçais nativos com quem ela estava acostumada na Índia não eram nem um pouco parecidos com esta. Eram mais prestativos e servis e não ousavam conversar com seus patrões como se estivessem à mesma altura. Eles faziam reverências e chamavam os patrões de “protetores dos pobres” e coisas assim. Não se pede a um serviçal da Índia para que faça alguma coisa, ordena-se. Não era costume dizer “por favor” e “obrigado”, e Mary sempre batia na cara de sua aia quando estava brava. Tentou imaginar o que essa jovem faria se alguém lhe desse um tapa no rosto. Ela era uma criatura apresentável,

gorducha e rosada, e parecia bem-humorada, mas também tinha um jeito vigoroso que fez com que a srta. Mary se perguntasse se ela não seria capaz até de revidar, mesmo se quem batesse fosse uma simples garotinha.

— Você é uma criada estranha — disse, sem sair dos travesseiros, um tanto arrogante.

Martha sentou-se sobre os calcanhares com sua escova de fuligem na mão e sorriu, demonstrando o mesmo bom humor.

— Eita! E essa agora — disse ela. — Se tivesse uma dona que mandasse aqui em Misselthwaite, eu num teria nem chegado a empregada dos empregado. Eu queria ser copeira, mas num me deixam nem subir as escada! Eu sou muito simples e meu sotaque Yorkshire é muito carregado. Mas esta casa é engraçada porque tudo é grande demais. Parece que nem tem patrão nem patroa, só o sr. Pitcher e a sra. Medlock. O sr. Craven não liga pra nada quando vem pra cá, mas quase nunca está. A sra. Medlock me deu o emprego por caridade. Ela disse que num teria feito isso se Misselthwaite fosse igual às outras casas grande.

— Você será minha serva? — perguntou Mary, ainda em seu tom imperativo indiano.

Martha voltou a esfregar a grade.

— Eu sou contratada da sra. Medlock — disse resoluta. — E ela é funcionária do sr. Craven... e sou eu quem faz a arrumação aqui em cima e cuido um pouco de ocê. Mas cê não precisa ser muito cuidada.

— Quem é que vai me vestir? — demandou Mary.

Martha sentou-se nos calcanhares novamente e a fitou. Ficou tão afetada que soltou todo o seu sotaque Yorkshire:

— Mas cumé que num sabe si vestí sozinha? — disse.

— O que você disse? Não falo a sua língua — disse Mary.

— Eita! Me esqueci — desculpou-se. — A sra. Medlock me disse pra tomar cuidado senão ocê num ia me entender. Perguntei se ocê não sabe vestir a sua própria roupa.

— Não — disse Mary, muito indignada. — Nunca, em toda a minha vida. Quem me vestia era a minha aia, é claro.

— Bom — tornou Martha, claramente sem fazer ideia de que estava sendo descarada —, então tá na hora de aprender. Nunca é tarde. Vai ser bom cê aprender a se cuidar um pouco sozinha. A mãe sempre fala que não entende como os filho de gente importante não fica tudo tonto depois de crescido, porque são paparicado, lavado, vestido e levado pra passear como se fossem uns boneco de pau!

— Na Índia é diferente — afirmou a srta. Mary com desdém, ainda irritada.

Mas Martha não se alterou.

— Eita! Tô veno que é diferente mesmo — respondeu de maneira quase simpática. — Eu acho que é porque tem muito negro lá invês de gente branca de respeito. Quando

fiquei sabendo que cê vinha da Índia, até achei que cê era preta também.⁶

Mary sentou-se furiosa na cama.

— Quê? — ela disse. — O quê? Você achou que eu era uma nativa? Ora... sua filha de uma porca!

Martha arregalou os olhos, assustada.

— Quem é que cê tá xingano? — exclamou. — Não precisa ficar tão ofendida. Isso num é jeito de uma jovem dama falar. Eu num tenho nada contra os preto. Quando a gente lê sobre eles nos livro, eles parece sempre muito temente a Deus. Sempre falam que os negro também são nossos irmão. Eu nunca vi um preto e fiquei bem alegre quando achei que ia ver uma de perto. Quando eu vim acender o seu fogo hoje cedo, fui de mansinho até a sua cama e puxei o cobertor devagarinho para olhar na sua cara. E ocê tava lá — disse, desapontada — nem um tiquinho mais morena que eu... só muito gritona mesmo.

Mary sequer tentou controlar sua raiva e humilhação.

— Você achou que eu era uma nativa! Como ousa? Você não sabe nada sobre eles! Eles não são gente, são servos que devem nos respeitar. Você não sabe nada sobre a Índia. Não sabe nada de nada!

Ela ficou tão furiosa e se sentiu tão desamparada diante do mero olhar da jovem que, de alguma forma, de repente se percebeu terrivelmente solitária e longe de tudo que entendia — e de tudo o que a entendia também.

Jogou-se de bruços nos travesseiros e começou a soluçar

sem parar. Soluçava tanto que a afável Martha de Yorkshire se assustou e morreu de pena da menina. Foi até a cama e se curvou sobre ela.

— Eita! Num precisa chorar tanto assim! — pediu. — Não precisa mesmo. Eu não sabia que ocê ia ficar tão chateada. Eu não sei nada de nada mesmo, do jeito que ocê disse. Me desculpa, senhorita. Para de chorar.

Havia algo de reconfortante e realmente amistoso naquele estranho sotaque de Yorkshire, e seu jeito direto teve um bom efeito sobre Mary. Ela gradualmente parou de chorar e se calou. Martha ficou aliviada.

— Agora é hora de ocê se levantar — disse a criada. — A sra. Medlock disse pra eu levar o café da manhã, o lanche e o jantar pro quarto do lado. Foi transformado em um trocador pra ocê. Eu ajudo ocê a se vestir, se ocê sair da cama. Se tiver botão nas costas, não tem como ocê abotoar sozinha.

Quando Mary finalmente decidiu se levantar, as roupas que Martha tirou do guarda-roupa não eram as que ela usava quando chegara na noite anterior, acompanhada da sra. Medlock.

— Essas não são minhas — disse ela. — As minhas são pretas.

Ela olhou para o casaco e o vestido de lã branca grossa e acrescentou com fria aprovação:

— São melhores que as minhas.

— São essas que ocê vai vestir — respondeu Martha. — O sr. Craven mandou a sra. Medlock comprar em Londres. Ele disse: “Eu num quero uma criança vestida de preto vagando por aqui como uma alma perdida”, disse, sim. “Não quero este lugar mais triste do que já é. Ela vai usar roupas colorida!”. Minha mãe disse que entendeu o que ele quis dizer. A mãe sempre sabe das coisa. Ela mesma não gosta muito de preto, sabe?

— Eu odeio coisas pretas — disse Mary.

O processo de se vestir ensinou algo a ambas. Martha já havia “abotoado” suas irmãs e irmãos menores, mas nunca vira uma criança que ficasse parada e esperasse que outra pessoa fizesse coisas por ela como se não tivesse mãos ou pés.

— Por que ocê não calça os próprio sapato? — ela disse quando Mary silenciosamente estendeu o pé.

— Minha aia fazia isso — respondeu Mary com o olhar fixo. — Era o costume.

Ela dizia isso com frequência: “Era o costume”. Os servos nativos sempre diziam isso. Se alguém lhes dissesse para fazer algo que seus ancestrais não faziam há mil anos, então eles olhavam com brandura e diziam: “Não é o costume” e sabia-se que era o fim do assunto.

Não era o costume dona Mary fazer outra coisa além de ficar em pé e se permitir ser vestida como uma boneca. Porém, antes de estar pronta para o café da manhã, já suspeitava que sua vida na Mansão Misselthwaite a

ensinaria uma série de novidades — coisas como colocar seus próprios sapatos e meias e pegar objetos que deixasse cair. Se Martha fosse uma jovem criada bem treinada, teria sido mais subserviente e respeitosa e saberia que era sua função escovar seu cabelo e calçar suas botas, recolher as coisas e guardá-las. No entanto, ela não passava de uma serviçal rústica e inexperiente de Yorkshire, criada em um casebre na charneca com um enxame de irmãos e irmãs que nunca sonharam em fazer nada além cuidar uns dos outros, alguns deles bebês que mal sabiam andar.

Se Mary Lennox fosse uma criança mais familiarizada com brincadeiras, talvez se divertisse com a loquacidade de Martha, mas apenas a ouviu com frieza e se admirou com sua falta de preocupação com a etiqueta. A princípio, ela não pareceu nem um pouco interessada, mas aos poucos, à medida em que a garota tagarelava com seu jeito bem-humorado e amigável, Mary começou a entender melhor o que dizia.

— Eita! Cê devia conhecer todos ele — disse ela. — Somos em doze e meu pai ganha só dezesseis xelim^z por semana. Minha mãe consegue fazer o mingau render para todo mundo. Eles brinca na charneca o dia todo, e a mãe diz que o ar da charneca engorda. A mãe fala que acha que eles come grama igual aos pônei selvagem. Nosso Dickon tem doze ano e tem um potro de pônei só dele.

— Onde ele conseguiu um? — perguntou Mary.

— Encontrou na chameca, junto da mãe dele, ainda pequeno e começou a fazer amizade com ele e a dar uns pedaço de pão e cortar capim para ele. E ele começou a gostar do Dickon, então anda sempre junto e até deixa ele montar. Dickon é um rapaz gentil e os bicho gosta dele.

Mary nunca possuía um animal de estimação e sempre achou que gostaria de ter um. Então começou a sentir um leve interesse por Dickon, e como nunca havia se interessado por ninguém além de si mesma, aquele foi o nascimento de um sentimento saudável. Quando ela entrou no quarto que havia sido transformado para ela, viu que era bastante parecido com o outro em que dormira. Não era um quarto de criança, mas de adulto, com sombrios retratos antigos nas paredes e pesadas cadeiras de carvalho. Uma mesa no centro estava posta com um café da manhã reforçado. Mas como nunca teve muito apetite, olhou com pouco mais que indiferença para o primeiro prato que Martha colocou diante dela.

— Não quero comer — afirmou.

— Cê não quer o mingau? — Martha exclamou incrédula.

— Não.

— Cê não sabe o que é bom. Coloca um pouco de melado ou um pouco de açúcar.

— Eu não quero — repetiu Mary.

— Eita! — disse Martha. — Não tolero desperdício de comida da boa. Se as nossa criança estivesse nesta mesa, limpariam tudo em cinco minuto.

— Por quê? — perguntou Mary friamente.

— Por quê? — repetiu Martha. — Porque a barriga deles quase nunca fica cheia. Eles vive faminto igual os falcão e as raposa.

— Não sei o que é ter fome — observou Mary, com a indiferença da ignorância.

Martha ficou indignada.

— Bom, faria bem pra ocê experimentar. Te juro — disse sem rodeios. — Num tenho paciência com gente que fica sentada olhando prum naco de pão com carne. Verdade! Queria que o Dickon, o Phil, a Jane e o resto deles pudesse comer o que tá aqui debaixo desses pano.

— E por que você não dá para eles? — sugeriu Mary.

— Não é meu — respondeu Martha com firmeza. — E hoje não é minha folga. Eu tiro folga uma vez por mês, igual todo mundo. Então eu vou e limpo a casa para mãe ter o dia de folga dela.

Mary bebeu um gole de chá e comeu um pouco da torrada com geleia.

— Agora que terminou, corre lá fora brincar — disse Martha. — Vai ser bom pra abrir o seu apetite.

Mary foi até a janela. Havia jardins, calçadas e árvores grandes, mas tudo parecia sombrio e invernal.

— Lá fora? Por que eu sairia de casa em um dia como este?

— Bom, se ocê não vai sair, então vai ficar em casa. É isso o que cê quer fazer?

Mary olhou ao seu redor. Não havia nada para fazer. Quando a sra. Medlock preparou seu quarto, a diversão da menina não estava em sua mente. Talvez fosse mesmo melhor ir conhecer os jardins.

— Quem irá comigo? — ela perguntou.

Martha ficou olhando.

— Cê vai sozinha — respondeu. — Cê tem que aprender brincar como as outra criança faz quando não têm irmão nem irmã. O Dickon vai pra charneca sozinho e brinca lá por horas. Foi assim que ele fez amizade com o pônei. Tem as ovelha da charneca que conhece ele, e os pássaro vêm comer na mão dele. Por menos que a gente tenha de comida, ele sempre guarda um pouco do pão pra atrair seus bichinho.

Na verdade, foi a menção a Dickon que fez Mary decidir sair, embora ela não tenha percebido. Haveria pássaros lá fora, embora não houvesse pôneis ou ovelhas. Eles seriam diferentes dos pássaros da Índia e ela poderia se divertir olhando para eles.

Martha pegou um chapéu e um par de botinas reforçadas e desceu as escadas com a menina.

— Por ali é o caminho pros jardim — disse, apontando para um portão em uma mureta de arbustos. — Tem muita

flor no verão, mas agora num tem nada desabrochano. — Pareceu hesitar um segundo antes de acrescentar: — Um dos jardim tá trancado. Ninguém entra nele faz dez ano.

— Por quê? — perguntou Mary, instintivamente. Era mais uma porta trancada adicionada às outras cem daquela casa estranha.

— O sr. Craven mandou fechar quando sua esposa morreu tão de repente. Ele não deixa ninguém entrar. Era o jardim dela. Ele trancou a porta e enterrou a chave num buraco. Olha o sino da sra. Medlock tocando. Tenho que correr.

Depois que a criada se foi, Mary desceu a calçada que levava ao portão entre os arbustos. Não conseguia deixar de pensar no jardim que ninguém visitava há dez anos, como ele seria e se ainda haveria flores nele. Depois de passar pelo portão dos arbustos, ela se viu em grandes jardins com gramados largos e calçadas sinuosas de bordas recortadas. Havia árvores e canteiros de flores e sempre-vivas podadas em formas estranhas, e uma grande fonte com um velho chafariz em seu centro. Mas os canteiros de flores estavam vazios e ressecados e a fonte não estava ligada. Aquele não era o jardim que estava fechado. Como um jardim poderia ser fechado? As pessoas sempre deveriam poder entrar em um jardim.

Ela pensava nisso quando viu, ao final do caminho por onde ia, um longo muro escondido sob um manto de hera que crescera descontroladamente. Mary não era

familiarizada o suficiente com a Inglaterra para saber que ali ficavam as hortas onde cresciam os legumes e as verduras. Seguiu em direção ao muro e descobriu por entre a hera uma porta verde entreaberta. Aquele não era o jardim fechado, evidentemente, e ela poderia entrar ali.

Passou pela porta e descobriu que era um jardim cercado por muros, apenas um dos vários jardins murados que se comunicavam entre si. Ela viu outra porta verde aberta que revelava arbustos e calçadas por entre canteiros de vegetais de inverno. As árvores frutíferas se apoiavam contra a parede, e sobre alguns dos canteiros havia armações de vidro. O lugar estava muito vazio e feio, pensou Mary, ao levantar os olhos e olhar em volta. Talvez melhorasse no verão, quando as coisas ficassem verdes, mas naquele momento não havia nada de bonito ali.

Logo, um velho com uma pá nos ombros entrou pela porta que dava para o segundo jardim. A princípio pareceu surpreso ao ver Mary, e em seguida tocou seu boné. Seu rosto velho e carrancudo não parecia nada satisfeito em vê-la, mas ela também não estava nada contente com aquele jardim e exibia sua expressão “totalmente irritada”, nada satisfeita em vê-lo.

— O que é este lugar? — ela perguntou.

— Uma das horta — respondeu ele.

— O que é aquilo? — disse Mary, apontando para a outra porta verde.

— Outra horta — disse, pontualmente. — Tem outra do outro lado do muro e tem um pomar mais pra lá.

— Posso entrar neles? — perguntou Mary.

— Se quiser. Mas num tem nada pra ver.

Mary não respondeu. Continuou pela calçada até a segunda porta verde. Lá encontrou mais muros, vegetais de inverno e estufas, mas no segundo muro havia outra porta verde, e esta não estava aberta. Talvez levasse ao jardim que ninguém via há dez anos. Como não era uma criança tímida e sempre fazia o que queria, Mary foi até a porta verde e girou a maçaneta. Ela não queria que a porta se abrisse, pois assim teria certeza de ter encontrado o jardim misterioso — mas a porta se abriu com bastante facilidade e ela a atravessou, chegando em um pomar. Também era cercado por muros nos quais a vegetação se apoiava e havia árvores frutíferas nuas sobre a grama acastanhada pelo inverno — mas não havia mais nenhuma porta verde à vista, em lugar algum. Mary procurou, mas ao entrar na parte mais alta do jardim, notou que o muro não parecia terminar no pomar, mas se estendia para além dele como se abrangesse algo mais, do outro lado. Ela podia ver a copa das árvores acima do muro e, quando parou, viu um pássaro com peito vermelho-vivo pousado no galho mais alto de uma delas. Sem aviso, ele explodiu em seu canto de inverno — parecia que a tinha avistado e tentava chamar sua atenção.

Ela parou e o ouviu, e de alguma forma seu canto alegre e amigável deu a ela uma sensação de satisfação — até mesmo uma menina desagradável pode se sentir solitária. A grande casa fechada, a imensa charneca vazia e os vários jardins desfolhados davam a impressão de que não havia sobrado ninguém no mundo além dela. Se fosse uma criança afetuosa, acostumada a ser amada, seu coração estaria em pedaços, e mesmo sendo “Dona Mary, sempre irritada”, ela estava desolada. O passarinho de peito ruivo olhou para o seu rostinho azedo que quase sorria e ela o escutou até que ele voou. Mary gostou dele por ser diferente de um pássaro indiano, e se perguntou se alguma vez o veria novamente. Talvez ele vivesse no jardim misterioso e conhecesse bem o lugar.

Talvez fosse por não ter absolutamente nada para fazer que ela pensava tanto no tal jardim deserto. Estava curiosa e queria descobrir como ele era. Por que o sr. Archibald Craven enterrara a chave? Se gostava tanto da esposa, por que odiava o jardim dela? Ela se perguntou se um dia o conheceria, mas sabia que, quando o visse, não gostaria dele e ele não gostaria dela, e que ela deveria apenas ficar parada e olhar para ele sem dizer nada, mas ao mesmo tempo estaria terrivelmente tentada a perguntar por que fazer uma coisa tão estranha assim.

“As pessoas nunca gostam de mim e eu nunca gosto de pessoas”, pensou ela. “E eu nunca consigo falar como as

crianças Crawford falavam. Elas estavam sempre conversando, rindo e fazendo bagunça.”

Ela pensou no passarinho e em como ele parecia cantar para ela, e ao se lembrar do topo da árvore em que ele se empoleirou, estancou de repente.

— Acho que aquela árvore estava no jardim secreto. Tenho certeza de que estava — disse ela. — Havia um muro em volta, mas nenhuma porta.

Ela voltou para a primeira horta em que havia entrado e encontrou o velho cavando ali. Ela se aproximou e ficou ao lado dele, observando por alguns momentos com seu jeitinho frio. Ele não a notou e, por fim, ela disse:

— Visitei os outros jardins.

— Não tinha nada que te impedisse — o velho respondeu asperamente.

— Fui até o pomar.

— Não tinha nenhum cachorro na porta pra te morder — respondeu ele.

— Não havia porta para o outro jardim — observou Mary.

— Qual jardim? — ele disse com sua voz ríspida, parando de cavar por um momento.

— Aquele do outro lado do muro — respondeu a dona Mary. — Tem árvores lá, eu vi a copa delas. Um pássaro com o peito vermelho estava pousado em uma delas e cantou.

Para sua surpresa, o velho rosto maltratado pelo tempo mudou de expressão. Um sorriso lento se espalhou sobre ele e o jardineiro agora parecia bem diferente. Aquilo a fez pensar como era curioso o fato de uma pessoa ficar mais bonita quando sorria. Ela nunca havia pensado nisso.

Ele se virou para os lados do pomar e começou a assobiar um silvo baixo e suave. Ela não conseguia entender como um homem tão rude era capaz de fazer um som tão agradável. Quase no momento seguinte algo maravilhoso aconteceu. Ela ouviu um voo leve e rápido no ar. Era o pássaro de peito vermelho que vinha na direção deles, e pousou em um grande torrão de terra bem perto do pé do jardineiro.

— Olha ele aqui — sorriu o velho, e então falou com o pássaro como se falasse com uma criança. — Onde cê tava, seu safado atrevido? Num te vi antes, hoje. Cê começou a bajular mais cedo desta vez? Tá mais afoito, é?

O pássaro colocou sua pequena cabeça de lado e olhou para o velho com seus olhos brilhantes e delicados que eram como gotas negras de orvalho. Parecia bastante tranquilo, sem medo algum. Então saltou e bicou a terra rapidamente, procurando sementes e insetos. Na verdade, aquilo despertou um sentimento estranho no coração de Mary, pois ele era tão bonito e alegre que se parecia com uma pessoa. Seu corpo era minúsculo e redondo, com um bico delicado e pernas delgadas e perfeitas.

— Ele sempre vem quando você o chama? — ela perguntou quase em um sussurro.

— Vem, sim. Eu conheço ele desde pequenininho. Ele saiu do ninho no outro jardim e quando voou sobre o muro da primeira vez, ainda tava fraco demais para voar de volta e daí, em poucos dias ficamos amigos. Quando ele conseguiu voar por cima do muro de novo, o resto da ninhada já tinha ido embora e ele ficou sozinho, e daí voltou para mim.

— Que tipo de pássaro ele é? — Mary perguntou.

— Cê não sabe? Ele é um pisco, um pintarroxo, e é o passarinho mais amigo e curioso que existe. São quase tão amigos iguais os cachorros, se você souber como lidar com eles. Olha ele piscar e olham para nós, sem parar. Ele sabe que tanto falamos dele.

Aquele velho parecia a coisa mais estranha do mundo. Ele mirava o pequeno pássaro rechonchudo de peito escarlate como se estivesse orgulhoso e apaixonado por ele.

— Ele é muito vaidoso — riu. — Gosta de ouvir as pessoas falarem dele. É um xereta, meu Deus, não tem ninguém mais curioso e intrometido. Sempre vem ver o que estão plantando. Ele sabe de coisas que nem o seu Craven desconfia. Ele que é o jardineiro-chefe daqui.

O pisco-de-peito-ruivo saltitava e bicava a terra, e de vez em quando parava e olhava rapidamente para eles. Mary pensou que seus olhos negros de gotas de orvalho a fitavam com grande curiosidade. Realmente parecia que

ele estava descobrindo tudo sobre ela. A sensação estranha em seu coração aumentou.

— Para onde foi o resto da ninhada? — ela perguntou.

— Num dá pra saber. Os pai tira eles do ninho e fazem eles voar, e eles se espalha sem a gente nem perceber. Este aqui já era meu conhecido e ele sabia que tinha ficado pra trás.

Dona Mary deu um passo adiante e olhou muito atenta para o pisco.

— Estou sozinha — disse ela.

Foi a primeira vez que ela entendeu um dos motivos que a deixavam amarga e irritada. Descobriu essa verdade quando o pisco olhou para ela e ela retribuiu o olhar.

O velho jardineiro empurrou o boné para trás na cabeça calva e a observou por um minuto.

— Cê é aquela menininha da Índia? — perguntou.

Mary confirmou com um aceno.

— Então, não é de admirar que ocê se sinta sozinha.

Vai se sentir ainda mais sozinha aqui — ele disse.

E voltou a cavar, cravando a pá profundamente no fértil solo negro do jardim enquanto o pisco saltava, bastante ocupado.

— Qual é o seu nome? — Mary perguntou.

Ele se levantou para responder:

— Ben Weatherstaff — e então acrescentou com uma risada carrancuda: — Eu fico sozinho comigo mesmo,

menos quando ele tá comigo — e apontou o polegar na direção do pisco. — Ele é o único amigo que eu tenho.

— Eu não tenho amigos — disse Mary. — Nunca tive. Minha ama não gostava de mim e eu nunca brinquei com ninguém.

É um costume de Yorkshire dizer o que se pensa com franqueza, e o velho Ben Weatherstaff havia nascido e crescido na charneca de Yorkshire:

— A gente é meio parecido — observou. — Farinha do mesmo saco. A gente não é bonito e somo azedo por dentro. A gente tem esse jeito de poucos amigo, nós dois, isso eu te garanto.

Aquela fora uma fala sem rodeios, e Mary Lennox nunca tinha ouvido sequer uma verdade sobre si mesma em toda sua vida. Os servos nativos sempre a saudavam e se submetiam em todas as situações. Ela nunca havia pensado muito sobre sua aparência, mas se perguntou se era tão feia quanto Ben Weatherstaff e se parecia tão azeda quanto ele antes do pisco pousar. Na verdade, começou a se perguntar se era mesmo “azedo” e se sentiu desconfortável.

De repente, um ruflar irrompeu próximo a ela e a fez se virar. Estava a poucos metros de uma jovem macieira. O pisco voara para um de seus galhos, iniciando uma canção. Ben Weatherstaff riu com gosto.

— Por que ele fez isso? — perguntou Mary.

— Ele quer fazer amizade com ocê — respondeu Ben.
— Pode me dar uma pedrada se ele não gostou mesmo de ocê.

— De mim? — exclamou Mary, que se moveu lentamente em direção à pequena árvore e olhou para cima.

— Você gostaria de ser meu amigo? — perguntou ao pisco como se falasse com uma pessoa. — Gostaria? — E Mary não falou com sua vizinha dura ou sua imperiosa voz indiana, mas usou um tom suave, ansioso e persuasivo. Ben Weatherstaff ficou tão surpreso quanto ela quando o ouviu cantar.

— Ora! — ele exclamou. — Cê foi tão gentil e humana que pareceu até uma criança de verdade, em vez de uma velha chata. Cê falou quase do jeito que o Dickon fala com seus bichinho selvagem na charneca.

— Você conhece Dickon? — perguntou Mary, virando-se depressa.

— Todo mundo conhece. O Dickon fica andando por todo lado. Até as amora e as urze-roxa conhece ele. Aposto que as raposa mostra pra ele onde tão seus filhote e as cotovia não esconde seus ninho dele.

Mary gostaria de fazer mais algumas perguntas. Estava quase tão curiosa sobre Dickon quanto sobre o jardim deserto. Mas, naquele exato momento, o pisco, que havia encerrado sua música, agitou levemente suas asas e

voou para longe. Ele havia feito sua visita e agora tinha outras coisas para fazer.

— Ele voou por cima do muro! — Mary gritou, observando-o. — Foi para o pomar. Voou por sobre o outro muro, para o jardim sem porta!

— Ele mora lá — disse o velho Ben. — Foi lá que ele saiu do ovo. Deve tá fazeno corte, arrumano as coisa para alguma passarinha que vive nas velha roseira de lá.

— Roseiras — repetiu Mary. — Tem roseiras lá?

Ben Weatherstaff pegou sua pá e voltou a cavar.

— Tinha, dez ano atrás — murmurou.

— Eu adoraria vê-las — disse Mary. — Onde fica a porta? Deve haver uma porta em algum lugar.

Ben enfiou a pá fundo e parecia tão distante como da primeira vez.

— Tinha, dez ano atrás, mas agora não — respondeu ele.

— Como não tem porta? — gritou Mary. — Tem que ter.

— Não tem nenhuma que dê pra ver, nenhuma que seja da conta de ninguém. Não seja intrometida e não meta o nariz onde num é chamada. Olha, eu preciso trabalhar. Vai brincar pra lá. Tô ocupado.

Parou de cavar, colocou o cabo da pá sobre o ombro e se foi, sem nem mesmo olhar para ela ou se despedir.

CAPÍTULO 5.

GRITOS NO CORREDOR

No início, todos os dias eram exatamente iguais para Mary Lennox. Todas as manhãs ela acordava em seu quarto forrado de tapeçarias com Martha ajoelhada na lareira alimentando o fogo. Todas as manhãs ela tomava seu café no quarto ao lado — que de infantil não tinha nada —, e depois de cada desjejum ela olhava pela janela e via a imensa charneca que parecia se espalhar por todos os lados e subir até o céu. E depois de olhar por algum tempo ela percebia que, se não saísse, teria de ficar ali sem fazer nada — e então saía. Ela não percebia que aquilo era o melhor a se fazer, e também não sabia que, quando começava a andar mais rapidamente ou quando corria pelas calçadas e pela alameda, seu sangue lento se agitava e se fortalecia ao enfrentar o vento que soprava da charneca. Ela corria apenas para se aquecer e odiava o vento que rugia, batia em seu rosto e a segurava como um gigante invisível. Mas as grandes e brutais lufadas de ar fresco sopravam sobre as urzes e enchiam seus pulmões com algo bom para o seu corpo magro, espalhavam um tom rosado em suas bochechas e iluminavam seus olhos opacos sem que ela notasse.

Depois de passar alguns dias quase inteiros ao ar livre, ela acordou certa manhã sabendo o que era estar com

fome. Quando se sentou para tomar seu café da manhã, não empurrou o mingau com desdém, mas pegou a colher e a afundou nele, e comeu até esvaziar a tigela.

— Cê mandou ver hoje, né, não? — observou Martha.

— Está com gosto bom hoje — disse Mary, um tanto surpresa consigo mesma.

— É o ar da charneca que dá espaço no seu estômago pros alimento — continuou Martha. — Pra sua sorte, cê agora tem comida e apetite. Tem uma dúzia lá em casa com estômago, mas nada para colocar neles. Continua brincando lá fora todos os dia e cê vai botar um pouco de carne nesses seus osso pontudo.

— Eu não brinco — disse Mary. — Não tem nada para brincar lá.

— Nada pra brincar! — exclamou Martha. — Nossas criança brinca com pau e pedra. Eles corre e grita e olha as coisa.

Mary não gritou, mas olhou para as coisas. Não havia mais nada a fazer. Deu voltas e mais voltas nos jardins e vagou pelos caminhos do bosque. Às vezes procurava por Ben Weatherstaff, mas embora o visse trabalhando, ele estava sempre ocupado demais para olhar para ela, ou de muito mau humor. Uma vez, quando ela caminhava em sua direção, ele pegou sua pá e foi embora como se quisesse se afastar.

Havia um lugar que ela frequentava mais que qualquer outro. Era a longa calçada ao lado dos jardins cercados de

muros. Havia canteiros secos de ambos os lados e a hera crescia densa contra os muros. Em uma parte da parede, as folhas verde-escuro ficavam mais densas do que no resto. Parecia que aquela parte estava abandonada há muito tempo. Tudo o mais havia sido podado e aparado, mas aquela parte mais afastada da calçada não demonstrava cuidados.

Mary percebeu esse fato alguns dias depois de falar com Ben Weatherstaff, e se perguntou o motivo. Ela acabara de fazer uma pausa e olhava para um longo galho de hera que balançava ao vento quando viu um brilho escarlata e ouviu um chilrear efusivo. No topo do muro, empoleirou-se o pisco-de-peito-ruivo de Ben Weatherstaff, inclinando-se para frente e torcendo o pescoço para olhar para ela.

— Oh! — ela exclamou. — É você! É você? — E não lhe pareceu nada estranho falar como se estivesse certa de que ele a entenderia e responderia.

E ele respondeu. Gorjeou, cantarolou e pulou ao longo do muro como se contasse a ela uma série de coisas. Pareceu à dona Mary que ela também o entendia, embora ele não falasse com palavras. Era como se ele dissesse:

— Bom dia! O vento não está incrível? O sol não está incrível? Não está tudo incrível? Vamos cantar e pular e piar. Vamos! Venha!

Mary começou a rir e, enquanto ele pulava e dava pequenos voos ao longo do muro, ela correu atrás dele.

Pobrezinha da Mary, magra, pálida e feia — na verdade, ela ficou quase bonita por um momento.

— Eu gosto de você! Eu gosto de você! — ela gritava, sapateando pela calçada.

E ela gorjeou e tentou assobiar o melhor que conseguia. O pisco pareceu bastante satisfeito e gorjeou e assobiou de volta para ela. Por fim, abriu as asas e voou rapidamente para o topo de uma árvore, onde se empoleirou e cantou alto. Aquilo lembrou Mary da primeira vez em que o vira. Ele se balançava no topo de uma árvore e ela estava no pomar. Agora ela estava do outro lado do pomar, parada na calçada junto à parede — muito mais adiante — e ali dentro estava a mesma árvore.

— Está no jardim onde ninguém pode entrar — disse para si mesma. — É o jardim sem porta. Ele mora lá. Como eu gostaria de ver como é!

Ela correu até a porta verde pela qual havia entrado na primeira manhã. Depois correu pela calçada, através da outra porta, e depois para o pomar. Quando parou e olhou para cima, lá estava a árvore do outro lado do muro, e lá estava o pisco terminando sua canção e começando a ajeitar suas penas com o bico.

— É o jardim — exclamou. — Tenho certeza que é.

Deu a volta e olhou atentamente para aquele lado do muro do pomar, mas só viu o que já sabia antes — que não havia porta. Em seguida, atravessou a horta novamente e saiu para a calçada paralela ao longo do muro coberto de

hera. Caminhou até o final dele e o observou, mas não havia porta. Então caminhou até a outra extremidade, sempre atenta, mas nada de porta.

— É muito estranho — disse ela. — Ben Weatherstaff disse que não havia porta e não há mesmo. Mas dez anos atrás devia haver, porque o sr. Craven enterrou uma chave.

Isso deu a ela muito em que pensar, tanto que começou a ficar bastante empolgada e a sentir que não lamentava mais ter vindo para a Mansão Misselthwaite. Na Índia, ela sempre se sentia com calor e preguiçosa demais para se preocupar com alguma coisa. O fato é que o vento fresco da charneca havia começado a soprar as teias de aranha de seu jovem cérebro e a despertá-la lentamente.

Ela passou quase o dia todo fora de casa e, quando se sentou para jantar à noite, estava faminta, cansada e satisfeita. Não se irritou com a tagarelice de Martha, pois percebeu que gostava de ouvi-la e, por fim, pensou em fazer uma pergunta. Depois de terminar o jantar e se sentar no tapete diante do fogo, disse:

— Por que o sr. Craven odiava o jardim?

Ela havia pedido que Martha ficasse com ela, ao que Martha não se opôs. A criada era muito jovem e estava cansada da sua cabana lotada de irmãos e irmãs, e achava chato ficar no grande salão dos criados no andar de baixo, onde o carregador e os serviçais ficavam cochichando entre si e zombando de seu sotaque de Yorkshire. Martha gostava de falar, e a criança estranha que vivera na Índia e

fora servida por “pretos” era uma novidade interessante para ela.

Martha também se acomodou sentada diante da lareira, mesmo sem ser convidada.

— Cê ainda tá pensano naquele jardim? — perguntou.

— Eu sabia. Também fiquei assim quando ouvi essa história da primeira vez.

— Por que ele o odiava? — Mary persistiu.

Martha sentou-se sobre os pés, bastante confortável.

— Ouve só o vento uivano em volta da casa — disse ela. — Cê mal conseguiria ficar em pé na charneca se tivesse lá agora de noite.

Antes, Mary não sabia o significado de “uivando”, mas ao ouvir o vento logo deduziu. Devia ser aquela espécie de rugido surdo e ameaçador que cercava a casa, como se um gigante invisível esbofeteasse as paredes e janelas tentando entrar. Mas estava claro que ele não conseguiria entrar, e de alguma forma, ela se sentia segura e aquecida dentro de um quarto com uma lareira de carvão em brasa.

— Mas por que ele odiava tanto o jardim? — insistiu, depois de ouvir o vento. Ela queria saber se Martha sabia.

Então Martha desistiu de sonegar informações.

— Cuidado — disse ela —, a sra. Medlock fala pra ninguém comentar sobre isso. Tem muita coisa aqui que num se pode comentar. São as ordem do sr. Craven, que diz que os problema dele não são da conta dos empregado. Ele ficou assim por causa do jardim. Era o jardim da sra.

Craven, que ela fez quando se casaram e ela adorava aquilo. Eles costumava cuidar das flor eles mesmo. Nenhum jardineiro podia entrar lá. Os dois costumava entrar e fechar a porta, e ficavam lá horas e hora, eles lia e conversava. Ela era bem menina ainda e tinha uma velha árvore com um galho torcido e um balanço onde ela gostava de sentar. Mas um dia ela estava balançano e o galho quebrou. E ela caiu no chão e se machucou tanto que morreu no dia seguinte. Os médico acharam que ele ia ficar louco da cabeça e que também ia morrer. É por isso que ele odeia aquilo. Ninguém nunca mais entrou lá, e ele não deixa ninguém falar disso.

Mary não fez mais perguntas. Olhou para o fogo e ouviu o vento “uivando”. Parecia uivar mais alto do que nunca. Naquele momento, uma coisa muito boa acontecia com ela. Na verdade, quatro coisas boas aconteceram com ela desde que viera para a Mansão Misselthwaite. Parecia que ela e um pisco haviam conversado; ela correra contra o vento até seu sangue esquentar; sentira uma fome saudável pela primeira vez na vida; e descobrira o que era sentir pena de alguém.

Mas, ao ouvir o vento, também ouvia outra coisa. Não sabia o que era, porque a princípio mal conseguia diferenciar do próprio vento. Era um som curioso, quase como se uma criança estivesse chorando em algum lugar. Às vezes, o vento soava como o choro de uma criança, mas agora dona Mary tinha certeza de que vinha de dentro da

casa, não de fora. Estava longe, mas dentro. Ela se virou e olhou para Martha.

— Você ouviu alguém chorando? — perguntou.

Martha pareceu confusa de repente.

— Não — respondeu ela. — É o vento. Às vezes parece que tem alguém uivando perdido na charneca. Tem som de todo jeito.

— Mas ouça — insistiu Mary. — Vem daqui de dentro, de um daqueles longos corredores.

E naquele exato momento uma porta deve ter sido aberta em algum lugar, pois uma forte corrente de ar soprou ao longo do corredor e a porta do quarto em que estavam se abriu com um estrondo. Quando ambas se levantaram, a luz se apagou e o choro ressoou por todo o longo corredor, mais nítido que antes.

— Ouviu? — disse Mary. — Eu disse a você! Tem alguém gritando, e não é um adulto.

Martha correu fechar a porta com a chave, mas antes que ela o fizesse as duas ouviram o estrondo de outra porta se fechando em algum cômodo distante, e então tudo ficou quieto, pois até o vento parou seu uivo por alguns momentos.

— Foi o vento — repetiu Martha teimosamente. — E, se não foi, era a pobre Betty Butterworth, a copeira. Ela teve dor de dente o dia todo.

Mas algo em Martha pareceu esquisito e suspeito, e dona Mary a olhou fixamente. Ela não acreditava que a moça falava a verdade.

CAPÍTULO 6.

“TINHA ALGUÉM CHORANDO. EU OUVI!”

No dia seguinte, voltou a chover torrencialmente, e quando Mary olhou pela janela a charneca havia quase desaparecido por trás da névoa cinzenta e das nuvens. Era impossível pensar em sair.

— O que vocês fazem na sua cabana quando chove assim? — ela perguntou a Martha.

— Tentamos não ficar um debaixo dos pé do outro, principalmente — respondeu Martha. — Eita! Somos em muitos lá, por isso. A mãe é uma mulher bem-humorada, mas fica bastante irritada. Os mais velho vão pro estábulo brincar. Dickon não se importa em se molhar. Ele sai como se o sol tivesse brilhado. Ele fala que algumas coisa só pode ser vista em dia de chuva. Uma vez ele encontrou um filhote de raposa quase afogado na toca e trouxe ele pra casa, dentro da camisa para ficar aquecido. A mãe do bichinho tinha morrido ali perto e ele tinha nadado para fora, mas o resto da ninhada morreu. Agora ele mora lá em casa. Ele também encontrou um filhote de corvo quase afogado, trouxe ele pra casa e domesticou ele. Seu nome é Fuligem porque é muito preto e pula e voa para todo lado.

Havia chegado a hora em que Mary não mais se irritava com o tom íntimo de Martha. Começou até a achar interessante e a querer ouvir mais quando ela parava ou ia embora. As histórias que sua aia contava quando morava na Índia eram bem diferentes daquelas de Martha, sobre a cabana na charneca onde moravam quatorze pessoas em quatro quartos pequenos e que nunca tinham o suficiente para comer. As crianças pareciam se embolar e se divertir como uma ninhada de filhotes de collie bem-humorados e bagunceiros. Mary se interessava mais pela mãe e por Dickon. Quando Martha contava histórias do que a “mãe” dizia ou fazia, eram sempre reconfortantes.

— Se eu tivesse um corvo ou um filhote de raposa, poderia brincar com ele — disse Mary. — Mas eu não tenho nada.

Martha pareceu perplexa.

— Cê sabe tricotar? — perguntou a criada.

— Não — respondeu Mary.

— Sabe costurar?

— Não.

— Sabe ler?

— Sei.

— Então por que ocê não lê alguma coisa, ou treina soletrar? Já tá mais que na hora de ocê terminar de ler o seu livro.

— Eu não tenho livro nenhum — lamentou Mary. — Os meus ficaram na Índia.

— Que pena — disse Martha. — Se a sra. Medlock deixasse ocê entrar na biblioteca, tem um monte de livro lá.

Mary não perguntou onde ficava a biblioteca, pois de repente foi inspirada por uma nova ideia. Decidiu encontrá-la sozinha. A sra. Medlock não a preocupava, pois parecia nunca sair de sua confortável sala de estar no andar de baixo. Quase não se via ninguém naquele lugar esquisito. Na verdade, não havia ninguém para ver além dos criados, e quando o patrão estava fora, eles levavam uma vida luxuosa no andar de baixo, onde havia uma enorme cozinha decorada com latão e peltre polidos, e um grande salão para a criadagem onde serviam quatro ou cinco refeições abundantes todos os dias e faziam muitas brincadeiras animadas durante as ausências da sra. Medlock.

As refeições de Mary eram servidas regularmente por Martha, mas ninguém mais se importava nem um pouco com ela. A sra. Medlock vinha dar uma olhada dia sim, dia não, mas ninguém perguntava o que ela havia feito ou o que gostaria de fazer. Ela supôs que talvez essa fosse a maneira inglesa de tratar crianças. Na Índia, era sempre atendida por sua aia, que a seguia e esperava por ela, integralmente. Mary costumava se cansar de sua companhia. Agora não era seguida por ninguém e estava aprendendo a se vestir sozinha porque Martha a olhava

como se fosse lerda e burra quando pedia para lhe passar algo ou que a vestisse.

— Cê não é muito certa da cabeça, né? — disse certa vez a criada, quando Mary aguardava que colocasse as luvas nela. — Nossa Susan Ann é duas vez mais esperta que ocê e tem só quatro ano. Às vez seus miolo parece meio mole.

Mary ficou carrancuda por uma hora depois daquilo, mas passou a pensar em várias coisas inteiramente novas.

Ela ficou parada na janela por cerca de dez minutos naquela manhã depois que Martha terminou de limpar a lareira e desceu as escadas. Mary refletia sobre a ideia que teve quando ouviu falar da biblioteca. Não se importava muito com a biblioteca em si, pois não havia lido muitos livros ainda, mas saber que ela existia trouxe de volta à sua mente os cem quartos e suas portas fechadas. Imaginou se todos estariam realmente trancados e o que encontraria se pudesse entrar em algum deles. Havia realmente cem? Por que não ir contar quantas portas havia? Seria algo para se fazer numa manhã como aquela, quando era impossível sair. Nunca a ensinaram a pedir permissão para fazer coisas, e ela não sabia absolutamente nada sobre autoridade, então achou desnecessário pedir permissão à sra. Medlock para andar pela casa, mesmo se a tivesse visto.

Abriu a porta do quarto e saiu para o corredor, e então começou suas andanças. O corredor era longo e se

ramificava em outros corredores, e a conduzia por curtos lances de escada que então subiam para outros novamente. Havia portas e mais portas e quadros nas paredes. Às vezes, eram paisagens escuras e curiosas, mas a maioria eram retratos de homens e mulheres em trajes esquisitos e exagerados feitos de cetim e veludo. Ela se viu em uma longa galeria cujas paredes eram forradas por esses retratos. Nunca havia lhe passado pela cabeça que poderia haver tantos em uma única casa. Caminhou lentamente pelo lugar e olhou para os rostos que pareciam olhar de volta para ela. Sentiu-se como se perguntassem o que uma garotinha da Índia fazia em sua casa. Algumas eram imagens de crianças — meninas com pesados vestidos que as cobriam inteiras, e meninos com mangas bufantes, golas de renda e cabelos longos, ou com grandes babados em volta do pescoço. Ela sempre parava para olhar as crianças e se perguntava quais seriam seus nomes, onde estariam agora e por que usavam roupas assim. Havia uma garotinha empertigada e simplória, bastante parecida com ela, com um vestido de brocado verde e um papagaio empoleirado em seu dedo. Seus olhos tinham uma aparência aguda e curiosa.

— Onde você mora agora? — perguntou Mary em voz alta. — Queria que você estivesse aqui.

Certamente nenhuma outra menina passou uma manhã tão estranha. Parecia não haver ninguém em toda a enorme casa além dela própria, vagando sem rumo escada

acima e abaixo, por passagens estreitas e largas, onde parecia que ninguém havia caminhado antes. Se tantos quartos foram construídos, pessoas deviam ter vivido neles, mas tudo parecia tão vazio que era impossível acreditar nisso.

Somente quando subiu ao segundo andar é que pensou em girar a maçaneta de uma porta. A sra. Medlock havia avisado que todas as portas estavam fechadas, mas por fim tentou abrir uma delas. Mary quase se assustou ao sentir que a maçaneta girava sem dificuldade e que, ao empurrá-la, a porta se abriu lenta e pesadamente. Era uma porta enorme que dava para um grande quarto. Havia cortinas bordadas nas paredes e móveis entalhados, como os que ela vira na Índia, por todo o cômodo. Uma ampla janela com painéis cor de chumbo dava para a charneca, e sobre a lareira havia outro retrato da garotinha rígida e simples que parecia fitá-la com mais curiosidade do que nunca.

— Talvez ela tenha dormido aqui uma vez — disse Mary. — Ela me encara tanto que me faz sentir esquisita.

Depois disso, abriu mais e mais portas. Viu tantos quartos que se cansou e pensou que deviam mesmo ser cem, embora não os tivesse contado. Em todos eles havia quadros ou tapeçarias antigas com cenas estranhas. Havia móveis e ornamentos curiosos em quase todos eles.

Em um deles, que parecia a sala de estar de uma senhora, as cortinas eram todas de veludo bordado, e em

um gabinete havia cerca de cem pequenos elefantes de marfim. Eram de tamanhos diferentes, e alguns tinham seus mahouts⁸ ou palanquins nas costas. Uns eram bem maiores e outros eram tão pequenos que pareciam ser filhotes. Mary vira muito marfim esculpido na Índia e sabia tudo sobre elefantes. Abriu a porta do armário, subiu em um banquinho e brincou com eles por um bom tempo. Quando se cansou, pôs os elefantes em ordem e fechou a porta.

Em todas as suas andanças pelos longos corredores e quartos vazios, não viu nada vivo; até chegar a esta sala. Logo depois de fechar a porta do armário, ouviu um suave farfalhar. Aquilo a fez pular e olhar para o sofá perto da lareira de onde parecia vir o ruído. No canto do sofá havia uma almofada, e no veludo que a cobria havia um buraco. Do buraco apareceu uma cabecinha com um par de olhos assustados.

Mary rastejou pela sala até lá. Os olhos brilhantes pertenciam a uma ratinha cinza, que havia aberto um buraco na almofada e feito um ninho confortável ali. Seis camundongos bebês dormiam aninhados perto dela. Mesmo que não houvesse mais ninguém vivo nos cem quartos, havia sete ratos que não pareciam nem um pouco solitários.

— Se não tivessem tanto medo, eu os levaria comigo
— disse Mary.

Ela já havia vagado por tempo suficiente e se sentia cansada para ir mais longe, então resolveu voltar. Ela se perdeu duas ou três vezes ao tomar o corredor errado e foi obrigada a andar para cima e para baixo até encontrar o certo. Finalmente chegou ao seu próprio andar, embora ainda longe de seu quarto e sem saber exatamente onde estava.

— Acho que peguei o caminho errado de novo — disse ela, parando no que parecia o final de um estreito corredor com uma tapeçaria na parede. — Não sei que caminho seguir. Está tudo muito quieto!

Logo em seguida o silêncio foi quebrado. Era outro grito, mas não exatamente igual ao que ouvira na noite anterior. Apenas um breve lamento infantil, irritado e abafado pelas paredes.

— Está mais perto do que antes — disse Mary, com seu coração acelerado. — E está chorando.

Apoiou a mão sobre a tapeçaria perto dela e então saltou para trás, assustada. A tapeçaria era a cobertura de uma porta que se abriu e revelou uma outra parte do corredor atrás dela. A sra. Medlock subia com seu molho de chaves na mão e uma expressão muito zangada no rosto.

— O que faz aqui? — inquiriu ela, puxando Mary pelo braço para longe. — O que eu lhe disse?

— Virei no corredor errado — explicou Mary. — Eu não sabia para onde ir e ouvi alguém chorando. — Naquele

momento odiou a sra. Medlock, mas a odiaria ainda mais a seguir.

— Você não ouviu nada — esbravejou a governanta. — Volte para o seu quarto ou vai ficar com as orelhas quentes.

Agarrou a menina pelo braço, empurrando e puxando ao mesmo tempo. Subiram por uma passagem e desceram por outra até que a sra. Medlock a forçou pela porta de seu quarto.

— Agora — disse a governanta —, você fica onde eu disser para ficar ou será trancada. É melhor o patrão arranjar uma tutora para você, como ele disse que faria. Você é do tipo que precisa de alguém para cuidar. Eu já tenho o suficiente para fazer.

Saiu do cômodo e bateu a porta atrás de si. Mary foi sentar-se no tapete da lareira, pálida de raiva. Não chorou, mas cerrou os dentes.

— Tinha alguém chorando. Eu ouvi! — disse para si mesma.

Já ouvira aquilo duas vezes, e algum dia descobriria do que se tratava. Mas havia descoberto muita coisa naquela manhã, e sentiu como se chegasse de uma longa jornada. De qualquer forma, agora tinha algo para diverti-la o tempo todo; havia brincado com os elefantes de marfim e vira a ratinha cinza e seus bebês no ninho de veludo na almofada.

CAPÍTULO 7.

A CHAVE PARA O JARDIM

Dois dias depois, quando Mary abriu os olhos, sentou-se imediatamente na cama e chamou Martha.

— Olhe para a charneca! Olhe para a charneca!

A tempestade se fora, a névoa cinzenta e as nuvens foram varridas pelo vento durante a noite. O próprio vento cessara e um céu de azul profundo se erguia sobre a charneca. Nunca, nunca Mary sonhou com um céu tão azul. Na Índia, o céu era quente e fulgurante; aqui, era de um azul definido e frio que quase parecia cintilar como as águas de um lindo lago sem fim, e aqui e ali, no alto da abóbada azul, flutuavam pequenas nuvens de lâ branca como a neve. O vasto mundo da charneca em si parecia suavemente azulado em vez do sombrio preto-púrpura ou terrivelmente cinza-escuro.

— Sim — disse Martha com um sorriso alegre. — A tempestade amainou um pouco. É assim nesta época do ano. Ela some durante a noite como se fosse de mentira e parece que nunca mais vai voltar. Isso é porque a primavera tá chegando. Ainda tá muito longe, mas tá chegando.

— Achei que na Inglaterra o céu sempre ficava nublado ou que sempre chovesse — observou Mary.

— Eita! Não! — exclamou Martha, sentando-se nos calcanhares entre as escovas de chumbo pretas. — Num é ansim, nadica!

— O que isso significa? — perguntou Mary seriamente. Na Índia, os nativos falavam dialetos diferentes que apenas algumas pessoas entendiam, então ela não se surpreendeu quando Martha usava palavras desconhecidas.

Martha riu como na primeira manhã.

— Eita! — disse ela. — Eu falei em Yorkshire de boca cheia de novo como a sra. Medlock disse que num devo. “Num é ansim, nadica” significa que “não é nada disso” — repetiu com mais cuidado. — Mas leva muito tempo para falar direitinho. Yorkshire é o lugar mais ensolarado da terra quando faz sol. Eu te disse que logo ocê ia gostar da charneca. Espera até ver o tojo-dourado desabrochano e a piaçava, e as flor de urze, os sino-roxo, e as centena de borboleta e abelha zumbino e as cotovia voano e cantano. Cê vai querer sair com o nascer do sol e viver nisso o dia inteiro igual o Dickon.

— Como eu posso chegar lá? — perguntou Mary melancolicamente, olhando o azul distante pela janela. Era tudo tão novo, amplo e maravilhoso, colorido com uma cor celestial.

— Num sei — respondeu Martha. — Cê nunca usou suas perna desde que nasceu, parece. Não vai conseguir

andar oito quilômetro. São oito quilômetro até a nossa casa.

— Eu gostaria de conhecer a sua casa.

Martha a olhou com curiosidade por um momento, antes de pegar a escova de polir e começar a esfregar a grade novamente. Pensou que aquele rosto pequeno e simples não parecia mais tão azedo como na primeira manhã em que o vira. Parecia um pouco com o da pequena Susan Ann quando ela queria muito algo.

— Vou perguntar pra mãe se pode — respondeu. — Ela é daquelas que sempre vê um jeito de fazer as coisa. Hoje é meu dia de folga e eu vou para casa. Eita! Tô feliz. A sra. Medlock gosta muito da mãe. Quem sabe pede pra ela?

— Gosto da sua mãe — disse Mary.

— Imagino que sim — concordou Martha, limpando.

— Eu nunca a vi — disse Mary.

— Não, nunca viu — respondeu Martha.

Sentou-se sobre os calcanhares novamente e esfregou a ponta do nariz com as costas da mão como se estivesse confusa por um momento, mas logo se alegrou.

— Bom, ela é tão simples, trabalhadora, boa e limpa que ninguém poderia não gostar dela, conheceno ou não. Quando tô ino pra casa ficar com ela no meu dia de folga, até pulo de alegria quando cruzo a charneca.

— Eu gosto de Dickon — acrescentou Mary. — Mas não o conheço.

— Bom — disse Martha com firmeza —, eu já te disse que os próprio pássaro gosta dele e os coelho, as ovelha selvagem e os pônei, e as própria raposa. Eu queria saber — disse, olhando para ela pensativa —, o que o Dickon vai achar de ocê.

— Ele não vai gostar de mim — respondeu Mary com seu jeito duro e frio. — Ninguém gosta.

Martha ficou pensativa novamente.

— Nem ocê gosta de ocê? — perguntou, realmente curiosa.

Mary hesitou por um momento e pensou a respeito.

— Nem eu, realmente — respondeu. — Mas nunca havia pensado nisso antes.

Martha sorriu de lado como se recordasse de algo familiar.

— Uma vez a mãe disse assim... — começou ela. — Ela tava na banheira e eu tava de mau humor, falando mal do povo, e ela se virou pra mim e disse: “Que pequena megera, ocê é! Fica falano que não gosta deste e que não gosta daquele. Como é ocê pode gostar de ocê mesma?” Aquilo me fez rir e entendi tudo na hora.

Martha foi embora animada depois de servir o desjejum a Mary. Andaria ainda oito quilômetros pela charneca até a cabana e ajudaria a mãe a lavar, assar os pratos da semana e se divertiria muito.

Mary sentiu-se mais sozinha do que nunca quando Martha já não estava mais na casa. Saiu para o jardim o

mais rápido que pôde, e a primeira coisa que fez foi correr dez vezes em volta do jardim da fonte. Contou as vezes cuidadosamente e quando terminou sentiu-se melhor. O sol fazia tudo parecer diferente. O céu alto, profundo e azul se arqueava sobre Misselthwaite, bem como sobre a charneca, e ela erguia o rosto e olhava para ele, tentando imaginar como seria se deitar em uma das pequenas nuvens brancas como a neve e flutuar. Foi até a primeira horta e encontrou Ben Weatherstaff trabalhando com outros dois jardineiros. A mudança no tempo parecia ter feito bem a ele. Ele falou com ela por conta própria.

— A primavera tá chegando. Já dá pra sentir o cheiro. Mary inspirou e achou que também sentia.

— Sinto um cheiro agradável, fresco e úmido — disse ela.

— É o cheiro da terra fértil e boa — respondeu ele, cavando. — Dá um bom humor preparar a terra para cultivar as coisa. Eu fico feliz quando chega a hora de plantar. É uma chateação no inverno, num tem nada pra fazer. Nos jardim de flor lá fora, as coisa já vão se agitando debaixo da terra, no escuro. O sol tá aquecendo tudo. Cê vai ver os broto de ponta verde saindo da terra preta já, já.

— De que plantas? — perguntou Mary.

— Açafraão, floco-de-neve e narciso. Cê nunca viu?

— Não. Tudo fica quente, úmido e verde depois das chuvas na Índia — disse Mary. — E acho que as coisas crescem da noite para o dia.

— Aqui não cresce em uma noite — afirmou Weatherstaff. — Tem que esperar por eles. Eles vão despontar um pouco, depois aparece uma ponta que desenrola uma folha num dia, depois outra noutro dia. Cê vai ver.

— Vou mesmo — respondeu Mary.

Logo ela ouviu novamente o suave farfalhar de asas e soube de pronto que o pisco havia chegado. Ele era muito atrevido e animado, e saltava próximo dos pés dela. Inclinou a cabeça para o lado e a olhou com tanta astúcia que Mary fez uma pergunta a Ben Weatherstaff:

— Você acha que ele se lembra de mim?

— Claro que lembra! — disse Weatherstaff indignado. — Se ele conhece cada cepa de repolho do jardim, imagina as pessoas. Ele nunca viu uma menininha por aqui antes, e agora quer descobrir tudo sobre ocê. Nem tenta esconder nada dele.

— As coisas estão se agitando lá embaixo, no escuro, naquele jardim onde ele mora? — Mary perguntou.

— Que jardim? — grunhiu Weatherstaff, tornando-se ranzinza novamente.

— Aquele onde estão as velhas roseiras. — Ela não se conteve, porque queria muito saber. — Todas as flores estão mortas ou algumas delas voltam no verão? E as roseiras?

— Pergunta pra ele — disse Ben Weatherstaff, curvando os ombros na direção do pisco. — Só ele que sabe. Ninguém mais viu lá dentro já faz dez anos.

Dez anos era muito tempo, pensou Mary. Ela mesma nascera há dez anos.

Mary se afastou devagar, pensativa. Havia começado a gostar do jardim da mesma forma que começara a gostar do pisco, de Dickon e da mãe de Martha. E começava a gostar de Martha também. Parecia uma boa quantidade de pessoas para se gostar — quando não se está acostumado. Para ela, o pisco era como uma dessas pessoas. Então saiu para caminhar ladeando o longo muro coberto de hera, acima do qual podia ver as copas das árvores. Na segunda vez que ela subiu e desceu, aconteceu algo impressionante, e foi tudo por culpa do pisco de Ben Weatherstaff.

Ela ouviu um chilrear e um pio, e quando olhou para o canteiro de flores vazio à sua esquerda, ele pulava e bicava a terra para fingir que não a seguira. Mas ela sabia que ele a havia seguido e a surpresa a encheu de uma alegria quase incontrolável.

— Você se lembra de mim! — ela exclamou. — Você se lembra! Você é mais bonito do que qualquer coisa no mundo!

Ela gorjeou, falou, elogiou e o pássaro saltou, sacudiu sua cauda e gorjeou também. Era como se pudesse falar. Seu colete vermelho era como cetim e ele estufava o peito minúsculo e delicado, tão grandioso e bonito que era como

se realmente quisesse mostrar a ela como era importante e parecido com uma pessoa. Dona Mary se esqueceu de qualquer irritação na vida quando ele permitiu que se aproximasse cada vez mais, e que se abaixasse, falasse e tentasse imitar seu canto.

Ah! E pensar que ele a deixou chegar tão perto assim! Ele sabia que por nada no mundo ela lhe faria mal ou lhe assustaria, nem da maneira mais ínfima. Ele sabia disso pois era uma pessoa real — apenas mais gentil do que qualquer outra pessoa. Ela estava tão feliz que mal ousava respirar.

O canteiro de flores não estava totalmente vazio. Não havia flores porque as plantas perenes haviam sido cortadas para o descanso de inverno, mas arbustos altos e baixos cresciam na parte de trás do canteiro, e quando o pisco saltou sob eles, ela o viu pular sobre uma pequena pilha de terra recém-revolvida. O pássaro parou para cutucar uma minhoca. A terra fora revirada por um cachorro escavou uma toca de toupeira e deixou um buraco bem fundo.

Mary olhou tentando entender o motivo daquele buraco estar ali, e quando observou com atenção, viu algo parcialmente desenterrado. Era como um anel enferrujado de ferro ou de latão, e quando o pisco voou para uma árvore próxima, ela estendeu a mão e apanhou o objeto. Não era um anel, entretanto; era uma antiga chave que parecia estar enterrada há muito tempo.

Dona Mary levantou-se e olhou surpresa para o pisco,
com a chave pendurada em seu dedo.

— Talvez tenha sido enterrada dez anos atrás —
sussurrou. —Talvez seja a chave do jardim!

CAPÍTULO 8.

O PISCO MOSTROU O CAMINHO

Mary ficou olhando para a chave por um longo tempo. Olhou-a por todos os lados e pensou muito. Como não era uma criança treinada a pedir permissão ou consultar os mais velhos sobre as coisas, tudo o que pensou foi que aquela era a chave do jardim fechado. Se pudesse descobrir onde ficava a porta, talvez pudesse abri-la e ver o que havia atrás dos muros, e o que acontecera às velhas roseiras. O fato de estar fechado há tanto tempo era o que a atraía. Imaginava que devia ser diferente de outros lugares e que algo estranho poderia ter acontecido ali nos últimos dez anos. Além disso, se gostasse, poderia entrar nele todos os dias e fechar a porta atrás de si, e poderia inventar uma nova brincadeira e brincar sozinha, porque ninguém jamais saberia onde ela estava, e pensariam que a porta ainda estava trancada e a chave enterrada. Pensar nisso a deixou muito feliz.

Viver sozinha, por assim dizer, em uma casa com uma centena de quartos misteriosamente fechados, mas sem nada para se divertir, havia colocado seu cérebro inativo para funcionar. Sua imaginação finalmente despertava. Não há dúvida de que o ar fresco, forte e puro da charneca teve muito a ver com isso. Assim como haviam despertado seu apetite e sua vontade de lutar contra o vento que

agitava seu sangue, essas mesmas coisas agora agitavam sua mente. Na Índia, ela estava sempre com muito calor, preguiçosa e fraca para se preocupar com qualquer outra coisa, mas naquele lugar começava a se importar e a querer fazer coisas novas. Ela já se sentia menos “irritada”, embora não soubesse por quê.

Guardou a chave no bolso e caminhou para cima e para baixo da calçada. Ninguém além dela parecia ir lá, então podia andar devagar e olhar para o muro, ou melhor, para a hera que crescia sobre ele. A planta era muito intrigante. Por mais que olhasse atentamente, não conseguia ver nada além de folhas verdes, escuras, sedosas e densas. Era desapontador. Algo de irritação voltou à sua mente enquanto caminhava e olhava para as copas das árvores lá dentro. Parecia tão bobo, disse a si mesma, estar tão perto e não poder entrar. Ela tirou a chave do bolso quando voltou para casa e decidiu que sempre a carregaria quando saísse, para estar pronta caso encontrasse a porta escondida.

A sra. Medlock havia permitido que Martha dormisse a noite toda na cabana, mas a criada estava de volta ao trabalho pela manhã com as bochechas mais vermelhas do que nunca e no melhor dos ânimos.

— Levantei às quatro hora — disse ela. — Eita! Tava lindo na charneca com os pássaro levantano e os coelho correno na alvorada. Eu não andei o caminho todo. Um homem de carroça me deu uma carona e me diverti muito.

Ela tinha muitas histórias das delícias de seu dia de folga. Sua mãe ficara feliz em vê-la e fizeram logo os assados e a faxina. Ela até fez bolos com um pouco de açúcar mascavo para cada uma das crianças.

— Eu tava com tudo quentinho quando eles voltaram de brincar na charneca. E a cabana toda tinha cheiro de assadeira quente no fogo, e eles gritaram de alegria. Nosso Dickon disse que nossa casa era boa até para um rei.

À noite, todos se sentaram ao redor do fogo, e Martha e sua mãe remendaram roupas e meias velhas. Martha contou a eles sobre a menina que viera da Índia e que fora servida por toda a vida pelo que ela chamava de “pretos”, até se esquecer de como calçar as próprias meias.

— Eita! Eles gostaram de ouvir de ocê — disse Martha. — Queriam saber tudo sobre os preto e do navio que trouxe ocê. Eles não me deixava parar de falar.

Mary refletiu um pouco.

— Vou contar muito mais antes do seu próximo dia de folga — prometeu ela —, assim você vai ter mais sobre o que conversar. Aposto que eles gostariam de ouvir sobre passeios em elefantes e camelos e sobre os oficiais caçando tigres.

— Minha nossa! — exclamou Martha, encantada. — Isso vai mexer cos miolo dele! Cê faria isso, senhorita? Seria o mesmo que um circo com as fera, como dizem que veio pra York uma vez.

— A Índia é bem diferente de Yorkshire — disse Mary lentamente, enquanto refletia sobre o assunto. — Nunca pensei nisso. Dickon e sua mãe gostam de ouvir você falar de mim?

— Ora, os olhos do nosso Dickon quase pularam fora, eles ficaram redondo — respondeu Martha. — Mas a mãe, ela ficou chateada porque você é tão sozinha. Ela disse: “O sr. Craven não tem tutora pra ela, nem babá?” E eu disse: “Não, não tem, mas a sra. Medlock disse que ele vai resolver isso, mas ela disse que ele pode não pensar nisso por dois ou três anos”.

— Eu não quero uma tutora — exclamou Mary ríspidamente.

— Mas a mãe disse que você já devia aprender com os livros a essa altura e que devia ter uma mulher para cuidar de você. Ela disse: “Olha, Martha, só pensa em como se sentiria, num lugar grande como aquele, vagando por aí sozinha e sem mãe. Você faça o possível para animar essa menina”, ela disse. E eu disse que sim.

Mary a olhou longa e firmemente.

— Você me anima — disse. — Eu gosto de ouvir você falar.

Em seguida, Martha saiu do quarto e voltou com algo nas mãos sob o avental.

— Olha só isso... — Martha sorriu alegremente. — Eu trouxe um presente pra você.

— Um presente! — exclamou dona Mary. Como uma cabana lotada com quatorze pessoas famintas poderia dar um presente para alguém?

— Um mascate tava passando na charneca — explicou Martha. — Ele parou o carrinho na nossa porta. Tinha panela, frigideira, tudo que é miudeza, mas a mãe não tinha dinheiro pra comprar nada. Quando ele tava indo embora, nossa Lizabeth Ellen gritou: “Mãe, ele tem corda de pular com alças vermelha e azul”. E a mãe, gritou de repente: “Oi, espere, meu senhor! Quanto custa?” E ele disse: “Dois pences”,⁹ e a mãe começou a mexer nos bolso e disse: “A Martha, ela me trouxe o salário como uma boa moça, e eu tenho uso para cada centavo, mas só vou pegar dois centavo para comprar uma corda de pular praquela criança”. E ela comprou e aqui está ela.

Tirou a corda de baixo do avental e a exibiu com muito orgulho. Era uma corda forte e fina com alças listradas de vermelho e azul nas extremidades, e Mary Lennox nunca tinha visto uma corda de pular antes. Ela olhou para aquilo com uma expressão perplexa.

— Para que serve? — perguntou, curiosa.

— Pra quê? — exclamou Martha. — Tá falano que eles num têm corda de pular na Índia, mas tem elefante, tigre e camelo? É para isso que ela serve, olha só.

E correu para o meio da sala com uma alça em cada mão e começou a pular, e pular, e pular. Mary se virou para olhar de sua cadeira, e os rostos estranhos nos velhos

retratos também pareceram olhar para ela, perguntando-se como diabos aquela miserável moradora de cabana se atrevia a fazer aquilo debaixo de seus narizes. Mas Martha nem notou. O interesse e a curiosidade no rosto de dona Mary a encantaram, e ela continuou pulando e contando até chegar aos cem.

— Consigo pular muito mais que isso — disse quando parou. — Já saltei quinhentos quando tinha doze ano, mas não era tão gorda como sou agora e praticava muito.

Mary levantou-se da cadeira um pouco mais animada.

— Parece bom — disse ela. — Sua mãe é uma mulher gentil. Você acha que eu consigo pular assim?

— Experimenta — insistiu Martha, entregando-lhe a corda. — Cê pode não pular cem no começo, mas se treinar, vai conseguir. Foi o que a mãe disse. Ela disse: “Nada vai fazer mais bem pra ela do que pular corda. É o melhor brinquedo que uma criança pode ter. Deixa ela pular no ar fresco e isso vai esticar suas perna e os braço e dar a um pouco de força neles”.

Estava claro que Mary não tinha muita força nos braços ou nas pernas, quando começou a pular. Ela não era muito esperta para aquilo, mas gostou tanto que não conseguia parar.

— Coloca uma roupa e vai lá pra fora — sugeriu Martha. — A mãe disse pra eu te mandar pra fora da casa o máximo que puder, mesmo se chover um pouco, para ocê se esquentar.

Mary vestiu o casaco e o chapéu e colocou a corda de pular sob o braço. Abriu a porta para sair e, de repente, lembrou-se de algo e voltou bem devagar.

— Martha — disse ela —, era o seu salário. Os dois pences eram seus. Obrigada. — Ela disse isso com firmeza pois não estava acostumada a agradecer às pessoas ou perceber quando faziam coisas por ela. — Obrigada — repetiu e estendeu a mão, porque não sabia mais o que fazer.

Martha deu uma pequena sacudida desajeitada em sua mão, como se também não estivesse acostumada com esse tipo de coisa. Então riu.

— Eita! Que coisa mais esquisita e antiga — brincou ela. — Se fosse a nossa Lizabeth Ellen, me dava um beijo.

Mary pareceu mais rígida do que nunca.

— Você quer que eu te beije?

Martha riu novamente.

— Não, eu não — respondeu. — Se ocê fosse diferente, talvez ocê é que quisesse me beijar. Mas cê não é. Corre lá pra fora brincar com a sua corda.

Dona Mary sentiu-se um pouco estranha ao sair do quarto. As pessoas de Yorkshire pareciam estranhas, e Martha sempre fora um enigma para ela. No início ela não lhe agradava muito, mas agora era diferente. A corda de pular foi uma coisa maravilhosa. Ela contou e pulou, e pulou e contou, até que suas bochechas ficaram bem vermelhas, e ela mais empolgada do que nunca. O sol

brilhava e uma brisa soprava — não um vento forte, mas pequenas rajadas deliciosas que traziam consigo um cheiro fresco de terra recém-mexida. Ela deu a volta no jardim da fonte, subiu por uma calçada e desceu por outra, sempre pulando com a corda. Finalmente saltou até a horta e viu Ben Weatherstaff cavando e conversando com seu pisco, que saltitava por ali. Ela pulou em sua direção e ele ergueu a cabeça com uma expressão curiosa. Ficou em dúvida se ele a notaria. Ela queria que ele a visse pular.

— Rapaz! — exclamou o velho. — Te juro! Talvez cê seja mesmo uma criança, e talvez tenha sangue de criança nas suas veia em vez de manteiga rançosa. Suas bochecha tão vermelha ou meu nome não é Ben Weatherstaff. Eu não acreditava que isso fosse acontecer.

— Eu nunca pulei corda antes — disse Mary. — Estou apenas começando. Só consigo até o vinte.

— Então num para — aconselhou Ben. — Isso faz muito bem pra uma criança que viveu com os pagão. Olha como ele te observa. — E balançou a cabeça em direção ao pisco. — Ele foi atrás de ocê ontem. E vai hoje também. Ele vai descobrir o que é esse negócio de pular corda. Ele nunca viu uma. Eita! Essa sua curiosidade vai te matar um dia se não tomar cuidado.

Mary deu uma volta por todos os jardins e ao redor do pomar, descansando de pouco em pouco. Por fim, foi para sua calçada especial e decidiu tentar pular por toda a sua extensão. Foram muitos saltos e ela começou devagar, mas

antes de chegar na metade do caminho estava com tanto calor e sem fôlego que foi obrigada a parar. Não se importou muito, pois já havia contado até trinta. Quando parou com uma risadinha de prazer, lá estava o pisco empoleirado em um longo galho de hera. Ele a seguiu e a cumprimentou com um chilreio. Quando Mary saltou em sua direção, sentiu algo pesado batendo em seu bolso a cada salto, e quando viu o pisco, riu novamente.

— Ontem você me mostrou onde estava — disse ela. — Hoje você deveria me mostrar a porta, mas acho que você não sabe!

O pisco voou de seu galho até o topo do muro. Abriu o bico e cantou um trinado alto e adorável, apenas para se exibir. Nada no mundo é tão adorável quanto um pisco quando ele se exhibe — e eles fazem isso o tempo todo.

Mary Lennox tinha ouvido muito sobre magia nas histórias de sua aia, e ela sempre diria que o que aconteceu naquele momento foi mágico.

Uma das refrescantes rajadas de vento varreu a calçada, mais forte do que as outras. Foi forte o suficiente para sacudir os galhos das árvores, e ainda mais para balançar os longos ramos de hera que pendiam do muro. Mary se aproximou do pisco e, de repente, outra rajada de vento afastou para o lado alguns dos ramos soltos, que ela prontamente agarrou em um salto. Fez isso porque notou algo escondido ali, uma protuberância redonda coberta pelas folhas. Era a maçaneta de uma porta.

Mary enfiou as mãos sob as folhas e começou a puxá-las e empurrá-las para o lado. Por mais abundante que fosse a hera, quase tudo era uma cortina solta e oscilante, embora alguns ramos tivessem se fixado sobre as ferragens e a madeira. O coração de Mary começou a bater forte e suas mãos tremiam de alegria e entusiasmo. O pisco continuou a cantar, piando e inclinando a cabeça para o lado, como se estivesse tão animado quanto ela. O que era aquilo sob suas mãos, um quadrado de ferro no qual seus dedos encontraram uma fenda?

Era a fechadura da porta fechada há dez anos e ela meteu a mão no bolso, tirou a chave e descobriu que se encaixava perfeitamente. Inseriu a chave e a girou. Precisou usar as duas mãos, mas conseguiu.

E então respirou fundo e olhou para trás, para ver se alguém vinha pela longa calçada. Ninguém. Ao que parecia, ninguém nunca vinha e ela não pôde conter um longo suspiro. Afastou a cortina oscilante de hera e empurrou a porta, que se abriu lentamente — muito lentamente.

Então ela entrou, fechou a porta atrás de si e apoiou suas costas nela, olhando em volta, ofegante de excitação, admiração e deleite.

Ela estava dentro do jardim secreto.

CAPÍTULO 9.

A CASA MAIS ESTRANHA QUE ALGUÉM JÁ MOROU

Aquele era o lugar mais encantador e misterioso que alguém poderia imaginar. Os muros altos que o cercavam eram recobertos por galhos desfolhados de roseiras, grossos e emaranhados. Mary Lennox sabia que eram roseiras pois vira muitas delas na Índia. Todo o terreno estava coberto por uma grama de um marrom invernal e dela cresciam moitas de arbustos secos que certamente seriam roseiras se estivessem vivas. Havia um grande número de roseiras comuns com galhos tão longos que se pareciam com pequenas árvores. Havia outras árvores no jardim, e uma das coisas que faziam o lugar parecer mais estranho e adorável era que as roseiras haviam se espalhado por tudo, suas longas gavinhas criavam cortinas finas e ondulantes. Aqui e ali elas se enroscavam umas às outras deixando longas hastes penduradas, que se ligavam em lindas pontes de si mesmas ao alcance das mãos. Não havia folhas nem rosas nelas agora e Mary não sabia se estavam vivas ou mortas, mas seus galhos e raminhos finos, cinzas ou marrons, formavam uma espécie de manto indistinto que se espalhava por tudo, paredes e árvores, e até mesmo sobre a

grama acastanhada, onde haviam despencado de suas escoras e se espalhado pelo chão. Era esse confuso emaranhado de árvores e mais árvores que fazia tudo parecer muito misterioso. Mary pensou que devia ser diferente de outros jardins que não haviam sido abandonados por tanto tempo; e de fato era diferente de qualquer outro lugar que ela já vira em toda sua vida.

— Como aqui é quieto! — ela sussurrou. — Muito quieto!

Então se calou por um momento e ouviu o silêncio. O pisco, que voou para o topo da árvore, estava imóvel como todo o resto. Ele nem mesmo bateu as asas; acomodou-se para observar Mary.

— Não admira que seja quieto — sussurrou novamente. — Sou a primeira pessoa que fala aqui dentro em dez anos.

Ela se afastou da porta, pisando tão suavemente como se temesse acordar alguém. Estava feliz por ter grama sob seus pés para abafar seus passos. Caminhou sob um dos encantadores arcos cinzentos entre as árvores e olhou para os ramos e gavinhas que o formavam.

— Será que estão todos mortos? É um jardim morto? Gostaria que não fosse.

Se ela fosse Ben Weatherstaff, saberia se a madeira ainda vivia só de olhar para ela, mas Mary encontrava ramos e mais ramos cinzentos ou marrons e nenhum

apresentava qualquer sinal de vida, sequer uma pequenina folha.

Mas agora que estava dentro do jardim maravilhoso e poderia entrar pela porta sob a hera quando quisesse, sentia-se como se tivesse encontrado um mundo só seu.

O sol brilhava dentro dos quatro muros e o alto arco do céu azul sobre aquele pedaço específico de Misselthwaite parecia ainda mais claro e suave do que sobre a charneca. O pisco desceu do topo de sua árvore e pulava e voava atrás dela, de um arbusto para outro. Ele gorjeava com um ar bem ocupado, como se estivesse mostrando coisas para ela. Tudo era estranho e silencioso e ela parecia estar a centenas de quilômetros de qualquer pessoa, mas de alguma forma não se sentia nem um pouco solitária. Tudo o que a perturbava era o desejo de saber se todas as rosas estavam mortas ou se alguma delas havia sobrevivido para lançar folhas e botões quando o tempo esquentasse. Ela não queria que fosse um jardim completamente morto. Se fosse um jardim vivo, que maravilhoso seria, pois milhares de rosas nasceriam por todos os lados!

A corda de pular estava pendurada em seu braço quando ela entrou, e depois de caminhar um pouco, pensou em pular pelo jardim todo, parando quando quisesse observar algum detalhe. Parecia haver trilhas na grama aqui e ali, e em um ou dois cantos havia nichos de

sempre-vivas com bancos de pedra ou altas urnas de flores cobertas de musgo.

Quando chegou perto da segunda dessas alcovas, parou de pular. Antigamente havia ali um canteiro de flores, e ela pensou ter visto algo saindo da terra negra — alguns pontinhos verdes-claros e pontiagudos. Ela se lembrou do que Ben Weatherstaff havia dito e se ajoelhou para olhar mais de perto.

— Sim, são as pequenas coisas que crescem e podem ser açafrões, flocos-de-neve ou narcisos — sussurrou.

Bastante curvada sobre eles, sentiu o cheiro fresco da terra úmida. E gostou muito.

— Talvez haja alguns outros brotando em outros lugares — disse ela. — Vou dar uma olhada no jardim todo.

Desta vez não saltou, caminhou. Andou devagar mantendo os olhos no chão. Examinou os antigos canteiros e entre o mato e, depois de dar a volta, tentando não perder nada, encontrou muitas outras pontas de um verde suave e se empolgou novamente.

— Não é um jardim totalmente morto — exclamou baixinho. — Mesmo que as roseiras tenham morrido, há outras coisas vivas.

Ela não sabia nada sobre jardinagem, mas a grama parecia tão espessa em alguns dos lugares onde os pontos verdes abriam caminho que imaginou que lhes faltava espaço para crescer. Procurou até encontrar um pedaço de madeira bastante pontudo, ajoelhou-se e cavou,

arrancando ervas daninhas até abrir pequenas clareiras ao redor deles.

— Agora parece que podem respirar — disse ela, depois de terminar com os primeiros. — Vou fazer muitos mais. Farei tudo o que puder. Se não der tempo hoje, posso voltar amanhã.

Foi de um canto a outro, cavou e capinou, e se divertiu tanto que foi de canteiro em canteiro e até o gramado sob as árvores, sem perceber. O exercício a deixou com tanto calor que primeiro tirou o casaco e depois o chapéu e, sem saber, sorria para a grama e para os brotos verdes-claros o tempo todo.

O pisco continuava extremamente ocupado. Ele ficou muito satisfeito ao ver a jardinagem iniciada em sua propriedade. Costumava sempre observar Ben Weatherstaff, pois onde a jardinagem é feita, todos os tipos de coisas deliciosas são revolvidas com o solo. Agora, ali estava aquela nova criatura que não tinha nem a metade do tamanho de Ben, mas que tinha o bom senso de entrar em seu jardim e colocar as mãos à obra.

Dona Mary trabalhou no jardim até a hora de ir almoçar. Na verdade, ela demorou a se lembrar e, ao vestir o casaco e o chapéu, e pegar a corda, não pôde acreditar que trabalhara por duas ou três horas. Havia estado realmente feliz durante todo o tempo; e dezenas e dezenas de pequenos pontos verdes agora podiam ser vistos em

lugares arejados, parecendo duas vezes mais alegres do que antes, quando a grama e o mato os sufocavam.

— Voltarei esta tarde — disse ela, olhando para seu novo reino e falando com as árvores e as roseiras como se a ouvissem.

Então ela correu suavemente pela grama, empurrou a velha porta lentamente e deslizou por baixo da hera. Com as bochechas muito coradas e olhos brilhantes, devorou seu almoço a ponto de Martha ficar encantada.

— Dois pedaço de carne e dois pote de arroz doce! — ela exclamou. — Eita! A mãe vai ficar feliz quando eu contar o que a corda de pular fez com ocê.

No curso de sua escavação com a vara pontiaguda, dona Mary desenterrara uma espécie de raiz branca, parecida com uma cebola. Colocou-a de volta no lugar e afagou cuidadosamente a terra sobre ela. Agora, perguntava se Martha saberia dizer o que era.

— Martha — perguntou ela —, o que são umas raízes brancas que se parecem com cebolas?

— São os bulbo — respondeu Martha. — Muitas flor da primavera cresce deles. Os pequenino são de floco-de-neve e açafão e os grande são narciso, junquilha e nambuê. Os maior de todos são os lírio e as bandeira-roxa. Eita! Eles são lindo. Dickon tem um monte deles plantado no nosso quintal.

— Dickon sabe muito sobre eles? — perguntou Mary com uma nova ideia tomando conta dela.

— Nosso Dickon pode fazer uma flor nascer num tijolo. A mãe fala que ele faz elas brotar do chão com a voz.

— Os bulbos vivem por muito tempo? Eles viveriam anos e anos se ninguém cuidasse deles? — perguntou Mary ansiosa.

— Eles mesmo que se cuida — explicou Martha. — É por isso que os pobre pode se dar ao luxo de ter eles também. Se ocê não incomoda eles, a maioria trabalha debaixo da terra a vida toda e se espalham e vão brotano. Tem um lugar no bosque aqui perto com um monte de floco-de-neve. É a paisagem mais bonita de Yorkshire quando a primavera chega. Ninguém sabe quando foram plantado lá.

— Queria que a primavera já tivesse chegado — disse Mary. — Quero ver todas as coisas que crescem na Inglaterra.

Ela havia terminado seu almoço e se sentou em seu lugar favorito no tapete da lareira.

— Eu gostaria... eu gostaria de ter uma pá de mão — disse ela.

— Pra que ocê quer uma pá? — perguntou Martha, rindo. — Vai começar a cavar? Posso contar isso pra mãe também?

Mary olhou para o fogo e ponderou um pouco. Ela precisava ter cautela se pretendia manter seu reino em segredo. Embora não estivesse fazendo nada de errado, se o sr. Craven descobrisse sobre a porta, ficaria terrivelmente

bravo e pegaria uma nova chave e a trancaria para sempre. Ela realmente não podia deixar que isso acontecesse.

— Este lugar é tão grande e solitário — disse ela lentamente, como se ruminasse o assunto. — A casa é solitária, o bosque é solitário e os jardins são solitários. Muitos lugares estão fechados. Nunca fiz muitas coisas na Índia, mas havia mais pessoas para eu observar... nativos e soldados marchando e às vezes bandas tocando. E minha aia me contava histórias. Não há ninguém com quem conversar aqui, exceto você e Ben Weatherstaff. E você tem que fazer seu trabalho e Ben Weatherstaff não fala muito comigo. Pensei que se eu tivesse uma pá de cabo curto eu poderia cavar em algum lugar, e poderia fazer um pequeno jardim se ele me desse algumas sementes.

O rosto de Martha se iluminou.

— Olha só! — exclamou. — Se essa não foi uma das coisas que a mãe disse. Ela disse: “Tem tanto espaço naquele lugar, por que eles num dão um pouco de terra pra ela, mesmo que ela só plante umas salsinha e uns rabanete? Ela ia cavar e carpir e ia ficar feliz”. Foram essas as palavras que ela disse.

— Foram mesmo? — desconfiou Mary. — Quantas coisas ela sabe, não é?

— Eita! — exclamou Martha. — É como ela diz: “Uma mulher com doze filhos aprende mais do que as letras do alfabeto. Filho é bom igual matemática pra fazer a gente descobrir as coisas”.

— Quanto custaria uma pá... uma pequena? — Mary perguntou.

— Bom — Martha pensou um pouco —, no vilarejo de Thwaite tem uma lojinha onde eu vi uns conjuntinho de jardim com pá, ancinho e garfo, tudo amarrado, por dois xelim. E eles era forte o bastante pra trabalhar de verdade.

— Tenho mais do que isso na minha bolsa — disse Mary. — A sra. Morrison me deu cinco xelins e a sra. Medlock me deu algum dinheiro do Sr. Craven.

— Ele lembrou tanto assim de ocê? — admirou-se Martha.

— A sra. Medlock disse que eu teria um xelim por semana para gastar. Ela me dá um todo sábado. Eu não sabia no que gastar.

— Minha nossa! Isso que é riqueza — disse Martha. — Com isso dá pra comprar qualquer coisa no mundo que ocê quiser. O aluguel da nossa casa é só um e três pence e pagar isso é igual arrancar os olho com os dente. Olha, acabei de pensar numa coisa. — E colocou as mãos nos quadris.

— O quê? — perguntou Mary ansiosamente.

— Na lojinha de Thwaite, eles vende uns pacote de semente de flor por um centavo cada, e o nosso Dickon sabe quais são as mais bonita e como cuida delas. Ele sempre vai pra Thwaite só para passear. Cê sabe escrever carta com letra de forma? — disparou.

— Eu sei escrever — respondeu Mary.

Martha balançou a cabeça.

— Nosso Dickon só lê se for de forma. Se conseguir, a gente escreve uma carta pra ele e pede pra ir comprar as ferramenta e as semente tudo junto.

— Oh! Você é uma boa menina! — Mary se emocionou. — Você é, de verdade! Não sabia que você era tão boa. Sei que posso escrever a carta se tentar. Vamos pedir à sra. Medlock uma caneta, tinta e algumas folhas de papel.

— Eu tenho umas — disse Martha. — Comprei pra escrever uma carta pra mãe. Vou lá buscar. — Saiu correndo do quarto e Mary parou perto do fogo, torcendo suas mãozinhas finas com puro prazer.

— Se eu tiver uma pá — ela sussurrou —, posso afogar a terra e carpir as ervas daninhas. Se eu tiver sementes e elas florescerem, o jardim não estará morto. Ele ganhará vida.

Mary não saiu de novo naquela tarde, pois quando Martha voltou com sua caneta, tinta e papel, teve de tirar a mesa e levar os pratos e travessas para baixo. Quando a criada entrou na cozinha, a sra. Medlock estava lá e lhe deu outra tarefa, então Mary esperou pelo que lhe pareceu muito tempo antes de ela voltar. Escrever para Dickon foi um trabalho duro. Mary aprendera muito pouco porque, como suas tutoras não gostavam muito dela, não perdiam muito tempo ensinando. Ela não conseguia soletrar muito bem, mas descobriu que podia escrever se tentasse. Esta foi a carta que Martha ditou a ela:

Meu caro Dickon:

Envio esta na esperança de encontrá-lo bem, como estou neste momento. A dona Mary tem muito dinheiro, você poderia ir a Thwaite comprar algumas sementes de flores e um conjunto de ferramentas de jardim para que faça um canteiro de flores? Escolha as mais bonitas e fáceis de cultivar porque ela nunca fez isso antes e morou na Índia que é bem diferente. Mando meu amor à mãe e a cada um de vocês. A dona Mary vai me contar muito mais, para que eu fale a vocês sobre elefantes e camelos e cavalheiros caçando leões e tigres.

*Sua querida irmã,
Martha Phoebe Sowerby.*

— Vamos colocar o dinheiro no envelope e eu peço pro açougueiro levar ela no carrinho. Ele é um grande amigo do Dickon — propôs Martha.

— Como vou pegar as coisas quando Dickon as comprar?

— Ele mesmo vai trazer pra você. Ele vai gostar de andar até aqui.

— Ah! — exclamou Mary. — Então eu o conhecerei! Nunca pensei que veria Dickon.

— Cê quer ver ele? — perguntou Martha de repente, pois Mary parecia muito empolgada.

— Sim, quero. Nunca conheci um menino amado por raposas e corvos. Quero muito conhecê-lo.

Martha estremeceu discretamente, como se algo lhe viesse à mente.

— Agora que lembrei — ela irrompeu. — Lembrei que tava esquecendo daquilo; e pensei que ia contar para você logo de manhã. Eu perguntei pra mãe, e ela disse que vai pedir pra sra. Medlock ela mesma.

— Você quer dizer... — Mary começou.

— O que eu disse na terça-feira. Perguntar pra ela se você podia ir um dia na nossa cabana e comer um pouco do bolo de aveia quente da mãe, com manteiga e um copo de leite.

Parecia que todas as coisas interessantes estavam acontecendo naquele mesmo dia. Pensar em atravessar a charneca à luz do dia e com o céu azul?! Pensar em entrar na cabana que abrigava doze crianças?!

— Ela acha que a sra. Medlock me deixaria ir? — perguntou, bastante ansiosa.

— Ela acha, sim. Ela sabe como a mãe é uma mulher arrumada e como nossa casa é limpa.

— Se eu fosse, conheceria sua mãe, assim como Dickon — disse Mary, pensando a respeito e gostando muito da ideia. — Ela não parece ser como as mães da Índia.

Seu trabalho no jardim e a agitação da tarde acabaram fazendo com que ela se sentisse tranquila e contemplativa. Martha ficou com ela até a hora do chá, e ambas se sentaram confortavelmente em silêncio e depois

conversaram um pouco. Logo antes de Martha descer para pegar a bandeja de chá, Mary lhe fez uma pergunta:

— Martha, a copeira voltou a ter dor de dente hoje?

Martha se surpreendeu um pouco.

— Que pergunta é essa? — disse.

— É que enquanto fiquei esperando você voltar, abri a porta e fui pelo corredor ver se você estava a caminho. Então ouvi aquele choro abafado de novo, como ouvimos na outra noite. Como não está ventando hoje, não poderia ter sido o vento.

— Eita! — inquietou-se Martha. — Cê num pode ficar andano nos corredor ouvindo coisa. O sr. Craven pode ficar tão zangado que nem sei o que faria.

— Eu não estava bisbilhotando — justificou Mary. — Estava apenas esperando por você... e ouvi. Foram três vezes.

— Menina! Ouviu só a campainha da sra. Medlock? — disse Martha, e saiu quase correndo do quarto.

— É a casa mais estranha em que alguém já morou — disse Mary sonolenta, ao deitar a cabeça no assento almofadado da poltrona. Ar fresco, cavar e pular corda lhe deram um cansaço tão agradável que logo adormeceu.

CAPÍTULO 10.

DICKON

O sol brilhou por quase uma semana sobre o jardim secreto. “O Jardim Secreto” era como Mary o chamava quando pensava nele. Ela gostou do nome e gostava ainda mais da sensação de estar protegida por seus belos muros antigos, sem ninguém saber onde estava. O jardim parecia existir em um mundo de contos de fadas. Os poucos livros que ela havia lido e gostado eram de contos de fadas, e em algumas das histórias havia jardins secretos. Às vezes, as pessoas dormiam neles por mais de cem anos, o que ela achava bastante estúpido. Ela não tinha intenção de dormir e, na verdade, estava cada vez mais desperta a cada dia em Misselthwaite. Ela começou a gostar do ar livre. Não odiava mais o vento — agora gostava dele. Já corria mais rápido e por mais tempo, e conseguia pular corda até cem.

Os bulbos do jardim secreto devem ter ficado surpresos. Espaços tão belos e limpos foram abertos ao redor deles que agora podiam respirar o quanto quisessem e, na verdade, mesmo sem que dona Mary soubesse, eles começaram a se animar debaixo da terra escura e a trabalhar com mais afinco. O calor do sol agora podia aquecê-los, e quando a chuva caísse os alcançaria imediatamente, então começaram a se sentir mais vivos.

Mary era uma pessoinha estranha e determinada que agora tinha algo interessante a que se dedicar. Estava realmente absorta. Trabalhava, cavava e arrancava ervas daninhas diligentemente, mais e mais satisfeita com seu trabalho a cada minuto, em vez de se cansar dele. Aquilo era como um jogo fascinante. Ela encontrou muitos mais pontos verdes-claros brotando do que imaginava. Pareciam despontar em todos os lugares e a cada dia ela tinha a certeza de encontrar outros novos, alguns tão pequenos que mal apareciam acima da terra. Eram tantos que ela se lembrava do que Martha havia dito sobre os “milhares de flocos-de-neve” e sobre os bulbos que se espalhavam e geravam outros. Eles haviam sido abandonados há dez anos e talvez tivessem se espalhado, como os flocos-de-neve, aos milhares. Ela se perguntou quanto tempo demoraria para revelarem que flores eram. Às vezes, parava de cavar para olhar o jardim e imaginar como seria quando estivesse coberto de infinitas coisas lindas em flor. Durante aquela semana de sol, ela se tornou mais íntima de Ben Weatherstaff. Ela o surpreendeu várias vezes, aparecendo ao seu lado como se tivesse brotado do chão. A verdade é que ela temia que, caso a visse chegando, ele recolhesse suas ferramentas e fosse embora, então sempre caminhava em sua direção o mais silenciosamente possível. Mas, na verdade, ele não a rejeitava com a mesma intensidade do início. Talvez estivesse secretamente lisonjeado com o evidente desejo

da menina por sua companhia idosa. Além disso, ela estava muito mais simpática do que antes. Ben Weatherstaff não sabia que, quando ela o viu pela primeira vez, o tratou como a um nativo, imaginando que um velho zangado e forte de Yorkshire também estivesse acostumado a dar salaam para seus patrões e simplesmente obedecer às suas ordens sem pensar.

— Cê parece um pisco — disse a ela certa manhã, ao erguer a cabeça e vê-la parada ao seu lado. — Nunca sei de que lado ocê vai aparecer.

— Ele agora é meu amigo — afirmou Mary.

— É bem do feitio dele — retrucou Ben Weatherstaff.
— Ele agrada as mulher só pra se mostrar. Ele faz de tudo pra se exhibir e desfilas a pena da cauda. Ele é tão orgulhoso que parece um pavão.

Ben Weatherstaff raramente falava muito e às vezes nem respondia às perguntas de Mary, exceto com grunhidos, mas naquela manhã estava mais falante do que de costume. Levantou-se e apoiou sua bota de cravos no topo de sua pá enquanto a examinava.

— Faz quanto tempo que ocê já tá aqui? — ele disparou.

— Acho que mais ou menos um mês — respondeu ela.

— Já começou a dar orgulho pra Misselthwaite — disse ele. — Já tá um pouco mais gorda e não fala mais daquele jeito irritante. Cê parecia um corvinho depenado quando

apareceu da primeira vez aqui nos jardim. Acho que nunca botei os olho numa menina mais feia e encardida.

Mary não era vaidosa e como nunca pensava em sua aparência, não se perturbou.

— Sei que estou mais gorda — confirmou ela. —
Minhas meias ficaram apertadas. Antes, costumavam ficar folgadas. Lá vem o pisco, Ben Weatherstaff.

E realmente ali estava o pisco, e ela o achou mais bonito do que nunca. Seu colete vermelho estava lustroso como cetim e ele sacudia suas asas e cauda, inclinava a cabeça e saltitava com todos os tipos de gracejos. Parecia determinado a fazer Ben Weatherstaff admirá-lo. Mas Ben foi sarcástico.

— Eita, olha só procê! — disse o velho. — Cê pode se mostrar um pouco pra mim quando não tiver ninguém melhor. Cê tá alisano seu colete e polino suas pena já faz duas semana. Eu sei por quê. Cê tá cortejano uma dona moça bem fornida em outro lugar, contano umas mentira para ela, que ocê é o melhor pisco da charneca de Missel e que vai brigar com os outro pisco.

— Oh! Olhe para ele! — exclamou Mary.

O pisco estava fascinante e bastante ousado. Aproximava-se mais e olhava para Ben Weatherstaff de maneira cada vez mais envolvente. Voou até o arbusto de groselha mais próximo, inclinou a cabeça e cantou uma musiquinha para ele.

— Cê acha que é mió que eu só porque ocê canta assim? — disse Ben, franzindo o rosto de tal forma que Mary teve certeza de que ele tentava fingir estar bravo. — Cê pensa que ninguém pode com ocê, é?

O pisco abriu as asas e Mary mal pôde acreditar: ele voou direto para o cabo da pá de Ben Weatherstaff e pousou sobre ela. Então o rosto do velho se enrugou lentamente em uma nova expressão. Ficou parado como se estivesse com medo de respirar, como se temesse que qualquer movimento seu pudesse fazer o pisco fugir. Então falou quase num sussurro:

— Bom, eu desisto! — disse tão suavemente que parecia outra pessoa. — Cê sabe como conquistar as pessoa, sabe mesmo! Parece até coisa do outro mundo.

E ficou ali, sem se mexer — quase sem respirar —, até que o pisco deu outra ruflada de asas e voou para longe. Então Ben ficou olhando para o cabo da pá como se houvesse alguma magia nela, e voltou a cavar sem dizer nada por vários minutos.

Mas como ele ficava sorrindo de quando em quando, Mary não teve medo de falar com ele.

— Você tem seu próprio jardim? — ela perguntou.

— Não. Sou solteiro e moro no porão com o Martin.

— Se você tivesse um — inquiriu Mary —, o que plantaria nele?

— Repolho, batata e cebola.

— Mas e se fosse um jardim de flores? — insistiu Mary.
— O que plantaria?

— Bulbos e coisas perfumada, mas principalmente rosa.

O rosto de Mary se iluminou.

— Você gosta de rosas?

Ben Weatherstaff arrancou uma erva daninha e a jogou de lado antes de responder.

— Olha, eu gosto, sim. Apreendi a gostar com uma moça quando eu era jardineiro dela. Ela tinha muita roseira em um lugar que ela gostava, e ela amava as roseira como se fossem criança... ou pisco. Ela até beijava as roseira. — Puxou outra erva daninha e fez uma careta para ela. — Mas isso já faz uns dez ano.

— E onde ela está agora? — perguntou Mary, muito interessada.

— No céu — respondeu ele, e cravou sua pá profundamente no solo. — Foi o que o padre disse.

— E o que aconteceu com as roseiras dela? — tornou a perguntar, mais interessada do que nunca.

— Largaram elas lá, sozinha.

Mary se animava cada vez mais.

— Acha que todas elas já morreram? As roseiras morrem de verdade quando são deixadas sozinhas? — ela arriscou.

— Bom, eu gostava tanto delas, e também gostava da menina, e ela gostava tanto delas — admitiu Ben

Weatherstaff com relutância —, que uma ou duas vez por ano eu ia trabalhar nelas um pouco, podava e cuidava das suas raiz. Tavam tudo abandonada, mas com o solo fértil, então algumas dela viveram.

— Quando elas não têm folhas e estão cinzentas, marrons e secas, como saber se estão vivas ou mortas? — perguntou Mary.

— Tem que esperar a primavera chegar nelas. Espera o sol brilhar na chuva e a chuva cair quando tá sol e daí cê vai descobrir.

— Como... como? — exclamou Mary, descuidando-se.

— Olha os ramo e os galho e se tiver uns caroço marrom inchando aqui e ali, cê fica de olho depois da chuva quente pra ver o que acontece. — De repente ele parou e olhou com curiosidade para o rosto ansioso dela. — Agora ocê de repente se preocupa tanto com as roseira e essas coisa? — disparou.

Dona Mary sentiu seu rosto corar. Quase teve medo de responder.

— Eu... eu queria brincar disso... de fingir que tenho um jardim só meu — gaguejou. — Eu... não tenho nada para fazer. Eu não tenho nada... e nem ninguém.

— Bom — disse Ben Weatherstaff lentamente, enquanto a observava —, isso é verdade. Cê num tem mesmo.

Ele pronunciou aquilo de maneira tão estranha que Mary se perguntou se ele realmente sentia um pouco de

pena por ela. Ela nunca sentira pena de si mesma; apenas se sentia cansada e zangada, pois não gostava tanto assim das pessoas e das coisas. Mas agora o mundo parecia estar mudando e se tornando mais agradável. Se ninguém descobrisse sobre o jardim secreto, ela poderia se divertir para sempre.

Ficou ali por mais dez ou quinze minutos e arriscou fazer todas as perguntas que quis. Ben Weatherstaff respondeu a cada uma delas com seu jeito esquisito e resmungão, mas não parecia zangado, pois não pegou sua pá e sumiu dali. Ele contou algo sobre roseiras quando ela já estava de partida, o que a lembrou daquelas mencionadas antes.

— Você vai ver aquelas outras roseiras agora? — ela perguntou.

— Não fui este ano. Meu reumatismo deixou as articulação muito dura.

Disse isso com sua voz resmungona e, de repente, pareceu ficar zangado, embora ela não entendesse o motivo.

— Olha aqui! — ele disse bruscamente. — Chega de tanta pergunta. Cê é a menina mais perguntadeira que eu já conheci. Vai brincar pra lá. Acabou a minha cota de falação por hoje.

Pareceu tão irritado que ela entendeu que não adiantava ficar ali nem mais um minuto. Ela pulou corda pela calçada externa pensando sobre ele e dizendo a si

mesma que, por mais estranho que fosse, ali estava outra pessoa de quem ela gostava, apesar do mau humor. Ela gostava do velho Ben Weatherstaff. Sim, gostava dele. Sempre tentava fazê-lo conversar. Além do mais, ela começava a acreditar que ele sabia tudo sobre flores.

Havia uma calçada cercada de loureiros que contornava o jardim secreto e terminava em um portão que se abria em um bosque, no parque. Ela pensou em dar a volta por aquele caminho e ver se encontrava algum coelho pulando pela mata. Ela gostava muito de pular e, quando chegou ao pequeno portão e o abriu, ouviu um assobio baixo e peculiar e decidiu descobrir o que era.

Na verdade, era uma coisa muito estranha. Ela prendeu a respiração quando parou para olhar. Um menino estava sentado com as costas apoiadas em uma árvore, brincando com uma flauta rústica. Era um garoto esquisito de cerca de doze anos. Parecia muito limpo, com seu nariz empinado e suas bochechas avermelhadas como papoulas. Dona Mary nunca vira olhos tão redondos e azuis no rosto de um menino. E no tronco da árvore em que se encostava, um esquilo castanho se agarrava e olhava para ele, e por trás de um arbusto próximo um faisão delicadamente esticava seu pescoço para espiar, e bem perto dele havia dois coelhos sentados farejando com seus focinhos trêmulos. Na verdade, parecia que todos se aproximavam para observá-lo, atraídos pelo estranho chamado que sua flauta produzia.

Quando ele viu Mary, ergueu sua mão e falou em uma voz quase tão baixa como o seu assobio:

— Num se mexe — disse ele. — Senão eles foge.

Mary permaneceu imóvel. Ele parou de soprar a flauta e começou a se levantar. Seus movimentos eram tão lentos que mal parecia se mover, mas finalmente se pôs de pé e então o esquilo voltou a subir nos galhos de sua árvore, o faisão encolheu a cabeça e os coelhos caíram de quatro e saltaram para longe, embora nenhum deles demonstrasse medo.

— Meu nome é Dickon — disse o menino. — Eu sei que ocê é a dona Mary.

Então Mary percebeu que misteriosamente já sabia que ele era Dickon assim que o vira. Quem mais poderia encantar coelhos e faisões como os nativos da Índia encantam serpentes? Ele tinha uma boca larga, vermelha e curvada e seu sorriso se espalhava por todo o rosto.

— Levantei devagar — explicou ele —, porque se ocê faz um movimento rápido, eles se assusta. Quando tem coisas selvagem por perto, tem que mexer o corpo devagar e falar bem baixinho.

Falava com ela como se a conhecesse muito bem, e não como se nunca tivessem se visto. Mary não sabia nada sobre meninos e falava com ele um pouco rígida, pois se sentia um tanto tímida.

— Você recebeu a carta de Martha? — ela perguntou.

Ele acenou sua cabeça, coberta de cachos cor de ferrugem.

— Foi por isso que eu vim.

Ele se abaixou para pegar algo no chão.

— Trouxe as ferramenta de jardim. Tem uma pá de mão, um ancinho, um garfo e uma enxadinha. Eita! Eles são bom. Tem uma espátula também. E a mulher da loja colocou um pacote de papoula branca e um de esporinha azul quando comprei as outra semente.

— Me deixa ver as sementes? — pediu Mary.

Ela desejou ser capaz de falar como ele, que tinha um discurso tão rápido e fácil. Parecia que ele gostava dela e que não tinha o mínimo medo de que ela não gostasse dele, embora fosse apenas um simples menino da charneca, com roupas remendadas, rosto engraçado e uma cabeça ruiva despenteada. Quando ela se aproximou, percebeu um aroma fresco e límpido de urze, grama e folhas, quase como se ele fosse feito dessas coisas. Aquilo a agradou e quando olhou para seu rosto esquisito de bochechas vermelhas e olhos azuis redondos, esqueceu-se de sua timidez.

— Vamos sentar neste tronco para olhar as sementes — sugeriu ela.

Sentaram-se e ele tirou um desajeitado embrulho de papel pardo do bolso do casaco. Desamarrou o barbante e ali dentro havia outros pacotes menores e mais

organizados, com imagens de flores diferentes em cada um deles.

— Tem um monte de minhonetes e papoulas — ele avisou. — Minhonete é a coisa com o cheiro mais doce que ocê já viu, e vai crescer em qualquer lugar que ocê espalhar elas, igual às papoula. Elas vão brotar e desabrochar só de assobiar para elas, e são as mais bonita de todas. — Ele parou e virou a cabeça rapidamente, seu rosto com bochechas de papoula se iluminou. — De onde esse pisco tá chamano a gente?

O chilrear vinha de um espesso arbusto de azevinho, cujas bagas vermelhas brilhavam, e Mary achou que sabia de quem era o canto.

— Ele está realmente nos chamando? — ela perguntou.

— Tá, sim — disse Dickon, como se fosse a coisa mais natural do mundo. — Ele tá chamando algum amigo dele. É o mesmo que dizer: “Tô aqui. Olha para mim. Quero conversar um pouco”. Olha ele lá, no mato. Ele é de quem?

— Ele é de Ben Weatherstaff, mas acho que ele me conhece um pouco — respondeu Mary.

— Ah, ele te conhece — disse Dickon baixando a voz novamente. — E ele gosta de ocê. Ele acha que é seu amigo. E vai me contar tudo sobre ocê num minutinho.

Dickon aproximou-se bastante do arbusto, com o movimento lento que Mary já notara antes, e então emitiu um gorjeio quase igual ao do próprio pisco. O pássaro o

ouviu atentamente por alguns segundos, e então respondeu como se soubesse falar.

— É, ele é seu amigo, sim — riu Dickon.

— Você acha que ele é? — exclamou Mary ansiosamente. Ela queria muito saber. — Você acha que ele realmente gosta de mim?

— Ele não chegaria perto de ocê se não achasse — respondeu Dickon. — Os pássaro são arisco e os pisco pode ser mais arredio que gente. Olha, ele tá quereno te agradar agora. Ele tá dizeno: “Não tá me veno, menina?”.

E realmente parecia ser verdade. Ele se moveu para o lado, gorjeou e se inclinou ao pular em seu arbusto.

— Você entende tudo o que os pássaros dizem? — perguntou Mary.

O sorriso de Dickon cresceu para os lados de sua boca grande, vermelha e curvada, e ele esfregou os cabelos bagunçados.

— Acho que sim, e eles também acha que sim — disse ele. — Eu já moro na charneca com eles faz tempo. Eu vi eles quebrar a casca, piar e saltar e aprender a voar e começar a cantar tão de perto que comecei a achar que eu era um deles. Às vez eu penso que sou um pássaro, uma raposa, um coelho, um esquilo, ou até um besouro. Eu sei lá.

Ele riu e voltou para o tronco, falando novamente sobre as sementes de flores. Dickon explicou a ela como

seriam quando crescessem; e explicou como plantá-las, observá-las, adubá-las e regá-las.

— Já sei — disse ele de repente, virando-se para ela. — Vou plantar elas agora mesmo. Onde fica o jardim?

As mãos finas de Mary se engancharam e pousaram em seu colo. Ela não sabia o que dizer, então por um minuto inteiro ficou em silêncio. Ela não havia pensado nisso e se sentiu acuada. Sentiu seu rosto corar e depois empalideceu.

— Cê tem algum jardinzinho, num tem? — Dickon perguntou.

Ela passou de corada para pálida. Dickon notou isso e, como ela ainda não dizia nada, ficou confuso.

— Eles num te dariam um pedacinho de terra pra plantar? — ele perguntou. — Cê ainda num tem?

Ela apertou as mãos com ainda mais força e voltou os olhos para ele.

— Eu não sei nada sobre meninos — disse ela lentamente. — Você guardaria um segredo, se eu lhe contasse? É um grande segredo. Não sei o que faria se alguém o descobrisse. Acho que morreria! — disse a última frase com bastante veemência.

Dickon pareceu mais confuso ainda e até esfregou a mão na cabeleira áspera outra vez, mas respondeu com muito bom humor:

— Eu guardo segredo o tempo todo — disse ele. — Se eu não guardasse os segredo dos outro, segredo sobre os

filhote de raposa, os ninho dos pássaro, e das toca das coisa selvagem, nada ficaria seguro na charneca. Então, sim, eu sei guardar segredo.

Dona Mary não pretendia estender a mão e agarrar sua manga, mas o fez.

— Eu roubei um jardim — confessou ela, muito rápido.
— Não é meu. Não é de ninguém. Ninguém o quer, ninguém se importa com ele, ninguém nunca entra lá. Talvez já esteja tudo morto nele. Eu não sei.

Ela começou a sentir calor e ficou irritada como nunca antes em sua vida.

— Eu não me importo, não me importo! Ninguém tem o direito de tirar ele de mim pois eu cuido dele e eles não. Estão deixando aquilo morrer, trancado e sozinho — concluiu apaixonadamente e levou as mãos ao rosto, desatando a chorar, pobre e pequena dona Mary.

Os curiosos olhos azuis de Dickon se arregalaram ainda mais.

— E-ei-eita! — ele disse, deixando escapar sua exclamação devagar, e a maneira como fez isso demonstrou tanto admiração quanto simpatia.

— Não tenho nada para fazer — disse Mary. — Nada me pertence. Eu mesmo o descobri e entrei sozinha. Sou exatamente como o pisco, e eles não tiraram o jardim do pisco.

— Onde fica? — perguntou Dickon em voz baixa.

Dona Mary levantou-se imediatamente do tronco. Ela sabia que estava irritada outra vez — e obstinada — e não se importou nem um pouco com isso. Estava arrogante e indiana novamente, e ao mesmo tempo sentia calor e tristeza.

— Venha comigo e eu lhe mostro — disse ela.

Ela o conduziu ao redor do caminho dos loureiros e até a calçada onde a hera crescia tão densa. Dickon a seguiu com uma expressão esquisita, quase de pena. Sentia como se estivesse sendo levado para ver o ninho de algum pássaro estranho e que deveria se mover suavemente. Quando ela foi até o muro e ergueu a cortina de hera, ele se surpreendeu. Havia uma porta e Mary a empurrou lentamente para que entrassem. Então Mary parou e acenou corajosamente com a mão.

— É aqui — disse ela. — É um jardim secreto e eu sou a única no mundo todo que deseja que ele viva.

Dickon caminhou em círculos pelo jardim, e depois deu voltas e mais voltas.

— Eita — disse quase em um sussurro —, é um lugar estranho de bonito! Parece até que a gente tá num sonho.

CAPÍTULO 11.

O NINHO DOS PISCOS

Mary observou Dickon olhar em volta por dois ou três minutos. Então ele começou a andar, ainda mais levemente do que Mary havia caminhado da primeira vez em que se viu dentro dos quatro muros. Seus olhos pareciam absorver tudo: as árvores cinzentas com suas trepadeiras ressecadas e penduradas em seus galhos, emaranhadas nos muros e entre a grama, as alcovas verdes com assentos de pedra e as altas urnas de flores.

— Nunca achei que veria este lugar — disse ele por fim, em um sussurro.

— Você sabia sobre ele? — perguntou Mary.

Ela havia falado em voz alta e ele fez um sinal de silêncio.

— É melhor falar baixo — sugeriu ele —, ou alguém vai ouvir e perguntar o que a gente veio fazer aqui.

— Oh, eu me esqueci! — exclamou Mary, assustando-se e colocando a mão rapidamente sobre a boca. — Você sabia sobre o jardim? — repetiu a pergunta quando se recuperou. Dickon concordou com a cabeça.

— A Martha me disse que tinha um jardim que ninguém nunca entrava — respondeu ele. — A gente costumava perguntar como ele era.

Ele parou e olhou para o adorável emaranhado cinza à sua volta, e seus olhos redondos irradiavam uma felicidade genuína.

— Eita! Vai ter muito ninho aqui na primavera — observou. — Vai ser o lugar mais seguro para se aninhar em toda Inglaterra, sem ninguém por perto e tanto emaranhado de árvore e roseira pra construir. Eu acho que todos os pássaro da charneca vão construir aqui.

Dona Mary colocou a mão em seu braço novamente sem perceber.

— Acha que as roseiras vão brotar? — sussurrou. — Sabe? Talvez estejam mortas.

— Eita! Não! Não tão. Nem todas! — ele respondeu. — Olha aqui!

Ele caminhou até a árvore mais próxima, uma velha — muito velha — com musgo cinza por toda a casca, que ostentava uma cortina de ramos densos. Tirou um canivete largo do bolso e abriu uma de suas lâminas.

— Tem muita madeira morta que precisa cortar — disse ele. — E tem muita madeira velha, mas vieram algumas nova no ano passado. Esta é uma parte nova — e tocou um broto de um verde acastanhado em vez de cinza, duro e seco. Mary o tocou em seguida de maneira ansiosa e solene.

— E aquele? — perguntou ela. — Aquele está vivo?

Dickon arqueou sua boca larga e sorridente.

— Tá tão aceso como nós dois — disse ele. E Mary lembrou-se de que Martha havia explicado que “aceso” significava “vivo” ou “intenso”.

— Estou feliz que esteja aceso! — exclamou em seu sussurro. — Quero que todos se acendam. Vamos dar a volta no jardim e contar quantos estão acesos.

Ela ofegava de ansiedade, e Dickon estava tão ansioso quanto ela. Foram de árvore em árvore e de arbusto em arbusto. Dickon carregava o canivete na mão e mostrava coisas com as quais ela se maravilhava.

— Elas voltaram a ser selvagem — explicou ele —, mas as melhor acabaram ficando mais forte por isso. Os mais delicado morreram, mas os outro cresceram e cresceram, e se espalharam até que viraram esta maravilha. Olha aqui! — e puxou para baixo um grosso galho cinza de aparência seca. — Cê pensa que isto aqui é madeira morta, mas acho que a raiz tá viva. Vou cortar bem baixo para ver.

Ajoelhou-se e com sua lâmina cortou o galho que parecia sem vida, não muito acima da terra.

— Olha lá! — disse exultante. — Num disse? Ainda tem verde nesta madeira. Olha só isto.

Mary caiu de joelhos antes que ele continuasse, olhando com toda atenção.

— Quando parece um pouco esverdeado e suculento assim, tá aceso — explicou ele. — Quando o interior tá seco e quebra fácil, como este galho que cortei, tá morto. Tem uma grande raiz aqui de onde toda esta madeira viva

brotou, e se a madeira velha for cortada e abrímos em volta com cuidado, vai brotar de novo. — Ele parou e ergueu o rosto para olhar os ramos que subiam e pendiam acima dele. — Vai ter um mar de rosa aqui neste verão.

Continuaram de arbusto em arbusto e de árvore em árvore. Ele era muito forte e hábil com seu canivete e sabia como cortar a madeira seca e morta. E também sabia dizer quando um galho ou graveto pouco promissor ainda preservava vida verde dentro de si. Ao longo de meia hora, Mary achou que também sabia, e quando ele cortou um galho aparentemente sem vida, ela gritou de alegria ao avistar o tímido tom de verde úmido. A pá, a enxada e o ancinho foram muito úteis. Ele mostrou a ela como usar o ancinho enquanto cavava as raízes com a pá, mexia a terra e deixava o frescor tomar conta.

Trabalhavam diligentemente em torno de uma das maiores roseiras quando ele avistou algo que o fez exclamar de surpresa.

— Ora! — gritou, apontando para a grama a alguns metros de distância. — Quem fez isso aí?

Era uma das pequenas clareiras de Mary em volta dos pontos verdes-claros.

— Fui eu — disse Mary.

— Mas eu pensei que ocê num sabia nada de jardinagem — exclamou.

— Não sei mesmo — respondeu ela —, mas eles eram tão pequenos, e a grama era tão densa e viçosa, que

parecia que não tinham espaço para respirar. Então eu abri um espaço em volta. Eu não sei o que são.

Dickon se ajoelhou ao lado deles, com seu largo sorriso.

— Cê fez certo — disse ele. — Um jardineiro não teria te ensinado melhor. Eles vão crescer agora como o talo de feijão do João. Estes são açafraão e floco-de-neve, e estes aqui são narciso — e, virando-se para outro canteiro —, aqui tem mais narciso branco. Vão ficar lindo.

Ele corria de uma clareira para outra.

— Cê trabalhou muito pra uma menina — elogiou ele, olhando para ela.

— Estou engordando — disse Mary — e mais forte. Eu costumava ficar cansada. Quando escavo, não me canso mais. Gosto de sentir o cheiro da terra quando ela aparece.

— Que bom pra ocê — disse ele, acenando com a cabeça. — Não tem nada tão bom igual o cheiro de terra limpa e boa, só perde pro cheiro de coisas fresca cresceno depois que a chuva cai. Eu saio na charneca muitos dia quando tá choveno e fico debaixo de um arbusto ouvino as gota deslizar nas urze e fico cheirano sem parar. A mãe fala que meu nariz treme igual ao de um coelho.

— Você nunca pega resfriado? — perguntou Mary, olhando para ele com admiração. Ela nunca tinha visto um menino tão engraçado, ou tão gentil.

— Eu não — respondeu ele, sorrindo. — Nunca peguei resfriado desde que nasci. Não fui criado cercado. Eu

exploro a charneca em todos os clima igual os coelho faz. A mãe fala que eu cheirei muito ar fresco esses doze ano para pegar um resfriado. Sou resistente igual um pau de espinheiro-branco.

Ele trabalhava o tempo todo enquanto conversava e Mary o seguia e o ajudava com o ancinho ou a espátula.

— Tem muito trabalho pra fazer aqui! — observou, olhando em volta exultante.

— Você viria me ajudar? — Mary implorou. — Tenho certeza de que posso ajudar também. Posso cavar e arrancar o mato e tudo o que você me pedir. Oh, venha, Dickon!

— Vou vir todos os dia se ocê quiser, com chuva ou com sol — respondeu ele com firmeza. — Vai ser a coisa mais divertida que já fiz na vida, trancado aqui acordano este jardim.

— Se você vier — disse Mary —, se você me ajudar a fazê-lo renascer, eu... eu nem sei o que farei — calou-se, sem saber como continuar. O que se poderia fazer por um menino assim?

— Vou te contar o que ocê vai fazer — começou Dickon, com seu sorriso feliz. — Cê vai engordar e ficar com tanta fome igual um filhote de raposa e vai aprender a falar com os pisco igual eu. Eita! A gente vai se divertir muito.

Ele começou a andar, olhando pensativo para as árvores, para os muros e arbustos.

— Eu não gostaria que fosse igual a um jardim de jardineiro, todo aparado e podado. E ocê? — ele ponderou.
— É melhor assim, com as coisa correno livre, pendurada e agarrada umas nas outra.

— Não precisamos deixar tudo certinho — concordou Mary ansiosamente. — Não pareceria um jardim secreto se fosse todo arrumado.

Dickon esfregou os cabelos ferrugem com um olhar perplexo.

— Tô veno que é um jardim secreto — disse ele —, mas parece que alguém além do pisco teve aqui desde que foi fechado dez ano atrás.

— Mas a porta estava trancada e a chave enterrada — observou Mary. — Ninguém poderia entrar.

— Isso é verdade — respondeu ele. — É um lugar esquisito. Parece que teve um pouco de poda aqui e ali nos último dez ano.

— Mas como isso poderia ter sido feito? — perguntou Mary.

Ele examinava um galho de roseira e balançou a cabeça.

— Ah, mas foi! — ele murmurou. — Mesmo com a porta trancada e a chave enterrada.

Dona Mary sempre sentiu que, por mais anos que vivesse, nunca se esqueceria daquela primeira manhã em que seu jardim começou a crescer. Obviamente ele parecia ter começado a crescer para ela naquela manhã. Quando

Dickon começou a abrir espaços para plantar as sementes, ela se lembrou do que Basil cantava para ela quando queria provocá-la.

— Há alguma flor que se pareça com sinos? — ela perguntou.

— Tem os lírio-do-vale — respondeu ele, cavando com a espátula — e tem os sino-de-canterbury e as campânula.

— Vamos plantar alguns — propôs Mary.

— Já tem lírio-do-vale por aqui, eu vi. Eles deve ter crescido muito perto e tem que separar eles, mas tem muito. Os outro levam dois ano para nascer das semente, mas posso trazer pra ocê algumas muda do jardim da nossa casa. Por que ocê quer eles?

Então Mary contou a ele sobre Basil e seus irmãos e irmãs na Índia, e de como ela os odiava e de como a chamavam de “Dona Mary, que só se irrita”.

— Eles costumavam dançar e cantar para mim. Assim:

*Dona Mary, sempre tão irritada,
Em seu jardim não cresce nada,
Só flores-de-sino despetaladas
E flores-de-defunto enfileiradas.*

— Acabei de me lembrar disso e fiquei em dúvida se realmente existem flores que se parecem com sinos — continuou ela, franzindo a testa e golpeando a terra com certa raiva. — Eu não era tão irritada como eles diziam.

Mas Dickon riu.

— Eita — disse ele, e enquanto esmigalhava o rico solo negro, ela notou que ele também sentia o cheiro da terra.

— Ninguém fica irritado quando tem flor e coisas assim, e tanta coisa selvagem e amiga por aí fazendo suas casa ou construindo ninho e cantano e assobiano, né?

Mary, que segurava as sementes ajoelhada ao seu lado, olhou para ele e sua expressão se suavizou.

— Dickon — disse ela —, você é tão bom quanto Martha disse que era. Agora você é a quinta pessoa de que eu gosto. Nunca pensei que gostaria de cinco pessoas.

Dickon sentou-se nos calcanhares como Martha fazia quando polia a grade. Ele parecia mesmo engraçado e encantador, pensou Mary, com aqueles olhos azuis redondos, bochechas coradas e seu nariz arrebicado de aparência feliz.

— Só gosta de cinco pessoa? — perguntou ele. — Quem são os outro quatro?

— Sua mãe e Martha — Mary contou nos dedos —, e o pisco e Ben Weatherstaff.

Dickon riu tanto que teve de colocar o braço sobre a boca para abafar o som.

— Eu sei que ocê pensa que eu sou um menino esquisito — disse ele —, mas acho que é ocê a mocinha mais esquisita que eu já vi.

Então Mary fez algo estranho. Inclinou-se para frente e fez uma pergunta que nunca sonhara em fazer antes. E ainda tentou falar com sotaque de Yorkshire porque essa

era a língua dele, e na Índia um nativo sempre ficava satisfeito quando alguém conhecia sua língua.

— Cê gosta de mim? — perguntou ela.

— Eita! — ele respondeu cordialmente. — Eu gosto, sim. Eu gosto de ocê de monte, e o pisco também, certeza!

— Já são dois, então — alegrou-se Mary. — Dois que gostam de mim.

E então voltaram a trabalhar mais duro do que nunca e com ainda mais alegria. Mary ficou surpresa e triste quando ouviu o grande relógio do pátio bater meio-dia, hora da sua refeição.

— Preciso ir — disse ela tristemente. — E você terá de ir também, não é?

Dickon sorriu.

— É fácil de carregar meu almoço comigo — respondeu ele. — A mãe sempre me deixa trazer alguma coisa nos bolso.

Pegou seu casaco na grama e tirou de um bolso um pacotinho irregular, amarrado por um grosso lenço azul e branco, bastante limpo. Continha dois largos pedaços de pão com uma fatia de alguma coisa entre eles.

— Geralmente não é nada além de pão — explicou ele —, mas hoje veio uma boa lasca de bacon no meio.

Mary achou que era um almoço esquisito, mas ele parecia satisfeito em apreciá-lo.

— Corre lá comer sua comida — disse ele. — Vou terminar o meu primeiro. Daí trabalho mais um pouco antes de voltar pra casa.

E sentou-se com as costas apoiadas em uma árvore.

— Vou chamar o pisco — avisou — e dar uma casca do bacon para ele bicar. Eles gosta de monte de um pouco de gordura.

Mary mal conseguiu deixá-lo. De repente, era como se ele fosse uma espécie de fauno da floresta, e que teria desaparecido para sempre quando ela voltasse ao jardim. Ele parecia bom demais para ser verdade. Ela chegou na metade do caminho para a porta no muro, então parou e voltou.

— Aconteça o que acontecer, você... você nunca vai contar? — perguntou.

Suas bochechas cor de papoula estavam dilatadas com sua primeira grande mordida no pão com bacon, mas Dickon conseguiu sorrir, encorajando-a.

— Se ocê fosse um pisco e me mostrasse onde ficava o seu ninho, acha que eu ia contar pra alguém? Eu não — disse ele. — Cê tá segura como um pisco comigo.

E ela teve a certeza de que estava.

CAPÍTULO 12.

“POSSO TER UM PEDAÇO DE TERRA?”

Mary correu tão rápido que quase ficou sem fôlego ao chegar em seu quarto. Seu cabelo estava grudado na testa e suas bochechas estavam rosadas. A refeição a esperava na mesa e Martha estava perto dela.

— Cê tá um pouco atrasada — disse Martha. — Onde cê tava?

— Estava com Dickon! — respondeu Mary. — Eu conheci Dickon!

— Eu sabia que ele viria — afirmou Martha exultante. — O que cê achou dele?

— Eu achei... achei ele lindo! — confessou Mary com uma voz determinada.

Martha pareceu bastante surpresa, mas também satisfeita.

— Bom — disse ela —, ele é o melhor menino que existe, mas a gente nunca achou ele bonito. Aquele nariz é empinado demais.

— Gosto dele empinado — disse Mary.

— E os olhos dele são muito redondo — continuou Martha, um tanto duvidosa. — Mas a cor é bonita.

— Eu gosto deles redondos — insistiu Mary. — Eles são exatamente da cor do céu sobre a charneca.

Martha sorriu de satisfação.

— A mãe diz que eles ficaram daquela cor porque ele olha muito pros pássaro e pras nuvem. Mas ele tem uma boca grande, né?

— Eu adoro sua boca grande — disse Mary, obstinada.
— Eu queria ser como ele.

Martha deu uma risadinha deliciada.

— Sua cara ia ficar esquisita e engraçada — brincou. — Mas eu sabia que ia ser assim quando ocê o visse. O que cê achou das semente e das ferramenta de jardim?

— Como você sabe que ele as trouxe? — perguntou Mary.

— Eita! Eu nunca pensei que ele num ia trazer. Ele certamente ia, se encontrasse em Yorkshire. Ele é um menino de confiança.

Mary temeu que ela começasse a fazer perguntas difíceis, mas não o fez. Martha estava muito interessada nas sementes e ferramentas de jardinagem, e houve apenas um momento em que Mary ficou com medo. Foi quando ela começou a perguntar onde as flores seriam plantadas.

— Pra quem ocê pediu? — perguntou Martha.

— Ainda não pedi a ninguém — respondeu Mary, hesitante.

— Bom, eu que num ia pedir pro jardineiro-chefe. Ele é muito vaidoso, o sr. Roach. É sim.

— Nunca o vi — disse Mary. — Só vi os ajudantes e Ben Weatherstaff.

— Se eu fosse ocê, perguntava pro Ben Weatherstaff — aconselhou Martha. — Ele não é tão ruim quanto parece, apesar de ser muito ranzinza. O sr. Craven deixa ele fazer o que quiser porque ele tava aqui quando a sra. Craven era viva e fazia ela dar risada. Ela gostava dele. Quem sabe ele encontra um canto pra ocê em algum lugar que não atrapalhe.

— Se não atrapalhar e ninguém quisesse o lugar, ninguém se importaria, não é? — disse Mary ansiosa.

— Não vejo por quê — respondeu Martha. — Cê não taria fazeno mal nenhum.

Mary comeu o mais rápido que pôde e, quando se levantou da mesa, ia correr para o quarto vestir o chapéu, mas Martha a impediu.

— Tenho que te contar uma coisa — disse ela. — Achei melhor deixar ocê almoçar primeiro. O sr. Craven voltou hoje cedo e acho que ele quer ver ocê.

Mary ficou bastante pálida.

— Oh! Por quê? Por quê? Ele não queria me ver quando eu cheguei. Ouvi Pitcher dizer que não.

— Bom — explicou Martha —, a sra. Medlock disse que é por causa da mãe. Ela tava indo pra a vila de Thwaite e encontrou ele. Ela nunca tinha falado com ele antes, mas a sra. Craven tinha ido no nosso chalé umas duas ou três vez. Ele tinha esquecido, mas a mãe não, e ela se atreveu e falou com ele. Não sei o que ela disse sobre ocê, mas disse

alguma coisa e agora ele quer ver ocê antes de ir embora de novo, amanhã.

— Oh! — exclamou Mary —, ele vai embora amanhã? Fico muito feliz!

— Vai ficar fora um bom tempo. Só vai voltar no outono ou no inverno. Vai viajar para uns lugar no estrangeiro. Ele tá sempre fazeno isso.

— Oh! Estou tão feliz! Tão feliz! — Mary sentiu-se aliviada.

Se ele não voltasse antes do inverno ou mesmo do outono, haveria tempo para ver o jardim secreto ganhar vida. Mesmo se então ele descobrisse e o tirasse dela, pelo menos ela o teria por algum tempo.

— Quando você acha que ele vai querer...?

Não terminou a frase, pois a porta se abriu e a sra. Medlock entrou. Ela estava com seu melhor vestido preto e boina, e sua gola estava presa por um grande broche com a foto do rosto de um homem. Era uma fotografia colorida do sr. Medlock, que morrera anos antes, e ela sempre o usava quando se arrumava. Parecia nervosa e animada.

— Seu cabelo está despenteado — disse a governanta rapidamente. — Vá escová-lo. Martha, ajude-a a colocar seu melhor vestido. O sr. Craven me mandou levá-la ao seu escritório.

Todo o rosa desapareceu das bochechas de Mary. Seu coração começou a bater forte e ela se sentiu transformada em uma criança rígida, sem graça e silenciosa novamente.

Nem mesmo respondeu à sra. Medlock, apenas se virou e entrou em seu quarto, seguida por Martha. Não disse nada enquanto seu vestido era trocado e seu cabelo penteado, e depois que estava bem arrumada, seguiu a sra. Medlock pelos corredores, em silêncio. O que havia para se dizer? Ela era obrigada a ir ver o sr. Craven. Ele não gostava dela, e ela não gostava dele. Ela sabia o que ele pensaria dela.

Mary foi levada para uma parte da casa que ainda desconhecia. Por fim, a sra. Medlock bateu em uma porta e, quando alguém disse “Entre”, entraram juntas na sala. Um homem estava sentado em uma poltrona diante do fogo e a sra. Medlock falou com ele:

— Esta é a srta. Mary, senhor.

— Pode ir e deixá-la aqui. Chamarei quando quiser que a leve embora — ordenou o sr. Craven.

Quando ela saiu e fechou a porta, Mary só pôde esperar. Era uma coisinha singela, torcendo suas mãos finas. Podia ver que o homem na cadeira não era tão corcunda, mas tinha ombros altos e bastante tortos, e mechas brancas nos cabelos negros. Ele virou a cabeça sobre os ombros e falou com ela.

— Venha cá!

Mary foi até ele.

Ele não era feio. Seu rosto seria até bonito, não fosse a expressão sofrida. Parecia que a visão dela o preocupava e o aborrecia, como se não soubesse o que fazer com ela.

— Você está bem? — ele perguntou.

— Sim — respondeu Mary.

— Estão cuidando bem de você?

— Sim.

Ele esfregou a testa nervosamente enquanto a olhava.

— Você está muito magra — disse.

— Estou engordando — respondeu Mary no que ela sabia ser sua maneira mais rígida.

Que rosto infeliz ele tinha! Parecia que seus olhos negros mal a enxergavam, como se olhassem outra coisa, e era como se ele se esforçasse para prestar atenção nela.

— Eu me esqueci de você — disse ele. — Como eu poderia me lembrar de você? Eu pretendia chamar uma tutora ou uma babá, ou algo assim, mas me esqueci.

— Por favor — começou Mary. — Eu... — Então o nó em sua garganta a sufocou.

— O que você quer dizer? — perguntou ele.

— Eu sou... eu sou grande demais para uma babá — disse Mary. — E, por favor, por favor, não me faça ter uma tutora ainda.

Ele esfregou a testa novamente e olhou para ela.

— Isso foi o que a tal Sowerby disse — murmurou distraidamente.

Então Mary reuniu um pouco de coragem.

— Ela é... ela é a mãe da Martha? — gaguejou.

— Sim, acho que é — respondeu ele.

— Ela é boa com crianças — disse Mary. — Ela tem doze. Ela sabe.

Ele pareceu despertar.

— O que você quer fazer?

— Eu quero brincar lá fora — respondeu Mary, esperando que sua voz não tremesse. — Nunca gostei de fazer isso na Índia, mas aqui me dá fome e estou engordando.

Ele continuava a olhar para ela.

— A sra. Sowerby disse que isso faria bem a você. Talvez faça mesmo — afirmou ele. — Ela achou melhor você ficar mais forte antes de ter uma tutora.

— Sinto-me mais forte quando brinco e o vento sopra da charneca — disse Mary.

— Onde você brinca? — ele perguntou em seguida.

— Em todo lugar — suspirou Mary. — A mãe de Martha me mandou uma corda de pular. Eu pulo e corro... e tento descobrir se as coisas estão começando a sair da terra. Não faço mal nenhum.

— Não fique tão assustada — disse ele com uma voz preocupada. — Uma criança como você não poderia fazer mal a ninguém! Você pode fazer o que quiser.

Mary levou a mão à garganta porque temia que ele visse o nó de excitação que sentia subir por ali. Deu um passo em sua direção.

— Posso? — ela disse, trêmula.

Seu rostinho ansioso parecia preocupá-lo mais do que nunca.

— Não fique tão assustada — exclamou. — Claro que você pode. Eu sou seu mentor, embora eu seja um fracasso com crianças. Não posso lhe dedicar tempo ou atenção. Estou muito doente, infeliz e distraído; mas desejo que você seja feliz e que fique confortável. Eu não sei nada sobre crianças, mas a sra. Medlock deve providenciar para que você tenha tudo o que precisa. Mandeí chamá-la hoje porque a sra. Sowerby disse que eu deveria vê-la. A filha dela havia comentado sobre você. Ela pensou que você precisava de ar fresco, liberdade e andar por aí.

— Ela sabe tudo sobre crianças — disse Mary novamente, em sua defesa.

— Deve saber mesmo — concordou o sr. Craven. — Achei que ela foi bastante ousada ao me parar na charneca, mas ela disse... que a sra. Craven sempre havia sido gentil com ela. — Parecia ter dificuldade em falar o nome de sua falecida esposa. — Ela é uma mulher respeitável. Agora que vi você, acho que ela foi sensata. Brinque lá fora o quanto quiser. É um lugar grande e você pode ir aonde quiser e se divertir como quiser. Há algo você queira? — disparou, como se um pensamento repentino o atingisse. — Você quer brinquedos, livros, bonecas?

— Posso... — tremeu Mary — posso ter um pedacinho de terra?

Em sua ansiedade, ela não percebeu como as palavras soariam estranhas e que não eram as que pretendia dizer. O sr. Craven pareceu bastante surpreso.

— Terra! — ele repetiu. — O que você quer dizer?

— Para plantar sementes... para fazer as coisas crescerem... para vê-las ganhar vida — Mary hesitou.

Ele olhou para ela e então passou a mão rapidamente sobre os olhos.

— Você... gosta tanto assim de jardins? — perguntou ele lentamente.

— Eu não sabia nada sobre eles na Índia — disse Mary. — Eu vivia doente e cansada e fazia muito calor lá. Às vezes eu fazia pequenos canteiros de areia e colocava flores neles. Mas aqui é diferente.

O sr. Craven se levantou e passou a caminhar vagarosamente pela sala.

— Um pedacinho de terra — murmurou para si mesmo, e Mary pensou que de alguma forma ela o fizera se lembrar de alguma coisa. Quando ele parou e se voltou para ela, seus olhos escuros pareciam quase suaves e gentis.

— Você pode ter quanta terra quiser — disse ele. — Você me lembra alguém que amava a terra e as coisas que crescem nela. Quando encontrar o pedaço de terra que deseja — e algo como um sorriso se formou em seu rosto —, fique com ele, criança, e dê vida a ele.

— Posso pegar de qualquer lugar... se ninguém estiver usando?

— De qualquer lugar — assegurou ele. — Pronto! Agora você precisa ir, estou cansado. — E tocou a

campainha para chamar a sra. Medlock. — Adeus. Ficarei fora o verão todo.

A sra. Medlock veio tão rápido que Mary pensou que ela devia ter ficado esperando no corredor.

— Sra. Medlock — o sr. Craven disse —, agora que vi a criança, entendo o que a sra. Sowerby quis dizer. Ela deve estar menos frágil antes de começar a ter aulas. Dê a ela comida simples e saudável. Deixe-a correr solta pelos jardins. Não a vigie demais. Ela precisa de liberdade, ar fresco e brincadeiras. A sra. Sowerby pode vir vê-la de vez em quando e ela pode ir algumas vezes para a cabana.

A sra. Medlock pareceu satisfeita. Ficou aliviada ao saber que não precisaria “vigiar” Mary “demais”. Sentiu como se uma carga fosse tirada de suas costas, embora já a visse o mínimo possível. Além disso, ela gostava da mãe de Martha.

— Obrigada, senhor — disse ela. — Susan Sowerby e eu fomos para a escola juntas e ela é a mulher mais sensata e de bom coração que conheço. Eu nunca tive filhos e ela teve doze, e nunca vi crianças mais saudáveis e educados. A srta. Mary estará segura com eles. Eu sempre seguiria o conselho de Susan Sowerby sobre crianças. Ela é o que se pode chamar de uma mente lúcida, se é que me entende.

— Entendo sim — respondeu o Sr. Craven. — Leve a srta. Mary agora e chame Pitcher para mim.

Quando a sra. Medlock a deixou no final de seu próprio corredor, Mary voou de volta para seu quarto.

Martha a esperava lá. Na verdade, Martha voltou correndo depois de retirar a louça do almoço.

— Eu posso ter meu jardim! — gritou Mary. — Posso tê-lo onde eu quiser! Não terei tutora por algum tempo! Sua mãe pode vir me ver e eu posso ir para a sua cabana! Ele disse que uma garotinha como eu não poderia fazer mal e que posso fazer o que eu quiser... em qualquer lugar!

— Eita! — exclamou Martha encantada. — Isso foi bondoso da parte dele, né?

— Martha — disse Mary solenemente —, ele é um homem realmente bom, mas seu rosto está muito cansado e sua testa toda enrugada.

Ela correu o mais rápido que pôde para o jardim. Esteve ausente muito mais tempo do que achava que deveria e sabia que Dickon teria de partir logo em sua caminhada de oito quilômetros. Quando ela deslizou pela porta sob a hera, viu que ele não estava trabalhando onde o havia deixado. As ferramentas de jardinagem estavam arrumadas juntas sob uma árvore. Ela correu para elas, olhando em volta, mas Dickon não estava à vista. Ele havia partido e o jardim secreto estava vazio... exceto pelo pisco, que acabara de voar por sobre o muro e pousar em uma roseira, observando-a.

— Ele se foi — disse ela tristemente. — Oh! Ele era... ele era... ele era apenas um ser da floresta?

Algo branco preso à roseira chamou sua atenção. Era um pedaço de papel — na verdade, era um pedaço da carta

que Martha enviara a ele. Estava preso no arbusto em um espinho comprido e, em um lampejo, ela soube que Dickon o havia deixado ali. Algumas letras de forma escritas grosseiramente criavam uma espécie de imagem. A princípio ela não sabia o que significavam. Então percebeu que era o desenho de um pássaro em seu ninho. Embaixo estavam as letras de forma que diziam:

— Eu vou voltar.

CAPÍTULO 13.

“ME CHAMO COLIN”

Mary levou o desenho para casa quando foi jantar e o mostrou a Martha.

— Eita! — exclamou Martha com muito orgulho. — Eu nunca imaginei que o nosso Dickon era tão inteligente. Ele fez o desenho de um pisco no ninho, mais perfeito e duas vez mais natural.

Então Mary entendeu que o desenho de Dickon era uma mensagem. Dizia que ela poderia ter certeza de que ele manteria seu segredo. Seu jardim era seu ninho e ela era o pisco. Ah, como ela gostava daquele garoto esquisito e simples!

Esperava que ele voltasse no dia seguinte e foi dormir ansiosa pela alvorada.

Mas o clima de Yorkshire é imprevisível, especialmente na primavera. Mary foi acordada no meio da noite com o som de fortes gotas contra a janela. Chovia torrencialmente e o vento uivava nas calhas e chaminés da enorme e antiga casa. Mary sentou-se na cama e se sentiu infeliz e com raiva.

— Quem está me irritando agora é a chuva — disse. — Veio porque sabia que eu não a queria.

Ela se jogou de volta no travesseiro e enterrou o rosto. Não chorou, mas ficou deitada. Odiava o som da chuva

forte, odiava o vento e seu uivo. E não conseguia dormir novamente. O som triste a mantinha acordada, pois alimentava sua tristeza. Se ela estivesse feliz, provavelmente teria adormecido novamente. Ele uivou muito, arremessando incontáveis e grandes gotas de chuva contra o vidro.

— Parece com uma pessoa vagando e chorando, perdida na charneca — observou ela.

Já estava acordada revirando-se na cama por cerca de uma hora, quando de repente algo a fez se sentar e voltar a cabeça em direção à porta. Ela ouviu, atenta.

— Agora não é o vento — sussurrou um tanto alto. — Isso não é o vento. É diferente. É aquele choro que já ouvi antes.

A porta de seu quarto estava entreaberta e o som vinha pelo corredor: era um choro agitado, distante e fraco. Continuou ouvindo por alguns minutos e a cada minuto se tornava mais e mais decidida. Mary sentia que precisava descobrir o que era. Aquilo parecia ainda mais estranho do que o jardim secreto e a chave enterrada. Talvez o fato de ela estar com um humor péssimo tenha lhe dado coragem. Pôs o pé para fora e saiu da cama.

— Vou descobrir o que é — disse ela. — Todo mundo ainda está dormindo e eu não me importo com a sra. Medlock... não me importo!

Ela pegou a vela ao lado da cama e saiu do quarto em silêncio. O corredor parecia muito longo e escuro, mas ela

estava animada demais para notar. Pensou que se lembrava do caminho que deveria tomar até o corredor curto com a porta coberta pela tapeçaria... aquela onde encontrou com a sra. Medlock no dia em que se perdeu. O som havia vindo daquela passagem. Então ela continuou, com sua luz fraca, quase tateando, seu coração batendo tão forte que achou que poderiam ouvi-lo. O choro distante e fraco continuava e a conduzia. Às vezes, parava por um momento e então começava de novo. Seria este o corredor que deveria pegar? Parou e pensou. Sim, era. Desça por esta passagem e depois vire à esquerda, depois suba dois lances largos e então para a direita novamente. Sim, ali estava a porta com a tapeçaria.

Ela empurrou o tecido com muito cuidado e ele se fechou atrás dela. Mary parou no corredor e pôde ouvir o choro claramente, embora não fosse alto. Estava do outro lado da parede à sua esquerda e alguns metros adiante havia uma porta. Ela podia ver uma luz na fresta da porta. Alguém chorava naquele quarto, e era alguém bem jovem.

Então foi até a porta e a abriu, e lá estava ela em pé dentro do cômodo!

Era um grande quarto com móveis antigos e refinados. O fogo queimava débil na lareira e um abajur brilhava ao lado de uma cama de quatro colunas esculpidas, decoradas com brocado. Deitado na cama estava um menino que chorava agitado.

Mary teve dúvidas se aquele lugar era real ou se havia adormecido novamente e agora sonhava sem saber.

O menino tinha um rosto fino e delicado, da cor de marfim, e parecia ter olhos desproporcionalmente grandes. Seus cabelos também caíam sobre a testa em mechas pesadas e faziam seu rosto magro parecer ainda menor. Ele parecia doente, mas chorava mais como se estivesse cansado e zangado do que com dor.

Mary se manteve perto da porta com a vela na mão, com sua respiração suspensa. Então se esgueirou pelo quarto e, ao se aproximar, sua luz atraiu a atenção do menino, que virou a cabeça sobre o travesseiro e a olhou fixamente. Seus olhos cinzentos e arregalados agora pareciam ainda maiores.

— Quem é você? — disse ele finalmente, em um sussurro meio assustado. — Você é um fantasma?

— Não, não sou — respondeu Mary, e seu próprio sussurro também soava um tanto assustado. — E você, é?

Ele a fitou longamente. Mary não pôde deixar de notar seus olhos estranhos. Eram cinza-ágata e pareciam grandes demais para seu rosto, pois tinham longos cílios negros.

— Não — ele respondeu depois de mais alguns momentos. — Me chamo Colin.

— Quem é Colin? — ela vacilou.

— Eu sou Colin Craven. E quem é você?

— Eu sou Mary Lennox. O sr. Craven é meu tio.

— Ele é meu pai — disse o menino.

— Seu pai! — Mary engasgou. — Ninguém nunca me disse que ele tinha um filho! Por que não?

— Venha cá — pediu ele, ainda mantendo seus olhos estranhos fixos nela com uma expressão ansiosa.

Ela se aproximou da cama e ele estendeu a mão e a tocou.

— Você é real, não é? — ele perguntou. — Eu sempre tenho sonhos muito reais. Talvez você seja um deles.

Mary havia vestido um manto de lã ao sair do quarto e colocou uma das pontas entre os dedos dele.

— Toque nisto e veja como é quente e espesso — disse ela. — Posso te beliscar, se quiser, para provar que sou real. Por um minuto pensei que você também fosse um sonho.

— De onde você veio? — ele perguntou.

— Do meu quarto. Eu não conseguia dormir com o vento soprando e ouvi alguém chorando. Queria saber quem era. Por que você estava chorando?

— Porque eu também não conseguia dormir e minha cabeça doía. Diga-me seu nome de novo.

— Mary Lennox. Ninguém nunca lhe contou que eu vim morar aqui?

Ele ainda tocava a dobra de lã, mas começava a acreditar cada vez mais na realidade.

— Não — respondeu ele. — Eles não ousariam.

— Por quê? — perguntou Mary.

— Porque eu teria medo de que você me visse. Não deixo as pessoas me verem e conversarem comigo.

— Por quê? — Mary perguntou novamente, sentindo-se mais perplexa a cada momento.

— Porque estou sempre assim, doente e preso nesta cama. Meu pai também não deixa ninguém falar comigo. Os criados não podem falar de mim. Se eu sobreviver, talvez me torne um corcunda, mas eu não vou. Meu pai odeia pensar que posso ser como ele.

— Oh, que casa mais estranha! — espantou-se Mary.
— Que casa esquisita! Tudo aqui é envolto em segredos. Os quartos e os jardins estão trancados... e agora, você! Você foi trancado?

— Não. Eu fico neste quarto porque não quero ser tirado dele. Fico muito cansado.

— Seu pai vem ver você? — Mary arriscou.

— Às vezes. Geralmente quando estou dormindo. Ele não gosta de me ver.

— Por quê? — Mais uma vez, Mary não se conteve.

Uma espécie de sombra de ódio passou pelo rosto do menino.

— Minha mãe morreu quando eu nasci e ele fica triste só de olhar para mim. Ele acha que eu não sei, mas já ouvi gente falando. Ele quase me odeia.

— Ele odeia o jardim porque ela morreu — disse Mary meio que para si mesma.

— Que jardim? — o menino perguntou.

— Ah, nada... é só um jardim de que ela gostava — gaguejou Mary. — Você sempre esteve aqui?

— Quase sempre. Às vezes sou levado a lugares no litoral, mas não fico porque as pessoas me encaram. Eu costumava usar uma coisa de ferro para manter minhas costas retas, mas um grande médico veio de Londres para me ver e disse que era um absurdo. Disse a eles para tirarem aquilo daqui e me manterem ao ar livre. Odeio ar fresco e não quero sair.

— Eu também odiava quando cheguei aqui — disse Mary. — Por que continua me olhando assim?

— Por causa dos sonhos que são tão reais — respondeu ele um tanto irritado. — Às vezes, quando abro os olhos, não acredito que estou acordado.

— Estamos ambos acordados — disse Mary. Ela olhou ao redor do quarto, seu teto alto, cantos sombrios e a fraca luz do fogo. — Parece um sonho, e estamos no meio da noite. Todos na casa estão dormindo... todos, menos nós. Estamos bem acordados.

— Não quero que seja um sonho — disse o menino inquieto.

Mary logo conjecturou.

— Se você não gosta que as pessoas o vejam, prefere que eu vá embora?

Ele ainda segurava a dobra de seu manto e deu um pequeno puxão.

— Não — disse ele. — Eu queria ter certeza de que você não era um sonho. Se você for real, sente-se naquele banquinho estofado e converse comigo. Quero que me conte sobre você.

Mary pousou a vela na mesa próxima à cama e sentou-se no banquinho. Ela não queria ir embora de jeito nenhum. Queria ficar no soturno quarto secreto e falar com o garoto misterioso.

— O que você quer que eu conte? — ela perguntou.

Ele queria saber há quanto tempo ela estava em Misselthwaite; queria saber em qual corredor ficava o quarto dela; queria saber o que ela andava fazendo; se ela não gostava da charneca como ele também não gostava; onde morou antes de vir para Yorkshire. Ela respondeu a todas essas perguntas e muitas mais, e ele deitou-se no travesseiro e a ouviu. Ele pediu que contasse tudo sobre a Índia e sobre sua viagem cruzando o oceano. Ela descobriu que, por ser inválido, ele não aprendera as coisas como as outras crianças. Uma de suas babás o ensinou a ler quando ainda muito pequeno e ele sempre lia e olhava as figuras em livros extraordinários.

Embora seu pai raramente o visse quando estava acordado, ele recebia todos os tipos de coisas maravilhosas para se divertir. Porém, parecia que nunca se divertia. Ele poderia ter qualquer coisa que pedisse e nunca fora obrigado a fazer nada que não gostasse.

— Todos são obrigados a fazer o que me agrada — disse com indiferença. — Fico doente de raiva. Ninguém acredita que vou sobreviver e crescer.

Pronunciou isso como se estivesse tão acostumado com a ideia que já não se importava mais. Ele parecia gostar do som da voz de Mary. Enquanto ela falava, ele a ouvia com um ar sonolento e interessado. Uma ou duas vezes ela se perguntou se ele não estava caindo aos poucos no cochilo. Mas, por fim, ele fez uma pergunta que abriu um novo assunto.

— Quantos anos você tem?

— Tenho dez anos — respondeu Mary, esquecendo-se de si mesma por um momento — assim como você.

— Como sabe disso? — ele se surpreendeu.

— Porque quando você nasceu, a porta do jardim foi trancada e a chave enterrada. E está trancada há dez anos.

Colin ameaçou se sentar, virando-se para ela e apoiando-se nos cotovelos.

— Qual porta do jardim estava trancada? Quem fez isso? Onde a chave foi enterrada? — ele inquiriu como se de repente estivesse muito interessado.

— É... era o jardim que o sr. Craven odeia — disse Mary, acuada. — Ele trancou a porta. Ninguém... ninguém sabia onde tinha enterrado a chave.

— Que tipo de jardim é esse? — Colin persistiu, ansioso.

— Ninguém estava autorizado a entrar nele por dez anos. — Foi a cuidadosa resposta de Mary.

Mas era tarde demais para ter cuidado. Ele era muito parecido com ela. Também não tinha nada em que pensar e a ideia de um jardim trancado o atraía tanto quanto a ela. Ele fez pergunta após pergunta. Onde ficava? Ela nunca tinha procurado a porta? Ela nunca perguntou aos jardineiros?

— Eles não falam sobre isso — explicou Mary. — Acho que foram instruídos a não responder perguntas.

— Eu os faria falar — disse Colin.

— Você poderia? — vacilou Mary, começando a se sentir assustada. Se ele pudesse fazer as pessoas responderem, quem saberia o que poderia acontecer!

— Todos são obrigados a me agradar. Já disse isso — repetiu. — Se eu sobreviver, este lugar algum dia será meu. Todos eles sabem disso. Eu os obrigaria a me dizer.

Mary não sabia que ela mesma era uma menina mimada, mas via claramente que aquele menino misterioso era. Ele pensava que o mundo inteiro pertencia a ele. Era um menino muito peculiar e falava friamente sobre a morte.

— Você acha que não vai viver? — perguntou ela, em parte por curiosidade e em parte na esperança de distraí-lo do jardim.

— Acho que não — respondeu com a mesma indiferença de antes. — Desde a minha primeira

lembrança, tenho ouvido as pessoas dizerem que não. No início pensaram que eu era muito pequeno para entender e agora acham que não ouço. Mas eu ouço. Meu médico é primo do meu pai. Ele é bastante pobre e se eu morrer, ele herdará Misselthwaite quando meu pai morrer. Acho que ele não gostaria que eu vivesse.

— Você quer viver? — perguntou Mary.

— Não — respondeu ele, de uma maneira zangada e cansada. — Mas eu não quero morrer. Quando me sinto doente, fico aqui deitado pensando nisso e choro sem parar.

— Já ouvi você chorar três vezes — disse Mary —, mas não sabia quem era. Você estava chorando por causa disso?

— Ela queria muito que ele se esquecesse do jardim.

— Isso mesmo — respondeu ele. — Vamos falar de outra coisa. Fale sobre aquele jardim. Você não quer vê-lo?

— Quero — respondeu Mary, com a voz bastante baixa.

— Eu quero — ele emendou, persistente. — Acho que nunca quis ver nada antes, mas quero ver esse jardim. Quero que desenterrem a chave. Quero a porta destrancada. Eu os deixaria me levar lá na minha cadeira. Isso seria tomar ar fresco. Vou fazê-los abrir a porta.

Ele ficou muito animado e seus olhos estranhos começaram a brilhar como estrelas e pareciam maiores do que nunca.

— Eles têm de me agradecer — continuou ele. — Vou fazer com que me levem lá e vou deixar você ir também.

As mãos de Mary se engancharam. Tudo iria por água abaixo, tudo! Dickon nunca mais voltaria. Ela nunca mais se sentiria como um pisco em um ninho escondido e seguro.

— Oh, não... não... não... não faça isso! — ela se exaltou.

Ele a olhou como se ela tivesse enlouquecido!

— Por quê? — ele exclamou. — Você disse que queria ver.

— Sim — ela respondeu quase com um soluço na garganta —, mas se você os obrigar a abrir a porta e entrar nele, nunca mais será um segredo.

Ele se inclinou ainda mais para a frente.

— Um segredo — disse ele. — O que você quer dizer?

As palavras de Mary quase tropeçaram umas nas outras.

— Olha... olha — ela ofegou —, se ninguém souber além de nós... que existe uma porta escondida em algum lugar debaixo da hera... se houver... nós poderíamos encontrá-la; e se pudéssemos passar por ela juntos e fechá-la depois, ninguém saberia que alguém entrou, e o jardim seria só nosso e fingiríamos que somos piscos e que aquele é o nosso ninho, e se brincássemos lá quase todos os dias e cavássemos e plantássemos sementes e fizéssemos tudo voltar à vida...

— Ele morreu? — ele a interrompeu.

— Morrerá logo, se ninguém cuidar dele — ela continuou. — Os bulbos viverão, mas as roseiras...

Ele a parou novamente, tão excitado quanto ela.

— O que são bulbos? — ele disparou.

— São narcisos, lírios e flocos-de-neve. Eles estão trabalhando na terra agora... brotando em pontos verde-claros porque a primavera está chegando.

— A primavera está chegando? — perguntou ele. — Como ela é? De dentro do quarto não dá para vê-la.

— É o sol brilhando quando chove e a chuva caindo quando está sol, e as coisas vão trabalhando e saindo de sob a terra — disse Mary. — Se o jardim continuasse secreto e pudéssemos entrar nele, poderíamos ver as coisas crescerem a cada dia e ver quantas roseiras ainda estão vivas. Você não entende? Ah, você não entende como seria mais bonito se fosse um segredo?

Ele recostou-se no travesseiro com uma expressão estranha no rosto.

— Nunca tive um segredo — disse ele —, exceto aquele sobre morrer e não crescer. Eles não sabem que eu sei disso, então é como se fosse um segredo. Mas gosto mais desse outro.

— Se você não os obrigar a levá-lo ao jardim — suplicou Mary —, talvez... tenho quase certeza de que em algum momento vou descobrir como entrar lá. E então... se o médico quiser que você saia em sua cadeira, e se você

sempre puder fazer o que quiser, talvez... talvez a gente encontre algum menino que empurre a sua cadeira, e poderíamos ir sozinhos e ele continuaria sendo um jardim secreto para sempre.

— Eu acho... que... gostaria... — disse ele muito lentamente, seus olhos pareciam enxergar um sonho. — Eu adoraria isso. Não me importaria com o ar fresco em um jardim secreto.

Mary começou a recuperar o fôlego e a se sentir mais segura, pois a ideia de guardar um segredo parecia agradá-lo. Ela tinha quase certeza de que se continuasse falando e pudesse fazê-lo imaginar o jardim em sua mente como ela o vira, ele gostaria tanto que não suportaria pensar que qualquer um poderia entrar nele quando quisesse.

— Vou te dizer como acho que seria, se pudéssemos entrar nele — disse ela. — Ele está fechado há tanto tempo que as coisas se tornaram um emaranhado.

Ele ficou imóvel e a ouviu contar sobre as roseiras que podiam ter escalado de árvore em árvore e se enroscado; sobre os muitos pássaros que poderiam construir seus ninhos ali por ser tão seguro. E então ela contou a ele sobre o pisco e Ben Weatherstaff, e havia tanto a contar sobre o pisco — e era tão fácil e seguro falar sobre isso — que ela se esqueceu do medo. O pisco o agradou tanto que ele sorriu até ficar quase belo, e a princípio Mary pensou

que ele era ainda mais comum do que ela, com seus olhos grandes e pesadas mechas de cabelo.

— Eu não sabia que pássaros podiam ser assim — disse ele. — Mas quando você só fica em um quarto, nunca vê essas coisas. Quantas coisas você sabe. Sinto como se você já tivesse entrado naquele jardim.

Ela não sabia o que dizer, então não disse nada. Ele evidentemente não esperava uma resposta e no momento seguinte fez uma surpresa a ela.

— Vou deixar você ver uma coisa — disse ele. — Sabe aquela cortina de seda rosa na parede da lareira?

Mary não a notara antes, mas olhou para cima e a viu. Era uma cortina de seda leve pendurada sobre o que parecia uma pintura.

— Sim — ela respondeu.

— Há uma corda pendendo dela — disse Colin. — Vá até lá e puxe.

Mary se levantou, perplexa, e encontrou o cordão. Quando ela o puxou, os anéis da cortina de seda deslizaram no bastidor e revelaram uma imagem. Era a foto de uma menina com um rosto alegre. Ela tinha os cabelos brilhantes presos com uma fita azul e seus olhos fulgurantes e adoráveis eram exatamente como os infelizes de Colin, cinza-ágata, e pareciam duas vezes maiores do que realmente eram em razão dos cílios pretos ao redor deles.

— Ela é a minha mãe — disse Colin em um lamento. — Não entendo por que ela morreu. Às vezes eu a odeio por ter feito isso.

— Que estranho! — disse Mary.

— Se ela tivesse vivido, acho que eu não teria ficado tão doente — reclamou. — Até acho que eu também sobreviveria. E meu pai não odiaria olhar para mim. Ouso dizer que eu até teria as costas mais fortes. Agora pode fechar a cortina.

Mary obedeceu e voltou para o banquinho.

— Ela é muito mais bonita que você — observou ela —, mas seus olhos são iguais... pelo menos têm a mesma forma e cor. Por que tem uma cortina sobre ela?

Ele se moveu desconfortavelmente.

— Eu mandei fazerem isso — disse ele. — Às vezes não gosto que ela fique olhando para mim. Ela sorri demais quando estou doente e infeliz. Além disso, ela é minha mãe e não quero que ninguém a veja.

Depois de alguns momentos de silêncio, Mary perguntou:

— O que a sra. Medlock faria se descobrisse que eu estive aqui?

— Ela faria o que eu dissesse para fazer — respondeu ele. — E eu diria a ela que quero que você venha aqui e converse comigo todos os dias. Estou feliz que você tenha vindo.

— Eu também — disse Mary. — Virei sempre que puder, mas — hesitou — vou procurar a porta do jardim todos os dias.

— Sim, você precisa encontrar — Colin animou-se —, e depois venha me contar.

Ele refletiu por alguns minutos, como fizera antes, e então continuou:

— Acho que você também será um segredo. Não vou contar até que descubram. Sempre posso mandar a enfermeira sair do quarto e dizer que quero ficar sozinho. Você conhece a Martha?

— Sim, conheço muito bem — disse Mary. — Ela é minha criada.

Ele acenou com a cabeça em direção ao corredor externo.

— É ela quem está dormindo no outro quarto. A enfermeira foi embora ontem para ficar a noite toda com a irmã e sempre manda Martha me atender quando ela sai. Martha avisará quando você deve vir aqui.

Então Mary entendeu o olhar preocupado de Martha ao ouvir suas perguntas sobre o choro.

— Martha sabia de você o tempo todo? — ela quis saber.

— Sim, ela sempre cuida de mim. A enfermeira não gosta muito de ficar comigo e então chama Martha.

— Estou aqui há muito tempo — comentou Mary. — Devo ir embora agora? Seus olhos parecem sonolentos.

— Queria muito dormir antes de você ir embora — disse ele um tanto timidamente.

— Feche os olhos — pediu Mary, puxando o banquinho para mais perto —, e farei o que minha aia costumava fazer na Índia. Vou dar tapinhas e acariciar a sua mão, e cantar algo bem baixinho.

— Acho que será muito bom — disse ele sonolento.

De alguma forma, ela sentia pena dele e não queria que ficasse acordado, então encostou-se na cama e começou a acariciar e tamborilar sua mão, sussurrando uma cantilena em hindustâni.

— Isso é bom — disse ele ainda mais sonolento, e ela continuou cantando e acariciando-o. Quando olhou novamente para ele, seus cílios negros repousavam sobre suas bochechas, pois dormia profundamente. Então ela se levantou em silêncio, pegou sua vela e se afastou sem fazer nenhum ruído.

CAPÍTULO 14.

UM JOVEM RAJÁ

A charneca estava escondida pela névoa quando a manhã chegou e a chuva não parava de cair. Não havia como brincar lá fora. Martha estava tão ocupada que Mary sequer teve oportunidade de conversar com ela, mas à tarde pediu-lhe que se sentassem juntas no quarto de brincar. A criada veio trazendo a meia que sempre tricotava quando não tinha outras tarefas.

— Qual é o seu problema? — ela perguntou assim que se sentaram. — Parece que ocê quer me falar alguma coisa.

— Sim. Eu descobri o que era o choro — disse Mary.

Martha deixou o tricô cair sobre os joelhos e olhou para ela com olhos assustados.

— Ocê não! — ela exclamou. — Nunca!

— Eu o ouvi ontem à noite — continuou Mary. — Me levantei e fui ver de onde vinha. Era Colin. Eu o conheci.

O rosto de Martha ficou vermelho de medo.

— Eita! Dona Mary! — ela disse, quase chorando. — Cê num devia ter feito isso... num devia! Cê vai me deixar em apuro. Eu nunca te disse nada sobre ele... mas cê vai me deixar em apuro. Eu vou perder meu emprego, e aí o que a mãe vai fazer?

— Você não vai perder seu emprego — Mary a acalmou. — Ele ficou feliz por eu ter ido. Nós conversamos muito e ele ficou feliz por eu estar lá.

— Ele ficou feliz? — exclamou Martha. — Tem certeza? Cê num sabe como ele fica quando alguma coisa irrita ele. Já é um rapaz grande pra chorar como bebê, mas quando tá bravo grita só pra assustar a gente. Ele sabe que a gente num pode fazer nada.

— Ele não ficou irritado — disse Mary. — Eu perguntei se ele preferia que eu saísse, mas ele me pediu para ficar. E me fez perguntas e eu me sentei em um banquinho e conversei com ele sobre a Índia e sobre o pisco e os jardins. Ele não me deixou sair. Ele me mostrou a foto de sua mãe. Antes de deixá-lo, cantei para ele dormir.

Martha quase engasgou de espanto.

— Eu nem consigo acreditar em ocê! — protestou. — É como se tivesse entrado direto na cova de um leão. Se ele fizesse do jeito que sempre faz, teria um acesso de raiva e acordado a casa inteira. Ele não deixa os estranho olhar pra ele.

— Mas ele me deixou. Eu olhei para ele o tempo todo e ele olhava para mim. Nós nos encaramos! — disse Mary.

— Num sei nem o que fazer! — exclamou Martha, agitada. — Se a sra. Medlock descobrir, ela vai pensar que eu quebrei as ordem e contei pra ocê e aí vai me mandar de volta pra minha mãe.

— Ele ainda não vai contar nada sobre isso à sra. Medlock. Será uma espécie de segredo no começo — disse Mary com firmeza. — E ele disse que todos são obrigados a fazer o que ele bem entender.

— É, isso é bem verdade... ô menino ruim! — suspirou Martha, enxugando a testa com o avental.

— Ele disse que a sra. Medlock o obedecerá. E ele quer que eu vá conversar com ele todos os dias. E que você deve me dizer quando ele quiser que eu vá.

— Eu! — disse Martha. — Vou perder meu emprego... vou sim!

— Você não perderá se fizer o que ele quer que você faça e se todo mundo tem ordens para obedecê-lo — argumentou Mary.

— Cê tá querendo dizer... — exclamou Martha com os olhos arregalados — que ele foi gentil com ocê?

— Acho que ele quase gostou de mim — respondeu Mary.

— Então cê deve ter enfeitiçado ele! — julgou Martha, respirando fundo.

— Você quer dizer magia? — perguntou Mary. — Já ouvi falar dos feitiços na Índia, mas não tenho esse dom. Assim que entrei no quarto fiquei tão surpresa em vê-lo que paralizei. Então ele se virou e me encarou. E achou que eu era um fantasma ou um sonho e até pensei que talvez fosse mesmo. E foi muito estranho estarmos ali sozinhos no meio da noite, sem termos nos conhecido antes.

Começamos a fazer perguntas um ao outro. E quando perguntei se eu deveria ir embora, ele disse que não.

— Acabou-se o mundo! — Martha engasgou.

— Qual doença ele tem? — perguntou Mary.

— Ninguém sabe direito — disse Martha. — O sr.

Craven enlouqueceu quando ele nasceu. Os médicos acharam que teriam de colocar ele num hospício. Foi porque a sra. Craven morreu, como eu já contei pra ocê. Ele não queria nem olhar pro nenê. Ele gritava e dizia que seria outro corcunda igual ele e que seria melhor que morresse.

— O Colin é corcunda? — Mary perguntou. — Não me pareceu.

— Ele ainda não é — explicou Martha. — Mas nasceu já todo torto. A mãe fala que tem tanto problema e raiva nesta casa que deixa qualquer criança doente. Eles temia que as costas dele fosse fraca e sempre cuidaram disso... deixam ele sempre deitado e sem andar. Uma vez, obrigaram ele a usar uma cinta, mas ele ficou tão incomodado que caiu doente na hora. Então um médico famoso veio e mandou tirar. Ele conversou muito bravo com o outro médico, mas foi educado. Ele disse que estavam dando muito remédio ao menino e que deixavam ele fazer o que queria demais.

— Acho que ele é um menino muito mimado — disse Mary.

— Ele sempre foi ruim assim! — concordou Martha. — Não vou dizer que ele não é um pouco doente. Ele teve tosse e resfriado e quase morreu disso umas duas ou três vezes. Uma vez ele teve febre reumática e outra vez teve tifoide. Eita! A sra. Medlock quase teve um treco. Ele tava delirano de febre e ela falou com a enfermeira na frente dele, pensano que ele num tava ouvino, e ela disse: “Desta vez é certeza que ele vai morrer, e será melhor para ele e para todos nós”. Então ela olhou pra ele e ele tava com aqueles olho grande, olhano pra ela lúcido igual a uma coruja. Ela ficou sem saber o que fazer, mas ele só olhou para ela e falou: “Me dá um pouco de água e pare de falar”.

— Você acha que ele vai morrer? — perguntou Mary.

— A mãe fala que não tem motivo pra uma criança viver sem ar fresco e sem fazer nada além de deitar de costa e ler livro com foto e tomar remédio. Ele é fraco e não gosta da trabalhadeira que dá ser levado pra fora de casa, e ele pega resfriado tão fácil que fala que sair deixa ele doente.

Mary se sentou e olhou para o fogo.

— Quería saber — disse ela, pensativa —, se não faria bem a ele ir a um jardim e ver as coisas crescendo. Isso me fez muito bem.

— Um dos pior ataque que ele já teve — contou Martha —, foi uma vez que levaram ele pra um lugar onde as roseira cresce perto da fonte. Ele tinha lido num jornal que as pessoa pegavam um negócio que ele chamou de

“resfriado de roseira” e ele começou a espirrar e falou que tinha pegado e então um jardineiro novo que não conhecia as regra tava passano e olhou para ele curioso. Ele ficou louco e disse que o homem olhou para ele porque ele ia ser corcunda. Ele começou a chorar até ficar com febre e passou a noite doente.

— Se ele fizer isso comigo, nunca mais irei vê-lo — disse Mary.

— Se ele quiser, vai te obrigar — alertou Martha. — Melhor cê saber disso desde já.

Logo depois, uma sineta tocou e ela enrolou seu tricô.

— Aposto que a enfermeira quer que eu fique um pouco com ele — disse. — Espero que teja de bom humor.

Saiu do quarto e voltou dez minutos depois com uma expressão intrigada.

— Bom, cê enfeitiçou ele — comentou ela. — Ele tá de pé no sofá com seus livro de foto. Disse pra enfermeira sair até às seis hora. E eu tenho que esperar no quarto do lado. No minuto em que ela saiu, ele me chamou e falou: “Quero que Mary Lennox venha conversar comigo, e lembre-se de não contar a ninguém. Vá logo, sem perda de tempo”.

Mary estava bastante disposta a ir imediatamente. Ela não queria ver Colin tanto quanto queria ver Dickon, mas queria muito vê-lo.

Quando ela entrou no quarto, havia um fogo forte na lareira, e à luz do dia pôde perceber que era um cômodo muito bonito. Havia cores vivas nos tapetes, cortinas,

quadros e livros nas prateleiras, o que fazia o quarto parecer claro e confortável, mesmo com o céu cinza e a chuva. O próprio Colin parecia uma pintura. Estava enrolado em um roupão de veludo, sentado contra uma grande almofada de brocado. Tinha uma mancha vermelha em cada bochecha.

— Entre — convidou ele. — Fiquei pensando em você a manhã toda.

— Também tenho pensado em você — respondeu Mary. — Você não sabe o quanto Martha está assustada. Ela disse que a sra. Medlock vai pensar que foi ela quem me contou sobre você e a mandará embora.

Ele franziu a testa.

— Vá e diga para ela vir aqui — pediu ele. — Ela está no quarto ao lado.

Mary foi e voltou com ela. A pobre Martha tremia como vara verde. Colin ainda estava carrancudo.

— Você é obrigada a fazer o que eu quero ou não? — ele inquiriu.

— Tenho que fazer o que o senhor quiser — Martha titubeou, muito corada.

— Medlock tem que fazer o que eu quero?

— Todo mundo tem, senhor — confirmou Martha.

— Bem, então, se eu ordeno que você traga a srta.

Mary para mim, como Medlock poderia mandá-la embora se descobrisse?

— Por favor, não deixe, senhor — implorou Martha.

— Vou mandá-la embora se ela se atrever a dizer uma palavra sobre isso — afirmou o patrão Craven, arrogante.

— Ela também não gostaria nada disso, aposto.

— Obrigada, senhor — disse, com uma reverência. — Quero cumprir meu dever, senhor.

— O seu dever é fazer o que eu mando. — O tom de Colin foi ainda mais arrogante. — Você está protegida. Agora saia.

Quando a porta se fechou atrás de Martha, Mary olhava para Colin como se ele a tivesse feito raciocinar.

— Por que me olha assim? — perguntou ele. — O que você achou?

— Estou pensando em duas coisas.

— O quê? Sente-se e me conte.

— A primeira é que... — começou Mary, sentando-se no banquinho — uma vez, na Índia, vi um menino que era um rajá. Ele tinha rubis, esmeraldas e diamantes grudados nele. Ele falava com seu povo assim como você fala com Martha. Todos tinham de fazer tudo o que ele mandava... imediatamente. Eu acho que eles teriam sido mortos se não o fizessem.

— Vou pedir para você me contar mais sobre os rajás daqui a pouco — pediu Colin —, mas primeiro, me diga qual é a segunda coisa.

— Eu estava pensando — disse Mary —, como você é diferente de Dickon.

— Quem é Dickon? — perguntou. — Que nome esquisito!

Talvez ela pudesse contar a ele, pois achava possível falar de Dickon sem mencionar o jardim secreto. Ela gostava de ouvir Martha falar sobre Dickon. Além disso, queria muito falar dele. Era como se isso o trouxesse para mais perto.

— Ele é irmão da Martha. Tem doze anos — explicou ela. — Ele é diferente de todo mundo. Sabe encantar raposas, esquilos e pássaros, assim como os nativos da Índia encantam as cobras. Ele toca uma melodia muito suave em uma flauta e eles ouvem e vêm.

Havia alguns livros grandes em uma mesa ao seu lado e de repente ele puxou um em sua direção.

— Há uma foto de um encantador de serpentes neste — exclamou. — Venha ver.

O livro era lindo, com incríveis ilustrações coloridas, e ele apontou para uma delas.

— Ele pode fazer isto? — perguntou ansiosamente.

— Ele tocava sua flauta e eles ouviam — explicou Mary. — Mas ele não chama isso de feitiçaria. Ele diz que é porque ele fica muito na charneca e conhece os costumes deles. Diz que às vezes se sente como se fosse um pássaro ou um coelho, e tem um grande amor por eles. Acho ele fez perguntas ao pisco. Parecia que eles conversavam entre si com gorjeios.

Colin deitou-se na almofada e seus olhos ficaram cada vez maiores, assim como as manchas em suas bochechas.

— Conte-me um pouco mais sobre ele — pediu.

— Ele sabe tudo sobre ovos e ninhos — continuou Mary. — E sabe onde vivem as raposas, os texugos e as lontras. Não comenta nada sobre os animais, para que outros meninos não encontrem suas tocas e façam mal a eles. Dickon sabe de tudo o que cresce ou vive na charneca.

— Ele gosta da charneca? — Colin interessou-se. — Como ele pode gostar de um lugar tão grande, vazio e triste?

— É o lugar mais lindo que conheço — protestou Mary. — Há milhares de coisas adoráveis crescendo nela e milhares de criaturinhas ocupadas construindo ninhos, fazendo buracos e tocas e se mexendo, cantando ou falando uns com os outros. Eles estão sempre ocupados e se divertindo muito debaixo da terra ou nas árvores e urzes. É o mundo deles.

— Como você sabe disso tudo? — indagou Colin, virando-se sobre o cotovelo para olhar para ela.

— Eu nunca estive lá, é verdade — disse Mary, lembrando-se de repente. — Eu só passei por ali no escuro. Achei horrível. Martha me contou sobre essas coisas primeiro e depois Dickon. Quando Dickon fala sobre a charneca, você sente como se tivesse visto e ouvido as mesmas coisas e como se estivesse ao lado das urzes com o

sol brilhando e o tojo cheirando a mel... e todas aquelas abelhas e borboletas.

— Nunca se vê nada quando se está doente — disse Colin, inquieto. Parecia ouvir um novo som à distância e imaginava o que era.

— É impossível se você só ficar no quarto — apontou Mary.

— Eu não poderia ir à charneca — disse ele em um tom ressentido.

Mary ficou em silêncio por um minuto e então disse algo ousado:

— Você poderia... quem sabe?

Ele se moveu como se estivesse assustado.

— Ir na charneca! Como? Eu vou morrer.

— Como você sabe? — protestou Mary, antipática. Ela não gostou do jeito que ele falou sobre morrer e se sentiu muito solidária. Quase parecia que ele se gabava disso.

— Ah, eu ouço isso desde que me lembro — respondeu irritado. — Estão sempre sussurrando e acham que não percebo. Eles gostariam que eu morresse.

Dona Mary se sentiu totalmente irritada e apertou os lábios.

— Se alguém quisesse que eu morresse — disse ela —, eu não morreria, só de pirraça. Quem gostaria que você morresse?

— Os criados... e, é claro, o dr. Craven, porque ele herdaria Misselthwaite e ficaria rico, em vez de pobre como

é. Ele não se atreve a dizer isso, mas sempre parece mais alegre quando eu pioro. Quando eu tive febre tifoide, sua cara ficou até mais gorda. Acho que meu pai também gostaria.

— Eu não acredito que ele gostaria — retrucou Mary, bastante obstinada.

Aquilo fez Colin se virar e olhar para ela novamente.

— Acha que não? — ele disse.

Então ele se recostou na almofada e ficou imóvel, como se estivesse refletindo. Houve um longo silêncio. Talvez ambos estivessem pensando coisas estranhas que crianças geralmente não pensariam.

— Eu gosto do médico famoso de Londres porque ele mandou que tirassem a coisa de ferro — comentou Mary, finalmente. — Ele disse que você ia morrer?

— Não.

— O que ele disse?

— Ele não sussurrou — Colin respondeu. — Talvez ele soubesse que eu odeio sussurros. Ouvi ele dizer uma coisa bem alto. Ele disse: “O menino poderia viver se acreditasse nisso. Melhorem seu humor”. Ele parecia zangado.

— Eu vou te contar quem talvez pudesse melhorar o seu humor — disse Mary, pensativa. Ela gostaria que tudo fosse resolvido de uma forma ou de outra. — Acho que Dickon conseguiria. Ele está sempre falando sobre coisas vivas. Nunca fala sobre coisas mortas ou coisas que estão doentes. Está sempre olhando para os pássaros voando no

céu... ou olhando as coisas que crescem na terra. Ele tem olhos azuis muito redondos e atentos para olhar em volta. Ele ri uma gargalhada tão gostosa com sua boca larga... e suas bochechas são coradas... coradas como cerejas. — Ela puxou seu banquinho para mais perto do sofá e sua expressão mudou completamente com a lembrança da boca larga e curvada e dos olhos bem abertos.

— Olha — continuou ela. — Não vamos falar sobre morte; eu não gosto disso. Vamos falar sobre viver. Vamos falar mais sobre Dickon. E vamos ver esses desenhos.

Foi a melhor coisa que ela poderia ter dito. Falar sobre Dickon significava falar sobre a charneca e sobre a cabana e as quatorze pessoas que viviam nela com dezesseis xelins por semana... e sobre as crianças que engordavam com a grama da charneca como os pôneis selvagens. E sobre a mãe de Dickon... e a corda de pular... e o horizonte ensolarado... e sobre as pontas verde-claras projetando-se do gramado escuro. E era tudo tão vivo que Mary falava mais do que jamais havia falado antes. Colin falava e ouvia como nunca havia feito antes. E os dois começaram a rir do nada, como fazem as crianças quando estão juntas e felizes. E eles riram tanto, com tanto barulho, que pareciam duas criaturas normais e saudáveis de dez anos de idade — em vez de uma menina rígida, pequena e amarga e um menino doente que achava que iria morrer.

Eles se divertiram tanto que se esqueceram dos desenhos e da hora. Riram muito alto sobre Ben

Weatherstaff e seu piscos, e Colin sentou-se como se tivesse esquecido sua fraqueza nas costas, quando de repente lembrou-se de algo:

— Sabia que há uma coisa em que nunca pensamos? — disse ele. — Nós somos primos.

Parecia tão estranho que tivessem conversado tanto sem se lembrar desse simples fato que riram mais do que nunca, porque estavam com o humor para rir de tudo. E no meio da diversão a porta se abriu e entraram o dr. Craven e a sra. Medlock.

O dr. Craven ficou alarmado, e a sra. Medlock quase caiu para trás, porque ele acidentalmente esbarrou nela.

— Bom Deus! — exclamou a pobre sra. Medlock, com os olhos quase saltando das órbitas. — Bom Deus!

— O que é isto? — disse o dr. Craven, avançando. — O que significa isto?

Então Mary se lembrou do menino rajá novamente. Colin respondeu como se nem o sobressalto do médico nem o terror da sra. Medlock tivessem a menor importância. Ele estava tão pouco perturbado que parecia que uma mosca e um mosquito tivessem entrado no quarto.

— Esta é minha prima, Mary Lennox — afirmou ele. — Pedi que viesse conversar comigo. Gosto dela. Ela deve vir e conversar comigo sempre que eu mandar chamá-la.

O dr. Craven voltou-se com ar de reprovação para a sra. Medlock.

— Oh, senhor — ela ofegou. — Não sei como isto aconteceu. Nenhum criado aqui se atreveu a contar... todos eles têm suas ordens.

— Ninguém disse nada a ela — continuou Colin. — Ela me ouviu chorar e me encontrou. Estou feliz que tenha vindo. Não seja ridícula, Medlock.

Mary notou que o dr. Craven não parecia satisfeito, mas estava claro que ele não ousaria se opor ao paciente. O médico se sentou ao lado de Colin e sentiu seu pulso.

— Receio que tenha se agitado demais. Agitação não é bom para você, meu menino — declarou.

— Eu ficaria agitado se ela ficasse longe — respondeu Colin, seus olhos começando a brilhar perigosamente. — Estou melhor. Ela me faz melhorar. A enfermeira deve trazer o chá dela junto com o meu. Tomaremos chá juntos.

A sra. Medlock e o dr. Craven se entreolharam de maneira preocupada, mas evidentemente não havia nada a ser feito.

— Ele parece muito melhor, senhor — arriscou a sra. Medlock. — Mas, pensando no assunto, ele já parecia melhor hoje cedo, antes que ela viesse para o quarto.

— Ela veio aqui ontem à noite. Ficou comigo por muito tempo. Ela cantou uma canção em hindustâni para que eu dormisse — disse Colin. — Eu estava melhor quando acordei, queria meu café da manhã. Quero meu chá agora. Chame a enfermeira, Medlock.

O dr. Craven não ficou por muito tempo. Conversou com a enfermeira por alguns minutos quando ela entrou no quarto e disse algumas palavras de advertência a Colin. Que ele não devia falar muito; que não devia se esquecer de que estava doente; que não devia se esquecer de que se cansava facilmente. Mary entendeu que havia uma série de coisas desagradáveis das quais ele não deveria se esquecer.

Colin pareceu preocupado e manteve seus estranhos olhos de cílios pretos fixos no rosto do dr. Craven.

— Eu quero esquecer tudo isso — declarou finalmente.
— Ela me faz esquecer. É por isso que eu a quero aqui.

O dr. Craven não parecia feliz ao sair do quarto. Deixou um olhar perplexo para a menina sentada no banquinho almofadado. Ela havia voltado a ser uma criança rígida e silenciosa assim que entraram no quarto, e o médico não conseguia entender o motivo da atração. O menino realmente parecia mais empolgado, entretanto... Enfim suspirou pesadamente e seguiu pelo corredor.

— Eles estão sempre querendo que eu coma quando eu não quero — resmungou Colin, enquanto a enfermeira colocava o chá na mesa perto do sofá. — Agora, se você comer, eu também como. Estes bolinhos parecem muito gostosos e quentes. Fale mais sobre os rajás.

CAPÍTULO 15.

CONSTRUINDO NINHOS

Depois de mais de uma semana de chuva, o alto arco azul do céu apareceu novamente e o sol derramou seu calor. Mesmo sem ter podido ver o jardim secreto ou Dickon, dona Mary se divertiu muito. A semana não pareceu longa. Ela passava muitas horas do dia no quarto de Colin, falando sobre rajás, jardins, Dickon e sobre a cabana na charneca. Folhearam livros e viram fotos esplêndidas, e às vezes Mary lia coisas para Colin, outras vezes ele lia um pouco para ela. Quando ele se divertia e se animava, ela notava que mal se parecia com um inválido, exceto por seu rosto, que continuava muito pálido, e também porque ele não saía do sofá.

— Você é uma menininha enxerida para sair da cama e seguir as coisas como fez naquela noite — a sra. Medlock disse certa vez. — Mas não há como negar que foi uma espécie de bênção para todos nós. Ele não teve mais acessos de raiva ou fez suas choradeiras desde que vocês ficaram amigos. A enfermeira ia desistir do caso porque já estava cansada dele, mas agora diz que não se importa em ficar, já que você divide o serviço com ela. — E riu um pouco.

Em suas conversas com Colin, Mary tentava ser muito cautelosa sobre o jardim secreto. Havia certas coisas que

ela queria descobrir sobre ele, mas sentia que não deveria fazer perguntas diretas. Em primeiro lugar, quando começou a gostar de estar com ele, quis saber se ele era o tipo de menino para quem se poderia confiar um segredo. Ele não era nem um pouco parecido com Dickon, mas estava evidentemente tão satisfeito com a ideia de um jardim do qual ninguém soubesse que ela pensou que talvez fosse confiável. Ainda assim, ela não o conhecia há tempo suficiente para ter certeza. A segunda coisa que queria descobrir era: se ele fosse confiável — *de verdade* —, como seria possível levá-lo ao jardim sem que ninguém descobrisse? O famoso médico dissera que ele precisava de ar fresco e Colin disse que não se importaria com o ar fresco em um jardim secreto. Talvez se ele tomasse bastante ar fresco, se conhecesse Dickon e o pisco, e visse a vegetação brotando, deixaria de pensar tanto em morrer. Mary havia se olhado no espelho algumas vezes ultimamente, e se percebeu uma criatura bem diferente da criança que viera da Índia. Esta criança parecia mais interessante. Até Martha notou uma mudança nela.

— O ar da charneca já te fez bem — disse ela. — Cê num é mais aquela gritona magricela de antes. Até o seu cabelo não fica mais escorrido na cabeça. Tem um pouco de vida nele, então fica mais viçoso.

— Ele está como eu — alegrou-se Mary. — Está ficando mais forte e robusto. Tenho certeza de que vai melhorar mais.

— Parece mesmo — concordou Martha, enrugando um pouco o rosto. — Não tá nem metade tão feia e tem um pouco de vermelho nas bochecha.

Se jardins e ar fresco fossem bons para ela, talvez fossem bons para Colin também. No entanto, se ele odiava que as pessoas olhassem para ele, talvez não gostasse de ver Dickon.

— Por que você fica com raiva quando te olham? — ela perguntou um dia.

— Eu sempre odiei — ele respondeu —, desde bem pequeno. Aí quando me levavam para a praia e eu ficava na minha cadeira, todo mundo me olhava e as senhoras paravam e falavam com a minha babá, e então começavam a sussurrar e eu sabia que estavam dizendo que talvez eu não vivesse para me tornar adulto. Então, às vezes, as mulheres apertavam minhas bochechas e diziam “Pobre criança!”. Uma vez, quando uma mulher fez isso, eu gritei e mordi a mão dela. Ela ficou com tanto medo que fugiu.

— Ela achou que você tinha ficado louco como um cachorro — comentou Mary, nem um pouco admirada.

— Não me importo com o que ela pensou — esbravejou Colin, franzindo a testa.

— E por que será que você não gritou e me mordeu quando entrei no seu quarto? — brincou Mary, abrindo um sorriso.

— Achei que você fosse um fantasma ou um sonho — disse ele. — Não dá para morder fantasmas e sonhos, e se você gritar eles nem ligam.

— Você odiaria se... um menino olhasse para você? — Mary perguntou hesitante.

Ele deitou-se na almofada e ficou pensativo.

— Tem um menino... — disse bem devagar, como se escolhesse cada palavra — tem um menino que acho que eu não me importaria. É aquele menino que sabe onde vivem as raposas... o Dickon.

— Tenho certeza de que você não se importaria com ele — afirmou Mary.

— Os pássaros não se importam, e nem outros animais — continuou ele, ainda pensativo. — Talvez por isso eu não me importasse. Ele é uma espécie de encantador de animais e eu sou um menino-animal.

Então ele riu e ela também; na verdade, os dois riram muito e acharam engraçada a ideia de um menino-bicho saindo de uma toca.

Em seguida, Mary sentiu que não precisava temer por Dickon.

Naquela primeira manhã, quando o céu voltou a ser azul, Mary acordou muito cedo. O sol caía em raios oblíquos através das persianas e havia algo tão alegre na paisagem que ela pulou da cama e correu para a janela. Abriu as cortinas e uma grande lufada de ar fresco e perfumado soprou em seu rosto. A charneca estava azul e

parecia como se o mundo inteiro estivesse enfeitado. Ouvia-se sons discretos e suaves em toda parte, como se dezenas de pássaros estivessem começando a afinar suas vozes para um concerto. Mary colocou a mão para fora da janela e a deixou ao sol.

— Está quente... quente! — exclamou. — Isso fará com que os pontos verdes cresçam mais e mais, e fará com que os bulbos e as raízes trabalhem e lutem com todas as suas forças sob a terra.

Ela se ajoelhou e se inclinou para fora da janela o máximo que pôde, respirando fundo e farejando o ar, até que riu porque se lembrou do que a mãe de Dickon dizia sobre a ponta do nariz dele tremer como o focinho de um coelho.

— Ainda deve ser muito cedo — disse ela. — As nuvenzinhas estão todas rosadas e nunca vi o céu assim. Ninguém acordou ainda. Nem mesmo ouço os rapazes do estábulo.

Um pensamento repentino a fez ficar de pé.

— Mal posso esperar! Vou ver o jardim!

Ela já havia aprendido a se vestir sozinha e colocou suas roupas em cinco minutos. Conhecia uma pequena porta lateral que conseguia abrir, e voou escada abaixo ainda só de meias, parando para calçar os sapatos no corredor. Desacorrentou, desaferrrolhou e destrancou a porta, e logo saltou os degraus. Lá estava ela, em pé sobre a grama que agora parecia mais verde. O sol caía sobre ela

e sopros quentes e doces vibravam ao redor. O chilreio e o canto dos pássaros vinham de todos os arbustos e árvores. Juntou as mãos com pura alegria e olhou para o céu, que estava muito azul, rosa, perolado e branco, e inundado com a luz da primavera, parecendo convidá-la a dançar e a cantar como os piscos, tordos e cotovias que também não conseguiam se conter. Ela correu em volta dos arbustos e calçadas em direção ao jardim secreto.

— Já está tudo diferente — notou. — A grama está mais verde e as coisas estão despontando por toda parte, tudo está desabrochando e os brotos verdes das folhas estão crescendo. Tenho certeza de que Dickon virá esta tarde.

A demorada chuva quente havia feito coisas estranhas aos canteiros que delimitavam a calçada do primeiro muro. Havia plantas brotando e crescendo dos montes de raízes e, na verdade, havia aqui e ali vislumbres de cor violeta e amarela despontando entre os caules dos açafrões. Seis meses antes, dona Mary não teria enxergado esse mundo despertando, mas agora não perdia nada.

Quando alcançou o local onde a porta se escondia sob a hera, foi surpreendida por um curioso ruído. Era o crocitar de um corvo e vinha do topo do muro. Quando olhou para cima, lá estava um grande pássaro preto-azulado de plumagem brilhante, olhando para ela com muita sabedoria. Ela nunca tinha visto um corvo tão de perto, o que a deixou um pouco nervosa, mas no

momento seguinte ele abriu as asas e voou para o jardim. Ela torceu para que ele não ficasse por lá e empurrou a porta. Já dentro do jardim, percebeu que o corvo provavelmente pretendia ficar, pois havia pousado em uma macieira anã, sob a qual estava deitado um animalzinho avermelhado com uma cauda espessa. Os dois animais observavam o corpo curvado e a cabeça vermelho-ferrugem de Dickon, trabalhando duro ajoelhado no chão.

Mary voou pela grama até ele.

— Oh, Dickon! Dickon! — gritou. — Como conseguiu chegar aqui tão cedo? Como? O sol acabou de nascer!

Ele se levantou, rindo, suado e despenteado; seus olhos eram como um pedaço do céu.

— Eita! — admirou-se ele. — Eu tava acordado muito antes dele acordar. Não dava pra ficar na cama! A beleza do mundo começou de novo esta manhã, começou sim. E tá funcionano, zumbino, arranhano, pingano e construino os ninho e soltano os aroma. Então cê tem que ir lá fora, e não ficar deitado. Quando o sol brilhou, a charneca enlouqueceu de alegria, e eu tava no meio das urze, e também corri como louco, gritano e cantano. E vim direto pra cá. Não dava pra ficar longe. Ora, o jardim tava aqui me esperano!

Mary colocou as mãos no peito, ofegante, como se ela própria tivesse corrido.

— Oh, Dickon! Dickon! — exclamou. — Estou tão feliz que mal consigo respirar!

Ao ver Dickon conversar com uma estranha, o pequeno animal de cauda espessa se levantou de seu lugar sob a árvore e foi até ele, e o corvo, crocitando uma vez, voou de seu galho e pousou silenciosamente em seu ombro.

— Este é o filhote de raposa — disse Dickon, esfregando a cabeça do animalzinho avermelhado. — Seu nome é Capitão. E este aqui é o Fuligem. O Fuligem voou pela charneca comigo e o Capitão correu como se os cães tivesse atrás dele. Os dois sentiam o mesmo que eu.

Nenhuma das criaturas parecia ter o menor medo de Mary. Quando Dickon começou a andar, Fuligem permaneceu em seu ombro e Capitão trotou silenciosamente ao seu lado.

— Olha aqui! — apontou Dickon. — Veja como cresceu, e isto e isto! Eita! Olha isso aqui!

Ele se ajoelhou e Mary se abaixou ao seu lado. Haviam encontrado um aglomerado de açafrões explodindo em roxo, laranja e dourado. Mary baixou o rosto e os beijou repetidas vezes.

— Nunca beijei uma pessoa assim — disse ela ao levantar a cabeça. — As flores são muito diferentes.

Ele pareceu confuso, mas sorriu.

— Eita! Já beijei a mãe muitas vezes assim, quando cheguei da charneca depois de explorar um dia inteiro e ela

tava parada tomando sol na porta, parecendo muito feliz e satisfeita.

Correram de uma parte a outra do jardim e encontraram tantas maravilhas que às vezes se esqueciam de falar baixo. Ele mostrou as folhas verdejantes nos galhos das roseiras que antes pareciam mortas. Mostrou a ela dez mil novos pontos verdes atravessando o húmus. Colocaram seus narizes ansiosos perto da terra e cheiraram o hálito primaveril aquecido. Cavaram, revolveram e riram baixinho em êxtase até que o cabelo de dona Mary ficou tão despenteado quanto o de Dickon, e suas bochechas ficaram quase tão vermelhas quanto as dele.

Havia todas as alegrias da terra no jardim secreto naquela manhã, e no meio deles surgiu um deleite ainda mais inacreditável. Rapidamente, algo voou por cima do muro e disparou por entre as árvores até um canto próximo, um pequeno clarão de pássaro de peito vermelho com algo pendendo de seu bico. Dickon ficou imóvel e pôs a mão em Mary, quase como se de repente tivessem sido surpreendidos rindo em uma igreja.

— Num se mexe — ele sussurrou em um Yorkshire carregado. — Tenta nem respirar. Eu sabia que ele tava quereno acasalar quando vi ele da última vez. É o pisco do Ben Weatherstaff. Ele tá fazendo um ninho. Ele vai ficar aqui se a gente não assustar ele. — Ambos se acomodaram suavemente na grama e permaneceram sentados sem se mover.

— Num pode parecer que tamo olhano ele muito — disse Dickon. — Senão ele some se perceber que a gente tá meteno o bedelho. Ele vai ficar um pouco diferente até acabar de fazer. Ele tá construindo sua própria casa. E fica mais arisco e pode levar as coisa pro lado ruim. Ele não tem tempo pra visita ou fofoca. A gente tem que ficar um pouco quieto e tentar parecer que somos grama, árvore e arbusto. Então, quando ele acostumar a ver a gente, vou piar um pouco e ele vai saber que não vamo ficar no seu caminho.

Dona Mary não sabia ao certo como ficar parecida com grama, árvores e arbustos, como Dickon parecia saber. Mas ele disse aquela coisa esquisita como se fosse algo tão natural que ela sentiu que devia ser muito fácil. Observou-o com atenção por alguns minutos, imaginando se ele era capaz de ficar verde silenciosamente e fazer brotar galhos e folhas de si. Mas ele apenas ficou sentado incrivelmente imóvel e, quando falou, baixou a voz a tal ponto que era curioso que ela pudesse ouvi-lo, mas podia.

— Faz parte da primavera, essa construção de ninho — explicou ele. — Garanto que é sempre igual todos os ano, desde que o mundo é mundo. Eles têm seu jeito de pensar e de fazer as coisa e é melhor ninguém se intrometer. Perder um amigo na primavera é mais fácil do que em qualquer outra estação, se ocê for muito afoito.

— Se falarmos sobre ele, não consigo deixar de olhar para ele — disse Mary o mais suavemente possível. —

Vamos conversar sobre outra coisa. Há algo que quero lhe contar.

— Ele vai gostar mais se a gente falar de outra coisa — concordou Dickon. — O que cê quer me contar?

— Bem, você sabe sobre Colin? — ela sussurrou.

Ele virou a cabeça para olhar para ela.

— O que cê sabe dele? — perguntou.

— Eu o conheci. Tenho falado com ele todos os dias.

Ele pede para eu ir vê-lo. Diz que o estou fazendo esquecer que está doente e morrendo — respondeu Mary.

Dickon pareceu realmente aliviado assim que a surpresa desapareceu de seu rosto redondo.

— Fico feliz com isso — exclamou. — Fico muito feliz. Isso me deixa aliviado. Eu sabia que não podia falar nada dele e não gosto de esconder as coisa.

— Você não gosta de esconder o jardim? — preocupou-se Mary.

— Nunca vou contar nada — respondeu ele. — Mas eu falo pra mãe: “Mãe, eu tenho um segredo pra guardar. Não é um mau, cê sabe disso. Não é pior do que se esconder onde tá o ninho de um pássaro. Cê não se importa, né?”

Mary sempre queria ouvir sobre a mãe.

— O que ela responde? — ela perguntou, sem medo de ouvir.

Dickon sorriu docemente.

— O típico dela, o que ela responde — disse ele. — Ela esfregou um pouco a minha cabeça, riu e disse: “Eita,

rapaz, cê pode ter todos os segredo que quiser. Eu te conheço faz doze ano”.

— Como você soube de Colin? — indagou Mary.

— Todos que conhecem o patrão Craven sabem que tinha um menininho que parecia aleijado, e sabem que o patrão Craven não gosta que falem dele. O pessoal tem pena do patrão Craven porque a sra. Craven era muito jovem e bonita e eles gostavam muito um do outro. A sra. Medlock para em nossa casa sempre que vai pra Thwaite e não se importa de falar com a mãe na nossa frente, os filho, porque ela sabe que fomo criado pra ser de confiança. Como é que eu fiquei sabeno? A Martha tava aflita da última vez que voltou pra casa. Ela disse que ocê ouviu ele gritanno e que tava fazeno umas pergunta que ela não sabia como responder.

Mary contou a ele sobre os ventos uivantes da meia-noite que a acordaram e sobre os sons distantes e abafados da voz queixosa que a levou pelos corredores escuros com sua vela, até chegar à porta aberta do quarto mal iluminado com a cama de quatro colunas esculpida no canto. Quando ela descreveu o pequeno rosto branco como o marfim e os olhos estranhos com contornos pretos, Dickon balançou a cabeça.

— Eles são como os olho da mãe dele, só que os dela sempre riam, dizem — contou ele. — Dizem que o sr. Craven não suporta ver ele quando tá acordado e é por causa dos olho ser tão parecido com os da mãe e, mesmo

assim, parecem tão diferente naquele seu rosto desencantado.

— Você acha que ele quer morrer? — sussurrou Mary.

— Não, mas ele gostaria de nunca ter nascido. A mãe diz que é a pior coisa do mundo pra uma criança. Quando não são querido, quase nunca vingam. O patrão Craven compraria qualquer coisa que o dinheiro pode comprar pro pobrezinho, mas preferia se esquecer que ele está na terra. Para começar, ele tem medo de olhar pra ele um dia e ver que cresceu corcunda.

— O próprio Colin tem tanto medo que não quer nem se sentar — disse Mary. — Ele diz que está sempre pensando que, se sentir um caroço crescendo, vai ficar louco e gritar até morrer.

— Eita! Ele não devia ficar aí pensano coisas assim — exclamou Dickon. — Nenhum menino pode ficar bem se pensar nessas coisa.

A raposa deitada na grama perto dele erguia os olhos para pedir um afago de vez em quando, e Dickon se abaixou e acariciou seu pescoço suavemente. Pensou por alguns minutos em silêncio. Logo ergueu a cabeça e olhou em volta do jardim.

— Quando entramo aqui da primeira vez — disse ele —, parecia que era tudo cinza. Olha em volta agora e me diz se ocê num vê a diferença.

Mary olhou e prendeu um pouco a respiração.

— Nossa! — ela gritou. — O muro cinza está mudando. É como se uma névoa verde estivesse rastejando sobre ele. É quase como um véu verde.

— É — concordou Dickon. — E vai ficar cada vez mais verde até todo o cinza desaparecer. Cê consegue adivinhar o que eu tava pensano?

— Sei que foi algo bom — disse Mary ansiosamente. — Acho que era sobre Colin.

— Eu tava pensano que se ele viesse aqui, ele num ia ficar olhando se os caroço tão crescido nas costa; ele ia olhar pros botão desabrochando nas roseira, e quem sabe ficaria mais aceso — explicou Dickon. — Eu tava imaginando se a gente consegue convencer ele de vir aqui e ficar debaixo das árvore na sua cadeira.

— Eu mesma estive me perguntando isso. Pensei nisso quase todas as vezes em que falei com ele — disse Mary. — Eu me perguntei se ele poderia guardar um segredo e se poderíamos trazê-lo aqui sem que ninguém nos visse. Achei que talvez você pudesse empurrar a cadeira. O médico disse que ele precisa tomar ar fresco e se ele quiser vir com a gente, ninguém se atreverá a desobedecê-lo. Ele não quer sair com outras pessoas e talvez fiquem contentes se ele sair conosco. Ele pode ordenar que os jardineiros fiquem longe para que não descubram o jardim.

Dickon matutava muito enquanto coçava as costas do Capitão.

— Seria bom para ele, isso eu garanto — observou. — A gente num taria pensano que seria melhor que ele num tivesse nascido. A gente seria só duas criança veno um jardim crescer, e ele seria a outra. Dois rapaz e uma mocinha só olhano pra primavera. Garanto que seria melhor do que as coisa dos médico.

— Ele está deitado em seu quarto há tanto tempo, e sempre teve tanto medo das costas, que acabou ficando esquisito — disse Mary. — Ele sabe de muitas coisas dos livros, mas não sabe de mais nada. Diz que esteve muito doente para notar as coisas, odeia sair de casa e odeia jardins e jardineiros. Mas gosta de ouvir sobre este jardim porque é um segredo. Não me atrevo a contar muito, mas ele disse que queria vir.

— Vamo trazer ele aqui num dia, com certeza — propôs Dickon. — Eu posso muito bem empurrar a cadeira dele. Cê notou como o pisco e a companheira dele ficaram trabalhano enquanto a gente ficou aqui? Olha ele lá empoleirado naquele galho imaginano onde seria melhor colocar aquele graveto que tá no seu bico.

Dickon soltou um de seus assobios trinados e o pisco virou a cabeça para ele interrogativamente, ainda segurando seu graveto. Dickon falou com ele como Ben Weatherstaff, mas seu tom de era de um conselho amigável.

— Onde quer que ocê coloque — disse ele —, vai dar tudo certo. Cê já sabia construir ninho antes de sair do ovo. Anda logo, rapaz. Cê não tem tempo a perder.

— Oh, eu gosto de ouvir você falar com ele! — Mary riu encantada. — Ben Weatherstaff o repreende e zomba dele, e ele fica pulando e dando a impressão de ter entendido cada palavra, e eu sei que ele gosta. Ben Weatherstaff diz que ele é tão vaidoso que preferia que atirassem pedras nele a não ser notado.

Dickon também riu e continuou falando:

— Cê sabe que não vamo te incomodar — disse ele ao pisco. — A gente somo quase selvagem também. A gente também tá construindo um ninho, abençoado seja. Cuidado, não vai nos dedurar.

E embora o pisco não respondesse, porque seu bico estava ocupado, Mary entendeu que quando ele voou com seu graveto para o seu próprio canto do jardim, a escuridão de seus olhos brilhantes de orvalho significava que não contaria o segredo deles para o mundo.

CAPÍTULO 16.

“NÃO VOU!”, DISSE MARY

Eles encontraram muito o que fazer naquela manhã e Mary demorou a retornar para o almoço. Também estava com tanta pressa de voltar ao trabalho que se esqueceu de Colin até o último momento.

— Diga ao Colin que ainda não posso ir vê-lo — pediu a Martha. — Estou muito ocupada no jardim.

Martha pareceu bastante assustada.

— Eita! Srta. Mary, pode ser que ele fique descontrolado se eu falar isso.

Mas Mary não tinha tanto medo dele como as outras pessoas e também não era predisposta ao altruísmo.

— Não posso ficar nem um instante mais — insistiu. — Dickon já está esperando por mim. — E fugiu.

A tarde foi ainda mais agradável e atribulada do que a manhã. Quase todas as ervas daninhas foram removidas e a maioria das roseiras e árvores foram podadas ou escavadas. Dickon trouxera sua própria pá e ensinara Mary a usar todas as suas ferramentas. A essa altura, estava claro que, embora o adorável recanto selvagem provavelmente não se tornasse um “jardim de jardineiro”, seria uma selva de coisas vicejantes antes que a primavera terminasse.

— Vai ter flor nas macieira e nas cerejeira lá em cima — disse Dickon, trabalhando com todas as forças. — E vai ter pessegueiro e ameixeira em flor perto dos muro, e a grama vai ser um tapete de flor.

A raposinha e o corvo estavam tão felizes e ocupados quanto eles, e o pisco e sua companheira iam e vinham, voando como pequenos raios de luz. Às vezes, o corvo batia suas asas negras e voava por cima das copas no parque. A cada vez, voltava e se empoleirava perto de Dickon e crocitava várias vezes como se relatasse suas aventuras, e Dickon falava com ele da mesma forma que com o pisco. Uma vez, quando Dickon estava tão ocupado que demorou a responder, Fuligem voou para seus ombros e gentilmente beliscou sua orelha com o grande bico. Uma vez, quando Mary quis descansar um pouco, Dickon sentou-se ao seu lado debaixo de uma árvore, tirou sua flauta do bolso e tocou suas notas suaves e estranhas, e dois esquilos apareceram no muro para espiar e ouvir.

— Cê tá um pouco mais forte do que antes — comentou Dickon, olhando enquanto ela cavava. — Cê tá começano a ficar diferente, ô se tá.

Mary estava radiante de energia e bom humor.

— Estou ficando mais gorda a cada dia — disse ela, exultante. — A sra. Medlock vai ter que me arranjar vestidos maiores. Martha disse que meu cabelo está ficando mais grosso. Não é mais tão liso e embaraçado.

O sol já começava a se pôr e deitava longos raios dourados sob as árvores quando eles se despediram.

— Amanhã vai fazer tempo bom — observou Dickon.
— Já vou estar na lida quando o sol nascer.

— Eu também — disse Mary.

Ela correu de volta para casa o mais rápido que suas pernas conseguiram. Queria contar a Colin sobre os filhotes de raposa e de corvo de Dickon e sobre o que a primavera estava realizando. Tinha certeza de que ele gostaria de ouvir. No entanto, algo muito desagradável a aguardava ao abrir a porta de seu quarto. Martha estava lá parada, esperando por ela com uma cara triste.

— Qual é o problema? — perguntou. — O que Colin disse quando você contou a que eu não poderia ir?

— Eita! — começou Martha. — Queria que cê tivesse ido. Ele quase teve outro daqueles acesso de raiva. Deu uma trabalhadeira a tarde toda pra não ficar mais irritado. Ele num tirava os olhos do relógio por nada nesse mundo.

Os lábios de Mary se apertaram. Como Colin, não tinha o costume de levar outras pessoas em consideração, e não via razão para que um garoto irritadinho interferisse no que ela mais amava. Não entendia nada sobre a necessidade de algumas pessoas doentes e nervosas — que não sabem controlar seus temperamentos — deixarem outras pessoas tão doentes e nervosas quanto elas. Quando ela tinha uma dor de cabeça na Índia, fazia de tudo para saber se os outros também tinham dor de cabeça ou algo

tão ruim quanto. E achava que estava certa. Mas é claro que agora sentia que Colin estava completamente errado.

Ele não estava no sofá quando ela entrou em seu quarto. Estava deitado de costas na cama e não virou a cabeça quando ela entrou. Foi um mau começo e Mary marchou até ele com seus modos rígidos.

— Por que você não se levantou? — ela inquiriu.

— Eu me levantei esta manhã quando pensei que você estava vindo — respondeu, sem olhar para ela. — Mandei que me colocassem de volta na cama à tarde. Minhas costas e minha cabeça doíam e eu estava cansado. Por que você não veio?

— Eu estava trabalhando no jardim com Dickon — disse Mary.

Colin franziu a testa e lançou um olhar condescendente.

— Não vou deixar aquele menino vir aqui se você for ficar com ele em vez de vir conversar comigo — ameaçou.

Mary sentiu uma ponta de irritação. Suas emoções mudavam facilmente, e ela normalmente explodia sem se importar com as consequências.

— Se você mandar Dickon embora, nunca mais entrarei neste quarto! — esbravejou ela.

— Você entrará, se eu quiser — contestou Colin.

— Não vou! — teimou Mary.

— Eu obrigo você — disse Colin. — Eles vão te arrastar para cá.

— Que tentem, senhor rajá! — retrucou Mary ferozmente. — Eles podem me arrastar, mas não podem me fazer falar quando eu estiver aqui. Vou me sentar e cerrar os dentes e nunca dizer uma palavra. Nem mesmo vou olhar para você. Vou olhar para o chão!

Eles eram realmente parecidos quando se desafiavam. Se fossem dois meninos de rua, teriam se lançado um contra o outro em uma briga violenta. A seu modo, fizeram o mais próximo disso.

— Você é uma egoísta! — gritou Colin.

— E você, o que é? — devolveu Mary. — Gente egoísta sempre diz isso. Qualquer um é egoísta se não faz o que você quer. Você é mais egoísta que eu. Você é o garoto mais egoísta que já conheci.

— Não sou! — disparou Colin. — Não sou egoísta como o seu querido Dickon! Ele faz você brincar na terra quando sabe que estou sozinho. Ele sim é egoísta!

Os olhos de Mary faiscaram.

— Ele é mais gentil do que qualquer outro menino que existe! — exclamou. — Ele é... ele parece um anjo! — Aquilo podia parecer um tanto bobo, mas ela não se importou em dizer.

— Que anjinho! — Colin zombou ferozmente. — Ele é um menino comum da charneca!

— Melhor do que um rajá comum! — retorquiu Mary.
— Ele é mil vezes melhor!

Por ter a personalidade mais forte entre os dois, Mary começava a levar vantagem. A verdade é que ele nunca havia brigado com ninguém como ela na vida e, de modo geral, aquilo foi muito bom para ambos, embora nenhum dos dois percebessem. Ele virou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos. Uma grande lágrima escorreu por sua bochecha. Começava a se sentir patético e com pena de si mesmo — e de mais ninguém.

— Não sou tão egoísta quanto você, porque estou sempre doente e tenho certeza de que há um caroço nas minhas costas — lamentou-se ele. — Além do mais, eu vou morrer.

— Você não vai! — contradisse Mary, sem piedade.

Ele arregalou os olhos, indignado. Nunca havia ouvido coisas assim antes. Estava ao mesmo tempo furioso e ligeiramente satisfeito, se é que uma pessoa podia sentir essas duas coisas ao mesmo tempo.

— Não vou? — ele gritou. — Vou sim! Você sabe que eu vou! Todo mundo diz isso.

— Eu não acredito! — disse Mary amargamente. — Você só diz isso para fazer as pessoas terem dó. Acho até que fica orgulhoso. Mas eu não acredito! Se você fosse um bom menino, poderia até ser verdade, mas você é terrível!

Apesar de suas costas inválidas, Colin sentou-se na cama com uma raiva saudável.

— Saia do quarto! — gritou, jogando seu travesseiro nela. Não conseguiu jogá-lo longe e o travesseiro apenas

caiu aos seus pés. O rosto de Mary se enrugou como uma noz.

— Estou indo — disse ela. — E não volto mais! —

Caminhou até a porta e então se virou e falou novamente:

— Eu ia te contar um monte de coisas boas. Dickon trouxe sua raposa e seu corvo e eu ia te contar tudo sobre eles. Agora não vou contar mais nada!

Ela marchou para fora e bateu a porta atrás de si e, para seu grande espanto, a enfermeira estava em pé como se tivesse ouvido tudo. E mais incrível ainda, ela estava rindo. Era uma jovem forte e bonita que não servia para ser enfermeira, pois não suportava inválidos e estava sempre dando desculpas para deixar Colin com Martha ou com qualquer outra pessoa. Mary nunca gostou dela e ficou ali, encarando a moça que ria sob seu lenço.

— Do que você está rindo? — indagou Mary.

— De vocês dois, crianças — disse a enfermeira. — Encontrar alguém tão mimado quanto ele para brigar foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. — E riu em seu lenço novamente. — Se ele tivesse uma irmãzinha megera para brigar sempre, seria a salvação dele.

— Ele vai morrer?

— Não sei e nem ligo — respondeu a enfermeira. — Histeria e temperamento são apenas metade do mal.

— O que é histeria? — perguntou Mary.

— Você vai descobrir se o fizer ter um acesso de raiva de novo. Mas, de qualquer maneira, você já deu a ele um motivo para ficar histérico, e estou feliz por isso.

Mary voltou para o seu quarto completamente diferente de quando chegou do jardim. Estava zangada e desapontada, mas nem um pouco triste por Colin. Ela ansiava contar a ele muitas coisas e pretendia decidir logo se seria confiaria seu grande segredo. Tinha achado que sim, mas agora já havia mudado de ideia. Nunca diria a ele e ele que ficasse em seu quarto sem nunca tomar ar fresco. E que morresse, se quisesse! Seria bem merecido! Ela se sentia tão irritada e impiedosa que por alguns minutos quase se esqueceu de Dickon e do véu verde que se espalhava sobre o mundo e do vento suave que soprava da charneca.

Martha esperava por ela e a preocupação em seu rosto fora temporariamente substituída por interesse e curiosidade. Havia uma caixa de madeira destampada sobre a mesa, revelando uma série de pacotes bem organizados.

— O sr. Craven mandou pra ocê — disse Martha. — Parece que tem uns livro de foto.

Mary se lembrou do que ele havia perguntado, no dia em que fora ao quarto dele: “Você quer alguma coisa? Bonecas, brinquedos, livros?”. Abriu o pacote imaginando se ele havia enviado uma boneca, e também o que ela deveria fazer se fosse o caso. Mas não era uma boneca.

Eram vários livros lindos como os de Colin, e dois deles eram sobre jardins, repletos de fotos. Havia dois ou três jogos e uma linda caixinha de penas com um monograma de ouro gravado. Dentro, havia uma caneta e um tinteiro de ouro.

Tudo era tão bonito que sua alegria expulsou a raiva de sua mente. Não esperava que ele se lembrasse dela e seu coraçãozinho duro se aqueceu.

— Vou poder escrever melhor assim — observou. — E a primeira coisa que escreverei com esta caneta será uma carta para dizer a ele que estou muito agradecida.

Se ainda fosse amiga de Colin, ela teria corrido imediatamente para lhe mostrar os presentes, e juntos olhariam as fotos e leriam alguns dos livros de jardinagem e talvez tentassem jogar os jogos. Ele se divertiria tanto que nunca mais pensaria em morte ou colocaria a mão nas costas para ver se havia um caroço crescendo. Mas ela não suportava aqueles seus modos. O episódio despertou nela uma desconfortável sensação de temor, porque ele sempre parecia muito assustado. Ele dissera que se algum dia sentisse um pequeno caroço, saberia que sua corcunda começaria a crescer. Algo que ele ouviu a sra. Medlock sussurrar para a enfermeira lhe deu essa ideia, e ele pensou tanto sobre isso em segredo que a ideia se fixou em sua mente. A sra. Medlock disse que as costas de seu pai começaram a se curvar daquele jeito quando ainda era criança. Ele nunca havia dito a ninguém, exceto a Mary,

que a maioria de seus “acessos de raiva”, como chamavam, surgia de seu medo histórico e oculto. Mary ficou com pena quando ele lhe contou.

— Ele sempre pensa nisso quando está zangado ou cansado — disse para si mesma. — Hoje ele está zangado. Talvez... talvez tenha pensado nisso a tarde toda.

Ficou parada, olhando para o tapete e pensando.

— Eu disse que nunca mais voltaria... — ela hesitou, franzindo as sobrancelhas —, mas talvez, apenas talvez, eu vá vê-lo, se ele quiser, de manhã. Talvez ele tente jogar o travesseiro em mim de novo, mas... acho... acho que eu vou.

CAPÍTULO 17.

ACESSO DE RAIVA

Mary havia se levantado bem cedo, trabalhado muito no jardim e estava cansada e com sono, então, assim que comeu o jantar que Martha trouxe, foi se deitar satisfeita. Ao repousar a cabeça no travesseiro, murmurou para si mesma:

— Vou sair antes do café da manhã e trabalhar com Dickon e depois acho que irei vê-lo.

Ela pensou que era madrugada quando foi acordada por sons tão terríveis que saltou da cama em um instante. O que seria aquilo? O quê? No minuto seguinte, teve certeza. Portas foram abertas e fechadas, passos apressados passavam pelos corredores e alguém chorava e gritava ao mesmo tempo, gritava e chorava de um jeito horrível.

— É Colin — disse ela. — Está tendo um daqueles ataques que a enfermeira chama de histeria. Que coisa horrível.

Ao ouvir os gritos e soluços, não se surpreendeu com o fato de as pessoas ficarem tão assustadas a ponto de fazerem tudo o que ele mandava, em vez de tentarem conversar. Ela tapou os ouvidos com as mãos e sentiu-se enjoada e com calafrios.

— Não sei o que fazer. Não sei o que fazer — dizia ela.
— Não consigo suportar isso.

Imaginou que ele talvez se acalmasse se ela ousasse ir até lá, mas então se lembrou de como ele a expulsara do quarto e achou que se a visse talvez ficasse ainda mais irritado. Mesmo quando pressionou as mãos com mais força sobre os ouvidos, não conseguiu evitar os terríveis sons. Ela os odiava e ficou tão incomodada com eles que de repente começaram a despertar sua raiva, e sentiu como se também pudesse ter um acesso de raiva e assustá-lo de volta. Ela não estava acostumada com outras pessoas de temperamento forte, além de si própria. Então tirou as mãos das orelhas, levantou-se de um salto e bateu o pé.

— Ele precisa parar! Alguém precisa fazê-lo parar!
Alguém devia dar uma surra nele! — ela gritou.

Só então ouviu passos quase correndo pelo corredor. Sua porta se abriu e a enfermeira entrou. Ela não estava mais rindo, nem de longe. Parecia até bastante pálida.

— Ele ficou histérico — apressou-se em dizer. — Ele vai se machucar. Ninguém pode fazer nada com ele. Venha e tente, como uma boa menina. Ele gosta de você.

— Ele me expulsou do quarto — retrucou Mary, batendo nervosamente o pé.

As batidas agradaram bastante à enfermeira. A verdade é que ela temia encontrar Mary chorando e se escondendo sob as cobertas.

— Isso mesmo — animou-se a enfermeira. — Você está no clima certo. Vá repreendê-lo. Dê a ele algo novo para pensar. Vá, menina, ande logo.

Só depois Mary perceberia como aquilo havia sido engraçado, além de terrível. Era ridículo que todos os adultos se assustassem tanto a ponto de procurar uma menina só por acreditarem que ela era quase tão ruim quanto o próprio Colin.

Ela voou pelo corredor, e quanto mais perto chegava dos gritos, mais sua raiva aumentava. Sentia-se extremamente malvada quando chegou à porta e a abriu. Então correu pelo quarto até a cama de quatro colunas.

— Pare com isso! — ela quase berrou. — Pare! Eu te odeio! Todo mundo te odeia! Eu queria que todos corresse para fora desta casa e deixassem você gritar até morrer! Vai é morrer de tanto gritar, e eu adoraria isso! — Uma boa criança não pensaria ou diria tais absurdos, mas o simples choque de ouvir aquelas palavras foi a melhor coisa para o menino histérico que ninguém jamais ousara conter ou contradizer.

Colin estava deitado de bruços socando o travesseiro e quase deu um pulo quando se virou ao ouvir o som da furiosa vozinha. Seu rosto estava horrível, desfigurado, vermelho e inchado, e ele ofegava e soluçava; mas a feroz e pequena Mary não se alarmou nem um pouco.

— Se der mais um grito — ameaçou ela —, também vou gritar... e consigo gritar mais alto que você. Você vai ter medo de mim! Medo de mim!

Ele realmente parou de gritar, tamanho o susto que tomou. Seu próximo grito estancou na garganta e quase o sufocou. As lágrimas escorriam por seu rosto e seu corpo todo tremia.

— Eu não consigo parar! — ele engasgou e soluçou. — Eu não posso, não consigo!

— Consegue! — gritou Mary. — Metade dos seus males é histeria e temperamento... só histeria... histeria... histeria! — E batia com os pés a cada palavra.

— Eu senti um carço... eu senti — soluçou Colin. — Eu sabia. Primeiro vou ficar corcunda e depois vou morrer. — E voltou a se contorcer. Virou o rosto, soluçou e gemeu, mas não gritou.

— Você não sentiu carço coisa nenhuma! — contradisse Mary ferozmente. — Se sentiu, foi só um carço de histeria. Histeria dá carço. Não tem nada de errado com suas costas horrorosas, nada além de histeria! Vire-se e deixe eu dar uma olhada!

Ela gostou da palavra “histeria” e sentiu que de alguma forma teve algum efeito sobre ele. Provavelmente ele nunca a ouvira antes, assim como ela.

— Enfermeira — ordenou Mary —, venha aqui e me mostre as costas dele agora mesmo!

A enfermeira, a sra. Medlock e Martha estavam amontoadas perto da porta, olhando para ela com suas bocas escancaradas. Todas as três engasgaram de tensão outra vez. A enfermeira avançou como se fosse a menos assustada. Colin ofegava entre soluços.

— Talvez ele... ele não deixe... — ela hesitou.

Contudo, Colin a ouviu e engasgou entre dois soluços:

— Mo-mostra pra ela! A-aí ela vai ver!

Eram costas frágeis e ossudas que agora estavam descobertas. Cada costela e cada vértebra podia ser contada, mas dona Mary não as contou, apenas se inclinou para examiná-las com seu rostinho solene e irritado. Ela parecia tão irritada e encarquilhada que a enfermeira virou a cabeça para o lado para esconder a contração de sua boca. Houve apenas um minuto de silêncio, pois até Colin tentou prender a respiração enquanto Mary examinava seu dorso milimetricamente, para cima e para baixo, tão atenta como o famoso médico de Londres.

— Não tem nenhum caroço aqui! — ela disse finalmente. — Não existe nem uma protuberância do tamanho de um alfinete... exceto as juntas da sua coluna, e você só pode senti-las porque está muito magro. Eu também tinha caroços nas costas, e eram tão protuberantes como os seus, até que comecei a engordar, e ainda não estou gorda o suficiente para escondê-los. Não tem um caroço nem do tamanho de um alfinete! Se você inventar isso de novo, vou dar risada!

Ninguém além do próprio Colin sabia o efeito que aquelas palavras infantis mal-humoradas tiveram sobre ele. Se alguma vez ele tivesse alguém com quem conversar sobre seus terrores secretos — se alguma vez ousassem duvidar, se tivesse amigos de infância e não ficasse eternamente deitado na enorme casa fechada, respirando uma atmosfera pesada com os medos de pessoas que eram, em sua maioria, ignorantes e estavam cansadas dele —, teria descoberto que a maior parte de seus medos e doenças haviam sido criados por ele mesmo. Mas ele havia se deitado e pensado demais sozinho, sobre suas dores e seu cansaço, por horas, dias, meses e anos. E agora que uma garotinha irritada e antipática insistia obstinadamente que ele não estava tão doente quanto pensava, realmente parecia que ela pudesse estar falando a verdade.

— Eu não sabia — arriscou a enfermeira — que ele achava que tinha um caroço nas costas. Suas costas ficaram fracas assim porque ele não quer se sentar. Eu mesma poderia ter dito a ele que não havia caroço algum. — Colin engoliu em seco e desviou um pouco o rosto para olhá-la.

— Vo-você poderia? — ele disse pateticamente.

— Sim, senhor.

— Pronto! — afirmou Mary, e também engoliu em seco.

Colin virou o rosto de novo e, exceto por suas longas respirações entrecortadas, que eram o final de sua tempestade de soluços, ficou imóvel por um minuto, embora grandes lágrimas ainda escorressem por seu rosto e molhassem o travesseiro. Na verdade, as lágrimas eram apenas reflexo do grande e curioso alívio que sentia. Em seguida, virou-se para a enfermeira e, estranhamente, não havia nada de rajá em seu tom de voz.

— Você acha... que eu poderia... viver e crescer? — ele perguntou.

A enfermeira não era inteligente nem tinha coração mole, mas podia repetir algumas das palavras do médico londrino.

— Provavelmente sim, se fizer o que lhe dizem, não ceder ao seu temperamento e ficar mais tempo ao ar livre.

O ataque de raiva de Colin havia passado e ele estava fraco e exausto de tanto chorar. Talvez aquilo o tivesse deixado tão gentil. Estendeu sua mão débil na direção de Mary que, como ele, havia superado seu ataque de raiva e também se acalmara. Sua mão alcançou a dele no meio do caminho, como se fizessem as pazes.

— Eu vou... eu vou sair com você, Mary — disse ele. — Não vou odiar o ar fresco se encontrarmos... — Ele se lembrou bem a tempo de não dizer “se encontrarmos o jardim secreto” e concluiu: — Gostaria de sair com você, se Dickon vier e empurrar minha cadeira. Quero muito conhecer Dickon, a raposa e o corvo.

A enfermeira refez a cama desarrumada, sacudiu e afofou os travesseiros. Então fez uma caneca de caldo de carne para Colin e outra para Mary, que ficou muito feliz em tomá-la depois de tanta emoção. A sra. Medlock e Martha escaparam alegremente e, depois que tudo estava arrumado, calmo e em ordem, a enfermeira pareceu que também iria embora com muito prazer. Ela era uma jovem que se ressentia de ser privada de seu sono e bocejou abertamente quando olhou para Mary, que havia empurrado seu banquinho para perto da cama de quatro colunas e segurava a mão de Colin.

— Você precisa voltar para a cama — aconselhou a enfermeira. — Ele vai dormir logo... se não estiver muito zangado. Depois vou dormir no quarto ao lado.

— Você gostaria que eu cantasse aquela música que aprendi com a minha aia? — Mary sussurrou para Colin.

Sua mão puxou a dela suavemente e ele a encarou com seus olhos cansados e suplicantes.

— Quero sim! — ele respondeu. — É uma música tão suave que eu talvez durma em um minuto.

— Farei ele dormir — disse Mary à enfermeira que bocejava. — Você pode ir, se quiser.

— Bem — tornou a enfermeira, em uma tentativa de relutância —, se ele não dormir em meia hora, pode me chamar.

— Está bem — respondeu Mary.

Assim que a enfermeira saiu do quarto, Colin puxou a mão de Mary.

— Quase contei — desculpou-se ele —, mas parei a tempo. Não vou falar e vou dormir, mas você disse que tinha um monte de coisas boas para me contar. Você... você acha que descobriu alguma coisa sobre como entrar no jardim secreto?

Mary olhou para o seu pobre rostinho de olhos inchados e seu coração cedeu.

— Sim — respondeu —, acho que sim. E se você dormir agora, conto tudo amanhã. — Sua mão tremia bastante.

— Oh, Mary! — ele disse. — Oh, Mary! Se eu pudesse entrar nele, acho que conseguiria viver para crescer! Você acha que, em vez de cantar a canção da aia, poderia apenas me contar baixinho, como naquele primeiro dia, como imagina o jardim por dentro? Tenho certeza de que vai me fazer dormir.

— Conto — respondeu Mary. — Feche seus olhos.

Ele fechou os olhos e ficou imóvel, e ela segurou sua mão e começou a falar muito devagar e em voz muito baixa.

— Acho que foi deixado sozinho por tanto tempo que cresceu ali um lindo emaranhado. Acho que as roseiras escalaram e subiram e se espalharam até ficarem penduradas nos galhos e nos muros e rastejarem pelo chão, quase como uma névoa estranha e cinzenta. Algumas delas morreram, mas muitas estão vivas e, quando o verão

chegar, haverá cortinas e fontes de rosas. Acho que a terra está cheia de narcisos, flocos-de-neve, lírios e íris abrindo caminho para fora da escuridão. A primavera chegou... quem sabe... quem sabe...

Ela percebeu que o tom suave de sua voz o deixava cada vez mais tranquilo e continuou.

— Quem sabe eles brotem pela grama, talvez nasçam moitas de açafão roxo e dourado... já deve haver. Talvez as folhas estejam começando a despontar e a se desenrolar e, quem sabe, o cinza mude para um véu verde se espalhando e tomando tudo. E os pássaros virão para olhar porque lá é... tão seguro e silencioso. E quem sabe... quem sabe... — continuou muito suave e devagar — o pisco encontre uma companheira e construa um ninho.

E Colin dormiu.

CAPÍTULO 18.

“NÃO PERCA TEMPO”

Obviamente Mary não acordou cedo na manhã seguinte. Cansada, dormiu até tarde, e quando Martha trouxe o café da manhã, deu a informação de que Colin estava muito quieto, doente e febril, resultado do esgotamento pelo acesso de raiva. Mary tomou seu café pensativa enquanto ouvia.

— Ele falou que queria que cê fosse lá assim que puder — disse Martha. — É estranho ele gostar tanto de ocê. Cê deu uma lição nele ontem à noite, num acha? Ninguém teria essa coragem. Eita! Pobre menino! Ficou tão mimado que nem sal grosso tira mais. A mãe fala que as duas pior coisa que pode acontecer com uma criança é nunca fazer o que quer... ou sempre fazer o que quer. Ela não sabe qual é pior. Cê tava de mau humor. Eu também. E ele me falou quando entrei no quarto: “Por favor, pergunte a srta. Mary se ela pode vir conversar comigo?” Imagina ele falano “por favor”! Cê pode ir, senhorita?

— Vou correr e ver Dickon primeiro — disse Mary. — Não, vou ver Colin agora e dizer a ele... eu sei o que vou dizer a ele — pensou com uma inspiração repentina.

Ela estava de chapéu quando chegou ao quarto de Colin e por um segundo ele pareceu desapontado. Ainda

estava na cama com seu rosto lamentavelmente branco e olheiras profundas.

— Fico feliz por ter vindo — cumprimentou ele. — Minha cabeça e o corpo todo doem porque estou muito cansado. Você vai a algum lugar?

Mary se aproximou da cama.

— Não vou demorar — disse ela. — Vou ver Dickon, mas voltarei. Colin, tem uma coisa sobre o jardim.

Todo o seu rosto se iluminou e um pouco de cor apareceu.

— Ah, é? — ele gritou. — Sonhei com ele a noite toda, ouvi você dizer algo sobre o cinza se tornar verde e sonhei que estava em um lugar cheio de pequenas folhas verdes e trêmulas... e havia pássaros e ninhos muito delicados e tranquilos por toda parte. Vou me deitar e pensar nisso até você voltar.

Em cinco minutos, Mary estava com Dickon em seu jardim. A raposa e o corvo continuavam com ele, que desta vez trouxe também dois esquilos domesticados.

— Hoje eu vim no pônei — disse ele. — Eita! Ele é um bom rapaz, o Jump! Eu trouxe esses dois nos meu bolso.

Este aqui se chama Nut e este outro aqui se chama Shell.¹⁰

Quando ele disse “Nut”, um dos esquilos escalou o seu ombro direito e, ao dizer “Shell”, o outro escalou o seu ombro esquerdo.

Os dois amigos se sentaram na grama com o Capitão enrolado a seus pés. Fuligem vigiava solenemente de uma

árvore e Nut e Shell farejavam por ali. Mary sentiu uma aflição quase insuportável ao pensar que aquela maravilha um dia poderia acabar. Mas quando começou a contar sua história, a expressão no rosto engraçado de Dickon a fez gradualmente mudar de ideia. Estava claro que ele sentia mais pena de Colin do que ela. Ele olhou para o céu e tudo ao seu redor.

— É só ouvir aqueles pássaro... o mundo tá cheio deles... todos assobiano e cantano — observou ele. — Olha eles correno, um chamano o outro. Chega a primavera e parece que todo o mundo tá se chamano. As folha se desenrola, então cê pode ver elas e, rapaz, é o melhor cheiro que existe! — disse, farejando com seu feliz nariz arrebitado. — E aquele pobre rapaz trancado e veno tão pouco disso que até começa a pensar nas coisa que perturba ele. Eita! Que coisa! Vamo trazer ele aqui... vamo fazer ele ver e ouvir, e cheirar o ar e ficar encharcado de sol. E a gente não pode perder tempo.

Quando estava muito compenetrado, geralmente falava em Yorkshire, embora em outras ocasiões tentasse modificar seu sotaque para que Mary o entendesse melhor. Mas ela amava seu Yorkshire puro e, na verdade, vinha tentando aprender a falar daquela maneira sozinha. Então tentou:

— Eita, nós num pode — começou ela (o que significava: “Sim, de fato, não devemos perder tempo”). — Vou te contar o que nós vamo fazer primeiro — continuou,

e Dickon sorriu, porque achou muito engraçado a pequena garota tentando torcer a língua para falar em Yorkshire. — Ele tá muito interessado em ocê. Ele quer ver ocê e o Fuligem e o Capitão. Quando eu voltar pra casa pra falar com ele, pergunto se não quer vir ver ocê amanhã cedo. Aí cê traz os bicho com ocê... e então... daqui a pouco, quando as folha tiver mais de fora, e uns botão desabrochar, nós faz ele sair com ocê empurrano a cadeira e traz ele aqui pra mostrar isso tudo.

Quando parou de falar, estava muito orgulhosa de si mesma. Nunca tinha feito um longo discurso em Yorkshire antes e disse ela se lembrava muito bem.

— Cê tem que falar um tico de Yorkshire assim com o patrão Colin — Dickon riu. — Cê vai fazer ele rir e não tem nada melhor pros doente que dar risada. A mãe fala que acha que foi meia hora de risada toda as manhã que sarou um sujeito que tava pra morrer de tifoide.

— Vou falar em Yorkshire com ele hoje mesmo — prometeu Mary, rindo também.

O jardim chegara a um momento em que todos os dias e todas as noites parecia que magos passavam por ele com suas varinhas despertando a beleza da terra e dos ramos. Foi difícil para Mary ir embora e deixar tudo para trás, especialmente quando Nut literalmente se refestelou em seu vestido e Shell desceu do tronco da macieira sob a qual estavam sentados e ficou lá olhando para ela com olhos curiosos. Mas ela voltou para casa e quando se sentou

perto da cama de Colin, ele começou a farejar como Dickon, embora não de maneira tão experiente.

— Você cheira a flores e... e coisas frescas — exclamou ele, bastante alegre. — Que cheiro é esse? É fresco, cálido e doce, tudo ao mesmo tempo.

— É o vento da charneca — disse Mary. — Ele se espalha nos gramado debaixo das árvore junto com o cheiro do Dickon, do Capitão, do Fuligem, do Nut e do Shell. É a primavera que chegou lá fora da casa e é o sol que faz esse cheiro tão gostoso.

Ela disse isso da maneira mais caprichada que pôde, e soou tão profundamente Yorkshire que Colin quase chegou a pensar que fosse alguém de lá falando, e começou a rir.

— O que você está fazendo? — perguntou ele. — Nunca ouvi você falar assim antes. Que engraçado!

— Tô falano um pouco de Yorkshire — respondeu Mary, triunfante. — Num consigo falar tão certinho igual o Dickon e a Martha, mas dá pra ocê ver que eu consigo imitar um poco. Cê entende um poco de Yorkshire quando escuta? E ocê mesmo num é um moço criado e nascido em Yorkshire? Eita! Cê num tem vergonha na cara, não?

Então ela também começou a rir e ambos riram até não poderem mais. A sra. Medlock chegou a abrir a porta, mas o eco das risadas a fez recuar, e ficou ouvindo maravilhada.

— Olha, te juro — continuou Mary, ainda falando um carregado Yorkshire com desenvoltura, pois não havia

ninguém ali para ouvi-la e estava muito empolgada — que quem ouve gosta! Qualquer um no mundo que ouve, gosta!

Havia muito o que contar. Parecia que Colin nunca ouvia o suficiente sobre Dickon, Capitão, Fuligem, Nut, Shell e o pônei Jump. Mary havia ido correndo para a mata com Dickon conhecer Jump. Era um pequenino pônei desgrenhado, com uma crina grossa caindo sobre os olhos, uma cara bonita e nariz aveludado. Era bem magro por viver do capim da charneca, mas resistente e forte como se os músculos de suas perninhas fossem feitos de molas de aço. Ele erguera a cabeça e relinchara baixinho no momento em que viu Dickon e trotou para encontrá-lo; pousou a cabeça em seu ombro e então Dickon falou em seu ouvido. Jump respondeu com estranhos relinchos, baforadas e bufadas. Dickon o fizera dar a Mary seu pequeno casco dianteiro e a beijou no rosto com seu focinho macio.

— Ele realmente entende tudo o que Dickon diz? — perguntou Colin.

— Parece que sim — respondeu Mary. — Dickon diz que qualquer coisa pode nos entender se formos amigos dela, mas tem que ser amigo de verdade.

Colin ficou em silêncio por um tempo e seus estranhos olhos cinzas pareciam mirar a parede, mas Mary entendeu que ele estava pensando.

— Queria muito ser amigo das coisas — disse ele por fim —, mas nunca serei. Nunca tive nada para ser amigo e não suporto as pessoas.

— Você não consegue me suportar? — perguntou Mary.

— Você, sim — respondeu ele. — É engraçado, mas eu até gosto de você.

— Ben Weatherstaff disse que eu era como ele — comentou Mary. — Ele me disse que tinha certeza de que nós dois temos o mesmo temperamento ruim. Acho que você também é como ele. Somos os três iguais... você, eu e Ben Weatherstaff. Ele disse que nenhum de nós é muito bonito e que só de olhar nossa cara dá para ver como somos azedos. Mas não me sinto mais tão azeda como antes de conhecer o pisco e Dickon.

— Era como se você odiasse as pessoas?

— Era — respondeu Mary sem qualquer afetação. — Acho que detestaria ter conhecido você antes de conhecer o pisco e Dickon.

Colin estendeu sua mão magra e a tocou.

— Mary — disse ele —, me arrependi de ter dito que queria mandar Dickon embora. Odiei você quando disse que ele parecia um anjo e ri de você, mas... mas talvez ele seja.

— Bem, é engraçado você dizer isso — ela admitiu com franqueza —, porque o nariz dele é empinado demais, sua boca é enorme e suas roupas são cheias de remendos e

manchas e ele fala Yorkshire, mas... se um anjo realmente viesse para Yorkshire morar na charneca... se houvesse um anjo de Yorkshire, acredito que ele conversaria com as criaturas e com as plantas, e saberia como fazê-las crescer como Dickon faz. Sei que teriam certeza de que ele seria amigo.

— Não vou me importar se Dickon olhar para mim — disse Colin. — Eu quero conhecê-lo.

— Fico feliz que tenha dito isso — respondeu Mary —, porque... porque...

De repente ela entendeu que aquele era o momento de contar tudo a ele. Colin sabia que algo novo estava por vir.

— Por que o quê? — ele perguntou ansiosamente.

Mary estava tão nervosa que se levantou de seu banquinho, caminhou até ele e segurou suas mãos.

— Posso confiar em você? Confiei em Dickon porque os pássaros confiavam nele. Posso confiar em você, de verdade verdadeira mesmo?

O rosto dela era tão solene que ele quase sussurrou sua resposta.

— Sim! Sim!

— Bem, Dickon virá ver você amanhã de manhã e trará seus bichinhos com ele.

— Oh! Oh! — Colin gritou de alegria.

— Mas tem mais — continuou Mary, pálida de entusiasmo e cautela. — O resto é melhor. Há uma porta

para o jardim. Eu a encontrei. Fica coberta pela hera do muro.

Se fosse um menino forte e saudável, Colin provavelmente teria gritado “Urra! Urra! Urra!”, mas era tão fraco e histérico que seus olhos só ficaram cada vez maiores e passou a ofegar.

— Oh! Mary! — ele gritou em meio a um soluço. — Posso ir ver? Posso entrar nele? Será que vou viver para entrar nele? — Agarrou as mãos dela e a puxou para si.

— Claro que você vai! — disse Mary indignada. — Claro que viverá para entrar nele! Não seja bobo!

E ela disse isso de maneira tão tranquila, infantil e natural que o trouxe de volta à razão e ele começou a rir de si mesmo. Alguns minutos depois ela estava novamente sentada em seu banquinho contando a ele não como imaginava ser o jardim secreto, mas como ele realmente era, e as dores e o cansaço de Colin iam sendo esquecidos enquanto ele a ouvia extasiado.

— É exatamente como você pensou que seria — disse ele por fim. — Parece até que você já tinha estado lá. Lembra que eu te disse isso da primeira vez?

Mary hesitou por quase dois minutos e então corajosamente disse a verdade:

— Eu já tinha visto... e entrado — revelou ela. — Eu encontrei a chave e entrei lá semanas atrás. Mas não me atrevi a contar... não arrisquei pois estava com muito medo de não poder confiar em você. Foi isso!

CAPÍTULO 19.

“CHEGOU!”

Obviamente o dr. Craven foi chamado na manhã seguinte ao ataque de Colin. Sempre era chamado quando algo assim acontecia e sempre encontrava, ao chegar, um menino pálido e abalado deitado em sua cama, mal-humorado e ainda tão nervoso que parecia pronto a voltar a soluçar à menor palavra. Na verdade, o dr. Craven temia e detestava os percalços dessas visitas. Nessa ocasião, chegou à Mansão Misselthwaite apenas à tarde.

— Como ele está? — perguntou à sra. Medlock, bastante agitado. — Um dia ele vai acabar estourando alguma veia com esses ataques. O menino está meio ensandecido de histeria e autoindulgência.

— Bem, senhor — respondeu a sra. Medlock —, dificilmente acreditará em seus olhos quando o vir. Aquela criança de rosto azedo que é quase tão má quanto ele acabou por enfeitiçá-lo. Como ela fez isso, não há como saber. Deus sabe que ela é insignificante e mal se ouve ela falar, mas conseguiu o que nenhum de nós ousaria fazer. Na noite passada, voou até ele como um gato, bateu os pés e ordenou que parasse de gritar, e de alguma forma o assustou tanto que ele realmente parou. Nesta tarde... vamos subir e ver, senhor. Já é mais do que hora.

A cena que o dr. Craven presenciou ao entrar no quarto de seu paciente de fato o surpreendeu. Quando a sra. Medlock abriu a porta, ele ouviu risadas e um falatório. Colin estava em seu sofá, de roupão, sentado bastante ereto, observando uma foto em um dos livros de jardinagem e conversando como uma criança comum — que naquele momento dificilmente poderia ser chamada de “comum”, pois seu rosto irradiava alegria.

— Estas longas hastes de flores azuis... vamos ter um monte delas — anunciava Colin. — São chamadas de Del-phin-iums.

— Dickon diz que se chamam esporas-de-bico e que ficam grandes e vistosas — exclamou dona Mary. — Já temos muitas delas lá.

Então eles viram o dr. Craven e paralisaram. Mary ficou muito quieta e Colin parecia irritado.

— Lamento saber que você esteve doente ontem à noite, meu rapaz — disse o dr. Craven um tanto tenso. Ele realmente era um homem bastante nervoso.

— Estou melhor agora, muito melhor — respondeu Colin, como um rajá. — Vou passear na minha cadeira em um ou dois dias, se estiver melhor. Quero um pouco de ar fresco.

O dr. Craven sentou-se ao lado dele, sentiu seu pulso e o examinou com curiosidade.

— Será um dia muito bom — disse ele —, e você deve ter muito cuidado para não se cansar.

— O ar fresco não me cansará — afirmou o jovem rajá.

Por conta das ocasiões em que esse mesmo jovem cavalheiro berrou de raiva e insistiu que o ar fresco iria resfriá-lo e matá-lo, não foi de se admirar que o médico ficasse um tanto alarmado.

— Achei que você não gostasse de ar fresco — disse ele.

— Não gosto quando estou sozinho — respondeu o rajá. — Mas minha prima me acompanhará.

— E a enfermeira, claro? — sugeriu o dr. Craven.

— Não, eu não quero a enfermeira — retrucou tão categoricamente que Mary se lembrou do jovem príncipe nativo com seus diamantes, esmeraldas e pérolas colados na pele e os grandes rubis na pequena mão escura com a qual ele acenava ordens para que seus servos se aproximassem com *salaams* e recebessem suas ordens.

— Minha prima sabe cuidar de mim. Sempre fico melhor quando ela está comigo. Ela me ajudou ontem à noite. Um menino muito forte que conheço vai empurrar minha cadeira.

O dr. Craven ficou bastante alarmado. Se o menino histérico e frágil tivesse a chance de sarar, ele próprio perderia todas as chances de herdar Misselthwaite; mas, embora fraco, não era um homem inescrupuloso e não pretendia deixá-lo correr um perigo real.

— Ele deve ser um menino forte e responsável — afirmou o médico. — Mas preciso saber algo sobre ele. Quem ele é? Qual é o seu nome?

— É Dickon — Mary falou apressadamente. Ela achava que de alguma forma todos que moravam na charneca conhecessem Dickon. E, na verdade, ela estava certa, pois em seguida o rosto sério do dr. Craven relaxou em um sorriso aliviado.

— Oh, Dickon — disse ele. — Se for Dickon, você estará seguro. Ele é forte como um pônei, esse Dickon.

— E ele é confiável — confirmou Mary. — Ele é o rapaz mais confiável dos arredores. — Ela estava falando em Yorkshire com Colin e se esqueceu de parar.

— Dickon te ensinou isso? — perguntou o dr. Craven, rindo abertamente.

— Estou aprendendo como se fosse francês — afirmou Mary friamente. — É como um dialeto local da Índia. Pessoas espertas tentam aprendê-los. Eu gosto, e Colin também.

— Bem, bem — disse ele. — Se vocês se divertem, talvez não faça mal. Você tomou seu brometo na noite passada, Colin?

— Não — Colin respondeu. — No começo eu não queria tomar e depois que Mary me acalmou, ela conversou comigo até eu dormir, falando em voz baixa sobre a primavera rastejando em um jardim.

— Isto me parece reconfortante — observou o dr. Craven, mais perplexo do que nunca e olhando de soslaio para dona Mary, que mirava silenciosamente o tapete do alto de seu banquinho. — Você está evidentemente melhor, mas deve se lembrar...

— Não quero me lembrar — interrompeu o rajá, que despertava novamente. — Quando me deito sozinho e lembro, começo a sentir dores por todo o corpo e penso em coisas que odeio tanto que me fazem gritar. Se existir um médico em algum lugar que possa me fazer esquecer da doença, em vez de me lembrar a toda hora, eu gostaria que ele fosse trazido até aqui. — E acenou com sua mão magra, que na verdade deveria estar coberta de anéis com insígnias reais feitas de rubis. — Eu melhoro porque minha prima me faz esquecer.

O dr. Craven nunca teve uma visita tão curta em Misselthwaite depois de um “acesso de raiva”. Geralmente ele era obrigado a permanecer por muito tempo e fazer muitas coisas. Naquela tarde não administrou remédios nem deixou novas ordens e foi poupado de cenas desagradáveis. Ele desceu as escadas com um ar muito pensativo, e ao falar com a sra. Medlock na biblioteca, sentia-se confuso.

— Bem, senhor — ela arriscou —, o senhor acreditaria sem ter visto?

— É certamente um novo estado das coisas — declarou o médico. — E não há como negar que é melhor do que o anterior.

— Acho que Susan Sowerby está certa — reconheceu a sra. Medlock. — Ontem fiz uma visita a ela a caminho de Thwaite e conversamos um pouco. E ela me disse: “Bom, Sarah Ann, ela pode num ser uma criança boa, e ela pode num ser bonita, mas ela é uma criança, e as criança precisa de criança”. Fomos para a escola juntos, Susan Sowerby e eu.

— Ela é a melhor enfermeira que conheço — disse o dr. Craven. — Quando eu a encontro em alguma das cabanas, sei que as chances de salvar meu paciente são maiores.

A sra. Medlock sorriu. Ela gostava de Susan Sowerby.

— A Susan tem um jeito todo dela — continuou ela, bastante loquaz. — Pensei a manhã toda em algo que ela me disse ontem: “Uma vez, quando eu tava dano um sermão nas criança, depois que elas se pegaram, contei que quando eu tava na escola, minha jografia ensinou que o mundo era igual a uma laranja e antes dos dez ano eu descobri que a tal laranja num tem dono. Ninguém é dono nem de um gomo dela e às vez a gente vê que num tem o suficiente pra todo mundo. Mas ocês... nenhum de ocês pode pensar que é dono da laranja inteira senão vai ver que está enganado, e só se descobre isso sozinho depois de se estrepar muito e dar com a cara no muro. O que as criança aprende com as outra criança”, ela continuou, “é não

querer chupar a laranja inteira sozinha e nem descascar ela inteira. Se ocê faz isso, certeza que num vai ficar nem com as semente, que são amarga demais pra comer”.

— Ela é uma mulher inteligente — disse o dr. Craven, vestindo o casaco.

— Bem, ela tem jeito para explicar as coisas — concluiu a sra. Medlock, muito satisfeita. — Às vezes eu digo a ela: “Eita! Susan, se ocê fosse uma mulher diferente e não falasse um Yorkshire tão carregado, diriam sempre que cê é inteligente”.

Naquela noite, Colin dormiu sem acordar uma só vez e, quando abriu os olhos pela manhã, ficou quieto e sorriu sem perceber — sorriu porque se sentia curiosamente confortável. Na verdade, gostou de estar acordado, e se virou e espreguiçou-se languidamente. Sentiu como se os cordões que o prendiam tivessem se afrouxado e estava livre. Não entendia, mas o dr. Craven diria que seus nervos haviam relaxado e descansado. Em vez de ficar deitado, olhando para a parede e desejando não ter acordado, sua mente estava repleta dos planos da noite anterior com Mary, das fotos dos jardins, de Dickon e suas criaturas selvagens. Era muito bom ter no que pensar. Não estava acordado há nem dez minutos quando ouviu passos rápidos no corredor e Mary chegou à sua porta. No momento seguinte, ela já estava dentro do quarto e corria para a cama dele, trazendo com ela uma lufada de ar fresco com o aroma da manhã.

— Você já saiu! Você já saiu! Está com aquele cheiro gostoso de folhas! — ele gritou.

Ela viera correndo. Mesmo de cabelos soltos e despenteados e bochechas rosadas, estava revigorada pelo ar fresco, embora ele não percebesse isso.

— Está tão bonito! — disse ela, um pouco sem fôlego em razão da carreira. — Você nunca viu nada tão bonito! Chegou! Pensei que tivesse vindo naquela outra manhã, mas estava apenas se aproximando. Agora ela está aqui! A primavera chegou! Dickon disse que chegou!

— Chegou? — gritou Colin. E embora ele realmente não soubesse nada sobre aquilo, sentiu seu coração bater mais forte. Então sentou-se na cama. — Abra a janela! — pediu, rindo entre entusiasmado e de si próprio. — Talvez possamos ouvir trombetas douradas!

E embora ele risse, Mary foi até a janela em um segundo e a abriu para que o frescor e a suavidade, os aromas e o canto dos pássaros invadissem o quarto.

— Isto sim é ar fresco — disse ela. — Deite-se de costas e inspire profundamente. É isso o que Dickon faz quando está deitado na charneca. Ele diz que sente em suas veias e isso o fortalece. Sente que poderia viver para todo o sempre. Respire, respire!

Ela apenas repetiu o que Dickon dissera, mas isso alimentou a fantasia de Colin.

— “Para todo o sempre!” Isso te faz se sentir assim? — perguntou ele, e fez o que ela mandou, respirando fundo e

continuamente até sentir que algo novo e encantador acontecia dentro dele.

Mary voltou para o lado da cama.

— As coisas estão crescendo e saindo do chão — ela continuou, apressada. — Há flores desabrochando e botões em tudo, e o véu verde cobriu quase todo o cinza e os pássaros estão apressados em fazer seus ninhos, com medo de que possa ser tarde demais, e alguns deles estão até brigando por lugares do jardim secreto. E as roseiras parecem tão acesas quanto poderiam, e há prímulas nas alamedas e bosques e as sementes que plantamos estão brotando, e Dickon trouxe a raposa, o corvo e os esquilos e um cordeiro recém-nascido.

Então parou para respirar. Dickon encontrara o cordeirinho três dias atrás, deitado ao lado da mãe, morta entre os arbustos de tojo na charneca. Não era o primeiro cordeiro sem mãe que ele encontrava e sabia muito bem o que fazer. Levou-o para a cabana embrulhado em seu casaco, colocou-o perto do fogo e deu-lhe uma tigela com leite morno. Era uma coisinha macia, com uma adorável carinha boba de bebê e pernas desproporcionalmente longas para o corpo. Dickon o trouxera no colo pela charneca desde a cabana. Trouxe também uma mamadeira no bolso, junto com um dos esquilos. Mary sentou-se sob uma árvore com aquele corpinho morno amontoado em seu colo e sentiu-se cheia de uma estranha alegria difícil

de descrever. Um cordeiro... um cordeirinho! Um cordeiro vivo estava deitado em seu colo como um bebê!

Ela descrevia sua grande alegria e Colin a ouvia apreensivo, quando a enfermeira entrou. A mulher chegou a estremecer ao ver a janela aberta. Passara muitos dias sufocantes naquele quarto, pois seu paciente tinha certeza de que janelas abertas deixavam as pessoas resfriadas.

— Tem certeza de que não está com frio, patrão Colin?
— ela perguntou.

— Tenho — foi a resposta. — Estou respirando profundamente. Isso me deixa mais forte. Vou tomar o café da manhã no sofá. Minha prima tomará café comigo.

A enfermeira afastou-se, disfarçando um sorriso, para pedir dois cafés da manhã. Ela achava o salão dos criados mais divertido do que o quarto do inválido, ainda mais agora que todos queriam saber notícias lá de cima. Faziam muitas piadas sobre o abominável jovem recluso que, como disse o cozinheiro, “havia encontrado seu mestre e que bom para ele”. Os criados já estavam cansados dos ataques de raiva, e o mordomo, que era um homem de família, mais de uma vez expressou sua opinião de que o inválido ficaria ainda melhor “com uma boa surra”.

Quando Colin se sentou em seu sofá e o desjejum para dois foi servido sobre a mesa, fez um anúncio à enfermeira com seu jeito de rajá.

— Um menino, uma raposa, um corvo, dois esquilos e um cordeirinho estão vindo me ver nesta manhã. Quero

que sejam conduzidos para cima assim que chegarem — ordenou. — Vocês não devem começar a brincar com os animais no salão dos criados e mantê-los lá. Eu os quero aqui imediatamente. — A enfermeira deu um leve suspiro, que tentou disfarçar com uma tosse.

— Sim, senhor — consentiu.

— Vou dizer o que você pode fazer — acrescentou Colin, acenando com a mão. — Você pode pedir que Martha os traga aqui. O menino é irmão dela. Seu nome é Dickon e ele é um encantador de animais.

— Espero que os animais não mordam, patrão Colin — preocupou-se a enfermeira.

— Eu disse que ele é um encantador — repetiu Colin austeramente. — Os animais dos encantadores nunca mordem.

— Há encantadores de serpentes na Índia — emendou Mary. — E eles até colocam a cabeça das cobras na boca.

— Misericórdia! — A enfermeira estremeceu.

Tomaram o café da manhã com o ar matutino soprando sobre eles. O café de Colin foi muito bom e Mary o observava com sério interesse.

— Você vai começar a engordar assim como eu — comentou ela. — Eu nunca queria meu café da manhã quando estava na Índia, mas agora sempre como.

— Hoje eu queria o meu — afirmou Colin. — Talvez seja o ar fresco. Quando você acha que Dickon chegará?

Ele não demorou a chegar. Em cerca de dez minutos, Mary ergueu a mão.

— Escute! — ela disse. — Você ouviu um crocitar?

Colin aguçou os ouvidos. Era o som mais estranho do mundo para se ouvir dentro de uma casa, um rouco *croc-croc*.

— Ouvi — respondeu ele.

— É o Fuligem — explicou Mary. — Ouça de novo. Você ouviu um balido... bem baixinho?

— Ah, ouço! — exclamou Colin, muito corado.

— Esse é o cordeirinho recém-nascido. Estão vindo.

As galochas de charneca de Dickon eram grossas e desajeitadas e, embora ele tentasse andar em silêncio, elas faziam um barulho pesado ao caminhar pelos longos corredores. Mary e Colin o ouviram marchar, marchar, até que ele passou pela porta de tapeçaria para o tapete macio da passagem para o quarto de Colin.

— Se me permite, senhor — anunciou Martha, abrindo a porta —, se me permite, aqui estão Dickon e suas criaturas.

Dickon entrou com seu sorriso largo ainda mais bonito. O cordeiro recém-nascido estava em seus braços e a raposinha vermelha trotava ao seu lado. Nut vinha sentado em seu ombro esquerdo e Fuligem em seu direito, e a cabeça e as patinhas de Shell espiavam para fora do bolso do casaco.

Colin sentou-se lentamente com seu olhar fixo, como fizera quando viu Mary pela primeira vez; mas agora seu olhar era de admiração e prazer. A verdade é que, apesar de tudo o que ouvira, não imaginava absolutamente como seria aquele menino e que sua raposa, seu corvo, seus esquilos e seu cordeirinho fossem tão próximos dele e tão simpáticos que pareciam fazer parte de seu próprio corpo. Colin nunca havia conversado com um menino em sua vida e estava tão tomado de êxtase e curiosidade que nem tentou falar.

Mas Dickon não se sentia nem um pouco tímido ou estranho. Não se sentiu envergonhado quando conheceu o corvo, que não falava a sua língua e apenas o encarou sem dizer nada na primeira vez em que se encontraram. As criaturas sempre faziam assim até descobrirem mais sobre a outra. Ele caminhou até o sofá de Colin e colocou o cordeiro recém-nascido em silêncio em seu colo, e imediatamente a criaturinha virou-se para o roupão de veludo quente e começou a acariciar suas dobras e a cutucar com uma leve impaciência o seu corpo. Obviamente, nenhum menino conseguiria evitar falar em uma ocasião dessas:

— O que ele está fazendo? — exclamou Colin. — O que ele quer?

— Ele quer a mãe dele — disse Dickon, sorrindo cada vez mais. — Trouxe ele aqui com um pouco de fome porque sabia que cê ia gostar de ver ele comeno.

Ele se ajoelhou ao lado do sofá e tirou a mamadeira do bolso.

— Vamo, pequenino — encorajou ele, virando a pequena e felpuda cabeça branca com sua suave mão morena. — É isso que ocê quer. Cê vai gostar mais disso do que dos casaco de veludo e de seda. Assim... — E empurrou a ponta de borracha da mamadeira na boca faminta e o cordeiro começou a mamar vorazmente.

Depois disso, não havia como pararem de falar. Quando o cordeirinho adormeceu, muitas perguntas surgiram e Dickon respondeu a todas. Contou como havia encontrado o cordeiro ao nascer do sol, três manhãs atrás. Estava parado na charneca ouvindo o canto de uma cotovia que voava cada vez mais alta no céu até que se tornou apenas um pontinho nas alturas azuis.

— Quase que num dava mais pra ver ela, mas ouvia ela cantando e eu me perguntava como dava pra ouvir ela se parecia que ela ia sair do mundo logo logo. Então eu ouvi uma coisa mais longe, embrenhada nos arbusto de tojo. Era um balido fraquinho e eu sabia que era um cordeiro novo, porque tava com fome e eu sabia que não taria com fome se não tivesse se perdido da mãe de algum jeito, então resolvi procurar. Eita! Fui dar uma olhada. Entrei e saí do meio dos arbusto de tojo e dei uma volta e depois outra e parecia que eu sempre pegava a direção errada. Mas, no fim, eu vi um pedacinho branco no alto de uma

pedra na charneca e escalei e encontrei o pequenino meio morto de frio e de sede.

Enquanto ele falava, Fuligem voava solenemente para dentro e para fora da janela aberta e crocitava comentários sobre a paisagem enquanto Nut e Shell faziam excursões pelas grandes árvores; subiam e desciam pelos troncos e exploravam seus galhos. Capitão ficou aninhado perto de Dickon, que estava no tapete da lareira.

Eles olharam as fotos nos livros de jardinagem. Dickon conhecia todas as flores pelos seus nomes comuns e sabia exatamente quais já estavam crescendo no jardim secreto.

— Eu num ia conseguir falar esses nome — disse ele, apontando para uma sob a qual estava escrito “Aquilégia”. — Mas nós chama de columbina, e aquela ali é uma boca-de-leão e os dois cresce selvagem nas sebe, mas estes são os de jardim e são maior e mais viçoso. Tem uns aglomerado grande de columbina no jardim. Eles vão parecer um canteiro azul e as borboleta branca vão chegar quando florescer.

— Vou vê-los — gritou Colin. — Eu vou vê-los!

— Câ vai vê sim — afirmou Mary, muito séria. — E câ num pode mais perder tempo.

CAPÍTULO 20.

“VOU VIVER PARA TODO O SEMPRE...E SEMPRE!”

Eles foram obrigados a esperar mais de uma semana, porque primeiro vieram alguns dias de muita ventania e, em seguida, Colin teve um ameaço de resfriado, duas coisas que sem dúvida o deixariam furioso, mas havia muitos planos e cuidados secretos a serem realizados — e Dickon vinha quase todos os dias, mesmo que apenas por alguns minutos, para dar as notícias da charneca, das margens e sebes nas várzeas dos riachos. As coisas que ele contava sobre as lontras, texugos e ratões-do-banhado, sem falar nos ninhos de pássaros, camundongos-do-campo e suas tocas, bastavam para fazer qualquer um tremer de empolgação com aquele encantador de animais. Entusiasmo e ansiedade legítimos ficavam à flor da pele com o submundo atribulado que não parava de trabalhar.

— Eles são que nem nós — observou Dickon —, só que todo ano eles precisa construir suas casa de novo. E isso deixa eles tão ocupado que nem brigam até terminar tudo.

A coisa mais envolvente, entretanto, eram os preparativos para que Colin pudesse ser transportado com sigilo até o jardim. Ninguém deveria ver sua cadeira,

Dickon ou Mary, depois que dobrassem uma certa curva dos arbustos e começassem a caminhada acompanhando os muros de hera. A cada dia, Colin ficava cada vez mais fascinado, o mistério em torno do jardim era sem dúvida um de seus maiores encantos. Nada deveria arruinar isso. Ninguém deveria suspeitar de que escondiam um segredo. As pessoas deveriam pensar que ele simplesmente sairia com Mary e Dickon porque gostava deles e não se opunha que o encarassem. Tiveram conversas longas e bastante agradáveis sobre o percurso a ser feito. Subiriam por tal caminho e desceriam aquele e cruzariam o outro e dariam a volta entre os canteiros da fonte como se estivessem olhando as “plantas de canteiro” que o jardineiro-chefe, o sr. Roach, havia semeado. Pareceria algo tão natural que ninguém acharia estranho. Contornariam as calçadas ladeando o bosque e desapareceriam até chegarem aos longos muros. Era tudo quase tão sério e elaborado quanto os planos de campanha de grandes generais em tempos de guerra.

Rumores sobre as novidades e curiosidades que ocorriam nos aposentos do inválido haviam, é claro, se espalhado do salão dos criados para os pátios do estábulo e para além, entre os jardineiros. Mas apesar disso, o sr. Roach ficou surpreso um dia, quando recebeu ordens vindas do quarto do patrão Colin para que se apresentasse naqueles aposentos que nenhum outro estranho jamais vira. O próprio inválido desejava falar com ele.

— Bem, bem — disse ele a si mesmo enquanto trocava apressadamente o casaco —, o que devo fazer? Sua Alteza Real, que nunca queria ser vista, agora chama um desconhecido para conversar.

O sr. Roach ficou um tanto curioso. Nunca havia tido sequer um vislumbre do menino e ouvira uma dúzia de histórias exageradas sobre sua aparência, seus trejeitos estranhos e seu temperamento descontrolado. O que ouvia com mais frequência era que ele poderia morrer a qualquer momento, além de inúmeras descrições fantasiosas sobre suas costas arqueadas e membros frágeis, contadas por pessoas que nunca o haviam visto.

— As coisas estão mudando nesta casa, sr. Roach — comentou a sra. Medlock ao conduzi-lo escada acima, para o corredor que levava ao cômodo até então misterioso.

— Vamos torcer para que estejam mudando para melhor, sra. Medlock — respondeu ele.

— Elas não poderiam mudar para pior — ela emendou —, e por mais estranho que seja, estão tornando nossos deveres muito mais fáceis de suportar. Não se surpreenda, sr. Roach, se der de cara com um zoológico ou com Dickon e Martha Sowerby se sentindo mais à vontade do que você ou eu jamais imaginaríamos.

Realmente havia uma espécie de magia em Dickon, como Mary sempre acreditou. Quando o sr. Roach ouviu seu nome, sorriu com bastante tolerância.

— Ele se sentiria em casa no Palácio de Buckingham ou nas profundezas de uma mina de carvão — disse. — Não que seja algum atrevimento, veja bem. Ele é um rapaz muito bom, aquele menino.

Talvez ele devesse ter se preparado melhor, para não se assustar. Quando a porta do quarto se abriu, um grande corvo, que parecia bastante íntimo, estava empoleirado no encosto alto de uma cadeira entalhada, e anunciou a entrada do visitante com um *crau-crau* bem alto. Apesar do aviso da sra. Medlock, o sr. Roach mal escapou da vergonha de saltar para trás.

O jovem rajá não estava na cama nem no sofá, mas sentado em uma poltrona com um cordeirinho em pé ao seu lado, balançando a cauda, enquanto Dickon, ajoelhado, o servia com a mamadeira. Um esquilo repousava sobre as costas curvadas de Dickon, mordiscando distraidamente uma noz. A garotinha da Índia estava sentada em um banquinho, observando.

— Aqui está o sr. Roach, patrão Colin — anunciou a sra. Medlock.

O jovem rajá se voltou e olhou para seu empregado... pelo menos foi isso o que o jardineiro-chefe deduziu.

— Ah, você é Roach, certo? — ele disse. — Mandei chamá-lo para lhe dar algumas instruções muito importantes.

— Muito bem, senhor — respondeu Roach, imaginando se receberia ordens para derrubar todos os

carvalhos do parque ou transformar os pomares em jardins aquáticos.

— Vou sair com minha cadeira esta tarde — afirmou Colin. — Se o ar fresco me agradar, sairei todos os dias. Quando eu sair, nenhum dos jardineiros deve estar sequer perto da longa calçada que acompanha os muros dos jardins. Ninguém deve estar lá. Devo sair por volta das duas horas e todos devem se manter longe até que eu avise que podem voltar ao trabalho.

— Muito bem, senhor — confirmou o sr. Roach, muito aliviado em saber que os carvalhos permaneceriam e que os pomares estavam seguros.

— Mary — Colin voltou-se para ela —, o que é aquela coisa que dizem na Índia quando terminamos de falar e queremos que as pessoas saiam?

— Dizem: “Você tem minha permissão para ir” — respondeu Mary.

O rajá acenou com a mão.

— Você tem minha permissão para ir, Roach — declarou ele. — Mas lembre-se de que isto é muito importante.

— *Crau-crau* — observou o corvo com sua voz rouca, mas nada indelicada.

— Muito bem, senhor. Obrigado, senhor — respondeu o sr. Roach, e a sra. Medlock o conduziu para fora da sala.

No corredor, como era um homem muito bem-humorado, sorriu até quase rir.

— Te juro! — disse ele. — Ele tem os trejeitos da nobreza, não é? Qualquer um acharia que ele é uma família real inteira reunida em um só... príncipe consorte e tudo o mais.

— Eita! — protestou a sra. Medlock. — Desde que ele tem pés fomos acostumados a ser pisados por ele, e ele acha que é para isso que as pessoas servem.

— Talvez ele supere isso, se sobreviver — sugeriu o sr. Roach.

— Bem, uma coisa é certa — disse a sra. Medlock. — Se ele viver e aquela criança indiana continuar aqui, garanto que ela lhe ensinará que a laranja inteira não pertence a ele, como diz Susan Sowerby. E é provável que ele descubra o tamanho do seu próprio gomo.

Dentro do quarto, Colin se recostou nas almofadas.

— Estamos seguros agora — afirmou ele. — E esta tarde irei lá e entrarei nele!

Dickon voltou para o jardim com suas criaturas e Mary ficou com Colin. Ele não parecia cansado, mas ficou muito quieto antes do almoço chegar e se manteve quieto enquanto comiam. Mary ficou curiosa e perguntou a ele:

— Que olhos grandes você tem, Colin. Quando você pensa eles ficam grandes como pires. No que está pensando agora?

— Não consigo deixar de pensar em como será — respondeu ele.

— O jardim? — perguntou Mary.

— A primavera. Eu estava pensando que realmente nunca a vi antes. Eu quase nunca saí, e quando saía, nunca olhava direito. Eu nem pensava nisso.

— Nunca vi a primavera na Índia porque isso não existe por lá — revelou Mary.

Enclausurado em sua morbidez a vida toda, Colin tinha mais imaginação do que ela e, pelo menos, passara muito tempo lendo livros com fotos maravilhosas.

— Naquela manhã, quando você entrou correndo e disse “Chegou! Chegou!”, me senti meio esquisito. Parecia que as coisas estavam chegando em uma grande procissão com uma música muito alta e rajadas de vento. Tenho uma foto em um dos meus livros com multidões de pessoas e lindas crianças enfeitadas com guirlandas e ramos de flores, todos rindo e dançando juntos ao som de uma flauta. Foi por isso que eu disse: “Talvez possamos ouvir trombetas douradas” quando pedi que abrisse a janela.

— Que engraçado! — divertiu-se Mary. — É exatamente como parece. E se todas as flores e folhas, coisas verdes, pássaros e criaturas selvagens passassem ao mesmo tempo, que linda multidão seria! Tenho certeza de que dançariam, cantariam e tocariam na flauta músicas bem altas.

Os dois riram, porque gostaram muito da ideia, e não por ser absurda.

Algum tempo depois, a enfermeira preparou Colin para sair. Ela ficou satisfeita pois, em vez de ficar deitado

como um tronco enquanto ela vestia suas roupas, ele se sentou e fez alguns esforços para ajudar, e conversava e ria com Mary o tempo todo.

— Está em um de seus bons dias, senhor — disse ela ao dr. Craven. — Estar com o humor tão bom o deixa mais forte.

— No final da tarde, depois que ele voltar, vou querer saber como foi — pediu o dr. Craven. — Quero ver o que a saída causará a ele. Gostaria — cochichou para ela — que ele deixasse você ir junto.

— Prefiro não insistir nisso, senhor, e ficar aqui como foi sugerido — respondeu a enfermeira com repentina firmeza.

— Não foi exatamente isso o que sugeri — justificou o médico, com seu ligeiro nervosismo. — Vamos tentar essa experiência. Dickon é um rapaz a quem eu confiaria meu filho recém-nascido.

O funcionário mais forte da casa carregou Colin escada abaixo e o colocou em sua cadeira de rodas do lado de fora, onde Dickon o esperava. Depois que o criado ajustou seus cobertores e almofadas, o rajá acenou com a mão para ele e para a enfermeira.

— Vocês têm minha permissão para ir — declarou ele, e os dois desapareceram rapidamente. É preciso registrar que riram muito quando chegaram em segurança dentro da casa.

Dickon começou a empurrar a cadeira de rodas lenta e firmemente. Dona Mary caminhava ao seu lado e Colin se recostou e ergueu o rosto para o céu. A abóbada estava muito alta e as pequenas nuvens pareciam pássaros brancos flutuando de asas abertas sob seu azul cristalino. O vento soprava em grandes e suaves respirações da charneca, com uma estranha doçura de cheiro forte e definido. Colin inflava seu peito magro para inspirá-lo, e seus grandes olhos pareciam estar ouvindo... eles ouviam, em vez de seus ouvidos.

— Há tantos sons de cantos, zuniados e chamados — observou ele. — O que é esse cheiro que as rajadas de vento trazem?

— É o tojo na charneca que tá se abrindo — respondeu Dickon. — Eita! As abelha tão maravilhosa hoje.

Nenhuma criatura humana foi avistada no caminho que tomaram. Na verdade, todos os jardineiros e seus ajudantes pareciam ter sido afugentados por algum feitiço. Mesmo assim, entraram e saíram de entre os arbustos e contornaram os canteiros das fontes, seguindo sua rota cuidadosamente planejada pelo simples e misterioso prazer de concretizá-la. Mas quando por fim entraram na longa calçada dos muros cobertos de hera, a sensação de antecipação que se aproximava os fez, por alguma curiosa razão que não poderiam explicar, começar a falar em sussurros.

— Foi aqui — ofegou Mary. — Este é o lugar onde eu costumava andar para lá e para cá e me maravilhar cada vez mais.

— É mesmo? — exclamou Colin, e seus olhos começaram a vasculhar a hera com ávida curiosidade. — Mas não consigo ver nada — sussurrou. — Não há porta.

— Era o que eu pensava também — disse Mary.

Então um delicado silêncio recaiu sobre eles e a cadeira continuou adiante.

— Este é o jardim onde Ben Weatherstaff trabalha — apontou Mary.

— É mesmo? — disse Colin.

Mais alguns metros e Mary sussurrou novamente.

— Foi aqui que o pisco voou por cima do muro — comentou ela.

— É mesmo? — exclamou Colin. — Oh! Eu queria que ele viesse de novo!

— E ali — continuou Mary com alegria solene, apontando para uma grande touceira de lilases — é onde ele se empoleirou sobre o montinho de terra e me mostrou a chave.

Então Colin se sentou mais ereto.

— Onde? Onde? Ali? — ele exclamou, e seus olhos ficaram tão grandes quanto os do lobo da Chapeuzinho Vermelho quando ele a convidou a observá-los mais de perto. Dickon parou e a cadeira de rodas.

— E aqui — disse Mary, pisando no canteiro perto da hera — é onde fui falar com ele quando gorjeou para mim do alto do muro. E esta é a hera que o vento soprou para o lado. — E suspendeu a cortina verde pendente.

— Oh! É ele... é ele! — engasgou-se Colin.

— E aqui está a maçaneta e aqui está a porta. Dickon empurre-o... empurre-o logo para dentro!

E Dickon a obedeceu com um forte empurrão, firme e decidido.

Colin caiu para trás contra as almofadas, ofegante de animação, cobriu os olhos com as mãos e as manteve assim até que estivessem dentro do jardim e a cadeira parasse como por mágica. A porta foi fechada atrás deles. Só então ele afastou suas mãos e olhou em volta, como Dickon e Mary haviam feito antes. Sobre os muros, no chão e nas árvores, nos ramos e gavinhas pendentes, se espalhava o véu verde-claro de pequeninas e tenras folhas, e na grama sob as árvores e nas urnas cinzentas nas alcovas e aqui e ali, em todos os lugares, havia pontos e salpicos de dourado, roxo e o branco, e as árvores se apresentavam em rosa e branco-neve acima de suas cabeças e asas batiam, gorjeios soavam e zumbiam e havia aromas e cheiros. O sol bateu quente em seu rosto como o carinho de uma mão amiga. E, maravilhados, Mary e Dickon ficaram olhando para ele. Ele parecia tão estranho e diferente com aquele brilho rosado sobre si, sobre seu rosto, sua cabeça, mãos e todo o resto.

— Vou sarar! Eu vou sarar! — ele gritou. — Mary!
Dickon! Eu vou ficar bom! E vou viver para todo o sempre!

CAPÍTULO 21.

BEN WEATHERSTAFF

Uma das coisas engraçadas de se estar vivo é que só de vez em quando temos certeza de que vamos viver para todo o sempre. Às vezes pensamos isso quando nos levantamos na terna e solene alvorada e saímos de casa, sozinhos, com a cabeça para trás e o olhar para cima, bem alto, observando o céu pálido clarear e se aquecer lentamente. Então maravilhas inéditas acontecem até que o nascente nos faz gritar e nosso coração para diante da insólita majestade imutável do amanhecer — que já vem acontecendo todas as manhãs por milhares e milhares de anos. Temos essa realização por um momento ou dois. E às vezes sabemos disso quando, sozinhos em uma floresta ao pôr do sol, a misteriosa quietude dourada e profunda que se inclina através e sob os galhos parece dizer lenta e repetidamente algo que não conseguimos ouvir, por maior que seja o esforço. Às vezes, acontece na imensa quietude do escuro azul da noite, com milhões de estrelas esperando, observando e nos dando essa certeza; e às vezes é o som de música distante que torna isso verdade; ou, ainda, um simples olhar nos olhos de outra pessoa.

E assim aconteceu com Colin quando ele viu, ouviu e sentiu pela primeira vez a primavera dentro dos quatro

altos muros de um jardim escondido. Naquela tarde, o mundo inteiro parecia se dedicar a ser perfeito, radiante, lindo e gentil com aquele menino. Talvez por pura bondade celestial a primavera veio e coroou tudo o que era possível naquele lugar. Mais de uma vez, Dickon parou o que estava fazendo e ficou plácido, com uma espécie de admiração crescente em seus olhos, balançando a cabeça suavemente.

— Eita! Que lindeza — disse ele. — Tenho doze ano, quase treze e vivi muitas tarde nesses ano, mas acho que nunca vi uma assim tão linda.

— Eita, é uma lindeza mesmo — concordou Mary, e suspirou com pura alegria. — Garanto que é a mais linda que já existiu neste mundo.

— Cês acha — disse Colin com uma cautela sonhadora — que tudo isso é por causa de mim?

— Te juro! — exclamou Mary com admiração. — Cê tem um pouco do bom Yorkshire. Cê vai ficar bão demais nisso... ô se vai.

E a maravilha reinou. Puxaram a cadeira para debaixo da ameixeira, que estava branca como a neve por suas flores e musical pelas abelhas. Era como o dossel de um rei, o rei das fadas. Perto havia cerejeiras em flor e macieiras cujos botões eram rosados e brancos, e aqui e ali alguns já haviam desabrochado completamente. Entre os galhos floridos do dossel, pedaços de céu azul pareciam maravilhosos olhos observando a tudo.

Mary e Dickon trabalharam um pouco e Colin os observou. Mostraram-lhe muitas coisas: botões florindo, botões ainda bem fechados, galhos cujas folhas começavam a ficar verdes, a pena de um pica-pau caída na relva, uma casca de ovo vazia de uma ave que já nascera. Dickon empurrava a cadeira lentamente, dando voltas e mais voltas pelo jardim, parando a toda hora para mostrar as maravilhas que brotavam da terra ou que pendiam das árvores. Era como ser transportado a todos os estados de um reino mágico e conhecer cada riqueza misteriosa que possuía.

— Será que vamos ver o pisco? — quis saber Colin.

— Cê vai ver ele bastante depois de um tempo — respondeu Dickon. — Quando os filhotinho sair dos ovo, ele vai ficar tão agitado que cê vai ficar com dor no pescoço. Cê vai ver ele voano pra lá e pra cá, carregano umas minhoca do tamanho dele e vai ter tanta algazarra no ninho quando ele chegar lá que vai ficar até bravo, porque ele num vai saber em qual das boca colocar a bichinha. Os bico tudo escancarado e piano pra todo lado. A mãe fala que quando ela vê o trabalho que um pisco tem para manter os bico escancarado cheio, ela se sente igual a uma velhinha aposentada. Ela conta que já viu até pingar suor da testa dos bichinho, mas nenhuma pessoa nunca viu isso.

Aquilo os fez rir com tanta alegria que foram obrigados a cobrir a boca com as mãos, lembrando de que

não deveriam ser ouvidos. Colin havia recebido instruções sobre a regra dos sussurros há vários dias. Ele gostou do mistério e fez o melhor que pôde, mas em meio a uma alegria sem precedentes é bastante difícil rir sussurrando.

Cada momento da tarde foi repleto de coisas novas e a cada hora o sol ficava mais dourado. A cadeira de rodas foi empurrada para baixo do dossel e Dickon sentou-se na grama. Ele acabara de sacar sua flauta quando Colin viu algo que não tivera tempo de notar antes.

— Aquela árvore ali é bem velha, não é? — apontou. Dickon e Mary olharam para o outro lado do gramado e seguiu-se um breve momento de silêncio.

— É — respondeu Dickon, com uma voz baixa e muito suave.

Mary olhou pensativa para a árvore.

— Os galhos estão bastante cinzentos e não há uma única folha nela — Colin continuou. — Está meio morta, não é?

— É — admitiu Dickon. — Mas aquelas roseira que se enrolaram nela toda vão esconder cada pedacinho da madeira morta quando as folha e as flor vier. Não vai parecer morta mais. Será a mais bonita de todas.

Mary ainda olhava para a árvore pensativa.

— Parece que um grande galho dela foi quebrado — disse Colin. — Quem será que fez isso?

— Quebrou muitos ano atrás — respondeu Dickon. — Eita! — deu um repentino sobressalto e tocou Colin. —

Olha aquele pisco! Olha ele lá! Ele tá procurando a sua companheira.

Colin quase não teve tempo de vê-lo, mas viu o vulto de um pássaro de peito vermelho com algo em seu bico. Voou como um dardo por entre os galhos e sumiu perto do canto mais próximo. Colin recostou-se na almofada novamente, rindo:

— Ele está levando o chá da tarde para ela. Talvez sejam cinco horas. Acho que eu também gostaria de um chá.

E assim estavam todos seguros.

— Foi a magia que enviou o pisco — disse Mary secretamente a Dickon posteriormente. — Eu sei que foi.

Tanto ela como Dickon temiam que Colin perguntasse algo sobre o galho da árvore, quebrado dez anos antes, e já haviam conversado sobre isso. Dickon se levantou e esfregou a cabeça um tanto perturbado.

— A gente tem que olhar pra ela como se fosse igual à outra árvore — disse ele. — A gente nunca vai poder contar como o galho quebrou, pobre rapaz. Se ele disser alguma coisa sobre ela, a gente... a gente tenta parecer alegre.

— Eita, combinado — concordou Mary.

Mas ela não se sentiu alegre quando olhou para a árvore. Durante alguns momentos, pensou seriamente se havia alguma realidade naquilo que Dickon havia dito. Ele continuou esfregando seu cabelo vermelho-ferrugem de

uma forma intrigada, mas uma bela expressão de conforto começou a tomar seus olhos azuis.

— A sra. Craven era uma moça muito querida — ele continuou, um tanto hesitante. — E a mãe acha que ela continua em Misselthwaite cuidando do patrão Colin, como todas as mães fazem quando vão embora deste mundo. Ela precisa voltar, sabe? Acontece que ela mora no jardim e foi ela que botou nós pra trabalhar e mandou trazer ele aqui.

Mary achou que ele diria algo sobre magia. Ela acreditava muito nisso. Secretamente, acreditava que Dickon era um feiticeiro, obviamente da boa magia, pois tudo girava em torno dele e por isso era tão amado pelas pessoas e criaturas selvagens. Imaginou se, de fato, não teria sido esse seu dom que trouxera o pisco no momento exato em que Colin fez aquela pergunta perigosa. Ela sentiu o feitiço dele funcionando a tarde toda, como se tentasse transformar Colin em um garoto totalmente diferente. Ele não parecia em nada com a criatura descontrolada que gritava, batia e mordia seu travesseiro. Até sua palidez de marfim parecia diferente. O leve toque de cor que apareceu em seu rosto, testa e mãos, assim que ele entrou no jardim, parecia que nunca mais o abandonaria. Ele agora aparentava ser feito de carne em vez de marfim ou cera.

Observaram o pisco levar comida para sua companheira duas ou três vezes, e a sugestão do chá da

tarde era tão incitante que Colin achou que deveriam comer.

— Vá e mande um dos criados deixar uma cesta na calçada dos rododendros —pediu ele. — E então você e Dickon podem trazê-la aqui.

Foi uma ideia agradável e facilmente realizada. Quando a toalha branca foi estendida na grama, com chá quente, torradas com manteiga e bolinhos, a deliciosa refeição foi devorada. Vários pássaros, em suas tarefas cotidianas, pararam para observar o que acontecia e investigavam as migalhas com grande atenção. Nut e Shell subiram nas árvores com seus pedaços de bolo, e Fuligem pegou a metade de um bolinho com manteiga com a ponta do bico, examinou-o e fez comentários roucos até que decidiu engolir de uma só vez.

A tarde já chegava em sua hora mais amena. O sol aprofundava o dourado de seus raios afiados, as abelhas voltavam para suas colmeias e os pássaros voavam com menos diligência. Dickon e Mary estavam sentados na grama, a cesta de chá fora reembalada para ser levada de volta, e Colin estava deitado contra suas almofadas com seus pesados cachos penteados para trás. Seu rosto tinha uma cor bastante saudável.

— Não quero que esta tarde acabe — disse ele. — Mas voltarei amanhã e depois de amanhã e depois de depois de amanhã.

— Você vai tomar bastante ar fresco, não é? —
incentivou Mary.

— Não farei nada além disso — respondeu ele. —
Agora que já vi a primavera chegar, quero ver o verão.
Quero ver tudo crescer aqui. Eu mesmo vou crescer aqui.

— Ô se vai — disse Dickon. — Nós vamo deixar cê
andar por aqui tudo e cavar igual às outra pessoa, logo
logo.

Colin corou tremendamente.

— Andar! — ele exclamou. — Cavar! Será?

O olhar de Dickon para ele foi delicado e cauteloso.
Nem ele nem Mary jamais haviam perguntado se havia
alguma coisa errada com suas pernas.

— Certeza que vai — continuou com firmeza. — Cê...
cê tem suas própria perna, igual a todo mundo!

Mary ficou bastante apreensiva até ouvir a resposta de
Colin.

— Elas não têm problema nenhum — explicou Colin
—, mas são muito finas e fracas. Elas tremem tanto que
tenho medo de ficar em pé.

Mary e Dickon respiraram aliviados.

— Quando cê parar de ter medo, vai ficar em pé —
encorajou Dickon, com alegria renovada. — E já já cê vai
parar de ter medo.

— Vou? — disse Colin, e ficou imóvel como se
pensasse sobre o assunto.

Ficaram quietos por algum tempo. O sol já ia se pondo. Era aquela hora em que tudo se acalma, e a tarde realmente fora agitada e emocionante. Colin descansava confortavelmente. Até as criaturas pararam de se agitar e se recolheram, algumas brincando perto deles. Fuligem se empoleirou em um galho baixo, levantou uma das pernas e deixou a película cinza sobre seus olhos se fechar, sonolento. Mary, em silêncio, achou que ele parecia prestes a roncar.

Em meio a essa tranquilidade, foi surpreendente quando Colin ergueu a cabeça e exclamou em um sussurro alto e repentinamente alarmado:

— Quem é aquele homem? — Dickon e Mary se levantaram aos tropeços.

— Um homem! — ambos exclamaram em voz baixa e apressada.

Colin apontou para o muro alto:

— Vejam! — ele sussurrou, agitado. — Olhem lá!

Mary e Dickon se viraram e o viram. Lá estava o rosto indignado de Ben Weatherstaff olhando para eles por cima do muro, do topo de uma escada! Na verdade, ele balançava seu punho para Mary.

— Se eu não fosse solteiro e ocê fosse minha filha — gritou ele —, te daria uma coça!

Ele fez mais um movimento ameaçador, como se tivesse o impulso de pular e brigar com ela; mas quando ela se aproximou, ele evidentemente pensou melhor e

estancou no último degrau de sua escada, ainda sacudindo o punho.

— Nunca gostei muito de ocê! — esbravejou. — Eu não fui com a sua cara no começo quando a gente se conheceu. Uma menina magricela com cara de manteiga branca e cabelo piaçava que só fazia pergunta e metia o nariz onde não era chamada. Como é que cê entrou aqui sem eu saber, é um mistério. O pisco, aquele safado...

— Ben Weatherstaff — gritou Mary, recuperando o fôlego. Foi para debaixo dele e o chamou com uma espécie de suspiro. — Ben Weatherstaff, foi o próprio pisco quem me mostrou o caminho!

Então pareceu que Ben realmente pularia de cima do muro, tamanha a sua indignação

— Ocê é uma menina ruim! — gritou. — Cê coloca a culpa num pisco que num tem nem a chance de se defender. Ele te mostrou o caminho? Foi ele? Eita! Aquele exibido... — Ela pôde prever suas próximas palavras, prontas para explodir, pois sabia que estava tomado pela curiosidade. — E como é que cê conseguiu entrar?

— O pisco me mostrou o caminho — ela insistiu obstinadamente. — Ele não sabia o que estava fazendo, mas fez. E eu não vou conversar com você assim, com esse punho fechado para mim.

Ele parou de sacudir o punho naquele exato momento e seu queixo caiu, ao olhar por sobre a cabeça dela algo que vinha pelo gramado em sua direção.

Ao primeiro som de sua torrente de palavras, Colin ficou tão surpreso que apenas se sentou e ouviu, fascinado. Mas no meio da discussão ele se recompôs e acenou imperiosamente para Dickon.

— Me leve até lá! — ele comandou. — Bem próximo do muro e pare na frente dele!

E foi isso o que Ben Weatherstaff viu e que o fez ficar de queixo caído. Uma cadeira de rodas com almofadas e mantos luxuosos vinha em sua direção como uma espécie de diligência oficial, com um jovem rajá sentado nela, majestoso com seus grandes olhos de contornos pretos e uma mão branca e fina estendida com altivez. Pararam bem debaixo do nariz de Ben Weatherstaff. Realmente, não era de se admirar que seu queixo caísse.

— Você sabe quem eu sou? — demandou o rajá.

Ben Weatherstaff estava pasmo! Seus velhos olhos vermelhos fixaram-se no que estava diante dele como se fosse um fantasma. Ele olhou e olhou e engoliu um nó de sua garganta sem dizer uma palavra.

— Você sabe quem eu sou? — repetiu Colin, ainda mais imperiosamente. — Responda!

Ben Weatherstaff ergueu sua mão nodosa e passou-a sobre os olhos e testa, e então respondeu com uma voz estranhamente trêmula:

— Quem é ocê? Eu sei sim, porque ocê me olha com os olho da sua mãe. Só Deus sabe como é que ocê veio parar aqui. Cê é o menino aleijado.

Colin se esqueceu de suas costas frágeis. Seu rosto ficou vermelho e ele se sentou ereto.

— Eu não sou aleijado! — gritou furiosamente. — Não sou!

— Ele não é! — exclamou Mary, quase gritando contra o muro, indignada. — O maior carço dele é menor que um alfinete! Eu olhei e não tem carço nenhum!

Ben Weatherstaff passou a mão pela testa novamente e olhou como se nunca pudesse olhar o suficiente. Sua mão, sua boca e sua voz tremiam. Ele era um velho ignorante e sem tato e mal podia entender o que ouvira.

— Cê num tem as costa torta? — perguntou ele com voz rouca.

— Não! — gritou Colin.

— Cê num tem as perna torta? — Ben tremia e ficava ainda mais rouco. Aquilo era demais para ele. A força que Colin normalmente colocava em seus acessos de raiva agora corria por ele de uma maneira diferente. Ele nunca havia sido acusado de ter pernas tortas, nem mesmo nos cochichos. Mas a constatação de que era uma crença compartilhada por todos, revelada pela voz de Ben Weatherstaff, era mais do que a carne e o sangue do rajá poderiam suportar. Com raiva e seu orgulho ferido, esqueceu-se de tudo e sentiu-se poderoso como nunca, com uma força quase sobrenatural.

— Venha aqui! — gritou para Dickon, e começou a jogar as cobertas de suas pernas para o lado e a se

desembaraçar. — Venha aqui! Venha aqui! Venha agora!

Dickon chegou ao seu lado em um segundo. Mary prendeu a respiração em um curto suspiro e sentiu que empalidecia.

— Ele consegue! Ele consegue! Ele consegue! Ele vai!
— ela murmurou baixinho e apressadamente.

Houve um breve e feroz esforço, os cobertores foram jogados no chão, Dickon segurou o braço de Colin e as pernas finas já estavam para fora. Seus pés magros pisaram na grama. Colin ficou de pé, ereto e reto como uma flecha, e parecia estranhamente alto. Jogou sua cabeça para trás e seus olhos estranhos faiscavam raios.

— Olhe para mim! — disparou para Ben Weatherstaff.
— Olhe para mim, homem! Olhe!

— Ele tá reto igual eu! — exclamou Dickon. — Ele é reto igual a todo mundo em Yorkshire!

O que Ben Weatherstaff fez, então, Mary achou exageradamente estranho. O velho engasgou e engoliu em seco, e de repente lágrimas correram por suas bochechas enrugadas enquanto batia palmas com suas velhas mãos.

— Eita! — ele explodiu. — As mentira que as pessoa conta! Cê é fino que nem um sarrafo e branco que nem um espírito, mas num tem caroço nenhum em ocê. Cê vai virá um homão. Deus te abençoe!

Dickon segurava o braço de Colin com força, mas o menino não vacilou. Ele olhava firme para Ben Weatherstaff e ficava cada vez mais ereto.

— Quando meu pai está fora, sou seu patrão — declarou ele. — E você deve me obedecer. Este é o meu jardim. Não se atreva a dizer uma palavra sobre isto! Desça dessa escada e venha pela longa calçada. Dona Mary vai te encontrar e te trazer aqui. Quero falar com você. Nós não te queríamos aqui, mas agora você terá de manter nosso segredo. Ande logo!

O rosto velho e enrugado de Ben Weatherstaff ainda estava úmido com a surpreendente torrente de lágrimas. Parecia não conseguir tirar os olhos do menino raquítico, agora em pé e com o queixo erguido.

— Eita! Rapaz — ele quase sussurrou. — Eita! Meu rapaz! — E então, voltando a si, tocou em seu chapéu de jardineiro e disse: — Sim, senhor! Sim, senhor! — E obedientemente desapareceu ao descer da escada.

CAPÍTULO 22.

QUANDO O SOL SE PÔS

Assim que a cabeça de Ben Weatherstaff sumiu de vista, Colin voltou-se para Mary.

— Vá encontrá-lo — ordenou.

Mary voou pela grama até a porta sob a hera.

Dickon o observava com um olhar profundo. Havia manchas vermelhas nas bochechas de Colin e sua postura era inacreditável. Não havia sinais de que cairia.

— Eu consigo ficar de pé — disse ele, com sua cabeça ainda erguida de forma desafiadora.

— Eu disse que ocê conseguia se parasse de ter medo — observou Dickon. — E ocê parou.

— Parei mesmo — tornou Colin.

Então, de repente, ele se lembrou de algo que Mary havia dito.

— Você está fazendo feitiçaria? — perguntou bruscamente.

A boca curvada de Dickon se abriu em um sorriso alegre.

— Quem tá fazendo feitiçaria aqui é ocê — retrucou ele. — É o mesmo feitiço que fez ocês trabalhar na terra. — E tocou com sua bota rústica uma moita de açafrões na grama. Colin olhou para a moita.

— Sim — disse lentamente —, não há magia maior do que isto... não existe.

E se endireitou ainda mais.

— Vou caminhar até aquela árvore — declarou, apontando para uma a poucos metros. — Vou estar em pé quando Weatherstaff entrar. Posso descansar contra a árvore, se quiser. Quando quiser, posso me sentar, mas não antes. Traga um tapete da cadeira.

Ele caminhou até a árvore e, embora Dickon segurasse seu braço, manteve-se maravilhosamente firme. Quando parou contra o tronco da árvore, não ficou claro se estava apoiado nele, mas continuou ereto e parecia alto.

Quando Ben Weatherstaff entrou pela porta no muro, viu Colin parado ali e Mary resmungou algo baixinho.

— Que ocê disse? — perguntou o velho, um tanto irritado pois não queria desviar sua atenção do menino magro e de rosto orgulhoso.

Mas ela não havia dito nada a ele. O que ela resmungou foi o seguinte:

— Você pode! Você pode! Eu disse que você podia! Você pode! Você pode! — Dissera isso a Colin porque queria que sua magia o mantivesse em pé. Não queria que ele cedesse antes que Ben Weatherstaff o visse. Ele não cedeu. Ela se animou com a constatação repentina de que estava muito bonito, apesar de sua magreza. Colin fixou os olhos em Ben Weatherstaff com seu jeito engraçado e mandão.

— Olhe para mim! — comandou. — Olhe só para mim! Sou corcunda? Minhas pernas são tortas?

Ben Weatherstaff ainda não havia superado o choque, mas conseguiu responder quase sem sobressaltos:

— Não são, não. Nem um pouco. O que cê tem aprontado, se escondendo desse jeito? As pessoa pensava que cê era aleijado e retardado.

— Retardado! — contestou Colin, com raiva. — Quem achava isso?

— Os tonto — respondeu Ben. — Este mundo tá cheio de burro relinchano e só zurram mentira. Por que ocê se trancou lá?

— Todos achavam que eu iria morrer — disse Colin brevemente. — Mas eu não vou!

Disse isso tão resoluto que Ben Weatherstaff o olhou de cima a baixo e de baixo para cima.

— Ocê, morrer? — o velho se exaltou. — De jeito maneira! Cê tá é cheio de vida. Quando eu vi cê botar as perna no chão com tanta força, já notei que cê tava bom. Pode se sentar no tapete pra me dar as ordem, meu patrãozinho.

Havia uma mistura estranha de ternura e compreensão em suas palavras. Mary havia lhe contado algumas coisas ao descerem pela longa calçada. A principal que explicou a ele era que Colin estava melhorando a cada dia, e que o jardim era responsável por isso. Nada deveria lembrá-lo de corcundas ou morte.

O rajá condescendeu em sentar-se no tapete sob a árvore.

— Que trabalho você faz nos jardins, Weatherstaff? — ele perguntou.

— Qualquer coisa que me mandam fazer — respondeu o velho Ben. — Continuo aqui de favor... porque ela gostava de mim.

— Ela quem? — inquiriu Colin.

— A sua mãe — respondeu Ben Weatherstaff.

— Minha mãe? — repetiu Colin, e olhou em volta em silêncio. — Este era o jardim dela, não era?

— Era sim! — Ben Weatherstaff também olhou em volta. — Ela gostava muito daqui.

— É meu jardim agora. E eu gosto muito dele. Virei aqui todos os dias — anunciou Colin. — Mas devemos manter o segredo. Minhas ordens são para que ninguém saiba que viemos aqui. Dickon e minha prima trabalharam duro e deram vida a ele. Vou mandar chamá-lo às vezes para ajudar, mas quando vier ninguém poderá saber.

O rosto de Ben Weatherstaff se contorceu em um sorriso enrugado.

— Já vim aqui antes, e ninguém me viu — confessou ele.

— O quê? — espantou-se Colin. — Quando?

— A última vez que vim aqui — disse, coçando o queixo e olhando em volta — já faz uns dois ano.

— Mas ninguém esteve aqui nos últimos dez anos! — exclamou Colin. — Não havia porta!

— Pois eu fui esse ninguém — disse o velho Ben secamente. — E eu não entrei pela porta. Pulei o muro. O reumatismo não me deixou mais nos último dois ano.

— Cê veio e fez um pouco de poda! — Dickon interveio. — Eu não conseguia mesmo entender essa parte.

— Ela gostava tanto disso, como gostava! — continuou Ben Weatherstaff lentamente. — E ela era uma moça muito bonita. Uma vez ela me disse, sorrindo: “Ben, se eu ficar doente ou for embora, cê vai cuidar das minha roseira”. Quando ela foi embora, as ordem era que ninguém podia chegar perto daqui. Mas eu vinha — contou com uma obstinação mal-humorada. — Eu pulava o muro, até que o reumatismo não deixou mais... e eu trabalhava um pouco, uma vez por ano. Ela deu a sua ordem primeiro.

— O jardim taria ainda pior se ocê num tivesse vino — observou Dickon. — Eu bem que notei.

— Estou feliz que tenha feito isso, Weatherstaff — disse Colin. — Você saberá guardar segredo.

— Sim, pode deixar, senhor — respondeu Ben. — E vai ser mais fácil um homem com reumatismo entrar pela porta.

Mary deixou cair a espátula na grama perto da árvore. Colin estendeu a mão e a pegou. Uma expressão estranha surgiu em seu rosto e ele começou a cavoucar a terra. Sua mão magra estava fraca e Mary observou com interesse,

quase sem fôlego, quando ele enfiou a ponta da ferramenta no solo e a torceu para o lado.

— Você conseguiu! Você conseguiu! — disse Mary para si mesma. — Tenho certeza que sim!

Os olhos redondos de Dickon brilhavam com uma ávida curiosidade, mas ele não disse nada. Ben Weatherstaff observava com atenção.

Colin perseverou. Depois de revirar algumas colheradas de terra, comentou exultante com Dickon, em seu melhor Yorkshire.

— Cê disse que me faria andar por aqui igual às outra pessoa, e disse que eu ia cavar. Eu achava que cê só tava mentindo para me agradar. Hoje é só o primeiro dia e eu já andei. Agora olha só eu cavano.

O queixo de Ben Weatherstaff caiu novamente ao ouvir aquilo, mas logo disparou uma gargalhada.

— Eita! — divertiu-se. — Cê parece que tá em sã consciência agora. Cê é um rapaz de Yorkshire, te juro! E tá cavano, também. Que tal plantar um pouco de alguma coisa? Vou te dar uma roseira num vaso.

— Vá lá pegar! — pediu Colin, cavando com entusiasmo. — Rápido, rápido!

E, rapidamente, Ben Weatherstaff seguiu seu caminho, esquecendo-se do reumatismo. Dickon pegou sua pá e cavou um buraco mais fundo e mais largo do que o novo lavrador de mãos finas e brancas seria capaz. Mary foi correndo buscar um regador. Enquanto Dickon

aprofundava o buraco, Colin se manteve revirando a terra fofa. Olhou para o céu, corado e suado pelo novo esforço, por mais leve que fosse.

— Quero terminar antes que o sol se ponha — afirmou ele.

Mary pensou que talvez o sol se detivesse alguns minutos por bondade. Ben Weatherstaff trouxe uma roseira da estufa. Veio mancando sobre a grama apressado e animado. Então se ajoelhou perto do buraco e quebrou o vaso.

— Aqui, rapaz — disse ele, entregando a árvore para Colin. — Coloca na terra igual ao rei quando conquista uma terra nova.

As mãos finas e brancas tremeram um pouco, e o rubor de Colin ficou mais forte. O menino baixou a roseira e a segurou enquanto o velho Ben socava a terra na cova para que a muda de roseira fosse firmada. Mary estava inclinada para a frente, com as mãos sobre os joelhos. Fuligem desceu voando e marchou até perto deles. Nut e Shell conversavam sobre a cena do alto de uma cerejeira.

— Está plantada! — declarou Colin, finalmente. — E o sol ainda brilha. Ajude-me a levantar, Dickon. Quero estar de pé quando ele se for. Isto é parte da magia.

Dickon o ajudou, e o feitiço — ou seja lá o que for — lhe deu forças para que, mesmo após o sol desaparecer no horizonte e encerrar aquela tarde inusitada e adorável, ele continuasse em pé e sorrindo.

CAPÍTULO 23.

MAGIA

O dr. Craven já esperava há algum tempo quando eles chegaram na casa. Ele já ponderava se não seria sensato enviar alguém para procurá-los nos caminhos dos jardins. Quando Colin foi colocado de volta em seu quarto, o pobre homem olhou para ele seriamente.

— Você não deveria ter ficado tanto tempo — criticou ele. — Não pode se esforçar muito.

— Não estou nem um pouco cansado — retrucou Colin. — Me fez muito bem. Amanhã vou sair de manhã, e também à tarde.

— Não sei se posso permitir isso — advertiu o dr. Craven. — Acho que não seria muito sábio.

— Não seria sábio tentar me impedir — revidou Colin, muito sério. — Eu vou.

Até Mary descobrira que uma das principais peculiaridades de Colin era sua absoluta ignorância sobre a grosseria com que tratava as pessoas. Ele vivera toda a sua vida como o rei de uma espécie de ilha deserta, e desenvolvera modos próprios sem ninguém com quem pudesse se comparar. De fato, Mary era bastante parecida com ele, e desde que chegara a Misselthwaite descobrira aos poucos que seus próprios modos não eram comuns ou amigáveis. Ao fazer essa descoberta, ela naturalmente

pensou que fosse importante o suficiente para avisar Colin. Então, após o dr. Craven se retirar, ela se sentou e olhou para ele com curiosidade por alguns minutos. Queria que ele lhe perguntasse por que estava daquela maneira, e é claro que conseguiu.

— Por que está olhando para mim? — perguntou ele.

— Estou pensando que sinto pena do dr. Craven.

— Eu também — concordou Colin, calmamente, mas não sem um certo ar de satisfação. — Ele não vai mais herdar Misselthwaite, já que eu não vou mais morrer.

— Sinto por ele por causa disso, é claro — observou Mary —, mas eu estava pensando que deve ser terrível ter de ser gentil por dez anos com um menino sempre tão rude. Eu nunca aguentaria isso.

— Eu sou rude? — Colin perguntou, imperturbável.

— Se você fosse o filho dele e ele fosse o tipo de homem que bate em crianças — continuou Mary —, teria te dado um tapa.

— Mas ele não ousaria — revidou Colin.

— Não, ele não ousaria — respondeu dona Mary, refletindo sem se policiar. — Ninguém jamais se atreveu a fazer nada que você não gostasse, porque você ia morrer e coisas assim. Você era um coitadinho.

— Mas — anunciou Colin teimosamente — não serei mais um coitadinho. Não vou deixar que pensem isso de mim. Fiquei de pé sozinho hoje.

— É por fazer as coisas sempre do seu jeito que você é tão esquisito — concluiu Mary em voz alta.

Colin virou a cabeça, carrancudo.

— Eu sou esquisito? — disparou.

— É — respondeu Mary —, e muito. Mas você não precisa ficar zangado — continuou, com imparcialidade —, porque eu também sou... e Ben Weatherstaff também. Mas não sou mais tão esquisita como era antes de começar a gostar de pessoas e de encontrar o jardim.

— Não quero ser esquisito — disse Colin. — Não serei.
— E novamente franziu a testa com determinação.

Como era um menino muito orgulhoso, ficou pensando por um tempo, e então Mary viu seu lindo sorriso começar a mudar gradualmente todo o seu rosto.

— Vou parar de ser esquisito — anunciou ele —, se for todos os dias ao jardim. Há uma magia ali... um feitiço bom, sabe, Mary? Tenho certeza de que sim.

— Eu também — concordou Mary.

— Mesmo que não seja magia de verdade — disse Colin —, podemos fingir que é. Tem alguma coisa lá!

— É magia — insistiu Mary —, mas não negra. É branca como a neve.

Eles sempre chamaram a isso de magia e de fato parecia ser verdade nos meses que se seguiram, meses maravilhosos, radiantes e incríveis. As coisas que aconteceram naquele jardim! Quem nunca teve um jardim não pode entender, e mesmo quem já teve um precisaria de

um livro inteiro para descrever tudo o que aconteceu ali. A princípio, parecia que as coisas verdes nunca cessariam de abrir caminho na terra, na grama, nos canteiros e até mesmo nas fendas dos muros. Então elas começaram a mostrar seus botões, e os botões começaram a desabrochar e a mostrar suas cores, todos os tons de azul e de púrpura, todos os matizes e tons de carmesim. Em seus dias felizes, as flores eram vistas em cada centímetro, buraco e canto. Ben Weatherstaff notou aquilo e ele próprio raspou a argamassa de entre os tijolos dos muros e fez bolsões de terra para que os lindos ramos pendentes pudessem vicejar. Íris e lírios-brancos se erguiam da grama aos feixes, e as alcovas verdes se encheram de espantosos exércitos de lanças de flores azuis e brancas, de altos *delphiniums*, columbinas e campânulas.

— Ela gostava muito destes, gostava mesmo — contou Ben Weatherstaff. — Ela costumava dizer que gostava dessas coisa porque ficavam apontando pro céu azul. Não que ela não gostasse das coisa da terra... não, senhor. Ela amava tudo, mas dizia que os encanto do céu azul parecia mais alegre.

As sementes que Dickon e Mary plantaram cresceram como se cuidadas por fadas. Papoulas acetinadas de todos os matizes dançavam na brisa leve, desafiando alegremente as flores que viveram no jardim por anos e pareciam um tanto surpresas com a chegada de novas companheiras. E as roseiras, as rosas! Erguendo-se da

grama, emaranhadas em torno do relógio de sol, enroladas nos troncos das árvores e penduradas em seus galhos, subindo pelos muros, espalhavam-se como longas guirlandas em cascatas. Ganhavam ainda mais vida dia após dia, hora após hora. Lindas folhas frescas e botões e mais botões, minúsculos no início, mas inchando e realizando sua mágica até explodirem e se desenrolarem em copos, derramando perfume delicadamente de suas bordas e tomando o ar do jardim.

Colin olhava para tudo, observava cada nova mudança. Todas as manhãs, se não estivesse chovendo, ele era trazido para fora e passava todas as horas do dia no jardim. Mesmo os dias nublados o agradavam. Ele ficava deitado na grama “vendo as coisas crescerem”, como dizia. Se alguém observasse por tempo suficiente, declarava ele, era possível ver os botões se desembainhando. Além disso, era possível descobrir coisas estranhas, insetos ocupados em suas várias incumbências misteriosas, mas evidentemente sérias, às vezes carregando pequenos fiapos de palha, penas ou migalhas, ou escalando folhas de grama como se fossem árvores de cujos topos pudessem observar e mapear o território. Uma toupeira que escavava o montículo final de sua toca, finalmente abrindo caminho para fora com suas patas de unhas compridas que mais pareciam mãos de elfos, o absorvera por uma manhã inteira. As trilhas das formigas, dos besouros, das abelhas, dos sapos, dos pássaros, das plantas, deram-lhe um novo

mundo para explorar e então Dickon revelava outros mais, acrescentando as trilhas das raposas, das lontras, dos furões, dos esquilos, e os percursos das trutas, dos ratões-do-banhado e dos texugos. Não havia fim para assuntos e pensamentos.

E isto não era sequer a metade do feitiço. O fato de realmente ter se colocado em pé fez Colin pensar profundamente, e quando Mary lhe contou sobre o feitiço que ela havia entoado, ele ficou animado e o aprovou fervorosamente. Ele falava disso constantemente.

— É claro que deve haver muita magia no mundo — disse, sabiamente, certo dia —, mas as pessoas não sabem como ela é ou como fazê-la. Talvez o começo seja apenas dizer que coisas boas vão acontecer até que você as faça acontecer. Vou experimentar fazer isso.

Na manhã seguinte, quando foram ao jardim secreto, ele mandou chamar Ben Weatherstaff imediatamente. Ben veio o mais rápido que pôde e encontrou o rajá em pé sob uma árvore, muito imponente, mas também com um lindo sorriso.

— Bom dia, Ben Weatherstaff — cumprimentou. — Quero que você, Dickon e a srta. Mary se aproximem e me escutem, porque vou lhes contar algo muito importante.

— Sim, sim, senhor! — respondeu Ben Weatherstaff, tocando sua testa. (Um dos encantos há muito ocultos de Ben Weatherstaff era que, em sua infância, uma vez fugira

para fazer viagens ao mar. Portanto, às vezes ele respondia como um marujo.)

— Vou tentar um experimento científico — anunciou o rajá. — Quando eu crescer, farei grandes descobertas e vou começar agora com essa experiência.

— Sim, sim, senhor! — disse Ben Weatherstaff, de prontidão, embora aquela fosse a primeira vez em que ouvia falar de grandes experimentos científicos.

Também foi a primeira vez que Mary ouviu falar sobre aquilo, mas ainda assim percebeu que, mesmo estranho como era, Colin havia lido muito sobre coisas singulares e, de alguma forma, era um garoto muito convincente. Quando ele erguia a cabeça e fixava aqueles olhos estranhos nas pessoas, era impossível não acreditar nele, quase a despeito de si mesmo — embora ele tivesse apenas dez anos, quase onze. Naquele momento ele foi especialmente convincente pois sentia o fascínio de discursar como uma pessoa adulta.

— As grandes descobertas científicas que farei — continuou ele — serão sobre a magia. A magia é algo muito interessante, mas poucos sabem algo concreto sobre ela, exceto alguns autores de livros antigos... e Mary, um pouco, porque ela nasceu na Índia, onde moram os faquires. Acredito que Dickon saiba um pouco sobre feitiços, mas talvez não saiba que sabe. Ele encanta animais e pessoas. Eu nunca o teria deixado vir me ver se não fosse um encantador de animais... embora também

seja um menino encantador, porque um menino é um animal. Tenho certeza de que existe magia em tudo, só que não temos conhecimento suficiente para controlá-la e fazer com que ela faça coisas por nós, como a eletricidade e os cavalos a vapor.

Aquilo soou tão imponente que Ben Weatherstaff ficou muito animado e realmente não conseguia ficar parado.

— Sim, sim, senhor — ele dizia e se apurava.

— Quando Mary encontrou este jardim, ele parecia morto — prosseguiu o orador. — Então algo começou a empurrar plantas para fora do solo e criar coisas do nada. Um dia as coisas não estavam lá e em seguida estavam. Eu nunca tinha visto nada assim antes e fiquei muito curioso. Pessoas científicas são sempre muito curiosas e eu serei científico. Fico dizendo a mim mesmo: “Será mesmo? Será mesmo?”. Tem de significar alguma coisa. Não pode ser nada! Não sei qual é o nome, por isso chamarei de magia. Nunca vi o sol nascer, mas Mary e Dickon viram e, pelo que me disseram, tenho a certeza de que também é mágico. Algo o empurra e ele aparece. Às vezes, desde que vim para o jardim, olho para o céu por entre as árvores e tenho a estranha sensação de estar feliz, como se algo empurrasse e puxasse meu peito, fazendo minha respiração acelerar. A magia está sempre empurrando, puxando e fazendo coisas do nada. Tudo é feito de magia, folhas e árvores, flores e pássaros, texugos e raposas, esquilos e pessoas. Portanto,

ela deve estar ao nosso redor, neste jardim e em todos os lugares. A magia deste jardim me fez levantar e saber que vou viver para me tornar um homem. Vou fazer a experiência científica de tentar obter um pouco de magia e colocá-la dentro de mim mesmo e fazê-la me empurrar, me puxar e me fortalecer. Não sei como fazer, mas acho que quando nos concentramos e a invocamos, ela aparece. Talvez seja o melhor atalho até ela. Quando tentei ficar em pé pela primeira vez, Mary repetia para si mesma o mais rápido que podia: “Você consegue! Você pode!”, e eu consegui. Tive de me esforçar, é claro, mas a magia dela me ajudou, e a de Dickon também. Todas as manhãs e noites e sempre que me lembrar ao longo do dia, direi: “A magia vive em mim! A magia me faz bem! Serei forte como Dickon, forte como Dickon!”. E todos vocês devem fazer isso também. Esta será a minha experiência. Você me ajuda, Ben Weatherstaff?

— Sim, sim, senhor! — aceitou Ben Weatherstaff. — Sim, sim!

Mary interveio:

— Se fizer isso diariamente, como se fosse um soldado em treinamento, logo saberemos se o experimento teve sucesso. Nós aprendemos as coisas quando as repetimos e pensamos sobre elas até que fiquem gravadas em nossa mente para sempre. Acho que com a magia deve ser igual. Se ficarmos chamando e pedindo por sua ajuda, ela será parte de nós e fará as coisas acontecerem. Certa vez, ouvi

um oficial na Índia dizer à minha mãe que havia faquires que repetiam palavras infinitas vezes — revelou ela.

— Já ouvi a mulher de Jem Fettleworth repetir mil vez que seu marido era um bêbado e um bruto — disse Ben Weatherstaff secamente. — E aconteceu mesmo uma coisa. Ele deu uma boa surra nela e foi para a hospedaria Blue Lion¹¹ beber como um gambá.

Colin franziu as sobrancelhas e pensou por alguns minutos. Então se animou.

— Bem — ele disse —, aconteceu algo mesmo. Ela usou o feitiço errado e acabou apanhando. Se ela tivesse usado o feitiço certo e dito algo bom, talvez ele não ficasse tão bêbado como um gambá e talvez... talvez ele comprasse um chapéu novo para ela.

Ben Weatherstaff deu uma risadinha, e havia uma admiração perspicaz em seus velhos olhos.

— Cê é um rapaz inteligente e direito igual às suas perna, patrão Colin — disse ele. — Da próxima vez que eu encontrar a Bess Fettleworth, vou dar essa dica de como usar a magia. Ela vai ficar feliz se o experimento cinético funcionar, e o Jem também.

Dickon ouviu o discurso todo, seus olhos brilhavam de curiosidade. Nut e Shell estavam em seus ombros e ele acariciava suavemente um coelho branco de orelhas compridas em seu colo. O animal encostava as orelhas nas costas, muito satisfeito.

— Você acha que a experiência vai funcionar? — Colin perguntou a ele, curioso para saber o que o amigo pensava. Muitas vezes ele se perguntava o que se passava pela cabeça de Dickon, quando o via olhando para ele ou para uma de suas criaturas com seu sorriso largo e feliz.

Dickon sorriu um sorriso mais largo que o normal.

— Acho — respondeu. — Acho mesmo. Vai funcionar igual às semente quando o sol bate nelas. Vai funcionar, sim. Vamos começar agora?

Colin ficou encantado e Mary também. Incentivado pela lembrança dos faquires e devotos religiosos das ilustrações, Colin sugeriu que todos se sentassem de pernas cruzadas sob a árvore que os protegia.

— Será como se sentar em uma espécie de templo — disse Colin. — Estou bastante cansado e quero me sentar.

— Eita! — repreendeu Dickon — Cê num pode começar dizem que tá cansado. Assim pode estragar a magia.

Colin se virou e encarou seus inocentes olhos redondos.

— Tem razão — disse ele lentamente. — Eu só devo pensar na magia.

Tudo pareceu ainda mais majestoso e misterioso quando eles se sentaram em círculo. Ben Weatherstaff sentiu-se como se de alguma forma tivesse sido levado a comparecer a um encontro da igreja. Normalmente, ele era bastante contrário ao que chamava de “reuniões de

oração”, mas neste caso, com o rajá, ele não se incomodou e parecia realmente satisfeito em participar. Dona Mary sentia-se em um êxtase solene. Dickon segurou seu coelho no braço, e talvez tenha feito algum encanto que ninguém ouviu, pois quando se sentou, de pernas cruzadas como o resto, o corvo, a raposa, os esquilos e o cordeiro lentamente se aproximaram para participar do círculo, cada em seu lugar sem a necessidade de comandos.

— As “criaturas” vieram — disse Colin gravemente. — Elas querem nos ajudar.

Colin estava realmente muito bonito, pensou Mary. Ele mantinha a cabeça erguida como uma espécie de sacerdote e seus olhos exóticos tinham uma aparência maravilhosa. A luz brilhou sobre ele através da copa das árvores.

— Agora vamos começar — anunciou. — Que tal balançarmos para a frente e para trás, Mary, como se fôssemos dervixes?

— Não posso balançar assim — disse Ben Weatherstaff. — Meu reumatismo.

— A magia levará isso embora — respondeu Colin em um tom de sumo sacerdote —, e não vamos balançar o tempo todo. Vamos apenas cantar.

— Não sei cantar — disse Ben Weatherstaff um tanto irritado. — Fui expulso do coro da igreja na única vez que tentei.

Ninguém riu. Estavam todos muito sérios. O rosto de Colin continuou impávido. Pensava apenas na magia.

— Então eu cantarei — disse ele. E começou, como o fantasma de um menino estranho. — O sol está brilhando, o sol está brilhando. Essa é a magia. As flores estão crescendo, as raízes se mexendo. Essa é a magia. Estar vivo é a magia, ser forte é a magia. A magia está em mim, a magia está em mim. Está em mim, está em mim. Está em cada um de nós. Está nas costas de Ben Weatherstaff. Magia! Magia! Venha nos ajudar!

Repetiu aquilo muitas vezes, se não mil vezes, perto disso. Mary ouvia em transe. Ela se sentia como se fosse ao mesmo tempo esquisita e bela e queria que o canto continuasse indefinidamente. Ben Weatherstaff começou a se sentir acalmado por uma espécie de sonho agradável. O zumbido das abelhas nas flores se misturou ao mantra de Colin e, sonolentamente, se transformou em um transe coletivo. Dickon estava sentado de pernas cruzadas com o coelho dormindo em seu braço e uma mão apoiada nas costas do cordeiro. Fuligem afastou um dos esquilos e se aninhou em seu ombro, a película cinza caiu sobre seus olhos. Por fim, Colin parou.

— Agora vou dar uma volta pelo jardim — anunciou.

A cabeça de Ben Weatherstaff acabara de cair para a frente e ele a ergueu com um solavanco.

— Você dormiu — disse Colin.

— Nada disso — murmurou Ben. — O sermão foi muito bom, mas quero escapar do díizimo.

Ele ainda não estava totalmente acordado.

— Você não está na igreja — disse Colin.

— Sei que não — Ben recompôs-se. — Quem disse que eu tava? Eu ouvi tudo direitinho. Cê disse que a magia tava nas minhas costa. O médico fala que é reumatismo.

O rajá acenou com a mão.

— Esse foi o feitiço errado — declarou ele. — Você vai melhorar. Você tem minha permissão para voltar ao seu trabalho. Mas venha de novo amanhã.

— Eu queria ver ocê andar pelo jardim — grunhiu Ben.

Não foi um grunhido hostil, mas ainda assim um grunhido. Na verdade, sendo um velho teimoso e completamente descrente na magia, decidiu que, se tivesse de ir embora, subiria na escada para espiar, para o caso de o menino cair e precisar de sua ajuda.

O rajá não se opôs à sua permanência e assim a procissão foi formada. Realmente parecia uma procissão. Colin ia à frente com Dickon de um lado e Mary do outro. Ben Weatherstaff caminhava atrás deles, e as criaturas os seguiam. O cordeiro e o filhote de raposa continuavam perto de Dickon, o coelho branco pulava ou parava para morder algo e Fuligem os seguia com a solenidade de um líder.

A procissão se moveu lenta, mas dignamente. A cada poucos metros, paravam para descansar. Colin apoiou-se

no braço de Dickon e Ben Weatherstaff manteve sua vigilância, mas de vez em quando Colin soltava a mão e dava alguns passos sozinho. Sua cabeça se manteve erguida o tempo todo e ele parecia muito imponente.

— A magia está em mim! — proferia ele. — A magia está me deixando forte! Eu posso sentir! Eu posso sentir!

Parecia muito certo que algo o sustentava e fortalecia. Sentou-se nos bancos das alcovas, e uma ou duas vezes sentou-se na grama e várias vezes parou no caminho e se apoiou em Dickon, mas não desistiu até dar uma volta completa no jardim. Quando voltou para a árvore costumeira, suas bochechas estavam rosadas e ele parecia triunfante.

— Eu consegui! A magia funcionou! — exclamou. — Esta é minha primeira descoberta científica.

— O que o dr. Craven vai dizer? — interrompeu Mary.

— Ele não vai dizer nada — Colin respondeu —, porque ele não vai saber. Este deve ser o maior segredo de todos. Ninguém deve saber nada sobre isso até que eu fique forte e possa andar e correr como um menino normal. Virei aqui todos os dias na minha cadeira e serei levado de volta nela. Não permitirei que as pessoas comentem e façam perguntas, e não deixarei meu pai saber sobre isso até que o experimento seja um sucesso completo. Então, algum dia, quando ele voltar para Misselthwaite, simplesmente entrarei em seu escritório e direi: “Aqui estou. Sou um menino como qualquer outro. Estou muito

bem e viverei para ser um homem. Tudo isso por causa de uma experiência científica”.

— Ele vai pensar que está sonhando — gritou Mary. — Ele não vai acreditar.

Colin corou, triunfante. Ele havia se convencido de que ficaria bom, o que era realmente mais da metade da batalha, se ele soubesse disso. E o pensamento que o estimulou mais do que qualquer outro foi imaginar como seria quando seu pai visse que tinha um filho tão forte e robusto como os filhos de outros pais. Um de seus sofrimentos mais sombrios, nos últimos dias de doença e morbidez, era seu ódio em ser um menino de dorso fraco cujo pai tinha medo até de olhar.

— Ele será obrigado a acreditar — disse ele. — Uma das coisas que vou fazer, depois que a magia funcionar e antes de começar a fazer descobertas científicas, é ser atleta.

— Vamo levar ocê no boxe daqui uma semana — brincou Ben Weatherstaff. — Cê vai ganhar o cinturão de campeão da Inglaterra inteira.

Colin fixou os olhos nele severamente.

— Weatherstaff — disse ele —, isto é desrespeitoso. Você não deve tomar liberdades porque estamos em segredo. Por mais que a magia funcione, não serei um boxeador premiado. Serei um explorador científico.

— Perdão, perdão, senhor — desculpou-se Ben, tocando a testa em saudação. — Eu devia saber que não era

motivo pra brincadeira. — Mas seus olhos brilharam demonstrando estar imensamente satisfeito. Ben realmente não se importava de ser repreendido, pois significava que o rapaz estava ganhando força e espírito.

CAPÍTULO 24.

“DEIXE QUE RIAM”

O jardim secreto não era o único em que Dickon trabalhava. Atrás da cabana, na charneca, havia um pedaço de terra cercado por um muro baixo de pedras rústicas. No início da manhã e no final do crepúsculo, e em todos os dias em que Colin e Mary não o viam, Dickon trabalhava lá plantando ou cuidando de batatas, repolhos, nabos, cenouras e hortaliças para sua mãe. Ele fazia maravilhas na companhia de suas criaturas e, aparentemente, nunca se cansava delas. Enquanto cavava ou capinava, assobiava e cantava trechos de canções de Yorkshire, conversava com Fuligem ou Capitão ou com os irmãos e irmãs que ensinara a ajudá-lo.

— A gente nunca teve uma fartura assim — observou a sra. Sowerby —, e tudo por causa do Dickon. Ele faz crescer qualquer coisa. Suas batata e repolho têm o dobro do tamanho normal e um sabor sem igual.

Quando ela tinha algum momento livre, gostava de sair e conversar com ele. Depois do jantar, ainda havia um longo e claro crepúsculo para se trabalhar e aquele era seu momento de silêncio. Ela se sentava na mureta rústica para observar e ouvir as histórias do dia e adorava cada momento. Não havia apenas vegetais naquele jardim. Às vezes Dickon comprava pacotes de sementes baratas e

cultivava flores acetinadas e perfumadas entre os arbustos de groselha e repolhos e, nas beiradas, minhonetes, rosas, amores-perfeitos e outras cujas sementes ele poderia guardar por anos, cujas raízes floresceriam a cada primavera e se espalhavam com o tempo em delicados tufos. A mureta era uma das coisas mais belas de Yorkshire, porque ele enfiara dedaleiras, samambaias, agrião e flor-de-sebe em todas as fendas até que apenas muito pouco das pedras nuas pudesse ser visto.

— Só o que tem de fazer pra eles prosperar, mãe — dizia ele —, é ser amigo deles, só isso. Eles são exatamente como as outra criatura. Se tiverem sede, a gente dá de beber e se tiverem fome, a gente dá um pouco de comida. Eles quer viver igual nós. Se eles morrem, eu me sinto como um menino mau que não tratou deles com amor.

Foi em uma dessas horas de crepúsculo que a sra. Sowerby se inteirou de tudo o que acontecia na Mansão Misselthwaite. A princípio, ela apenas fora informada de que o “patrão Colin” havia gostado de sair com a srta. Mary e que aquilo lhe fizera bem. Mas não demorou muito para que as duas crianças concordassem que a mãe de Dickon poderia “compartilhar do segredo”. De alguma forma, não havia dúvidas de que ela era “muito de confiança”.

Então, numa bela e tranquila noite, Dickon contou a história com todos os detalhes emocionantes, sobre a chave enterrada, o pisco e o véu cinzento que cobria o jardim e fazia tudo parecer morto, e o segredo que dona

Mary planejara nunca revelar, sobre como ela compartilhou seu segredo com Dickon, os receios do patrão Colin e o drama final de sua introdução ao território oculto, combinados com o incidente do rosto furioso de Ben Weatherstaff por cima do muro e a repentina força revoltada do patrão Colin... tudo isso fez o belo rosto da sra. Sowerby mudar de cor várias vezes.

— Te juro! — ela disse. — Aquela mocinha ter chegado na mansão foi uma coisa muito boa. Foi o que deixou ela melhor e o que salvou ele. Ficando em pé! E a gente aqui pensando que ele era um pobre coitado retardado sem nenhum osso reto.

Ela fez muitas perguntas e seus olhos azuis se enchiam de pensamentos profundos.

— O que eles acha disso na mansão, dele ter ficado tão bom e feliz que não reclama mais? — ela perguntou.

— Eles não sabe o que fazer — respondeu Dickon. — O rosto dele fica melhor a cada dia. Tá engordano e não parece mais tão ossudo. A cor de cera tá sumino. Mas ele precisa continuar reclamano um pouco — completou com um sorriso bastante distraído.

— Pra que isso, misericórdia? — espantou-se a sra. Sowerby.

Dickon deu uma risadinha.

— Pra ninguém adivinhar o que tá acontecendo. Se o médico descobre que agora ele fica de pé, vai escrever e contar pro patrão Craven. O patrão Colin tá guardano o

segredo pra ele mesmo contar. Ele vai praticar magia nas perna todos os dia até o pai voltar e então ele vai marchar até o quarto dele e mostrar que ele é reto igual aos outro rapaz. Ele e a srta. Mary acha que é melhor pro plano fingir um pouco de gemido e irritação por enquanto, pra despistar as pessoa.

A sra. Sowerby disfarçava uma risada baixa e divertida muito antes de ele terminar a última frase.

— Eita! — ela disse. — Aqueles dois tão se divertino, isso eu garanto. Eles vão se divertir muito ainda e num tem nada que criança goste mais do que faz-de-conta. Conta pra gente o que eles faz, Dickon, meu menino. — Dickon parou de arrancar ervas daninhas e sentou-se sobre os calcanhares para contar a ela. Seus olhos brilhavam de alegria.

— Nós leva o patrão Colin na sua cadeira toda vez que saímos — explicou ele. — E ele fica bravo com o John, o empregado, por não carregar ele com cuidado. Ele finge que tá muito frágil ainda e nunca levanta a cabeça até a gente ficar fora da vista dos criado. E ele grunhe e se irrita um pouco quando tá sentado na cadeira. Ele e a srta. Mary se diverte quando ele geme e reclama, ela fala: “Pobre Colin! Dói muito? Você é muito frágil, não é, Colin?”. Mas o problema é que às vez eles mal consegue segurar as gargalhada. Quando tamo seguro dentro do jardim, eles ri até ficar sem fôlego. E eles têm de enfiar os rosto nas

almofada do patrão Colin senão os jardineiro ouve, caso algum deles seja por lá.

— Quanto mais risada, melhor para eles! — comentou a sra. Sowerby, ainda rindo. — Criança boa e saudável rindo todo dia é melhor do que remédio uma vez por ano. Esses dois vão engordar, ô se vão.

— Eles tão engordano — disse Dickon. — Eles têm tanta fome que não sabe como conseguir mais comida sem ninguém descobrir. O patrão Colin fala que se ele ficar pedino mais comida, ninguém mais vai acreditar que é inválido. A srta. Mary fala que ela vai deixar ele comer a parte dela, mas ele fala que se ela passar fome vai emagrecer e que os dois precisa engordar junto.

A sra. Sowerby riu tanto com a revelação dessa dificuldade que se balançou para frente e para trás em seu manto azul, e Dickon riu com ela.

— Vou te contar uma coisa, rapaz — disse a sra. Sowerby, quando conseguiu falar. — Pensei num jeito de ajudar. Quando cê for lá de manhã, cê pega um bom balde de leite novo e eu vou assar um pão caseiro e uns bolinho de groselha, do jeito que cês gosta. Nada é melhor que leite fresco e pão. Então, eles pode matar a fome no jardim e a comida boa que eles come lá só vai encher mais as barriga deles.

— Eita! Mãe! — Dickon ficou exultante — Que maravilha que cê é! Cê sempre tem uma saída pras coisa. Eles tavam bastante incomodado ontem. Eles não sabia

como iam se virar pra pedir mais comida, porque eles tavam com aquele vazio por dentro.

— Eles são dois jovem crescono rápido, e a saúde tá voltano pros dois. Criança assim parece lobo filhote, e comida é carne e sangue pra eles — observou a sra. Sowerby. Então ela sorriu o mesmo sorriso curvo de Dickon. — Eita! Mas eles tão se divertino, com certeza — disse ela.

Ela estava muito certa — aquela maravilhosa e amável criatura-mãe — ao dizer que a brincadeira de faz-de-conta só aumentaria a felicidade. Para Colin e Mary, aquela era uma de suas fontes de diversão mais importantes. A ideia de se protegerem das suspeitas foi inconscientemente sugerida a eles primeiro pela intrigada enfermeira e depois pelo próprio dr. Craven.

— Seu apetite está muito melhor, patrão Colin — comentou a enfermeira um dia. — Você não comia nada e só reclamava de tudo.

— Agora não reclamo mais de nada — respondeu Colin. Ao notar a enfermeira encarando-o com curiosidade, lembrou-se de que talvez ele não devesse demonstrar estar tão bem ainda. — Pelo menos as coisas não me irritam mais tanto. É o ar fresco.

— Talvez seja — disse a enfermeira, ainda com uma expressão confusa. — Mas preciso falar com o dr. Craven sobre isso.

— Ela ficou te encarando! — disse Mary quando ela saiu. — Como se achasse que há algo para descobrir.

— Não vou deixar que ela descubra nada — afirmou Colin. — Ninguém vai descobrir nada ainda.

Quando o dr. Craven chegou naquela manhã, também parecia confuso. Fez uma série de perguntas, para grande aborrecimento de Colin.

— Você fica muito tempo no jardim — comentou ele. — Onde você fica?

Colin assumiu seu ar favorito de completa indiferença à opinião alheia.

— Não quero que ninguém saiba aonde eu vou — respondeu ele. — Fico em um lugar que gosto muito. Todo mundo tem ordens para ficar longe. Não quero ser vigiado e encarado. Você sabe disso!

— Você fica fora o dia todo, mas não acho que isso fez mal a você, não mesmo. A enfermeira diz que você tem comido muito melhor do que antes.

— Talvez — disse Colin, movido por uma inspiração repentina —, mas talvez seja um apetite antinatural.

— Eu não acho. A comida parece agradar você — observou o dr. Craven. — Você está ganhando peso rapidamente e sua cor está melhor.

— Talvez... quem sabe não estou inchado de febre — sugeriu Colin, assumindo um ar desanimador e melancólico. — Pessoas que não vão viver muitas vezes ficam... diferentes. — O dr. Craven balançou a cabeça. Ele

segurava o pulso de Colin, então arregaçou a manga e apertou seu braço.

— Você não está febril — disse ele, pensativo —, e o peso que você ganhou é saudável. Se continuar assim, meu menino, não precisaremos mais falar em morte. Seu pai ficará feliz em saber dessa notável melhora.

— Não permito que ele saiba! — Colin irrompeu ferozmente. — Só vai desapontá-lo se eu piorar de novo... e posso piorar esta noite. Posso ficar com uma febre alta. Sinto como se ela já estivesse começando agora. Não quero nenhuma carta enviada ao meu pai! Não quero, não quero! Você está me deixando com raiva e sabe como isso é ruim para mim. Já estou até com calor. Odeio que escrevam e que falem sobre mim tanto quanto odeio ser observado!

— Shhh! Meu garoto — o dr. Craven o acalmou. — Nada será enviado sem a sua permissão. Você é muito sensível a respeito das coisas. Não desperdice o bem que já foi feito.

O médico não disse mais nada sobre escrever para o sr. Craven, e quando viu a enfermeira, advertiu-a em particular de que tal possibilidade não deveria ser mencionada ao paciente.

— O menino está extraordinariamente melhor — observou ele. — Seu avanço parece quase anormal. Está claro que agora faz por conta própria o que não podíamos obrigá-lo a fazer antes. Mesmo assim, ele ainda se irrita com muita facilidade e devemos evitar isso a qualquer

custo. — Mary e Colin ficaram muito alarmados e conversaram ansiosamente. Foi a partir desse acontecimento que iniciaram seu plano de faz-de-conta.

— Talvez fosse bom eu ter um acesso de raiva — disse Colin, com pesar. — Não quero e nem estou infeliz o suficiente para simular um. Acho que nem conseguiria. Aquele carço não aparece mais na minha garganta e só penso em coisas boas, em vez das terríveis. Mas se falarem sobre escrever ao meu pai, terei de fazer alguma coisa.

Decidiram comer menos, mas infelizmente não foi possível concretizar essa ideia brilhante, pois a mesa posta perto do seu sofá, todas as manhãs, os faziam acordar com um apetite insaciável: um desjejum de pão caseiro e manteiga fresca, ovos brancos como a neve, geleia de framboesa e creme de leite. Mary sempre tomava seu café da manhã com Colin e, quando se encontravam à mesa — principalmente se houvesse fatias de presunto fumegante exalando seu aroma debaixo da tampa de prata —, entreolhavam-se desesperados.

— Acho que teremos de comer tudo esta manhã, Mary — Colin sempre terminava dizendo. — Podemos deixar sobrar um pouco do almoço e uma parte maior do jantar.

Mas eles nunca conseguiam mandar nada de volta e os pratos eram devolvidos à copa tão vazios e limpos que despertavam muitos comentários.

— Eu gostaria — Colin dizia também — que as fatias de presunto fossem mais grossas, sem contar que apenas um muffin para cada um não é suficiente.

— É o suficiente para uma pessoa que vai morrer — respondeu Mary quando ouviu isso pela primeira vez —, mas não é o suficiente para uma pessoa que vai viver. Às vezes, sinto como se pudesse comer três deles, quando o aroma das urzes frescas e do tojo da chameca entram pela janela aberta.

Na manhã em que Dickon — depois de terem se divertido no jardim por cerca de duas horas — tirou de trás de uma grande roseira dois baldes de lata e revelou que um estava cheio de leite fresco coberto de nata, e o outro guardava pãezinhos de groselha feitos em casa, envolvidos cuidadosamente em um guardanapo azul e branco, e ainda quentes, houve um tumulto de alegria e surpresa. Que ideia maravilhosa a da sra. Sowerby! Que mulher gentil e inteligente ela devia ser! Como os pães eram gostosos! E que leite fresco delicioso!

— A magia vive nela assim como em Dickon — disse Colin. — Isso a faz pensar em maneiras de fazer coisas... coisas boas. Ela é uma pessoa mágica. Diga a ela que somos gratos, Dickon, extremamente gratos. — Ele costumava usar frases um tanto adultas, às vezes. E gostava delas. Gostava tanto que as praticava.

— Diga a ela que tem sido muito generosa e que nossa gratidão é extrema.

E então, esquecendo-se de sua altivez, se empanturrrou de pãezinhos e bebeu leite do balde aos goles, como qualquer menino faminto que se exercita e respira o ar da charneca e cujo café da manhã já havia sido consumido mais de duas horas atrás.

Aquele seria o primeiro de muitos outros agradáveis acontecimentos similares. Mas eles despertaram para o fato de que, como a sra. Sowerby tinha quatorze pessoas para alimentar, ela poderia não ter o suficiente para satisfazer outros dois apetites extras. Então, pediram a ela que os deixasse enviar alguns de seus xelins para comprar mais ingredientes.

Dickon fez a estimulante descoberta de que no bosque do parque fora do jardim, onde Mary o encontrara pela primeira vez cantando para as criaturas selvagens, havia um pequeno buraco profundo onde se poderia construir uma espécie de forno com pedras, e assar batatas e ovos. Ovos assados eram um luxo até então desconhecido e batatas quentes com sal e manteiga fresca eram adequadas para um rei da floresta — além de serem deliciosas. Assim, poderiam comprar batatas e ovos e comer o quanto quisessem, sem a sensação de estar tirando comida da boca de quatorze pessoas.

Em todas as belas manhãs, a magia era praticada pelo círculo místico sob a ameixeira, que fornecia uma copa de folhas verdes cada vez mais espessa após seu breve período de floração. Depois da cerimônia, Colin sempre fazia seus

exercícios de caminhada e, ao longo do dia, exercia de quando em quando seu poder recém-descoberto. Ele ficava mais forte, andava com mais firmeza e chegava mais longe. E a cada dia sua crença na magia se fortalecia, como era de se esperar. Ele fazia experiência após experiência e sentia que ganhava forças, mas foi Dickon quem lhe ensinou a melhor de todas elas.

— Ontem — disse ele certa manhã após uma ausência — fui até Thwaite pra mãe e perto da estalagem Blue Cow eu vi o Bob Haworth. Ele é o sujeito mais forte da charneca. Ele é campeão de luta livre, pula mais alto que qualquer um e joga o martelo mais longe. Ele até foi pra Escócia competir algumas vez. Ele me conhece desde pequeno e é um homem gentil. E eu enchi ele de pergunta. Os estudado chama ele de atleta e eu pensei em ocê, patrão Colin. Eu falei: “Como cê fez pros seus músculo ficar assim, Bob? Fez alguma coisa a mais pra eles ficar assim tão forte?” E ele falou: “Olha, sim, rapaz, eu fiz. Um homem forte em um circo que veio pra Thwaite uma vez me mostrou como exercitar os braço, as perna e todos os músculo do corpo”. E eu falei: “Um sujeito delicado fica mais forte fazeno isso, Bob?”. E ele riu e falou: “Ocê é o sujeito delicado?”. E eu falei: “Não, mas conheço um jovem cavalheiro que tá sarano de uma longa doença e queria aprender algum truque desses pra contar pra ele”. Eu não disse nenhum nome e ele num perguntou nada. Foi muito simpático, se

levantou e me mostrou de um jeito bem-humorado, e imitei o que ele fez até decorar.

Colin ouvia com entusiasmo.

— Você pode me mostrar? — pediu.

— Mostro sim — respondeu Dickon, levantando-se. — Mas ele falou pra começar devagar e ter cuidado para não cansar. Descansar entre os exercício, respirar fundo e não exagerar.

— Vou tomar cuidado — prometeu Colin. — Mostre! Mostre! Dickon, você é o menino mais mágico do mundo!

Dickon levantou-se no gramado e lentamente fez uma série de exercícios musculares cuidadosamente, todos muito simples. Colin observou com olhos arregalados. Alguns ele até poderia fazer sentado. Então, já sobre pés mais firmes, começou a treinar ao lado de Mary. Fuligem, que assistia à apresentação, ficou inquieto e voou de seu galho porque não conseguia imitá-los.

Desde então, os exercícios faziam parte das tarefas do dia assim como a magia. Colin e Mary ficavam melhores a cada sessão, e os resultados foram apetites tais que, sem a cesta que Dickon escondia atrás das moitas todas as manhãs, teriam sido descobertos. Mas o pequeno forno e os agraços da sra. Sowerby eram tão engenhosos que a sra. Medlock, a enfermeira e o dr. Craven novamente ficaram perplexos. É possível ficar sem tomar café da manhã e desdenhar do jantar quando se está cheio até as bordas

com ovos e batatas assadas, leite fresco, bolos de aveia, pãezinhos, mel de urze e creme de leite.

— Eles não estão comendo quase nada — disse a enfermeira. — Vão morrer de fome se não forem convencidos a ingerir um pouco de alimento. Mas mesmo assim, veja como estão.

— Veja! — exclamou a sra. Medlock, indignada. — Eita! Esses dois ainda vão acabar comigo. É um casal de jovens demônios. Nem cabem mais em seus casacos e ainda torcem o nariz para as melhores refeições que a cozinheira prepara. Sequer encostaram o garfo naquele delicioso frango com molho de ontem, e a pobre mulher inventou um pudim só para eles. Devolveram inteiro. Ela quase chorou. Ela tem medo de ser culpada se acabarem morrendo de fome.

O dr. Craven chegou e examinou Colin longa e cuidadosamente. Ele tinha uma expressão extremamente preocupada quando conversou com a enfermeira e ela lhe mostrou a bandeja do café da manhã quase intocada. Mas ficou ainda mais preocupado quando se sentou ao lado do sofá de Colin e o examinou. Ele havia viajado a negócios para Londres e não via o menino há quase duas semanas. Quando os jovens começam a ficar saudáveis, os resultados são muito rápidos. O tom de cera havia desaparecido e a pele de Colin deixava transparecer um leve tom rosado; seus belos olhos estavam claros e as cavidades sob eles e em suas bochechas e têmporas haviam sido preenchidas.

Seus cabelos, antes escuros e pesados, pareciam brotar macios e cheios de vida de sua testa. Seus lábios engrossaram e agora tinham uma cor mais normal. Na verdade, sua imitação de menino inválido era vergonhosa. O dr. Craven apoiou a mão em seu queixo e refletiu sobre ele.

— Lamento saber que você não come nada — disse ele.

— Não pode continuar assim. Você vai perder tudo o que ganhou, e você melhorou muito. Você comia tão bem até pouco tempo atrás.

— Eu avisei que era um apetite anormal — respondeu Colin.

De seu banquinho ali perto, Mary deixou escapar um som muito estranho que tentou reprimir e quase acabou engasgando.

— O que foi? — perguntou o dr. Craven, virando-se para ela.

Mary tornou-se bastante rígida em seus modos.

— Foi algo entre um espirro e uma tosse — respondeu ela com uma dignidade reprovadora — que acabei engolindo.

— Quase não consegui me conter — disse ela depois para Colin. — Só explodi porque de repente me lembrei daquela última batata enorme que você comeu e de como sua cara ficou para mastigar a deliciosa crosta com geleia e creme.

— Existe alguma maneira deles conseguirem comida secretamente? — o dr. Craven perguntou à sra. Medlock.

— Não tem jeito, a menos que escavem a terra ou comam árvores — respondeu ela. — Eles ficam no jardim o dia todo sozinhos. Se quisessem comer algo diferente do que é enviado, bastaria que pedissem.

— Bem — disse o dr. Craven —, contanto que ficar sem comida seja o desejo deles, não precisamos nos preocupar. O menino é uma nova criatura.

— A menina também — disse a sra. Medlock. — Ela está cada vez mais bonita desde que engordou e se livrou daquela sua aparência feia e azeda. Seu cabelo está grosso e saudável e sua pele agora é sedosa. Era a coisinha mais taciturna e mal-humorada que já vi e agora ela e o patrão Colin riem juntos como um casal de malucos. Talvez estejam engordando de rir.

— Talvez — disse o dr. Craven. — Deixe que riam.

CAPÍTULO 25.

A CORTINA

E o jardim secreto florescia sem parar, revelando novos milagres a cada manhã. No ninho do pisco havia ovos e sua companheira acomodou-se ali com seu peitinho emplumado e asas cuidadosas para mantê-los aquecidos. No início ela estava muito nervosa e o pisco vigiava de maneira ostensiva. Nem mesmo Dickon se aproximou daquele canto durante dias, esperando que algum feitiço misterioso e silencioso avisasse ao pequeno casal que não havia nada com que se preocupar naquele jardim, nada que não entendesse a maravilha do que estava acontecendo com eles — a imensa, terna, avassaladora, incrível beleza e importância que os ovos significavam. Não havia ninguém naquele jardim que não soubesse, em seu íntimo, que se um ovo fosse levado ou quebrado, o mundo inteiro se reviraria e acabaria em desgraça. Se houvesse alguém que não sentisse e agisse de acordo, não poderia haver felicidade naquela brisa dourada da primavera. Mas todos sabiam e sentiam o mesmo, e o pisco e sua companheira também.

A princípio, o pisco desconfiava bastante de Mary e Colin. Por alguma razão misteriosa, ele sabia que não precisava se preocupar com Dickon. No primeiro momento em que pôs seu olho negro e brilhante como orvalho em

Dickon, entendeu que não era um estranho, mas uma espécie de pisco sem bico nem penas. Ele sabia falar pisco (que é uma língua bastante distinta e não deve ser confundida com nenhuma outra). Falar pisco com um pisco é como falar francês com um francês. Dickon sempre falava pisco com o pássaro, então o estranho jargão que usava quando conversava com humanos não importava nada. O pisco-de-peito-ruivo achava que ele falava aquela língua com os outros porque não eram inteligentes o suficiente para entender o idioma emplumado. Seus movimentos também eram de pisco. Eles nunca se assustaram mutuamente, sendo estabados a ponto de parecerem perigosos ou ameaçadores. Qualquer pisco poderia entender Dickon, então sua presença não era nem mesmo incômoda.

Mas no início pareceu necessário ficar atento aos outros dois. Em primeiro lugar, o animal-menino não entrara no jardim com suas pernas. Ele fora empurrado até lá sobre uma coisa com rodas e estava coberto por peles de animais selvagens. Isso por si só seria digno de desconfiança. Então, quando ele começou a se levantar e a se mover de um modo estranho, os outros pareciam ter de ajudá-lo. O pisco costumava se camuflar em um arbusto e observar aquilo tudo ansiosamente, inclinando sua cabeça primeiro para um lado e depois para o outro. Ele pensou que os movimentos lentos significavam que ele se preparava para atacar, como fazem os gatos. Quando os

gatos vão atacar, eles rastejam pelo chão muito lentamente. O pisco conversou sobre isso com sua companheira por vários dias, mas depois decidiu não comentar mais nada, pois o terror dela era tão grande que podia ser prejudicial aos ovos.

Quando o menino começou a andar sozinho e cada vez mais rápido, foi um alívio imenso. Mas por muito tempo — ou pareceu muito tempo para o pisco — ele continuou sendo fonte de certa atenção. Ele não agia como os outros humanos. Parecia gostar muito de andar, mas tinha um jeito desengonçado de se sentar ou deitar e depois se levantava para começar de novo.

Um dia, o pisco se lembrou que, quando ele mesmo aprendera a voar, fazia quase a mesma coisa. Começou arriscando voos curtos de poucos metros e então era obrigado a descansar. Ocorreu a ele que o menino estava aprendendo a voar — ou melhor, a andar. Mencionou isso para sua companheira e quando disse a ela que os ovos provavelmente se comportariam da mesma maneira quando tivessem penas, ela ficou mais consolada e até mesmo interessada, e teve grande prazer em observar o menino por sobre a borda de seu ninho — embora pensasse que seus ovos seriam muito mais inteligentes e aprenderiam mais rápido. Mas então ela disse, compreensiva, que os humanos sempre foram mais desajeitados e lentos que ovos e a maioria deles

claramente nunca aprendera a voar. Nunca se viu um deles no ar ou no topo das árvores.

Depois de um tempo, o menino já se movia como os outros, mas as três crianças às vezes faziam coisas incomuns. Ficavam sob as árvores e moviam seus braços, pernas e cabeças de um modo que não era caminhar, nem correr, nem sentar. Faziam esses movimentos em intervalos, todos os dias, e o pisco nunca conseguia explicar aquilo à sua companheira. A única coisa de que tinha certeza era que seus ovos nunca se movimentariam daquela maneira; mas como o menino que falava pisco com tanta fluência os imitava, os pássaros deduziram que as ações não eram perigosas. É claro que nem o pisco nem sua companheira jamais ouviram falar do campeão Bob Haworth e de seus exercícios para fortalecer músculos. Piscos não são como seres humanos; seus músculos são exercitados desde o nascimento e se desenvolvem de maneira natural. Se alguém precisa voar para encontrar cada refeição, seus músculos nunca se atrofiarão (atrofiar significa ficar frágil por falta de uso).

Quando o menino passou a andar, correr, cavar e remover ervas daninhas como os outros, o ninho no canto do jardim foi tomado por grande paz e alegria. O medo pelos ovos tornou-se coisa do passado. Saber que seus ovos estavam tão seguros como se estivessem em um cofre de banco e o fato de poder assistir às coisas curiosas que aconteciam tornou o ambiente muito divertido. Nos dias

de chuva, a mãe dos ovos até se sentia um pouco entediada, sem as crianças no jardim.

Mas, mesmo em dias chuvosos, não se podia dizer que Mary e Colin ficavam entediados. Certa manhã, uma chuva caía sem parar e Colin estava um pouco inquieto, obrigado a permanecer no sofá sem se levantar ou caminhar. Então Mary teve uma inspiração.

— Agora que sou um menino de verdade — dissera Colin —, minhas pernas e braços e todo o meu corpo estão tão cheios de magia que não consigo mantê-los parados. Eles querem fazer coisas o tempo todo. Sabia que quando acordo de manhã, Mary, quando é bem cedo e os pássaros estão cantando lá fora e tudo parece gritar de alegria, até as árvores e coisas que não podemos realmente ouvir, sinto como se tivesse de pular da cama e gritar junto. Imagine o que aconteceria aqui se eu fizesse isso!

Mary deu uma gargalhada exagerada.

— A enfermeira viria correndo e a sra. Medlock também, e teriam certeza de que você enlouqueceu e chamariam o médico — divertiu-se ela.

Colin riu. Ele podia ver todos horrorizados com sua aparente loucura e surpresos por vê-lo em pé.

— Gostaria que meu pai voltasse para casa — disse. — Quero muito contar a ele. Não paro de pensar nisso, mas então muita coisa mudaria. Não consigo ficar parado, deitado e fingindo e, além disso, estou muito diferente. Gostaria que não estivesse chovendo hoje.

Foi então que dona Mary teve sua inspiração.

— Colin — ela começou, misteriosamente —, você sabe quantos quartos há nesta casa?

— Uns mil, eu acho — respondeu ele.

— Há cerca de cem onde ninguém entra — disse Mary.
— E num dia chuvoso como este eu entrei em vários deles. Ninguém nunca soube, embora a sra. Medlock quase tenha me pegado de surpresa. Eu me perdi na volta e parei no final do seu corredor. Foi a segunda vez em que ouvi você chorar.

Colin se endireitou no sofá.

— Cem quartos onde ninguém entra — repetiu ele. — Quase parece um jardim secreto. Que tal irmos dar uma olhada neles? Você me empurra na cadeira e ninguém saberá que fomos.

— Foi isso o que eu pensei — Mary animou-se. — Ninguém se atreveria a nos seguir. Você pode correr nas galerias. Podemos fazer nossos exercícios. Há uma pequena sala indiana com um armário cheio de elefantes de marfim. Há quartos de todo tipo.

— Toque a campainha — pediu Colin.

Quando a enfermeira entrou, ele deu suas ordens.

— Quero minha cadeira — ordenou ele. — A srta. Mary e eu vamos averiguar a parte da casa que não é usada. John pode me empurrar até a galeria de retratos porque há algumas escadas no caminho. Então ele deve ir embora e nos deixar em paz até que eu mande chamá-lo novamente.

Os dias chuvosos deixaram de ser odiados naquela manhã. Quando o empregado empurrou a cadeira até a galeria e lá deixou os dois, em obediência às ordens, Colin e Mary se entreolharam maravilhados. Assim que Mary se certificou de que John havia realmente descido para os cômodos dos criados, Colin se levantou da cadeira.

— Vou correr de uma ponta a outra da galeria — disse ele — e depois vou pular e então faremos os exercícios de Bob Haworth.

E fizeram essas coisas e muitas outras. Olharam para os retratos e encontraram a garotinha comum vestida de brocado verde com o papagaio em seu dedo.

— Todos eles — deduziu Colin — devem ser meus parentes. Eles viveram há muito tempo. Aquela do papagaio, eu acho, é uma das minhas tias-bisavós. Ela se parece muito com você, Mary. Não como você é agora, mas como parecia quando chegou aqui. Agora você está muito mais gorda e bonita.

— Você também — disse Mary, e ambos riram.

Eles foram para a sala indiana e se divertiram com os elefantes de marfim. Encontraram o *boudoir* de brocado rosa e o buraco roído na almofada, mas os filhotes já haviam deixando o ninho vazio. Eles viram mais quartos e fizeram mais descobertas do que Mary havia feito em sua primeira peregrinação. Encontraram novos corredores, cantos, lances de escada, novos retratos antigos de que gostaram e coisas velhas e estranhas que não sabiam para

que serviam. Foi uma manhã divertida e a sensação de perambular na mesma casa com outras pessoas — mas ao mesmo tempo sentir como se estivessem a quilômetros de distância — era algo fascinante.

— Estou feliz por termos vindo — comentou Colin. — Eu nunca soube que morava em um lugar tão antigo, grande e estranho. Eu gosto. Vamos perambular em todos os dias de chuva. Sempre encontraremos novos cantos e coisas esquisitas.

Naquela manhã, entre tantas coisas, também encontraram um apetite tão grande que, ao voltarem para o quarto de Colin, foi impossível mandar o almoço de volta intocado.

A enfermeira levou a bandeja escada abaixo e bateu com ela no balcão da copa para que a sra. Loomis, a cozinheira, visse os pratos e bandejas completamente vazios.

— Olhe só! — exclamou ela. — Esta casa é um mistério, e essas duas crianças são os dois maiores mistérios dela.

— Se fosse assim todos os dias — disse o jovem e forte John —, não seria de se admirar se pesassem hoje o dobro do que pesavam há um mês. Eu teria de pedir demissão, com medo de machucar as minhas costas.

Naquela tarde, Mary percebeu que algo havia mudado no quarto de Colin. Já havia notado no dia anterior, mas não disse nada, pois pensou que poderia ter sido sem

querer. Ainda sem dizer nada, sentou-se e olhou fixamente para a foto sobre a lareira — pois sua cortina estava aberta. Essa era a mudança.

— Eu sei que você quer que eu fale — disse Colin ao percebê-la olhando fixamente. — Eu sempre sei quando você quer que eu fale alguma coisa. Quer saber por que a cortina está aberta. Vou mantê-la assim.

— Por quê? — perguntou Mary.

— Porque o sorriso dela não me irrita mais. Há duas noites, acordei com o luar claro e senti como se a magia enchesse o quarto e tornasse tudo tão esplêndido que não conseguia ficar parado. Eu me levantei e olhei pela janela. O quarto estava iluminado e o brilho da lua na cortina me levou a puxar a corda. Ela olhou para mim como se estivesse rindo, feliz em me ver. Fiquei com vontade de olhar mais para ela. Quero vê-la sorrindo assim o tempo todo. Quem sabe ela não era uma espécie de maga?

— Você está tão parecido com ela agora — disse Mary — que até desconfio se você não é o fantasma dela transformado em menino.

Essa ideia pareceu impressionar Colin. Ele refletiu e respondeu lentamente:

— Se eu fosse o fantasma dela, meu pai gostaria de mim.

— Você quer que ele goste de você? — perguntou Mary.

— Eu o odiava por não gostar de mim. Se ele começar a gostar agora, acho que devo contar a ele sobre a magia. Isso talvez o deixe mais feliz.

CAPÍTULO 26.

“É A MÃE!”

A crença das crianças na magia não foi passageira. Depois dos rituais da manhã, Colin às vezes lhes dava aulas sobre o assunto:

— Gosto de fazer isso — explicou ele —, porque quando eu crescer e fizer minhas grandes descobertas científicas, serei obrigado a dar palestras e, assim, já vou praticando. Só consigo dar palestras curtas agora porque ainda sou muito jovem, e além disso Ben Weatherstaff se sentiria na igreja e acabaria dormindo.

— A melhor coisa das palestra — disse Ben —, é que só ocê fala o que quer e ninguém pode discordar. Assim até eu ia gostar de dar umas palestra.

Mas quando Colin se instalava sob sua árvore, o velho Ben fixava seus olhos atentos nele. Ele o examinava com um afeto crítico. Não era tanto as palestras que o interessavam, mas as pernas do menino, que pareciam mais retas e fortes a cada dia. A cabeça de Colin se equilibrava muito bem, o queixo antes pontudo e as bochechas encovadas agora estavam cheios e arredondados, e seu olhar começava a ter a mesma luz que se lembrava ter visto em um outro par de olhos. Às vezes, quando Colin sentia o olhar sério de Ben — o que significava que ele estava muito compenetrado —, se

perguntava sobre o que o velho estaria pensando. Uma vez, quando parecia muito extasiado, ele disparou:

— No que está pensando, Ben Weatherstaff?

— Tava pensano — respondeu Ben — que ocê ganhou uns dois quilo só esta semana, aposto. Tava olhando suas panturrilha e os ombro. Eu queria é pesar ocê.

— É o feitiço e... os pãezinhos, o leite e as guloseimas da sra. Sowerby — afirmou Colin. — Está claro que a experiência científica foi um sucesso.

Naquela manhã, Dickon chegou muito tarde para ouvir a palestra. Estava corado de tanto correr e seu rosto engraçado parecia mais cintilante que o normal. Começaram a trabalhar, pois sempre havia muito o que fazer depois de uma chuvarada quente e abundante. A umidade era boa para as flores, mas também era boa para as ervas daninhas, que lançavam suas pequeninas folhas e pontas e precisavam ser arrancadas antes que enraizassem. Agora, Colin era tão bom em arrancar o mato quanto qualquer um e podia dar sua aula enquanto o fazia.

— A magia funciona melhor quando trabalhamos — disse ele naquela manhã. — Você pode sentir em seus ossos e músculos. Vou ler livros sobre ossos e músculos, mas vou escrever um livro sobre magia. Estou criando-o neste momento. Não paro de descobrir coisas.

Pouco depois de dizer isso, largou a espátula e se pôs de pé. Ficou em silêncio por vários minutos e todos perceberam que ele pensava em mais palestras, como já

era costume. Mary e Dickon acharam que seu movimento brusco fora resultado de um pensamento forte e repentino. Ele se esticou todo e lançou os braços para cima. Seu rosto brilhava e seus olhos estranhos se arregalaram de alegria. De repente, ele tivera uma iluminação.

— Mary! Dickon! — ele gritou. — Olhem só para mim! Eles pararam de carpir e olharam.

— Vocês se lembram da primeira manhã em que me trouxeram aqui? — perguntou.

Dickon olhava para ele com muita atenção. Sendo um encantador de animais, ele podia ver mais do que a maioria das pessoas, mas quase nunca falava dessas coisas. Ele via algo naquele menino.

— Sim, me lembro — respondeu.

Mary também olhou com atenção, mas não disse nada.

— Neste minuto — disse Colin — de repente me lembrei, quando olhei para minha mão cavando com a espátula. Tive de me levantar para ver se era real. E é real! Estou bem... estou muito bem!

— Cê tá mesmo! — concordou Dickon.

— Estou bem! Estou bem! — repetiu Colin, e seu rosto ficou todo vermelho.

De certa forma, ele já desconfiava, esperava, sentia e pensava sobre aquilo, mas naquele minuto algo mais se incorporou, uma espécie de crença e compreensão arrebatadoras, tão fortes que ele não conseguiu se conter.

— Eu viverei para todo o sempre e sempre! — gritou, empolgado. — Vou descobrir milhares e milhares de coisas. Vou aprender sobre pessoas e criaturas e tudo o que cresce, como Dickon. E nunca vou parar de fazer magia. Estou bem! Estou bem! Eu sinto... sinto como se quisesse gritar algo, um agradecimento, alegria!

Ben Weatherstaff, que trabalhava perto de uma roseira, olhou para ele.

— Cê pode cantar a doxologia¹² — ele sugeriu em seu grunhido mais seco. Ele não tinha opinião formada sobre a doxologia e sua sugestão não continha nenhuma reverência em particular.

Colin tinha uma mente exploradora mas não sabia nada sobre doxologia.

— O que é isso? — ele perguntou.

— Garanto que o Dickon pode cantar pra ocê — respondeu Ben Weatherstaff.

Dickon respondeu com seu sábio sorriso de encantador de animais.

— Eles cantam na igreja — explicou Dickon. — A mãe acha que é isso que as cotovia canta quando acorda de manhã.

— Se ela diz isso, deve ser uma bela música — observou Colin. — Nunca fui a uma igreja. Sempre estive muito doente. Cante, Dickon. Quero ouvir.

Dickon era bastante humilde e atento. Sabia o que Colin sentia melhor do que o próprio. Era uma espécie de

instinto natural que nem percebia possuir. Então tirou seu boné e olhou em volta, ainda sorrindo.

— Cê tem que tirar o boné — disse ele a Colin —, e ocê também, Ben. E cê tem de ficar de pé, sabe?

Colin tirou o boné e o sol aqueceu seu cabelo grosso enquanto observava Dickon atentamente. Ben Weatherstaff se levantou, tirando o chapéu com uma expressão confusa e desconfiada em seu rosto idoso, como se não soubesse exatamente por que estava fazendo aquela coisa fora do comum.

Dickon se colocou entre as árvores e roseiras e começou a cantar de uma maneira bastante calma e direta, e com uma voz forte e bela de menino:

*Louvado seja Deus, de quem todas as bênçãos
emanam,*

*Que seja louvado por todas as criaturas aqui
embaixo,*

Que seja louvado o nosso Anfitrião Celestial

Que sejam louvados o Pai, o Filho e o Espírito

Santo.

Amém.

Quando terminou, Ben Weatherstaff se manteve completamente estático, com a mandíbula obstinadamente cerrada, e o olhar perturbado fixo em Colin. O rosto de Colin estava contemplativo.

— É uma música muito boa — disse ele. — Gostei. Talvez signifique exatamente a mesma coisa quando grito

que sou grato à magia. — Ele parou e pensou, intrigado. — Talvez sejam a mesma coisa. Como podemos saber os nomes exatos de tudo? Cante de novo, Dickon. Vamos tentar, Mary. Eu quero cantar também. É a minha música. Como começa? “Louvado seja Deus, de quem todas as bênçãos emanam?”

E cantaram novamente. Mary e Colin ergueram suas vozes o mais alto que podiam e a de Dickon era muito afinada e bela. No segundo verso, Ben Weatherstaff limpou a garganta profundamente e no terceiro se juntou ao coro com tanto vigor que parecia quase um selvagem. E quando chegaram no “Amém” final, Mary observou que acontecia a mesma coisa de quando ele descobriu que Colin não era aleijado: seu queixo tremia, seus olhos piscavam e suas velhas bochechas enrugadas estavam molhadas.

— Eu num via sentido na doxologia antes — disse ele com a voz rouca —, mas acho que mudei de ideia. Acho que cê engordou uns três quilo esta semana, patrão Colin. Uns três quilo!

Colin desviou o olhar para algo que atraiu sua atenção e uma expressão de surpresa tomou seu rosto.

— Quem está entrando? — exclamou em seguida. — Quem é?

A porta do muro coberta de hera foi empurrada suavemente e uma mulher entrou. Havia entrado ainda no último verso da música e se manteve parada, ouvindo e apreciando a cena. Com a hera atrás dela, a luz do sol

filtrada por entre as árvores salpicava seu longo manto azul-céu, e seu rosto belo e vivaz sorria por entre a vegetação. Ela parecia uma ilustração lindamente colorida de um dos livros de Colin. Tinha olhos lindos e afetuosos que pareciam absorver tudo, todos, até mesmo Ben Weatherstaff e as criaturas, e todas as flores que desabrochavam. Mesmo com sua aparição tão inesperada, ninguém ali sentiu que era uma intrusa entre eles. Os olhos de Dickon brilharam como lâmpadas.

— É a mãe! É ela mesmo! — gritou e saiu correndo pela grama.

Colin começou a se mover em sua direção também, e Mary o acompanhou. Ambos sentiram seus corações acelerar.

— É a mãe! — Dickon disse novamente quando se encontraram no meio do caminho. — Ela queria conhecer ocês e contei pra ela onde ficava a porta.

Colin acenou, ruborizado de timidez, mas com os olhos fixos no rosto da mulher.

— Desde quando eu era doente já queria conhecer você — disse ele. — Você, Dickon e o jardim secreto. Eu nunca quis conhecer mais ninguém antes.

A visão de seu rosto provocou uma mudança repentina no dela. Ela corou, os cantos de sua boca tremeram e uma névoa pareceu cobrir seus olhos.

— Eita, rapaz! Meu amado! — ela não se conteve, trêmula. — Eita, meu amado rapaz! — Como se não

conseguisse se conter. Ela não disse “patrão Colin”, mas sim “amado rapaz”. As mesmas palavras caberiam a Dickon se ela visse algo em seu rosto que a tocasse. Colin gostou.

— Está surpresa por me ver tão bem? — ele perguntou. Ela colocou a mão em seu ombro e sorriu para dissipar a névoa de seus olhos.

— Isso eu tô sim! — exclamou ela — Mas cê tá tão parecido com a sua mãe que meu coração até deu um pulo.

— Você acha — disse Colin, um pouco sem jeito — que agora meu pai vai gostar de mim?

— Vai, sim, meu amado rapaz — ela respondeu com um tapinha em seu ombro. — Ele vai voltar pra casa, vai sim.

— Susan Sowerby — disse Ben Weatherstaff, aproximando-se dela. — Dá só uma olhada nas perna desse rapaz! Elas parecia uns pé de banquetta até dois mês atrás, e o povo falava que elas era arqueada e que os joelho só ficava dobrado. Olha pra ele agora!

Susan Sowerby deu uma risada satisfeita.

— Vão ser umas perna forte de um moço bom daqui a pouco — admirou-se ela. — Deixa ele continuar brincano e trabalhano no jardim, comeno e bebeno bastante leite doce e não vai ter melhor par de perna em Yorkshire, graças a Deus.

Ela pousou ambas as mãos nos ombros da srta. Mary e fitou seu rostinho de um modo maternal.

— Eocê também! — continuou a mulher. — Cê já tá quase tão viçosa como a nossa Lizabeth Ellen. Garanto que também é parecida com a sua mãe. A nossa Martha me contou que a sra. Medlock soube que ela era uma mulher muito bonita. Cê vai ser igual a uma rosa vermelha quando crescer, minha mocinha, Deus te abençoe.

Ela não mencionou que quando Martha chegou em casa naquele seu “dia de folga” e a descrevera como uma criança pálida e frágil, disse também que talvez a sra. Medlock tivesse entendido errado.

— Não tem lógica uma mulher bonita ser mãe de uma menina tão desgraçada — acrescentou ela rispidamente.

Mary não teve tempo de prestar muita atenção à mudança em seu rosto. Ela só sabia que parecia “diferente” e que agora seus cabelos estavam mais vistosos e cresciam mais rápido. Mas, lembrando-se de seu prazer em admirar Mem Sahib no passado, ela ficou feliz em saber que um dia ela talvez se parecesse com ela.

Apresentaram a Susan Sowerby cada arbusto e árvore que haviam trazido de volta à vida e a puseram a par de toda a história. Colin caminhava de um lado dela e Mary do outro. Não conseguiam deixar de olhar para o seu amigável rosto corado, secretamente curiosos sobre a sensação deliciosa que ela lhes causava — uma espécie de sentimento morno e perene. Parecia que ela os entendia como Dickon entendia suas criaturas. Ela curvou-se sobre as flores e falou com elas como se fossem crianças. Fuligem

a seguiu e uma ou duas vezes crocitou para ela sobre seu ombro, como se fosse o de Dickon. Quando lhe contaram sobre o pisco e o primeiro voo dos filhotes, ela deu uma risadinha maternal e doce.

— Acho que aprender a voar é igual a aprender a andar, mas acho que ficaria preocupada se os meus filho tivesse asa em vez de perna — brincou ela.

E porque ela era aquela mulher tão maravilhosa, moradora da chameca, eles finalmente lhe contaram sobre a magia.

— Você acredita em magia? — perguntou Colin, depois de explicar sobre os faquires indianos. — Aposto que sim.

— Acredito, rapaz — respondeu ela. — Nunca era esse nome que eu usava, mas o que é um nome, não é mesmo? Aposto que chamam ela de um nome diferente na França e de outro na Alemanha. É o que plantar as semente e o brilho do sol fizeram com ocê, que agora virou um rapaz saudável. Essa é a Coisa Boa. É diferente de nós, pobres diabo, que acredita que faz diferença sermo chamado pelos nosso nome. A Grande Coisa Boa nunca descansa, graças a Deus. Ela num para de fazer mundos novo, milhões deles, mundos como o nosso. Nunca deixe de acreditar na Grande Coisa Boa e de lembrar que o mundo está cheio dela... pode chamar do que quiser. Cê tava cantano pra ela quando eu entrei no jardim.

— Eu me senti tão feliz — disse Colin, abrindo seus lindos e estranhos olhos para ela. — De repente, senti

como eu fosse diferente... como se meus braços e pernas estivessem mais fortes, sabe? E eu podia cavar e ficar de pé, então pulei e quis gritar alto para que todos me ouvissem.

— A magia ouviu ocê cantano a doxologia. Mas ela ia ouvir qualquer outra coisa que ocê cantasse. O que importava era a sua alegria. Eita! Rapaz, meu rapaz... o criador da felicidade pode ter muitos nome diferente! — E novamente deu um tapinha suave em seus ombros.

Ela havia trazido uma cesta com o costumeiro banquete naquela manhã. Quando a hora da fome chegou e Dickon a tirou de seu esconderijo, a sra. Sowerby sentou-se com eles sob a árvore e os observou devorar sua comida, rindo orgulhosa de seus apetites. Ela era muito divertida e os fazia rir, contando todo tipo de coisas extravagantes. Contou a eles histórias em um Yorkshire carregado e eles aprenderam novas palavras. Ela riu como se não pudesse evitar quando lhe contaram sobre a crescente dificuldade em fingir que Colin ainda era um inválido irritadiço.

— Agora entende por que não conseguimos parar de rir quando estamos juntos? — explicou Colin. — E não é maldade. Nós tentamos segurar as risadas, mas elas escapam ainda mais altas.

— Há uma coisa que sempre me vem à mente — disse Mary —, e não consigo evitar de pensar nisso de repente. Fico pensando sobre quando o rosto de Colin ficar parecido

com uma lua cheia. Ainda não se parece, mas ele engorda um pouquinho a cada dia. E vai chegar o dia em que ele se parecerá com uma lua cheia... o que faremos?!

— Deus me livre, imagino o trabalho que cês tão teno pra esconder isso dos outro — disse Susan Sowerby. — Mas cês num vão ter que esperar muito mais tempo. O patrão Craven vai voltar pra casa.

— Você acha que ele vai voltar? — perguntou Colin. — Por quê?

Susan Sowerby riu baixinho.

— Acho que cê ficaria de coração partido se ele ficasse sabeno dessa história toda por outra pessoa que não ocê — disse ela. — Cê passou noites em claro planejano.

— Não suportaria se outra pessoa contasse a ele — concordou Colin. — Todos os dias eu penso em maneiras diferentes de contar. Agora, por exemplo, eu adoraria entrar correndo no quarto dele.

— Seria um bom começo — disse Susan Sowerby. — Eu adoraria ver o rosto dele, menino. Se gostaria! Ele vai voltar logo, vai sim.

Um dos principais assuntos foi a visita que fariam ao chalé dela. Eles planejaram tudo. Deveriam atravessar a charneca e almoçar ao ar livre entre as urzes. Conheceriam todas as doze crianças e o jardim de Dickon e não voltariam antes de estarem muito cansados.

Susan Sowerby finalmente se levantou para voltar à mansão onde a sra. Medlock a esperava. Era hora de Colin

ir embora também. Mas antes de se sentar em sua cadeira, ele ficou bem perto de Susan e fixou os olhos nela com uma idolatria perplexa, até que, repente, ele agarrou a borda de seu manto azul e o segurou com firmeza.

— Você é exatamente o que eu... o que eu queria — disse ele. — Queria que você fosse minha mãe, assim como de Dickon!

De repente, Susan Sowerby se abaixou e o puxou contra o peito, sob o manto, como se ele fosse mesmo irmão de Dickon. A névoa rápida varreu seus olhos.

— Eita! Meu rapaz amado! — enterneceu-se. — Eu acredito que a sua mãe mora neste jardim. Ela não conseguiria ficar longe. Seu pai vai voltar para você, vai sim!

CAPÍTULO 27.

NO JARDIM

Desde o início do mundo, coisas maravilhosas são descobertas a cada século. No último, as descobertas foram ainda mais surpreendentes que nos anteriores. Neste novo século, outras centenas, ainda mais inacreditáveis, serão trazidas à luz. No início, as pessoas se recusam a acreditar que uma coisa diferente possa ser realizada, depois começam a ter esperanças, e então veem que é possível. Quando algo assim é realizado, todos se perguntam por que não o fizeram séculos atrás. Uma das novidades que as pessoas começaram a descobrir no século passado foi que os pensamentos — meros pensamentos — são tão poderosos quanto baterias elétricas e tão bons às pessoas como a luz do sol — ou tão ruins como veneno. Deixar um pensamento triste ou ruim se fixar em sua mente é tão perigoso quanto deixar o germe da escarlatina habitar seu corpo. Se deixamos um pensamento entrar em nossa mente e permanecer nele, talvez nunca mais consigamos vencê-lo, até o final da vida.

Enquanto a mente de dona Mary estava cheia de pensamentos desagradáveis, de aversões e opiniões amargas sobre as pessoas — junto com sua determinação de não sentir prazer ou interesse em nada —, ela era uma criança de rosto amarelado, doente, entediada e miserável.

As circunstâncias, no entanto, foram muito gentis com ela, embora sequer tivesse consciência disso. Elas começaram a empurrá-la rumo ao seu próprio bem. Quando sua mente gradualmente se encheu de piscos e cabanas lotadas de crianças, com velhos jardineiros ranzinzas e donzelas comuns de Yorkshire, com a primavera e jardins secretos ganhando vida dia após dia, e também com um rapaz e suas criaturas, não havia mais lugar para pensamentos ruins que afetavam seu fígado e sua digestão e a deixavam pálida e cansada.

Enquanto Colin ficava trancado em seu quarto, sozinho com seus medos, fraquezas e sua repulsa pelas pessoas que olhavam para ele, refletia a todo momento sobre deformações e morte prematura. Ele era um pequeno hipocondríaco histérico, meio louco, que nada sabia sobre o sol ou a primavera e que também não sabia que poderia sarar e ficar em pé, se tentasse. Quando novos e belos pensamentos começaram a expulsar os antigos, a vida começou a voltar para ele, seu sangue se acelerou em suas veias e a força se espalhou como uma inundação. Sua experiência científica era bastante prática e simples e não havia nada de errado com ela. Coisas muito mais surpreendentes podem acontecer a qualquer pessoa que, ao ser tomada por um pensamento desagradável ou desanimador, simplesmente tem o bom senso de perceber a tempo e empurrá-lo para fora, substituindo-o por outro,

agradável e corajoso. Duas coisas não podem ocupar o mesmo lugar.

*Se você cultivar uma roseira, meu menino,
Nunca crescerá um cardo.*

Enquanto o jardim secreto e duas crianças ganhavam vida, um homem vagava por lugares magníficos e longínquos, nos fiordes noruegueses e nos vales e montanhas da Suíça. Era um homem que por dez anos guardara em sua mente pensamentos sombrios de partir o coração. Não tinha sido corajoso, pois nunca tentara colocar algum outro tipo de pensamento no lugar daqueles. Pensava neles mesmo quando via lagos azuis; e também quando se deitava nas encostas das montanhas com lençóis de gencianas de um azul profundo florescendo ao seu redor e as emanações das flores que dominavam o ar. Uma terrível tristeza recaiu sobre ele em tempos felizes e ele deixou sua alma se encher de escuridão, proibindo obstinadamente que qualquer raio de luz a iluminasse. Ele havia se esquecido e abandonado sua casa e seus deveres. Quando viajava, sua escuridão o acompanhava e sua mera aparência fazia mal a outras pessoas, porque era como se o ar ao seu redor estivesse envenenado por sombras. A maioria dos estranhos julgava que devia ser meio louco ou alguém que esconde um grave crime no fundo da alma. Ele era um homem alto, de rosto tenso e ombros tortos, e o nome que sempre anotava nos registros dos hotéis era:

“Archibald Craven, Mansão Misselthwaite, Yorkshire, Inglaterra”.

Sua viagem já durava muito tempo, desde o dia em que vira dona Mary em seu escritório e dissera que ela poderia ter seu “pedaço de terra”. Estivera nos lugares mais belos da Europa, embora não tenha permanecido em nenhum deles por mais de poucos dias. Escolhia os locais mais silenciosos e remotos. Estivera em montanhas cujos cumes tocavam as nuvens, de onde olhava para outras montanhas sob o sol nascente que as iluminava, fazendo parecer que era o mundo todo que nascia.

Mas a luz nunca conseguia tocá-lo, até o dia em que percebeu que, pela primeira vez em dez anos, algo estranho ocorrera. Ele estava em um magnífico vale no Tirol austríaco, caminhando sozinho por uma beleza que poderia resgatar das sombras a alma de qualquer homem. Já caminhava há muito tempo, mas ainda não havia encontrado seu caminho. Então finalmente sentiu-se cansado e deitou-se sobre um tapete de musgo perto de um riacho. Era um riacho estreito e límpido que corria alegremente ao longo da estreita trilha por entre a luxuriante vegetação úmida. Às vezes, as águas soavam como uma risada muito baixa, ao borbulharem pelas pedras arredondadas. Ele viu pássaros pousarem e mergulharem suas cabeças para beber água, e depois batiam suas asas e voavam para longe. Tudo parecia estar

vivo, e aquele cochicho fazia a quietude parecer ainda mais profunda. O vale estava muito, muito silencioso.

Sentado ali, olhando para a corredeira de água transparente, Archibald Craven gradualmente sentiu sua mente e seu corpo se acalmarem, tão silenciosos quanto o próprio vale. Achou que cairia no sono, mas não dormiu. Ele se endireitou e olhou para os raios do sol reluzindo na água e seus olhos começaram a ver as coisas crescendo em suas margens. Havia um adorável grupo de miosótis azuis, tão próximos ao riacho que suas folhas ficavam submersas e ele se viu olhando para aquilo como costumava olhar para outras maravilhas, anos antes. Na verdade, via tudo com ternura e admirava o encantador azul daquelas centenas de pequenas flores. Não percebia que aquele simples pensamento lentamente tomava sua mente — preenchendo-a cada vez mais até que o resto fosse lentamente colocado de lado. Era como se uma fonte clara e doce começasse a brotar em um tanque estagnado, e vertia e se derramava até finalmente varrer a água escura. Mas é claro que ele mesmo não pensou em nada disso. Ele só sentia que o vale ficava cada vez mais silencioso enquanto se mantinha sentado, olhando para o azul delicado e cintilante. Não sabia há quanto tempo já estava ali ou o que se passava dentro dele, mas finalmente se moveu como se despertasse e se levantou devagar. Ficou de pé no tapete de musgo, respirando longa, profunda e suavemente e refletindo sobre si mesmo. Algo parecia ter

se revolvido e se desprendido em seu interior, sem o menor ruído.

— O que é isso? — disse ele, quase em um sussurro, e passou a mão pela testa. — Quase sinto como se eu... estivesse vivo!

Não conheço o suficiente sobre as maravilhas ainda ocultas para ser capaz de descrever como aquilo aconteceu. Mas ninguém mais seria capaz. Ele não entendeu nada, mas se lembraria desse estranho momento meses depois, quando, de volta a Misselthwaite, descobriria por acaso que naquele mesmo dia Colin gritara ao entrar no jardim secreto:

— Eu vou viver para todo o sempre e sempre!

A calma singular permaneceu com ele pelo resto da noite e ele dormiu um sono revigorante; mas não permaneceu por muito tempo além disso. Ele não sabia que a calma poderia ser preservada. Na noite seguinte, escancarou as portas para seus pensamentos sombrios e todos eles voltaram correndo. Ele deixou o vale e voltou ao seu caminho sem rumo. Mas, por mais estranho, houve minutos — às vezes horas — em que, sem saber por que, o fardo negro parecia aliviar suas costas e algo o fazia saber que era um homem vivo e não morto. Lentamente — muito lentamente —, sem nenhuma razão conhecida, ele estava “voltando à vida” junto com o jardim.

Conforme o dourado-claro do verão se transformava no dourado-escuro do outono, ele chegou ao lago de

Como. Lá encontrou a beleza de um sonho. Passou dias no azul cristalino do lago ou no verde macio e espesso das colinas e vagava até se cansar e dormir. Mas a essa altura já percebia que começara a dormir melhor e que seus sonhos haviam deixado de ser pesadelos.

— Talvez — pensou ele — meu corpo esteja ficando mais forte.

Estava ficando, mas — por causa das raras horas de paz em que seus pensamentos mudavam — sua alma também se fortalecia lentamente. Ele começou a pensar em Misselthwaite e a ponderar se não era hora de voltar para casa. De vez em quando, se perguntava vagamente sobre seu filho e o que deveria sentir quando estivesse ao lado da cama de quatro colunas, olhando para seu rosto branco-marfim enquanto ele dormia, seus impressionantes cílios negros costurando seus olhos fechados. Encolheu-se só de pensar.

Em outro dia maravilhoso, caminhou tanto que, quando voltou, a lua brilhava alta e cheia e tudo eram sombras roxas e raios prateados. A quietude do lago, da praia e da floresta eram tão maravilhosas que ele não entrou na vila em que se hospedava. Desceu até um pequeno terraço coberto à beira da água, sentou-se em um banco e respirou todos os aromas celestiais da noite. Sentiu uma estranha calma tomar conta de seu corpo, que foi ficando cada vez mais profunda até que ele adormeceu.

Sem perceber que dormia, começou a sonhar. Era um sonho extremamente real. Posteriormente ele se lembraria de como se sentia acordado e alerta enquanto sonhava. Sentado, respirando o perfume das rosas tardias e ouvindo o bater da água a seus pés, imaginou ouvir uma voz chamando. Era doce, clara, feliz e distante. Parecia vir de muito longe, mas era possível entendê-la perfeitamente, como se estivesse ao seu lado.

— Archie! Archie! Archie! — dizia a voz, e então novamente, mais doce e clara do que antes: — Archie! Archie!

Levantou-se assustado. Era uma voz tão real e parecia natural que ele a ouvisse.

— Lílias! Lílias! — ele respondeu. — Lílias! Onde você está?

— No jardim. — A voz soou como o som de uma flauta dourada. — No jardim!

E então o sonho terminou. Mas ele não acordou. Dormiu profunda e tranquilamente durante toda aquela noite adorável. Quando finalmente despertou na manhã ensolarada, um criado estava ao seu lado. Era um criado italiano já acostumado, como todos os criados da propriedade, a aceitar sem questionar qualquer coisa que seu patrão estrangeiro pudesse fazer. Ninguém jamais sabia quando ele sairia ou entraria, onde escolheria dormir, se vagaria pelo jardim ou se ficaria no barco a noite toda. O homem segurava uma bandeja com algumas cartas

e esperou em silêncio até que o sr. Craven as pegasse. Depois que o homem se foi, o sr. Craven sentou-se por alguns instantes com as cartas na mão e os olhos fixos no lago. A calma ainda pairava sobre ele, mas havia algo mais — uma leveza, como se o acontecimento cruel pelo qual sofria não tivesse ocorrido da forma como ele sempre pensara. Algo havia mudado. Ele se lembrava do sonho — muito, muito real.

— No jardim! — ele repetiu, confuso. — No jardim! Mas a porta está trancada e a chave enterrada.

Quando voltou a olhar para as cartas, notou que no topo delas havia uma em inglês enviada de Yorkshire. Tinha uma caligrafia comum de mulher, mas não era nenhuma que ele conhecesse. Abriu a carta, mal pensando em sua autora, mas as primeiras palavras chamaram sua atenção imediatamente:

Prezado Senhor,

Sou Susan Sowerby, que certa vez se atreveu a lhe dirigir a palavra na charneca. Falei sobre a srta. Mary. Agora, novamente me atrevo a falar. Por favor, senhor, se eu fosse o senhor, voltaria para casa. Acho que ficaria feliz se viesse e — se me permite, senhor — acho que sua esposa pediria o mesmo se estivesse aqui.

Sua eterna criada,

Susan Sowerby.

O sr. Craven leu a carta duas vezes antes de colocá-la de volta no envelope. O sonho não saía de sua cabeça.

— Vou voltar a Misselthwaite — disse ele. — Sim, partirei imediatamente.

Seguiu pelo jardim até a casa-sede e ordenou que Pitcher preparasse seu retorno à Inglaterra.

Em poucos dias ele chegava a Yorkshire e, em sua longa viagem de trem, percebera que pensava em seu filho como nunca nos últimos dez anos. Durante aqueles anos, desejava apenas esquecê-lo. Agora, embora não tivesse a intenção de pensar nele, memórias do menino habitavam sua mente sem trégua. Ele relembrava dos dias negros em que delirava como um louco porque a criança estava viva e a mãe morta. Recusava-se a vê-lo, e quando o via, era uma coisa tão fraca e miserável que todos tinham certeza de que morreria em breve. Mas para a surpresa de quem cuidava dele, os dias se passaram e ele sobreviveu, e então todos acreditaram que seria uma criatura deformada.

Ele não pretendia ser um mau pai, mas não se sentia como um. Havia providenciado médicos, enfermeiras e luxos, mas se encolhia só de pensar no menino e se enterrava em sua própria miséria. Da primeira vez em que se ausentou por quase um ano, ao retornar a Misselthwaite viu a pequena coisa de aparência miserável e lânguida indiferentemente erguer seus grandes olhos cinzentos com cílios negros para olhá-lo. Eram tão parecidos e, no entanto, tão horrivelmente diferentes dos olhos felizes que

ele adorava, que não suportou e desviou-se, pálido como um cadáver. Depois disso, quase não viu mais o menino, exceto quando dormia, e tudo o que sabia era que ele era um inválido de temperamento ruim, histérico e meio insano. Só era possível mantê-lo protegido de suas avassaladoras fúrias atendendo a cada um de seus mínimos desejos.

Nada disso era edificante de se lembrar, mas enquanto o trem o levava por cordilheiras e planícies, o homem que “ganhava vida” começou a pensar de uma nova maneira e ponderou longa, constante e profundamente.

— Talvez eu esteja errado há dez anos — disse para si mesmo. — Dez anos é muito tempo. Talvez já seja tarde demais para fazer alguma coisa, tarde demais. No que eu estive pensando?

Claro que esse era o feitiço errado — começar dizendo “tarde demais”. Até Colin poderia ter dito isso a ele. Mas ele não sabia nada sobre magia — nem da negra nem da branca. Era algo que ainda precisava aprender.

Perguntou-se se Susan Sowerby havia tomado coragem e escrito para ele apenas porque era uma criatura maternal e havia percebido que o menino piorara muito — que estava mortalmente doente. Se não estivesse sob o feitiço da curiosa calma que se apossara dele, estaria mais miserável do que nunca. Mas a calma trouxe consigo uma espécie de coragem e esperança. Em vez de ceder aos piores

pensamentos, percebeu que tentava acreditar em dias melhores.

“Será que ela acredita que posso cuidar melhor dele e controlá-lo?”, ele pensou. “Vou parar para vê-la no meu caminho para Misselthwaite.”

Mas quando, em seu caminho pela charneca, ele parou a carruagem na cabana, sete ou oito crianças que brincavam ali se reuniram e fizeram reverências cordiais e educadas. Disseram a ele que sua mãe havia ido para o outro lado da charneca no início da manhã, para ajudar uma mulher e seu novo bebê. “Nosso Dickon”, eles explicaram, estava na mansão trabalhando em um dos jardins, aonde ia vários dias por semana.

O sr. Craven olhou para aqueles corpinhos robustos e rostos redondos de bochechas vermelhas, cada um sorrindo com sua maneira peculiar, e constatou que eram saudáveis e felizes. Ele sorriu de volta, tirou uma libra de ouro do bolso e deu para “nossa Lizabeth Ellen”, a mais velha deles.

— Se dividir isto em oito, terá meia coroa¹³ para cada um de vocês — disse ele.

Então, em meio a sorrisos, risadas e reverências, ele deixou para trás a alegria plena, cotovelos se cutucando e pequenos pulos empolgados.

A viagem pelas maravilhas da charneca foi reconfortante. Dava a ele uma sensação de volta ao lar que tinha certeza de que nunca sentiria novamente — o

consolo da beleza da terra, do céu e da florada roxa à distância, e um calor no coração ao se aproximar do grande e velho casarão que abrigou os de seu sangue por seiscentos anos. Da última vez em que havia se afastado dali, tremia ao pensar em seus quartos fechados e no menino deitado na cama de quatro colunas com cortinas de brocado. Seria possível que talvez tivesse melhorado um pouco e que pudesse superar sua aversão a ele? Aquele sonho fora extremamente real, com a voz que o chamava de volta: “No jardim, no jardim!”

— Vou tentar encontrar a chave — disse ele. — Vou tentar abrir a porta. Preciso, mas não sei por quê.

Quando ele chegou à mansão, os criados que o receberam com a cerimônia habitual notaram que parecia melhor e que não se dirigiu para os quartos remotos onde costumava ser servido por Pitcher. Ele foi à biblioteca e mandou chamar a sra. Medlock. Ela chegou um tanto aflita, curiosa e nervosa.

— Como está o patrão Colin, Medlock? — ele perguntou.

— Bem, senhor — respondeu ela. — Ele... ele está diferente, por assim dizer.

— Piorou? — ele arriscou.

A sra. Medlock realmente estava corada.

— Bem, veja bem, senhor — ela tentou explicar —, nem o dr. Craven, nem a enfermeira e nem eu conseguimos entender exatamente.

— Como assim?

— Para dizer a verdade, senhor, o patrão Colin pode estar melhor, mas também pode ter piorado. Seu apetite, senhor, está além da compreensão... e seus modos...

— Ele se tornou mais... ainda mais peculiar? — o patrão perguntou, franzindo as sobrancelhas ansiosamente.

— É isso, senhor. Ficou ainda mais peculiar quando o comparamos com o que costumava ser. Ele não comia nada e de repente começou a comer como um lobo... e então parou de repente, e as refeições eram trazidas de volta intocadas, como antes. Talvez o senhor não soubesse, mas ele nunca se deixava levar para fora da casa. As coisas que passamos para fazê-lo sair em sua cadeira fariam qualquer um tremer como folha em tempestade. Seus ataques eram tão violentos que o dr. Craven dizia que não se responsabilizaria por forçá-lo. Bem, senhor, sem aviso algum, não muito depois de um de seus piores acessos de raiva, de repente ele passou a insistir em ser levado todos os dias pela srta. Mary e pelo filho de Susan Sowerby, Dickon, que era capaz de empurrar sua cadeira. Passou a gostar da srta. Mary e de Dickon, que trazia seus animais domesticados e, por incrível que pareça, senhor, agora ele fica ao ar livre de manhã até a noite.

— E a sua aparência? — Foi a próxima pergunta.

— Se ele estivesse comendo normalmente, senhor, acharia que ele está engordando, mas tememos que possa

ser uma espécie de inchaço. Ele às vezes ri de um jeito estranho quando está sozinho com a srta. Mary. Ele nunca ria de nada. O dr. Craven virá imediatamente, se o senhor permitir. Ele nunca ficou tão confuso em sua vida.

— Onde está o patrão Colin agora? — perguntou o sr. Craven.

— No jardim, senhor. Ele está sempre no jardim, embora nenhuma criatura humana tenha permissão para se aproximar, por medo de que olhem para ele.

O sr. Craven mal ouviu suas últimas palavras.

— No jardim — disse ele, e depois de dispensar a sra. Medlock, levantou-se e repetiu várias vezes. — No jardim!

O sr. Craven teve de se esforçar para voltar à realidade e quando sentiu seus pés novamente na terra, virou-se e saiu da sala. Seguiu pela calçada, assim como Mary havia feito, através da porta entre os arbustos e entre os pés de louro e os canteiros da fonte. A fonte agora funcionava e estava rodeada por canteiros de flores outonais acetinadas. Ele cruzou o gramado e entrou na longa calçada que acompanhava os muros de hera. Andava devagar e seus olhos se mantinham no chão. Sentia-se como que atraído de volta ao lugar que abandonara há tanto tempo, mas não sabia por quê. À medida em que se aproximava, seu passo tornou-se ainda mais lento. Sabia onde ficava a porta, embora a hera pendesse grossa sobre ela, mas não sabia exatamente onde havia enterrado a chave.

Então ele parou e ali ficou, olhando em volta, e quase em seguida começou a ouvir algo. Pensou se não vivia um sonho.

A hera pendia grossa sobre a porta, a chave estava enterrada sob os arbustos, nenhum ser humano havia passado por aquele portal em dez solitários anos — e ainda assim, dentro do jardim havia sons. Eram sons de passos correndo por entre as árvores, sons de vozes abafadas, exclamações e gritos contidos. Na verdade, parecia o riso de coisas jovens, o riso incontrolável de crianças que tentam não ser ouvidas, mas que em um momento ou outro — conforme sua empolgação foge do controle — escapam. O que, em nome dos céus, ele sonhava? O que, em nome dos céus, ele ouvia? Estaria ele perdendo a razão e ouvindo coisas que não eram adequadas a ouvidos humanos? Era isso o que a voz tentara lhe dizer?

E então chegou o momento em que os sons se esqueceram de se controlar. Os pés corriam cada vez mais rápido — para perto da porta do jardim. Ouviu-se uma respiração ofegante de jovens e uma explosão selvagem de risos. A porta no muro se escancarou, os ramos de hera se sacudiram para trás, e um menino passou por ela a toda velocidade, sem nem perceber o forasteiro e quase caindo em seus braços.

O sr. Craven o segurou bem a tempo de salvá-lo da queda que resultaria de sua investida cega contra ele e, ao segurá-lo, surpreso, quase engasgou.

Era um menino alto e bonito. Brilhava de vida e sua corrida colorira seu rosto de maneira esplêndida. Ele jogou o cabelo grosso para trás e ergueu um par de distintos olhos cinzentos — olhos cheios de alegria de menino, enfeitados com uma franja de cílios negros. Foram aqueles olhos que tiraram o fôlego do sr. Craven.

— Quem... o quê? Você! — ele gaguejou.

Não era isso o que Colin esperava, não era o que ele havia planejado. Nunca imaginou o encontro assim. E, no entanto, sair correndo e vencer uma corrida talvez fosse ainda melhor. Ele se ergueu em sua altura máxima. Mary, que o havia seguido porta afora, achou que até parecia alguns centímetros mais alto.

— Pai — disse ele —, sou eu, Colin. Você não vai acreditar. Eu mesmo mal posso acreditar. Sou Colin.

Assim como a sra. Medlock, Colin não entendeu o que seu pai queria dizer, repetindo sem parar:

— No jardim! No jardim!

— Sim — apressou-se Colin. — Foi o jardim que fez isso! E Mary, Dickon e as criaturas... e a magia. Ninguém sabe. Mantivemos o segredo até que você voltasse. Estou bem, posso vencer Mary em uma corrida. Serei um atleta.

Ele disse tudo aquilo como um menino plenamente saudável, com o rosto vermelho e as palavras tropeçando umas nas outras em sua ansiedade. A alma do sr. Craven estremeceu com uma alegria incrédula.

Colin estendeu a mão e pousou-a no braço do pai.

— Não ficou feliz, pai? — ele concluiu. — Não está feliz? Eu vou viver para todo o sempre!

O sr. Craven colocou as mãos nos ombros do menino e se manteve imóvel. Ele sabia que não deveria ousar falar por um momento.

— Leve-me para o jardim, meu menino — disse, finalmente. — E me conte tudo.

E então eles o conduziram.

O lugar fervilhava com o ouro outonal em tons de roxo, azul, violeta e escarlate flamejante, e por todos os lados havia feixes de lírios tardios brancos ou mesclados de rubi. Ele se lembrava bem de quando o primeiro deles fora plantado, para que justamente nesta estação do ano suas últimas glórias se revelassem. Roseiras temporãs subiam, pendiam e se enroscavam, e o sol aprofundava o matiz das folhas amareladas, transformando tudo em um templo dourado e ornamentado. O recém-chegado ficou em silêncio, assim como as crianças ficaram quando entraram ali pela primeira vez. Ele não parava de olhar à sua volta.

— Achei que estaria morto — murmurou.

— Mary também pensou assim no começo — disse Colin. — Mas ele ganhou vida.

Em seguida, sentaram-se sob a árvore — todos menos Colin, que preferiu ficar em pé para contar a história.

Aquela era a história mais inacreditável que já ouvira, pensou Archibald Craven, enquanto o empolgado jovem transbordava em palavras. Mistério, magia e criaturas

selvagens, o fantasmagórico encontro dos primos à meia-noite, a chegada da primavera, a força do orgulho ferido que levou o jovem rajá a se levantar e desafiar o velho Ben Weatherstaff. A inesperada amizade, toda a atuação dramática, o grande segredo guardado com tanto cuidado. O ouvinte riu até que lágrimas brotassem de seus olhos e outras vezes lágrimas brotaram, mas sem que ele risse. O atleta, conferencista e explorador científico era um jovem divertido, amado e saudável.

— Agora — disse ele ao encerrar a história —, o segredo pode ser revelado. Ouso dizer que talvez até se assustem quando me virem, mas nunca mais me sentarei na cadeira. Vamos voltar para casa caminhando juntos, pai.

As obrigações de Ben Weatherstaff raramente o tiravam dos jardins, mas nesta ocasião ele deu uma desculpa para levar alguns vegetais para a cozinha e ser convidado pela sra. Medlock para um copo de cerveja no salão dos criados. Ele estava ali, conforme planejava, quando o evento mais dramático que a Mansão Misselthwaite já presenciara aconteceu diante de seus olhos. Uma das janelas dava para o pátio gramado. A sra. Medlock, sabendo que Ben viera dos jardins, esperava que ele tivesse visto seu patrão e até mesmo, por acaso, o patrão Colin.

— Viu algum deles, Weatherstaff? — ela perguntou.

Ben tirou a caneca de cerveja da boca e enxugou os lábios com as costas da mão.

— Vi sim — ele respondeu com um ar bastante provocador.

— Os dois? — arriscou a sra. Medlock.

— Os dois — respondeu Ben Weatherstaff. — Muito obrigado, senhora. Eu até tomaria outra.

— Juntos? — insistiu ansiosa a sra. Medlock, enchendo apressadamente sua caneca de cerveja.

— Juntinhos, senhora. — E tomou metade de sua nova caneca de um só gole.

— Onde estava o patrão Colin? Ele estava bem? O que disseram um ao outro?

— Isso eu num ouvi, não — disse Ben. — Eu tava na escada olhando por cima do muro. Mas uma coisa eu vou falar. Tem umas coisa acontecendo lá fora que ninguém daqui desconfia. E você vai descobrir tudinho, logo, logo.

E em dois minutos ele virou o último gole de sua cerveja e apontou solenemente com sua caneca em direção à janela que dava para o gramado.

— Olha lá — disse ele —, se tiver curiosa. Olha lá o que tá acontecendo na grama.

Quando a sra. Medlock olhou, ergueu suas mãos e deu um grito agudo. Todos os criados que a ouviram, homens e mulheres, dispararam pelo salão para olhar pela janela. Seus olhos quase saltaram das órbitas.

Do outro lado do gramado vinha o patrão de Misselthwaite com um semblante que poucos deles já haviam visto. Ao seu lado, de cabeça erguida e olhos cheios

de luz, caminhava o patrão Colin, tão forte e firme quanto qualquer outro menino de Yorkshire.



Frances Eliza Hodgson Burnett ficou bastante conhecida pelas obras *O pequeno lorde* (1886) e *Uma pequena princesa* (1905). *O jardim secreto* (1911) só foi aclamado após a morte da escritora, em *Nassau Country* (Nova York, 1924), quando trabalhos acadêmicos o fizeram ser reconhecido como um dos melhores livros infantis do século 20. A autora nasceu em 1849, em Cheetham, Inglaterra, casou-se duas vezes, teve dois filhos e manteve-se uma mulher independente e ativa por toda sua vida. Morou principalmente em

Manchester, Tennessee, Paris e Washington, e escreveu a história de Mary Lennox enquanto morava em Great Maytham Hall, uma mansão cercada por jardins murados onde cultivava suas rosas premiadas e onde encontrou um jardim abandonado, datado de 1721.

NOTAS

1 Do inglês *thwaite* (descampado) e *missel* (tordo, pisco): o descampado dos tordos.

2 Como eram chamadas as mulheres brancas casadas e de alta classe na Índia.

3 Esta é uma antiga *nursery rhyme* (cantiga infantil), inspirada em Maria I (1516-1558), Rainha da Inglaterra e Irlanda, além de Rainha Consorte da Espanha, durante o século 16. Em seu reinado, implementou reformas para restaurar a ascensão da Igreja Católica (as flores da canção são referências a sinos de igreja), condenando protestantes à fogueira (por isso as “flores-de-defunto”).

4 História de Charles Perrault sobre um menino que nasce deformado mas com grande inteligência e ganha a dádiva de transferir parte de sua sabedoria a quem amar.

5 Brougham é um modelo de carruagem na qual o condutor se senta descoberto na dianteira do carro e os passageiros ficam dentro de uma cabine.

6 A política colonialista europeia sempre confiou na opressão étnica e na conseqüente ignorância de sua própria população para a manutenção do poderio

exploratório sobre outros povos. A observação inadequada de Martha, uma moça do interior da Inglaterra, reflete principalmente sua falta de contato com estrangeiros.

7 Tradução de “*shilling*”, moeda que valia a vigésima parte da libra esterlina britânica. Foi utilizada até fevereiro de 1971.

8 São os condutores e tratadores de elefantes na Índia.

9 Plural de *penny*, antiga moeda e unidade monetária britânica equivalente a de xelim e de libra.

10 *Nutshell*, do inglês, é a parte externa da noz que abriga sua castanha. Palavra composta por *nut* (noz) e *shell* (concha, casca). *Nutshell* também se refere a algo pequeno ou resumido.

11 A hospedaria Blue Lion existe desde o século 18 e é um local de certa imponência.

12 A doxologia, ou a glorificação da palavra, é uma fórmula de louvor frequente no Antigo Testamento, com origem nos antigos escritos gregos. Tem a forma de hinos curtos em glória a Deus, eventualmente ao final de cânticos e salmos.

13 Uma coroa equivalia a cinco xelins ou um quarto de libra.

The Secret Garden

Frances Hodgson Burnett

In Honor of Lisa Hart's 9th Birthday

CHAPTER 1.

THERE IS NO ONE LEFT

When Mary Lennox was sent to Misselthwaite Manor to live with her uncle everybody said she was the most disagreeable-looking child ever seen. It was true, too. She had a little thin face and a little thin body, thin light hair and a sour expression. Her hair was yellow, and her face was yellow because she had been born in India and had always been ill in one way or another. Her father had held a position under the English Government and had always been busy and ill himself, and her mother had been a great beauty who cared only to go to parties and amuse herself with gay people. She had not wanted a little girl at all, and when Mary was born she handed her over to the care of an Ayah, who was made to understand that if she wished to please the Mem Sahib she must keep the child out of sight as much as possible. So when she was a sickly, fretful, ugly little baby she was kept out of the way, and when she became a sickly, fretful, toddling thing she was kept out of the way also. She never remembered seeing familiarly anything but the dark faces of her Ayah and the other native servants, and as they always obeyed her and gave her her own way in everything, because the Mem Sahib would be angry if she was disturbed by her crying, by the time she was six years old

she was as tyrannical and selfish a little pig as ever lived. The young English governess who came to teach her to read and write disliked her so much that she gave up her place in three months, and when other governesses came to try to fill it they always went away in a shorter time than the first one. So if Mary had not chosen to really want to know how to read books she would never have learned her letters at all.

One frightfully hot morning, when she was about nine years old, she awakened feeling very cross, and she became crosser still when she saw that the servant who stood by her bedside was not her Ayah.

"Why did you come?" she said to the strange woman. "I will not let you stay. Send my Ayah to me."

The woman looked frightened, but she only stammered that the Ayah could not come and when Mary threw herself into a passion and beat and kicked her, she looked only more frightened and repeated that it was not possible for the Ayah to come to Missie Sahib.

There was something mysterious in the air that morning. Nothing was done in its regular order and several of the native servants seemed missing, while those whom Mary saw slunk or hurried about with ashy and scared faces. But no one would tell her anything and her Ayah did not come. She was actually left alone as the morning went on, and at last she wandered out into the garden and began to play by herself under a tree near the veranda. She

pretended that she was making a flower-bed, and she stuck big scarlet hibiscus blossoms into little heaps of earth, all the time growing more and more angry and muttering to herself the things she would say and the names she would call Saidie when she returned.

"Pig! Pig! Daughter of Pigs!" she said, because to call a native a pig is the worst insult of all.

She was grinding her teeth and saying this over and over again when she heard her mother come out on the veranda with some one. She was with a fair young man and they stood talking together in low strange voices. Mary knew the fair young man who looked like a boy. She had heard that he was a very young officer who had just come from England. The child stared at him, but she stared most at her mother. She always did this when she had a chance to see her, because the Mem Sahib—Mary used to call her that oftener than anything else—was such a tall, slim, pretty person and wore such lovely clothes. Her hair was like curly silk and she had a delicate little nose which seemed to be disdainful things, and she had large laughing eyes. All her clothes were thin and floating, and Mary said they were "full of lace." They looked fuller of lace than ever this morning, but her eyes were not laughing at all. They were large and scared and lifted imploringly to the fair boy officer's face.

"Is it so very bad? Oh, is it?" Mary heard her say.

"Awfully," the young man answered in a trembling voice. "Awfully, Mrs. Lennox. You ought to have gone to the hills two weeks ago."

The Mem Sahib wrung her hands.

"Oh, I know I ought!" she cried. "I only stayed to go to that silly dinner party. What a fool I was!"

At that very moment such a loud sound of wailing broke out from the servants' quarters that she clutched the young man's arm, and Mary stood shivering from head to foot. The wailing grew wilder and wilder. "What is it? What is it?" Mrs. Lennox gasped.

"Some one has died," answered the boy officer. "You did not say it had broken out among your servants."

"I did not know!" the Mem Sahib cried. "Come with me! Come with me!" and she turned and ran into the house.

After that, appalling things happened, and the mysteriousness of the morning was explained to Mary. The cholera had broken out in its most fatal form and people were dying like flies. The Ayah had been taken ill in the night, and it was because she had just died that the servants had wailed in the huts. Before the next day three other servants were dead and others had run away in terror. There was panic on every side, and dying people in all the bungalows.

During the confusion and bewilderment of the second day Mary hid herself in the nursery and was forgotten by

everyone. Nobody thought of her, nobody wanted her, and strange things happened of which she knew nothing. Mary alternately cried and slept through the hours. She only knew that people were ill and that she heard mysterious and frightening sounds. Once she crept into the dining-room and found it empty, though a partly finished meal was on the table and chairs and plates looked as if they had been hastily pushed back when the diners rose suddenly for some reason. The child ate some fruit and biscuits, and being thirsty she drank a glass of wine which stood nearly filled. It was sweet, and she did not know how strong it was. Very soon it made her intensely drowsy, and she went back to her nursery and shut herself in again, frightened by cries she heard in the huts and by the hurrying sound of feet. The wine made her so sleepy that she could scarcely keep her eyes open and she lay down on her bed and knew nothing more for a long time.

Many things happened during the hours in which she slept so heavily, but she was not disturbed by the wails and the sound of things being carried in and out of the bungalow.

When she awakened she lay and stared at the wall. The house was perfectly still. She had never known it to be so silent before. She heard neither voices nor footsteps, and wondered if everybody had got well of the cholera and all the trouble was over. She wondered also who would take care of her now her Ayah was dead. There would be a

new Ayah, and perhaps she would know some new stories. Mary had been rather tired of the old ones. She did not cry because her nurse had died. She was not an affectionate child and had never cared much for any one. The noise and hurrying about and wailing over the cholera had frightened her, and she had been angry because no one seemed to remember that she was alive. Everyone was too panic-stricken to think of a little girl no one was fond of. When people had the cholera it seemed that they remembered nothing but themselves. But if everyone had got well again, surely some one would remember and come to look for her.

But no one came, and as she lay waiting the house seemed to grow more and more silent. She heard something rustling on the matting and when she looked down she saw a little snake gliding along and watching her with eyes like jewels. She was not frightened, because he was a harmless little thing who would not hurt her and he seemed in a hurry to get out of the room. He slipped under the door as she watched him.

"How queer and quiet it is," she said. "It sounds as if there were no one in the bungalow but me and the snake."

Almost the next minute she heard footsteps in the compound, and then on the veranda. They were men's footsteps, and the men entered the bungalow and talked in low voices. No one went to meet or speak to them and they seemed to open doors and look into rooms. "What

desolation!" she heard one voice say. "That pretty, pretty woman! I suppose the child, too. I heard there was a child, though no one ever saw her."

Mary was standing in the middle of the nursery when they opened the door a few minutes later. She looked an ugly, cross little thing and was frowning because she was beginning to be hungry and feel disgracefully neglected. The first man who came in was a large officer she had once seen talking to her father. He looked tired and troubled, but when he saw her he was so startled that he almost jumped back.

"Barney!" he cried out. "There is a child here! A child alone! In a place like this! Mercy on us, who is she!"

"I am Mary Lennox," the little girl said, drawing herself up stiffly. She thought the man was very rude to call her father's bungalow "A place like this!" "I fell asleep when everyone had the cholera and I have only just wakened up. Why does nobody come?"

"It is the child no one ever saw!" exclaimed the man, turning to his companions. "She has actually been forgotten!"

"Why was I forgotten?" Mary said, stamping her foot. "Why does nobody come?"

The young man whose name was Barney looked at her very sadly. Mary even thought she saw him wink his eyes as if to wink tears away.

"Poor little kid!" he said. "There is nobody left to come."

It was in that strange and sudden way that Mary found out that she had neither father nor mother left; that they had died and been carried away in the night, and that the few native servants who had not died also had left the house as quickly as they could get out of it, none of them even remembering that there was a Missie Sahib. That was why the place was so quiet. It was true that there was no one in the bungalow but herself and the little rustling snake.

CHAPTER 2.

MISTRESS MARY QUITE CONTRARY

Mary had liked to look at her mother from a distance and she had thought her very pretty, but as she knew very little of her she could scarcely have been expected to love her or to miss her very much when she was gone. She did not miss her at all, in fact, and as she was a self-absorbed child she gave her entire thought to herself, as she had always done. If she had been older she would no doubt have been very anxious at being left alone in the world, but she was very young, and as she had always been taken care of, she supposed she always would be. What she thought was that she would like to know if she was going to nice people, who would be polite to her and give her her own way as her Ayah and the other native servants had done.

She knew that she was not going to stay at the English clergyman's house where she was taken at first. She did not want to stay. The English clergyman was poor and he had five children nearly all the same age and they wore shabby clothes and were always quarreling and snatching toys from each other. Mary hated their untidy bungalow and was so disagreeable to them that after the first day or two nobody would play with her. By the second day they had given her a nickname which made her furious.

It was Basil who thought of it first. Basil was a little boy with impudent blue eyes and a turned-up nose, and Mary hated him. She was playing by herself under a tree, just as she had been playing the day the cholera broke out. She was making heaps of earth and paths for a garden and Basil came and stood near to watch her. Presently he got rather interested and suddenly made a suggestion.

"Why don't you put a heap of stones there and pretend it is a rockery?" he said. "There in the middle," and he leaned over her to point.

"Go away!" cried Mary. "I don't want boys. Go away!"

For a moment Basil looked angry, and then he began to tease. He was always teasing his sisters. He danced round and round her and made faces and sang and laughed.

"Mistress Mary, quite contrary,
How does your garden grow?
With silver bells, and cockle shells,
And marigolds all in a row."

He sang it until the other children heard and laughed, too; and the crosser Mary got, the more they sang "Mistress Mary, quite contrary"; and after that as long as she stayed with them they called her "Mistress Mary Quite Contrary" when they spoke of her to each other, and often when they spoke to her.

"You are going to be sent home," Basil said to her, "at the end of the week. And we're glad of it."

"I am glad of it, too," answered Mary. "Where is home?"

"She doesn't know where home is!" said Basil, with seven-year-old scorn. "It's England, of course. Our grandmama lives there and our sister Mabel was sent to her last year. You are not going to your grandmama. You have none. You are going to your uncle. His name is Mr. Archibald Craven."

"I don't know anything about him," snapped Mary.

"I know you don't," Basil answered. "You don't know anything. Girls never do. I heard father and mother talking about him. He lives in a great, big, desolate old house in the country and no one goes near him. He's so cross he won't let them, and they wouldn't come if he would let them. He's a hunchback, and he's horrid." "I don't believe you," said Mary; and she turned her back and stuck her fingers in her ears, because she would not listen any more.

But she thought over it a great deal afterward; and when Mrs. Crawford told her that night that she was going to sail away to England in a few days and go to her uncle, Mr. Archibald Craven, who lived at Misselthwaite Manor, she looked so stony and stubbornly uninterested that they did not know what to think about her. They tried to be kind to her, but she only turned her face away when Mrs. Crawford attempted to kiss her, and held herself stiffly when Mr. Crawford patted her shoulder.

"She is such a plain child," Mrs. Crawford said pityingly, afterward. "And her mother was such a pretty creature. She had a very pretty manner, too, and Mary has the most unattractive ways I ever saw in a child. The children call her 'Mistress Mary Quite Contrary,' and though it's naughty of them, one can't help understanding it."

"Perhaps if her mother had carried her pretty face and her pretty manners oftener into the nursery Mary might have learned some pretty ways too. It is very sad, now the poor beautiful thing is gone, to remember that many people never even knew that she had a child at all."

"I believe she scarcely ever looked at her," sighed Mrs. Crawford. "When her Ayah was dead there was no one to give a thought to the little thing. Think of the servants running away and leaving her all alone in that deserted bungalow. Colonel McGrew said he nearly jumped out of his skin when he opened the door and found her standing by herself in the middle of the room."

Mary made the long voyage to England under the care of an officer's wife, who was taking her children to leave them in a boarding-school. She was very much absorbed in her own little boy and girl, and was rather glad to hand the child over to the woman Mr. Archibald Craven sent to meet her, in London. The woman was his housekeeper at Misselthwaite Manor, and her name was Mrs. Medlock. She was a stout woman, with very red cheeks and sharp black

eyes. She wore a very purple dress, a black silk mantle with jet fringe on it and a black bonnet with purple velvet flowers which stuck up and trembled when she moved her head. Mary did not like her at all, but as she very seldom liked people there was nothing remarkable in that; besides which it was very evident Mrs. Medlock did not think much of her.

"My word! she's a plain little piece of goods!" she said. "And we'd heard that her mother was a beauty. She hasn't handed much of it down, has she, ma'am?" "Perhaps she will improve as she grows older," the officer's wife said good-naturedly. "If she were not so sallow and had a nicer expression, her features are rather good. Children alter so much."

"She'll have to alter a good deal," answered Mrs. Medlock. "And, there's nothing likely to improve children at Misselthwaite—if you ask me!" They thought Mary was not listening because she was standing a little apart from them at the window of the private hotel they had gone to. She was watching the passing buses and cabs and people, but she heard quite well and was made very curious about her uncle and the place he lived in. What sort of a place was it, and what would he be like? What was a hunchback? She had never seen one. Perhaps there were none in India.

Since she had been living in other people's houses and had had no Ayah, she had begun to feel lonely and to think queer thoughts which were new to her. She had begun to

wonder why she had never seemed to belong to anyone even when her father and mother had been alive. Other children seemed to belong to their fathers and mothers, but she had never seemed to really be anyone's little girl. She had had servants, and food and clothes, but no one had taken any notice of her. She did not know that this was because she was a disagreeable child; but then, of course, she did not know she was disagreeable. She often thought that other people were, but she did not know that she was so herself.

She thought Mrs. Medlock the most disagreeable person she had ever seen, with her common, highly colored face and her common fine bonnet. When the next day they set out on their journey to Yorkshire, she walked through the station to the railway carriage with her head up and trying to keep as far away from her as she could, because she did not want to seem to belong to her. It would have made her angry to think people imagined she was her little girl.

But Mrs. Medlock was not in the least disturbed by her and her thoughts. She was the kind of woman who would "stand no nonsense from young ones." At least, that is what she would have said if she had been asked. She had not wanted to go to London just when her sister Mary's daughter was going to be married, but she had a comfortable, well paid place as housekeeper at Misselthwaite Manor and the only way in which she could

keep it was to do at once what Mr. Archibald Craven told her to do. She never dared even to ask a question.

"Captain Lennox and his wife died of the cholera," Mr. Craven had said in his short, cold way. "Captain Lennox was my wife's brother and I am their daughter's guardian. The child is to be brought here. You must go to London and bring her yourself."

So she packed her small trunk and made the journey.

Mary sat in her corner of the railway carriage and looked plain and fretful. She had nothing to read or to look at, and she had folded her thin little black-gloved hands in her lap. Her black dress made her look yellower than ever, and her limp light hair straggled from under her black crepe hat.

"A more marred-looking young one I never saw in my life," Mrs. Medlock thought. (Marred is a Yorkshire word and means spoiled and pettish.) She had never seen a child who sat so still without doing anything; and at last she got tired of watching her and began to talk in a brisk, hard voice.

"I suppose I may as well tell you something about where you are going to," she said. "Do you know anything about your uncle?"

"No," said Mary.

"Never heard your father and mother talk about him?"

"No," said Mary frowning. She frowned because she remembered that her father and mother had never talked

to her about anything in particular. Certainly they had never told her things.

"Humph," muttered Mrs. Medlock, staring at her queer, unresponsive little face. She did not say any more for a few moments and then she began again.

"I suppose you might as well be told something—to prepare you. You are going to a queer place."

Mary said nothing at all, and Mrs. Medlock looked rather discomfited by her apparent indifference, but, after taking a breath, she went on.

"Not but that it's a grand big place in a gloomy way, and Mr. Craven's proud of it in his way—and that's gloomy enough, too. The house is six hundred years old and it's on the edge of the moor, and there's near a hundred rooms in it, though most of them's shut up and locked. And there's pictures and fine old furniture and things that's been there for ages, and there's a big park round it and gardens and trees with branches trailing to the ground—some of them." She paused and took another breath. "But there's nothing else," she ended suddenly.

Mary had begun to listen in spite of herself. It all sounded so unlike India, and anything new rather attracted her. But she did not intend to look as if she were interested. That was one of her unhappy, disagreeable ways. So she sat still.

"Well," said Mrs. Medlock. "What do you think of it?"

"Nothing," she answered. "I know nothing about such places."

That made Mrs. Medlock laugh a short sort of laugh.

"Eh!" she said, "but you are like an old woman. Don't you care?"

"It doesn't matter" said Mary, "whether I care or not."

"You are right enough there," said Mrs. Medlock. "It doesn't. What you're to be kept at Misselthwaite Manor for I don't know, unless because it's the easiest way. He's not going to trouble himself about you, that's sure and certain. He never troubles himself about no one."

She stopped herself as if she had just remembered something in time.

"He's got a crooked back," she said. "That set him wrong. He was a sour young man and got no good of all his money and big place till he was married."

Mary's eyes turned toward her in spite of her intention not to seem to care. She had never thought of the hunchback's being married and she was a trifle surprised. Mrs. Medlock saw this, and as she was a talkative woman she continued with more interest. This was one way of passing some of the time, at any rate.

"She was a sweet, pretty thing and he'd have walked the world over to get her a blade o' grass she wanted. Nobody thought she'd marry him, but she did, and people said she married him for his money. But she didn't—she didn't," positively. "When she died—"

Mary gave a little involuntary jump.

"Oh! did she die!" she exclaimed, quite without meaning to. She had just remembered a French fairy story she had once read called "Riquet a la Houppe." It had been about a poor hunchback and a beautiful princess and it had made her suddenly sorry for Mr. Archibald Craven.

"Yes, she died," Mrs. Medlock answered. "And it made him queerer than ever. He cares about nobody. He won't see people. Most of the time he goes away, and when he is at Misselthwaite he shuts himself up in the West Wing and won't let any one but Pitcher see him. Pitcher's an old fellow, but he took care of him when he was a child and he knows his ways."

It sounded like something in a book and it did not make Mary feel cheerful. A house with a hundred rooms, nearly all shut up and with their doors locked—a house on the edge of a moor—whatsoever a moor was—sounded dreary. A man with a crooked back who shut himself up also! She stared out of the window with her lips pinched together, and it seemed quite natural that the rain should have begun to pour down in gray slanting lines and splash and stream down the window-panes. If the pretty wife had been alive she might have made things cheerful by being something like her own mother and by running in and out and going to parties as she had done in frocks "full of lace." But she was not there any more.

"You needn't expect to see him, because ten to one you won't," said Mrs. Medlock. "And you mustn't expect that there will be people to talk to you. You'll have to play about and look after yourself. You'll be told what rooms you can go into and what rooms you're to keep out of. There's gardens enough. But when you're in the house don't go wandering and poking about. Mr. Craven won't have it."

"I shall not want to go poking about," said sour little Mary and just as suddenly as she had begun to be rather sorry for Mr. Archibald Craven she began to cease to be sorry and to think he was unpleasant enough to deserve all that had happened to him.

And she turned her face toward the streaming panes of the window of the railway carriage and gazed out at the gray rain-storm which looked as if it would go on forever and ever. She watched it so long and steadily that the grayness grew heavier and heavier before her eyes and she fell asleep.

CHAPTER 3.

ACROSS THE MOOR

She slept a long time, and when she awakened Mrs. Medlock had bought a lunchbasket at one of the stations and they had some chicken and cold beef and bread and butter and some hot tea. The rain seemed to be streaming down more heavily than ever and everybody in the station wore wet and glistening waterproofs. The guard lighted the lamps in the carriage, and Mrs. Medlock cheered up very much over her tea and chicken and beef. She ate a great deal and afterward fell asleep herself, and Mary sat and stared at her and watched her fine bonnet slip on one side until she herself fell asleep once more in the corner of the carriage, lulled by the splashing of the rain against the windows. It was quite dark when she awakened again. The train had stopped at a station and Mrs. Medlock was shaking her.

"You have had a sleep!" she said. "It's time to open your eyes! We're at Thwaite Station and we've got a long drive before us."

Mary stood up and tried to keep her eyes open while Mrs. Medlock collected her parcels. The little girl did not offer to help her, because in India native servants always picked up or carried things and it seemed quite proper that other people should wait on one.

The station was a small one and nobody but themselves seemed to be getting out of the train. The station-master spoke to Mrs. Medlock in a rough, good-natured way, pronouncing his words in a queer broad fashion which Mary found out afterward was Yorkshire.

"I see tha's got back," he said. "An' tha's browt th' young 'un with thee."

"Aye, that's her," answered Mrs. Medlock, speaking with a Yorkshire accent herself and jerking her head over her shoulder toward Mary. "How's thy Missus?"

"Well enow. Th' carriage is waitin' outside for thee."

A brougham stood on the road before the little outside platform. Mary saw that it was a smart carriage and that it was a smart footman who helped her in. His long waterproof coat and the waterproof covering of his hat were shining and dripping with rain as everything was, the burly station-master included.

When he shut the door, mounted the box with the coachman, and they drove off, the little girl found herself seated in a comfortably cushioned corner, but she was not inclined to go to sleep again. She sat and looked out of the window, curious to see something of the road over which she was being driven to the queer place Mrs. Medlock had spoken of. She was not at all a timid child and she was not exactly frightened, but she felt that there was no knowing what might happen in a house with a hundred rooms

nearly all shut up—a house standing on the edge of a moor.

"What is a moor?" she said suddenly to Mrs. Medlock.

"Look out of the window in about ten minutes and you'll see," the woman answered. "We've got to drive five miles across Missel Moor before we get to the Manor. You won't see much because it's a dark night, but you can see something."

Mary asked no more questions but waited in the darkness of her corner, keeping her eyes on the window. The carriage lamps cast rays of light a little distance ahead of them and she caught glimpses of the things they passed. After they had left the station they had driven through a tiny village and she had seen whitewashed cottages and the lights of a public house. Then they had passed a church and a vicarage and a little shop-window or so in a cottage with toys and sweets and odd things set out for sale. Then they were on the highroad and she saw hedges and trees. After that there seemed nothing different for a long time—or at least it seemed a long time to her.

At last the horses began to go more slowly, as if they were climbing up-hill, and presently there seemed to be no more hedges and no more trees. She could see nothing, in fact, but a dense darkness on either side. She leaned forward and pressed her face against the window just as the carriage gave a big jolt.

"Eh! We're on the moor now sure enough," said Mrs. Medlock.

The carriage lamps shed a yellow light on a rough-looking road which seemed to be cut through bushes and low-growing things which ended in the great expanse of dark apparently spread out before and around them. A wind was rising and making a singular, wild, low, rushing sound.

"It's—it's not the sea, is it?" said Mary, looking round at her companion.

"No, not it," answered Mrs. Medlock. "Nor it isn't fields nor mountains, it's just miles and miles and miles of wild land that nothing grows on but heather and gorse and broom, and nothing lives on but wild ponies and sheep."

"I feel as if it might be the sea, if there were water on it," said Mary. "It sounds like the sea just now."

"That's the wind blowing through the bushes," Mrs. Medlock said. "It's a wild, dreary enough place to my mind, though there's plenty that likes it—particularly when the heather's in bloom."

On and on they drove through the darkness, and though the rain stopped, the wind rushed by and whistled and made strange sounds. The road went up and down, and several times the carriage passed over a little bridge beneath which water rushed very fast with a great deal of noise. Mary felt as if the drive would never come to an end and that the wide, bleak moor was a wide expanse of black

ocean through which she was passing on a strip of dry land.

"I don't like it," she said to herself. "I don't like it," and she pinched her thin lips more tightly together.

The horses were climbing up a hilly piece of road when she first caught sight of a light. Mrs. Medlock saw it as soon as she did and drew a long sigh of relief.

"Eh, I am glad to see that bit o' light twinkling," she exclaimed. "It's the light in the lodge window. We shall get a good cup of tea after a bit, at all events."

It was "after a bit," as she said, for when the carriage passed through the park gates there was still two miles of avenue to drive through and the trees (which nearly met overhead) made it seem as if they were driving through a long dark vault.

They drove out of the vault into a clear space and stopped before an immensely long but low-built house which seemed to ramble round a stone court. At first Mary thought that there were no lights at all in the windows, but as she got out of the carriage she saw that one room in a corner upstairs showed a dull glow.

The entrance door was a huge one made of massive, curiously shaped panels of oak studded with big iron nails and bound with great iron bars. It opened into an enormous hall, which was so dimly lighted that the faces in the portraits on the walls and the figures in the suits of armor made Mary feel that she did not want to look at

them. As she stood on the stone floor she looked a very small, odd little black figure, and she felt as small and lost and odd as she looked.

A neat, thin old man stood near the manservant who opened the door for them.

"You are to take her to her room," he said in a husky voice. "He doesn't want to see her. He's going to London in the morning."

"Very well, Mr. Pitcher," Mrs. Medlock answered. "So long as I know what's expected of me, I can manage."

"What's expected of you, Mrs. Medlock," Mr. Pitcher said, "is that you make sure that he's not disturbed and that he doesn't see what he doesn't want to see."

And then Mary Lennox was led up a broad staircase and down a long corridor and up a short flight of steps and through another corridor and another, until a door opened in a wall and she found herself in a room with a fire in it and a supper on a table.

Mrs. Medlock said unceremoniously:

"Well, here you are! This room and the next are where you'll live—and you must keep to them. Don't you forget that!"

It was in this way Mistress Mary arrived at Misselthwaite Manor and she had perhaps never felt quite so contrary in all her life.

CHAPTER 4.

MARTHA

When she opened her eyes in the morning it was because a young housemaid had come into her room to light the fire and was kneeling on the hearth-rug raking out the cinders noisily. Mary lay and watched her for a few moments and then began to look about the room. She had never seen a room at all like it and thought it curious and gloomy. The walls were covered with tapestry with a forest scene embroidered on it. There were fantastically dressed people under the trees and in the distance there was a glimpse of the turrets of a castle. There were hunters and horses and dogs and ladies. Mary felt as if she were in the forest with them. Out of a deep window she could see a great climbing stretch of land which seemed to have no trees on it, and to look rather like an endless, dull, purplish sea.

"What is that?" she said, pointing out of the window.

Martha, the young housemaid, who had just risen to her feet, looked and pointed also. "That there?" she said.

"Yes."

"That's th' moor," with a good-natured grin. "Does tha' like it?"

"No," answered Mary. "I hate it."

"That's because tha'rt not used to it," Martha said, going back to her hearth. "Tha' thinks it's too big an' bare now. But tha' will like it."

"Do you?" inquired Mary.

"Aye, that I do," answered Martha, cheerfully polishing away at the grate. "I just love it. It's none bare. It's covered wi' growin' things as smells sweet. It's fair lovely in spring an' summer when th' gorse an' broom an' heather's in flower. It smells o' honey an' there's such a lot o' fresh air—an' th' sky looks so high an' th' bees an' skylarks makes such a nice noise hummin' an' singin'. Eh! I wouldn't live away from th' moor for anythin'."

Mary listened to her with a grave, puzzled expression. The native servants she had been used to in India were not in the least like this. They were obsequious and servile and did not presume to talk to their masters as if they were their equals. They made salaams and called them "protector of the poor" and names of that sort. Indian servants were commanded to do things, not asked. It was not the custom to say "please" and "thank you" and Mary had always slapped her Ayah in the face when she was angry. She wondered a little what this girl would do if one slapped her in the face. She was a round, rosy, good-natured-looking creature, but she had a sturdy way which made Mistress Mary wonder if she might not even slap back—if the person who slapped her was only a little girl.

"You are a strange servant," she said from her pillows, rather haughtily.

Martha sat up on her heels, with her blacking-brush in her hand, and laughed, without seeming the least out of temper.

"Eh! I know that," she said. "If there was a grand Missus at Misselthwaite I should never have been even one of th' under house-maids. I might have been let to be scullerymaid but I'd never have been let upstairs. I'm too common an' I talk too much Yorkshire. But this is a funny house for all it's so grand. Seems like there's neither Master nor Mistress except Mr. Pitcher an' Mrs. Medlock. Mr. Craven, he won't be troubled about anythin' when he's here, an' he's nearly always away. Mrs. Medlock gave me th' place out o' kindness. She told me she could never have done it if Misselthwaite had been like other big houses." "Are you going to be my servant?" Mary asked, still in her imperious little Indian way.

Martha began to rub her grate again.

"I'm Mrs. Medlock's servant," she said stoutly. "An' she's Mr. Craven's—but I'm to do the housemaid's work up here an' wait on you a bit. But you won't need much waitin' on."

"Who is going to dress me?" demanded Mary.

Martha sat up on her heels again and stared. She spoke in broad Yorkshire in her amazement.

"Canna' tha' dress thysen!" she said.

"What do you mean? I don't understand your language," said Mary.

"Eh! I forgot," Martha said. "Mrs. Medlock told me I'd have to be careful or you wouldn't know what I was sayin'. I mean can't you put on your own clothes?"

"No," answered Mary, quite indignantly. "I never did in my life. My Ayah dressed me, of course."

"Well," said Martha, evidently not in the least aware that she was impudent, "it's time tha' should learn. Tha' cannot begin younger. It'll do thee good to wait on thysen a bit. My mother always said she couldn't see why grand people's children didn't turn out fair fools—what with nurses an' bein' washed an' dressed an' took out to walk as if they was puppies!"

"It is different in India," said Mistress Mary disdainfully. She could scarcely stand this.

But Martha was not at all crushed.

"Eh! I can see it's different," she answered almost sympathetically. "I dare say it's because there's such a lot o' blacks there instead o' respectable white people. When I heard you was comin' from India I thought you was a black too."

Mary sat up in bed furious.

"What!" she said. "What! You thought I was a native. You—you daughter of a pig!"

Martha stared and looked hot.

"Who are you callin' names?" she said. "You needn't be so vexed. That's not th' way for a young lady to talk. I've nothin' against th' blacks. When you read about 'em in tracts they're always very religious. You always read as a black's a man an' a brother. I've never seen a black an' I was fair pleased to think I was goin' to see one close. When I come in to light your fire this mornin' I crep' up to your bed an' pulled th' cover back careful to look at you. An' there you was," disappointedly, "no more black than me—for all you're so yellin'."

Mary did not even try to control her rage and humiliation. "You thought I was a native! You dared! You don't know anything about natives! They are not people—they're servants who must salaam to you. You know nothing about India. You know nothing about anything!"

She was in such a rage and felt so helpless before the girl's simple stare, and somehow she suddenly felt so horribly lonely and far away from everything she understood and which understood her, that she threw herself face downward on the pillows and burst into passionate sobbing. She sobbed so unrestrainedly that good-natured Yorkshire Martha was a little frightened and quite sorry for her. She went to the bed and bent over her.

"Eh! you mustn't cry like that there!" she begged. "You mustn't for sure. I didn't know you'd be vexed. I don't know

anythin' about anythin'—just like you said. I beg your pardon, Miss. Do stop cryin'."

There was something comforting and really friendly in her queer Yorkshire speech and sturdy way which had a good effect on Mary. She gradually ceased crying and became quiet. Martha looked relieved.

"It's time for thee to get up now," she said. "Mrs. Medlock said I was to carry tha' breakfast an' tea an' dinner into th' room next to this. It's been made into a nursery for thee. I'll help thee on with thy clothes if tha'll get out o' bed. If th' buttons are at th' back tha' cannot button them up tha'self."

When Mary at last decided to get up, the clothes Martha took from the wardrobe were not the ones she had worn when she arrived the night before with Mrs. Medlock.

"Those are not mine," she said. "Mine are black."

She looked the thick white wool coat and dress over, and added with cool approval:

"Those are nicer than mine."

"These are th' ones tha' must put on," Martha answered. "Mr. Craven ordered Mrs. Medlock to get 'em in London. He said 'I won't have a child dressed in black wanderin' about like a lost soul,' he said. 'It'd make the place sadder than it is. Put color on her.' Mother she said she knew what he meant. Mother always knows what a body means. She doesn't hold with black hersel'."

"I hate black things," said Mary.

The dressing process was one which taught them both something. Martha had "buttoned up" her little sisters and brothers but she had never seen a child who stood still and waited for another person to do things for her as if she had neither hands nor feet of her own.

"Why doesn't tha' put on tha' own shoes?" she said when Mary quietly held out her foot.

"My Ayah did it," answered Mary, staring. "It was the custom."

She said that very often—"It was the custom." The native servants were always saying it. If one told them to do a thing their ancestors had not done for a thousand years they gazed at one mildly and said, "It is not the custom" and one knew that was the end of the matter.

It had not been the custom that Mistress Mary should do anything but stand and allow herself to be dressed like a doll, but before she was ready for breakfast she began to suspect that her life at Misselthwaite Manor would end by teaching her a number of things quite new to her—things such as putting on her own shoes and stockings, and picking up things she let fall. If Martha had been a well-trained fine young lady's maid she would have been more subservient and respectful and would have known that it was her business to brush hair, and button boots, and pick things up and lay them away. She was, however, only an untrained Yorkshire rustic who had been brought up in a moorland cottage with a swarm of little brothers

and sisters who had never dreamed of doing anything but waiting on themselves and on the younger ones who were either babies in arms or just learning to totter about and tumble over things.

If Mary Lennox had been a child who was ready to be amused she would perhaps have laughed at Martha's readiness to talk, but Mary only listened to her coldly and wondered at her freedom of manner. At first she was not at all interested, but gradually, as the girl rattled on in her good-tempered, homely way, Mary began to notice what she was saying.

"Eh! you should see 'em all," she said. "There's twelve of us an' my father only gets sixteen shilling a week. I can tell you my mother's put to it to get porridge for 'em all. They tumble about on th' moor an' play there all day an' mother says th' air of th' moor fattens 'em. She says she believes they eat th' grass same as th' wild ponies do. Our Dickon, he's twelve years old and he's got a young pony he calls his own."

"Where did he get it?" asked Mary.

"He found it on th' moor with its mother when it was a little one an' he began to make friends with it an' give it bits o' bread an' pluck young grass for it. And it got to like him so it follows him about an' it lets him get on its back. Dickon's a kind lad an' animals likes him."

Mary had never possessed an animal pet of her own and had always thought she should like one. So she began

to feel a slight interest in Dickon, and as she had never before been interested in any one but herself, it was the dawning of a healthy sentiment. When she went into the room which had been made into a nursery for her, she found that it was rather like the one she had slept in. It was not a child's room, but a grown-up person's room, with gloomy old pictures on the walls and heavy old oak chairs. A table in the center was set with a good substantial breakfast. But she had always had a very small appetite, and she looked with something more than indifference at the first plate Martha set before her.

"I don't want it," she said.

"Tha' doesn't want thy porridge!" Martha exclaimed incredulously.

"No."

"Tha' doesn't know how good it is. Put a bit o' treacle on it or a bit o' sugar."

"I don't want it," repeated Mary.

"Eh!" said Martha. "I can't abide to see good victuals go to waste. If our children was at this table they'd clean it bare in five minutes."

"Why?" said Mary coldly. "Why!" echoed Martha. "Because they scarce ever had their stomachs full in their lives. They're as hungry as young hawks an' foxes."

"I don't know what it is to be hungry," said Mary, with the indifference of ignorance.

Martha looked indignant.

"Well, it would do thee good to try it. I can see that plain enough," she said outspokenly. "I've no patience with folk as sits an' just stares at good bread an' meat. My word! don't I wish Dickon and Phil an' Jane an' th' rest of 'em had what's here under their pinafores."

"Why don't you take it to them?" suggested Mary.

"It's not mine," answered Martha stoutly. "An' this isn't my day out. I get my day out once a month same as th' rest. Then I go home an' clean up for mother an' give her a day's rest."

Mary drank some tea and ate a little toast and some marmalade.

"You wrap up warm an' run out an' play you," said Martha. "It'll do you good and give you some stomach for your meat."

Mary went to the window. There were gardens and paths and big trees, but everything looked dull and wintry.

"Out? Why should I go out on a day like this?" "Well, if tha' doesn't go out tha'lt have to stay in, an' what has tha' got to do?"

Mary glanced about her. There was nothing to do. When Mrs. Medlock had prepared the nursery she had not thought of amusement. Perhaps it would be better to go and see what the gardens were like.

"Who will go with me?" she inquired.

Martha stared.

"You'll go by yourself," she answered. "You'll have to learn to play like other children does when they haven't got sisters and brothers. Our Dickon goes off on th' moor by himself an' plays for hours. That's how he made friends with th' pony. He's got sheep on th' moor that knows him, an' birds as comes an' eats out of his hand. However little there is to eat, he always saves a bit o' his bread to coax his pets."

It was really this mention of Dickon which made Mary decide to go out, though she was not aware of it. There would be, birds outside though there would not be ponies or sheep. They would be different from the birds in India and it might amuse her to look at them.

Martha found her coat and hat for her and a pair of stout little boots and she showed her her way downstairs.

"If tha' goes round that way tha'll come to th' gardens," she said, pointing to a gate in a wall of shrubbery. "There's lots o' flowers in summer-time, but there's nothin' bloomin' now." She seemed to hesitate a second before she added, "One of th' gardens is locked up. No one has been in it for ten years."

"Why?" asked Mary in spite of herself. Here was another locked door added to the hundred in the strange house.

"Mr. Craven had it shut when his wife died so sudden. He won't let no one go inside. It was her garden. He locked

th' door an' dug a hole and buried th' key. There's Mrs. Medlock's bell ringing—I must run."

After she was gone Mary turned down the walk which led to the door in the shrubbery. She could not help thinking about the garden which no one had been into for ten years. She wondered what it would look like and whether there were any flowers still alive in it. When she had passed through the shrubbery gate she found herself in great gardens, with wide lawns and winding walks with clipped borders. There were trees, and flower-beds, and evergreens clipped into strange shapes, and a large pool with an old gray fountain in its midst. But the flower-beds were bare and wintry and the fountain was not playing. This was not the garden which was shut up. How could a garden be shut up? You could always walk into a garden.

She was just thinking this when she saw that, at the end of the path she was following, there seemed to be a long wall, with ivy growing over it. She was not familiar enough with England to know that she was coming upon the kitchen-gardens where the vegetables and fruit were growing. She went toward the wall and found that there was a green door in the ivy, and that it stood open. This was not the closed garden, evidently, and she could go into it.

She went through the door and found that it was a garden with walls all round it and that it was only one of several walled gardens which seemed to open into one

another. She saw another open green door, revealing bushes and pathways between beds containing winter vegetables. Fruit-trees were trained flat against the wall, and over some of the beds there were glass frames. The place was bare and ugly enough, Mary thought, as she stood and stared about her. It might be nicer in summer when things were green, but there was nothing pretty about it now.

Presently an old man with a spade over his shoulder walked through the door leading from the second garden. He looked startled when he saw Mary, and then touched his cap. He had a surly old face, and did not seem at all pleased to see her—but then she was displeased with his garden and wore her "quite contrary" expression, and certainly did not seem at all pleased to see him.

"What is this place?" she asked.

"One o' th' kitchen-gardens," he answered.

"What is that?" said Mary, pointing through the other green door.

"Another of 'em," shortly. "There's another on t'other side o' th' wall an' there's th' orchard t'other side o' that."

"Can I go in them?" asked Mary.

"If tha' likes. But there's nowt to see."

Mary made no response. She went down the path and through the second green door. There, she found more walls and winter vegetables and glass frames, but in the second wall there was another green door and it was not

open. Perhaps it led into the garden which no one had seen for ten years. As she was not at all a timid child and always did what she wanted to do, Mary went to the green door and turned the handle. She hoped the door would not open because she wanted to be sure she had found the mysterious garden—but it did open quite easily and she walked through it and found herself in an orchard. There were walls all round it also and trees trained against them, and there were bare fruit-trees growing in the winter-browned grass—but there was no green door to be seen anywhere. Mary looked for it, and yet when she had entered the upper end of the garden she had noticed that the wall did not seem to end with the orchard but to extend beyond it as if it enclosed a place at the other side. She could see the tops of trees above the wall, and when she stood still she saw a bird with a bright red breast sitting on the topmost branch of one of them, and suddenly he burst into his winter song—almost as if he had caught sight of her and was calling to her.

She stopped and listened to him and somehow his cheerful, friendly little whistle gave her a pleased feeling—even a disagreeable little girl may be lonely, and the big closed house and big bare moor and big bare gardens had made this one feel as if there was no one left in the world but herself. If she had been an affectionate child, who had been used to being loved, she would have broken her heart, but even though she was "Mistress Mary

Quite Contrary" she was desolate, and the bright-breasted little bird brought a look into her sour little face which was almost a smile. She listened to him until he flew away. He was not like an Indian bird and she liked him and wondered if she should ever see him again. Perhaps he lived in the mysterious garden and knew all about it.

Perhaps it was because she had nothing whatever to do that she thought so much of the deserted garden. She was curious about it and wanted to see what it was like. Why had Mr. Archibald Craven buried the key? If he had liked his wife so much why did he hate her garden? She wondered if she should ever see him, but she knew that if she did she should not like him, and he would not like her, and that she should only stand and stare at him and say nothing, though she should be wanting dreadfully to ask him why he had done such a queer thing.

"People never like me and I never like people," she thought. "And I never can talk as the Crawford children could. They were always talking and laughing and making noises."

She thought of the robin and of the way he seemed to sing his song at her, and as she remembered the tree-top he perched on she stopped rather suddenly on the path.

"I believe that tree was in the secret garden—I feel sure it was," she said. "There was a wall round the place and there was no door."

She walked back into the first kitchen-garden she had entered and found the old man digging there. She went and stood beside him and watched him a few moments in her cold little way. He took no notice of her and so at last she spoke to him.

"I have been into the other gardens," she said.

"There was nothin' to prevent thee," he answered crustily.

"I went into the orchard."

"There was no dog at th' door to bite thee," he answered.

"There was no door there into the other garden," said Mary.

"What garden?" he said in a rough voice, stopping his digging for a moment.

"The one on the other side of the wall," answered Mistress Mary. "There are trees there—I saw the tops of them. A bird with a red breast was sitting on one of them and he sang."

To her surprise the surly old weather-beaten face actually changed its expression. A slow smile spread over it and the gardener looked quite different. It made her think that it was curious how much nicer a person looked when he smiled. She had not thought of it before.

He turned about to the orchard side of his garden and began to whistle—a low soft whistle. She could not understand how such a surly man could make such a

coaxing sound. Almost the next moment a wonderful thing happened. She heard a soft little rushing flight through the air—and it was the bird with the red breast flying to them, and he actually alighted on the big clod of earth quite near to the gardener's foot.

"Here he is," chuckled the old man, and then he spoke to the bird as if he were speaking to a child.

"Where has tha' been, tha' cheeky little beggar?" he said. "I've not seen thee before today. Has tha, begun tha' courtin' this early in th' season? Tha'rt too forrad."

The bird put his tiny head on one side and looked up at him with his soft bright eye which was like a black dewdrop. He seemed quite familiar and not the least afraid. He hopped about and pecked the earth briskly, looking for seeds and insects. It actually gave Mary a queer feeling in her heart, because he was so pretty and cheerful and seemed so like a person. He had a tiny plump body and a delicate beak, and slender delicate legs.

"Will he always come when you call him?" she asked almost in a whisper.

"Aye, that he will. I've knowed him ever since he was a fledgling. He come out of th' nest in th' other garden an' when first he flew over th' wall he was too weak to fly back for a few days an' we got friendly. When he went over th' wall again th' rest of th' brood was gone an' he was lonely an' he come back to me."

"What kind of a bird is he?" Mary asked.

"Doesn't tha' know? He's a robin redbreast an' they're th' friendliest, curiousest birds alive. They're almost as friendly as dogs—if you know how to get on with 'em. Watch him peckin' about there an' lookin' round at us now an' again. He knows we're talkin' about him."

It was the queerest thing in the world to see the old fellow. He looked at the plump little scarlet-waistcoated bird as if he were both proud and fond of him.

"He's a conceited one," he chuckled. "He likes to hear folk talk about him. An' curious—bless me, there never was his like for curiosity an' meddlin'. He's always comin' to see what I'm plantin'. He knows all th' things Mester Craven never troubles hissel' to find out. He's th' head gardener, he is."

The robin hopped about busily pecking the soil and now and then stopped and looked at them a little. Mary thought his black dewdrop eyes gazed at her with great curiosity. It really seemed as if he were finding out all about her. The queer feeling in her heart increased. "Where did the rest of the brood fly to?" she asked.

"There's no knowin'. The old ones turn 'em out o' their nest an' make 'em fly an' they're scattered before you know it. This one was a knowin' one an' he knew he was lonely."

Mistress Mary went a step nearer to the robin and looked at him very hard.

"I'm lonely," she said.

She had not known before that this was one of the things which made her feel sour and cross. She seemed to find it out when the robin looked at her and she looked at the robin.

The old gardener pushed his cap back on his bald head and stared at her a minute.

"Art tha' th' little wench from India?" he asked.

Mary nodded.

"Then no wonder tha'rt lonely. Tha'lt be lonlier before tha's done," he said.

He began to dig again, driving his spade deep into the rich black garden soil while the robin hopped about very busily employed.

"What is your name?" Mary inquired.

He stood up to answer her.

"Ben Weatherstaff," he answered, and then he added with a surly chuckle, "I'm lonely mysel' except when he's with me," and he jerked his thumb toward the robin. "He's th' only friend I've got."

"I have no friends at all," said Mary. "I never had. My Ayah didn't like me and I never played with any one."

It is a Yorkshire habit to say what you think with blunt frankness, and old Ben Weatherstaff was a Yorkshire moor man.

"Tha' an' me are a good bit alike," he said. "We was wove out of th' same cloth. We're neither of us good lookin'

an' we're both of us as sour as we look. We've got the same nasty tempers, both of us, I'll warrant."

This was plain speaking, and Mary Lennox had never heard the truth about herself in her life. Native servants always salaamed and submitted to you, whatever you did. She had never thought much about her looks, but she wondered if she was as unattractive as Ben Weatherstaff and she also wondered if she looked as sour as he had looked before the robin came. She actually began to wonder also if she was "nasty tempered." She felt uncomfortable.

Suddenly a clear rippling little sound broke out near her and she turned round. She was standing a few feet from a young apple-tree and the robin had flown on to one of its branches and had burst out into a scrap of a song. Ben Weatherstaff laughed outright.

"What did he do that for?" asked Mary.

"He's made up his mind to make friends with thee," replied Ben. "Dang me if he hasn't took a fancy to thee."

"To me?" said Mary, and she moved toward the little tree softly and looked up.

"Would you make friends with me?" she said to the robin just as if she was speaking to a person. "Would you?" And she did not say it either in her hard little voice or in her imperious Indian voice, but in a tone so soft and eager and coaxing that Ben Weatherstaff was as surprised as she had been when she heard him whistle.

"Why," he cried out, "tha' said that as nice an' human as if tha' was a real child instead of a sharp old woman. Tha' said it almost like Dickon talks to his wild things on th' moor."

"Do you know Dickon?" Mary asked, turning round rather in a hurry.

"Everybody knows him. Dickon's wanderin' about everywhere. Th' very blackberries an' heather-bells knows him. I warrant th' foxes shows him where their cubs lies an' th' skylarks doesn't hide their nests from him."

Mary would have liked to ask some more questions. She was almost as curious about Dickon as she was about the deserted garden. But just that moment the robin, who had ended his song, gave a little shake of his wings, spread them and flew away. He had made his visit and had other things to do.

"He has flown over the wall!" Mary cried out, watching him. "He has flown into the orchard—he has flown across the other wall—into the garden where there is no door!"

"He lives there," said old Ben. "He came out o' th' egg there. If he's courtin', he's makin' up to some young madam of a robin that lives among th' old rose-trees there."

"Rose-trees," said Mary. "Are there rose-trees?"

Ben Weatherstaff took up his spade again and began to dig.

"There was ten year' ago," he mumbled.

"I should like to see them," said Mary. "Where is the green door? There must be a door somewhere."

Ben drove his spade deep and looked as uncompanionable as he had looked when she first saw him.

"There was ten year' ago, but there isn't now," he said.

"No door!" cried Mary. "There must be." "None as any one can find, an' none as is any one's business. Don't you be a meddling wench an' poke your nose where it's no cause to go. Here, I must go on with my work. Get you gone an' play you. I've no more time."

And he actually stopped digging, threw his spade over his shoulder and walked off, without even glancing at her or saying good-by.

CHAPTER 5.

THE CRY IN THE CORRIDOR

At first each day which passed by for Mary Lennox was exactly like the others. Every morning she awoke in her tapestried room and found Martha kneeling upon the hearth building her fire; every morning she ate her breakfast in the nursery which had nothing amusing in it; and after each breakfast she gazed out of the window across to the huge moor which seemed to spread out on all sides and climb up to the sky, and after she had stared for a while she realized that if she did not go out she would have to stay in and do nothing—and so she went out. She did not know that this was the best thing she could have done, and she did not know that, when she began to walk quickly or even run along the paths and down the avenue, she was stirring her slow blood and making herself stronger by fighting with the wind which swept down from the moor. She ran only to make herself warm, and she hated the wind which rushed at her face and roared and held her back as if it were some giant she could not see. But the big breaths of rough fresh air blown over the heather filled her lungs with something which was good for her whole thin body and whipped some red color into her cheeks and brightened her dull eyes when she did not know anything about it.

But after a few days spent almost entirely out of doors she wakened one morning knowing what it was to be hungry, and when she sat down to her breakfast she did not glance disdainfully at her porridge and push it away, but took up her spoon and began to eat it and went on eating it until her bowl was empty.

"Tha' got on well enough with that this mornin', didn't tha'?" said Martha.

"It tastes nice today," said Mary, feeling a little surprised her self.

"It's th' air of th' moor that's givin' thee stomach for tha' victuals," answered Martha. "It's lucky for thee that tha's got victuals as well as appetite. There's been twelve in our cottage as had th' stomach an' nothin' to put in it. You go on playin' you out o' doors every day an' you'll get some flesh on your bones an' you won't be so yeller."

"I don't play," said Mary. "I have nothing to play with."

"Nothin' to play with!" exclaimed Martha. "Our children plays with sticks and stones. They just runs about an' shouts an' looks at things." Mary did not shout, but she looked at things. There was nothing else to do. She walked round and round the gardens and wandered about the paths in the park. Sometimes she looked for Ben Weatherstaff, but though several times she saw him at work he was too busy to look at her or was too surly. Once when she was walking toward him he picked up his spade and turned away as if he did it on purpose.

One place she went to oftener than to any other. It was the long walk outside the gardens with the walls round them. There were bare flower-beds on either side of it and against the walls ivy grew thickly. There was one part of the wall where the creeping dark green leaves were more bushy than elsewhere. It seemed as if for a long time that part had been neglected. The rest of it had been clipped and made to look neat, but at this lower end of the walk it had not been trimmed at all.

A few days after she had talked to Ben Weatherstaff, Mary stopped to notice this and wondered why it was so. She had just paused and was looking up at a long spray of ivy swinging in the wind when she saw a gleam of scarlet and heard a brilliant chirp, and there, on the top of the wall, forward perched Ben Weatherstaff's robin redbreast, tilting forward to look at her with his small head on one side.

"Oh!" she cried out, "is it you—is it you?" And it did not seem at all queer to her that she spoke to him as if she were sure that he would understand and answer her.

He did answer. He twittered and chirped and hopped along the wall as if he were telling her all sorts of things. It seemed to Mistress Mary as if she understood him, too, though he was not speaking in words. It was as if he said:

"Good morning! Isn't the wind nice? Isn't the sun nice? Isn't everything nice? Let us both chirp and hop and twitter. Come on! Come on!"

Mary began to laugh, and as he hopped and took little flights along the wall she ran after him. Poor little thin, sallow, ugly Mary—she actually looked almost pretty for a moment.

"I like you! I like you!" she cried out, pattering down the walk; and she chirped and tried to whistle, which last she did not know how to do in the least. But the robin seemed to be quite satisfied and chirped and whistled back at her. At last he spread his wings and made a darting flight to the top of a tree, where he perched and sang loudly. That reminded Mary of the first time she had seen him. He had been swinging on a tree-top then and she had been standing in the orchard. Now she was on the other side of the orchard and standing in the path outside a wall—much lower down—and there was the same tree inside.

"It's in the garden no one can go into," she said to herself. "It's the garden without a door. He lives in there. How I wish I could see what it is like!"

She ran up the walk to the green door she had entered the first morning. Then she ran down the path through the other door and then into the orchard, and when she stood and looked up there was the tree on the other side of the wall, and there was the robin just finishing his song and, beginning to preen his feathers with his beak.

"It is the garden," she said. "I am sure it is."

She walked round and looked closely at that side of the orchard wall, but she only found what she had found before—that there was no door in it. Then she ran through the kitchen-gardens again and out into the walk outside the long ivy-covered wall, and she walked to the end of it and looked at it, but there was no door; and then she walked to the other end, looking again, but there was no door.

"It's very queer," she said. "Ben Weatherstaff said there was no door and there is no door. But there must have been one ten years ago, because Mr. Craven buried the key."

This gave her so much to think of that she began to be quite interested and feel that she was not sorry that she had come to Misselthwaite Manor. In India she had always felt hot and too languid to care much about anything. The fact was that the fresh wind from the moor had begun to blow the cobwebs out of her young brain and to waken her up a little.

She stayed out of doors nearly all day, and when she sat down to her supper at night she felt hungry and drowsy and comfortable. She did not feel cross when Martha chattered away. She felt as if she rather liked to hear her, and at last she thought she would ask her a question. She asked it after she had finished her supper and had sat down on the hearth-rug before the fire.

"Why did Mr. Craven hate the garden?" she said.

She had made Martha stay with her and Martha had not objected at all. She was very young, and used to a crowded cottage full of brothers and sisters, and she found it dull in the great servants' hall downstairs where the footman and upper-housemaids made fun of her Yorkshire speech and looked upon her as a common little thing, and sat and whispered among themselves. Martha liked to talk, and the strange child who had lived in India, and been waited upon by "blacks," was novelty enough to attract her.

She sat down on the hearth herself without waiting to be asked.

"Art tha' thinkin' about that garden yet?" she said. "I knew tha' would. That was just the way with me when I first heard about it."

"Why did he hate it?" Mary persisted.

Martha tucked her feet under her and made herself quite comfortable.

"Listen to th' wind wutherin' round the house," she said. "You could bare stand up on the moor if you was out on it tonight."

Mary did not know what "wutherin'" meant until she listened, and then she understood. It must mean that hollow shuddering sort of roar which rushed round and round the house as if the giant no one could see were buffeting it and beating at the walls and windows to try to break in. But one knew he could not get in, and somehow it

made one feel very safe and warm inside a room with a red coal fire.

"But why did he hate it so?" she asked, after she had listened. She intended to know if Martha did.

Then Martha gave up her store of knowledge.

"Mind," she said, "Mrs. Medlock said it's not to be talked about. There's lots o' things in this place that's not to be talked over. That's Mr. Craven's orders. His troubles are none servants' business, he says. But for th' garden he wouldn't be like he is. It was Mrs. Craven's garden that she had made when first they were married an' she just loved it, an' they used to 'tend the flowers themselves. An' none o' th' gardeners was ever let to go in. Him an' her used to go in an' shut th' door an' stay there hours an' hours, readin' and talkin'. An' she was just a bit of a girl an' there was an old tree with a branch bent like a seat on it. An' she made roses grow over it an' she used to sit there. But one day when she was sittin' there th' branch broke an' she fell on th' ground an' was hurt so bad that next day she died. Th' doctors thought he'd go out o' his mind an' die, too. That's why he hates it. No one's never gone in since, an' he won't let any one talk about it."

Mary did not ask any more questions. She looked at the red fire and listened to the wind "wutherin'." It seemed to be "wutherin'" louder than ever. At that moment a very good thing was happening to her. Four good things had happened to her, in fact, since she came to Misselthwaite

Manor. She had felt as if she had understood a robin and that he had understood her; she had run in the wind until her blood had grown warm; she had been healthily hungry for the first time in her life; and she had found out what it was to be sorry for some one.

But as she was listening to the wind she began to listen to something else. She did not know what it was, because at first she could scarcely distinguish it from the wind itself. It was a curious sound—it seemed almost as if a child were crying somewhere. Sometimes the wind sounded rather like a child crying, but presently Mistress Mary felt quite sure this sound was inside the house, not outside it. It was far away, but it was inside. She turned round and looked at Martha.

"Do you hear any one crying?" she said.

Martha suddenly looked confused.

"No," she answered. "It's th' wind. Sometimes it sounds like as if some one was lost on th' moor an' wailin'. It's got all sorts o' sounds."

"But listen," said Mary. "It's in the house—down one of those long corridors."

And at that very moment a door must have been opened somewhere downstairs; for a great rushing draft blew along the passage and the door of the room they sat in was blown open with a crash, and as they both jumped to their feet the light was blown out and the crying sound

was swept down the far corridor so that it was to be heard more plainly than ever.

"There!" said Mary. "I told you so! It is some one crying—and it isn't a grown-up person."

Martha ran and shut the door and turned the key, but before she did it they both heard the sound of a door in some far passage shutting with a bang, and then everything was quiet, for even the wind ceased "wutherin'" for a few moments.

"It was th' wind," said Martha stubbornly. "An' if it wasn't, it was little Betty Butterworth, th' scullery-maid. She's had th' toothache all day."

But something troubled and awkward in her manner made Mistress Mary stare very hard at her. She did not believe she was speaking the truth.

CHAPTER 6.

“THERE WAS SOME ONE CRYING—THERE WAS!”

The next day the rain poured down in torrents again, and when Mary looked out of her window the moor was almost hidden by gray mist and cloud. There could be no going out today.

"What do you do in your cottage when it rains like this?" she asked Martha.

"Try to keep from under each other's feet mostly," Martha answered. "Eh! there does seem a lot of us then. Mother's a good-tempered woman but she gets fair moithered. The biggest ones goes out in th' cow-shed and plays there. Dickon he doesn't mind th' wet. He goes out just th' same as if th' sun was shinin'. He says he sees things on rainy days as doesn't show when it's fair weather. He once found a little fox cub half drowned in its hole and he brought it home in th' bosom of his shirt to keep it warm. Its mother had been killed nearby an' th' hole was swum out an' th' rest o' th' litter was dead. He's got it at home now. He found a half-drowned young crow another time an' he brought it home, too, an' tamed it. It's named Soot because it's so black, an' it hops an' flies about with him everywhere."

The time had come when Mary had forgotten to resent Martha's familiar talk. She had even begun to find it interesting and to be sorry when she stopped or went away. The stories she had been told by her Ayah when she lived in India had been quite unlike those Martha had to tell about the moorland cottage which held fourteen people who lived in four little rooms and never had quite enough to eat. The children seemed to tumble about and amuse themselves like a litter of rough, good-natured collie puppies. Mary was most attracted by the mother and Dickon. When Martha told stories of what "mother" said or did they always sounded comfortable.

"If I had a raven or a fox cub I could play with it," said Mary. "But I have nothing."

Martha looked perplexed.

"Can tha' knit?" she asked.

"No," answered Mary.

"Can tha' sew?"

"No."

"Can tha' read?"

"Yes."

"Then why doesn't tha, read somethin', or learn a bit o' spellin'? Tha'st old enough to be learnin' thy book a good bit now."

"I haven't any books," said Mary. "Those I had were left in India."

"That's a pity," said Martha. "If Mrs. Medlock'd let thee go into th' library, there's thousands o' books there."

Mary did not ask where the library was, because she was suddenly inspired by a new idea. She made up her mind to go and find it herself. She was not troubled about Mrs. Medlock. Mrs. Medlock seemed always to be in her comfortable housekeeper's sitting-room downstairs. In this queer place one scarcely ever saw any one at all. In fact, there was no one to see but the servants, and when their master was away they lived a luxurious life below stairs, where there was a huge kitchen hung about with shining brass and pewter, and a large servants' hall where there were four or five abundant meals eaten every day, and where a great deal of lively romping went on when Mrs. Medlock was out of the way.

Mary's meals were served regularly, and Martha waited on her, but no one troubled themselves about her in the least. Mrs. Medlock came and looked at her every day or two, but no one inquired what she did or told her what to do. She supposed that perhaps this was the English way of treating children. In India she had always been attended by her Ayah, who had followed her about and waited on her, hand and foot. She had often been tired of her company. Now she was followed by nobody and was learning to dress herself because Martha looked as though she thought she was silly and stupid when she wanted to have things handed to her and put on.

"Hasn't tha' got good sense?" she said once, when Mary had stood waiting for her to put on her gloves for her. "Our Susan Ann is twice as sharp as thee an' she's only four year' old. Sometimes tha' looks fair soft in th' head."

Mary had worn her contrary scowl for an hour after that, but it made her think several entirely new things.

She stood at the window for about ten minutes this morning after Martha had swept up the hearth for the last time and gone downstairs. She was thinking over the new idea which had come to her when she heard of the library. She did not care very much about the library itself, because she had read very few books; but to hear of it brought back to her mind the hundred rooms with closed doors. She wondered if they were all really locked and what she would find if she could get into any of them. Were there a hundred really? Why shouldn't she go and see how many doors she could count? It would be something to do on this morning when she could not go out. She had never been taught to ask permission to do things, and she knew nothing at all about authority, so she would not have thought it necessary to ask Mrs. Medlock if she might walk about the house, even if she had seen her.

She opened the door of the room and went into the corridor, and then she began her wanderings. It was a long corridor and it branched into other corridors and it led her up short flights of steps which mounted to others again. There were doors and doors, and there were pictures on

the walls. Sometimes they were pictures of dark, curious landscapes, but oftenest they were portraits of men and women in queer, grand costumes made of satin and velvet. She found herself in one long gallery whose walls were covered with these portraits. She had never thought there could be so many in any house. She walked slowly down this place and stared at the faces which also seemed to stare at her. She felt as if they were wondering what a little girl from India was doing in their house. Some were pictures of children—little girls in thick satin frocks which reached to their feet and stood out about them, and boys with puffed sleeves and lace collars and long hair, or with big ruffs around their necks. She always stopped to look at the children, and wonder what their names were, and where they had gone, and why they wore such odd clothes. There was a stiff, plain little girl rather like herself. She wore a green brocade dress and held a green parrot on her finger. Her eyes had a sharp, curious look.

"Where do you live now?" said Mary aloud to her. "I wish you were here."

Surely no other little girl ever spent such a queer morning. It seemed as if there was no one in all the huge rambling house but her own small self, wandering about upstairs and down, through narrow passages and wide ones, where it seemed to her that no one but herself had ever walked. Since so many rooms had been built, people

must have lived in them, but it all seemed so empty that she could not quite believe it true.

It was not until she climbed to the second floor that she thought of turning the handle of a door. All the doors were shut, as Mrs. Medlock had said they were, but at last she put her hand on the handle of one of them and turned it. She was almost frightened for a moment when she felt that it turned without difficulty and that when she pushed upon the door itself it slowly and heavily opened. It was a massive door and opened into a big bedroom. There were embroidered hangings on the wall, and inlaid furniture such as she had seen in India stood about the room. A broad window with leaded panes looked out upon the moor; and over the mantel was another portrait of the stiff, plain little girl who seemed to stare at her more curiously than ever.

"Perhaps she slept here once," said Mary. "She stares at me so that she makes me feel queer."

After that she opened more doors and more. She saw so many rooms that she became quite tired and began to think that there must be a hundred, though she had not counted them. In all of them there were old pictures or old tapestries with strange scenes worked on them. There were curious pieces of furniture and curious ornaments in nearly all of them.

In one room, which looked like a lady's sitting-room, the hangings were all embroidered velvet, and in a cabinet

were about a hundred little elephants made of ivory. They were of different sizes, and some had their mahouts or palanquins on their backs. Some were much bigger than the others and some were so tiny that they seemed only babies. Mary had seen carved ivory in India and she knew all about elephants. She opened the door of the cabinet and stood on a footstool and played with these for quite a long time. When she got tired she set the elephants in order and shut the door of the cabinet.

In all her wanderings through the long corridors and the empty rooms, she had seen nothing alive; but in this room she saw something. Just after she had closed the cabinet door she heard a tiny rustling sound. It made her jump and look around at the sofa by the fireplace, from which it seemed to come. In the corner of the sofa there was a cushion, and in the velvet which covered it there was a hole, and out of the hole peeped a tiny head with a pair of frightened eyes in it.

Mary crept softly across the room to look. The bright eyes belonged to a little gray mouse, and the mouse had eaten a hole into the cushion and made a comfortable nest there. Six baby mice were cuddled up asleep near her. If there was no one else alive in the hundred rooms there were seven mice who did not look lonely at all.

"If they wouldn't be so frightened I would take them back with me," said Mary.

She had wandered about long enough to feel too tired to wander any farther, and she turned back. Two or three times she lost her way by turning down the wrong corridor and was obliged to ramble up and down until she found the right one; but at last she reached her own floor again, though she was some distance from her own room and did not know exactly where she was.

"I believe I have taken a wrong turning again," she said, standing still at what seemed the end of a short passage with tapestry on the wall. "I don't know which way to go. How still everything is!"

It was while she was standing here and just after she had said this that the stillness was broken by a sound. It was another cry, but not quite like the one she had heard last night; it was only a short one, a fretful childish whine muffled by passing through walls.

"It's nearer than it was," said Mary, her heart beating rather faster. "And it is crying."

She put her hand accidentally upon the tapestry near her, and then sprang back, feeling quite startled. The tapestry was the covering of a door which fell open and showed her that there was another part of the corridor behind it, and Mrs. Medlock was coming up it with her bunch of keys in her hand and a very cross look on her face.

"What are you doing here?" she said, and she took Mary by the arm and pulled her away. "What did I tell you?"

"I turned round the wrong corner," explained Mary. "I didn't know which way to go and I heard some one crying." She quite hated Mrs. Medlock at the moment, but she hated her more the next.

"You didn't hear anything of the sort," said the housekeeper. "You come along back to your own nursery or I'll box your ears."

And she took her by the arm and half pushed, half pulled her up one passage and down another until she pushed her in at the door of her own room.

"Now," she said, "you stay where you're told to stay or you'll find yourself locked up. The master had better get you a governess, same as he said he would. You're one that needs some one to look sharp after you. I've got enough to do."

She went out of the room and slammed the door after her, and Mary went and sat on the hearth-rug, pale with rage. She did not cry, but ground her teeth.

"There was some one crying—there was—there was!" she said to herself.

She had heard it twice now, and sometime she would find out. She had found out a great deal this morning. She felt as if she had been on a long journey, and at any rate she had had something to amuse her all the time, and she

had played with the ivory elephants and had seen the gray mouse and its babies in their nest in the velvet cushion.

CHAPTER 7.

THE KEY TO THE GARDEN

Two days after this, when Mary opened her eyes she sat upright in bed immediately, and called to Martha.

"Look at the moor! Look at the moor!"

The rainstorm had ended and the gray mist and clouds had been swept away in the night by the wind. The wind itself had ceased and a brilliant, deep blue sky arched high over the moorland. Never, never had Mary dreamed of a sky so blue. In India skies were hot and blazing; this was of a deep cool blue which almost seemed to sparkle like the waters of some lovely bottomless lake, and here and there, high, high in the arched blueness floated small clouds of snow-white fleece. The far-reaching world of the moor itself looked softly blue instead of gloomy purple-black or awful dreary gray.

"Aye," said Martha with a cheerful grin. "Th' storm's over for a bit. It does like this at this time o' th' year. It goes off in a night like it was pretendin' it had never been here an' never meant to come again. That's because th' springtime's on its way. It's a long way off yet, but it's comin'."

"I thought perhaps it always rained or looked dark in England," Mary said.

"Eh! no!" said Martha, sitting up on her heels among her black lead brushes. "Nowt o' th' soart!"

"What does that mean?" asked Mary seriously. In India the natives spoke different dialects which only a few people understood, so she was not surprised when Martha used words she did not know.

Martha laughed as she had done the first morning.

"There now," she said. "I've talked broad Yorkshire again like Mrs. Medlock said I mustn't. 'Nowt o' th' soart' means 'nothin'-of-the-sort,'" slowly and carefully, "but it takes so long to say it. Yorkshire's th' sunniest place on earth when it is sunny. I told thee tha'd like th' moor after a bit. Just you wait till you see th' gold-colored gorse blossoms an' th' blossoms o' th' broom, an' th' heather flowerin', all purple bells, an' hundreds o' butterflies flutterin' an' bees hummin' an' skylarks soarin' up an' singin'. You'll want to get out on it as sunrise an' live out on it all day like Dickon does." "Could I ever get there?" asked Mary wistfully, looking through her window at the far-off blue. It was so new and big and wonderful and such a heavenly color.

"I don't know," answered Martha. "Tha's never used tha' legs since tha' was born, it seems to me. Tha' couldn't walk five mile. It's five mile to our cottage."

"I should like to see your cottage."

Martha stared at her a moment curiously before she took up her polishing brush and began to rub the grate

again. She was thinking that the small plain face did not look quite as sour at this moment as it had done the first morning she saw it. It looked just a trifle like little Susan Ann's when she wanted something very much.

"I'll ask my mother about it," she said. "She's one o' them that nearly always sees a way to do things. It's my day out today an' I'm goin' home. Eh! I am glad. Mrs. Medlock thinks a lot o' mother. Perhaps she could talk to her."

"I like your mother," said Mary.

"I should think tha' did," agreed Martha, polishing away.

"I've never seen her," said Mary.

"No, tha' hasn't," replied Martha.

She sat up on her heels again and rubbed the end of her nose with the back of her hand as if puzzled for a moment, but she ended quite positively.

"Well, she's that sensible an' hard workin' an' goodnatured an' clean that no one could help likin' her whether they'd seen her or not. When I'm goin' home to her on my day out I just jump for joy when I'm crossin' the moor."

"I like Dickon," added Mary. "And I've never seen him."

"Well," said Martha stoutly, "I've told thee that th' very birds likes him an' th' rabbits an' wild sheep an' ponies, an' th' foxes themselves. I wonder," staring at her reflectively, "what Dickon would think of thee?"

"He wouldn't like me," said Mary in her stiff, cold little way. "No one does."

Martha looked reflective again.

"How does tha' like thysel'?" she inquired, really quite as if she were curious to know.

Mary hesitated a moment and thought it over.

"Not at all—really," she answered. "But I never thought of that before."

Martha grinned a little as if at some homely recollection.

"Mother said that to me once," she said. "She was at her wash-tub an' I was in a bad temper an' talkin' ill of folk, an' she turns round on me an' says: 'Tha' young vixen, tha'! There tha' stands sayin' tha' doesn't like this one an' tha' doesn't like that one. How does tha' like thysel'?' It made me laugh an' it brought me to my senses in a minute."

She went away in high spirits as soon as she had given Mary her breakfast. She was going to walk five miles across the moor to the cottage, and she was going to help her mother with the washing and do the week's baking and enjoy herself thoroughly.

Mary felt lonelier than ever when she knew she was no longer in the house. She went out into the garden as quickly as possible, and the first thing she did was to run round and round the fountain flower garden ten times. She counted the times carefully and when she had finished she felt in better spirits. The sunshine made the whole place

look different. The high, deep, blue sky arched over Misselthwaite as well as over the moor, and she kept lifting her face and looking up into it, trying to imagine what it would be like to lie down on one of the little snow-white clouds and float about. She went into the first kitchen-garden and found Ben Weatherstaff working there with two other gardeners. The change in the weather seemed to have done him good. He spoke to her of his own accord. "Springtime's comin'," he said. "Cannot tha' smell it?"

Mary sniffed and thought she could.

"I smell something nice and fresh and damp," she said.

"That's th' good rich earth," he answered, digging away. "It's in a good humor makin' ready to grow things. It's glad when plantin' time comes. It's dull in th' winter when it's got nowt to do. In th' flower gardens out there things will be stirrin' down below in th' dark. Th' sun's warmin' 'em. You'll see bits o' green spikes stickin' out o' th' black earth after a bit."

"What will they be?" asked Mary.

"Crocuses an' snowdrops an' daffydowndillys. Has tha' never seen them?"

"No. Everything is hot, and wet, and green after the rains in India," said Mary. "And I think things grow up in a night."

"These won't grow up in a night," said Weatherstaff.

"Tha'll have to wait for 'em. They'll poke up a bit higher

here, an' push out a spike more there, an' uncurl a leaf this day an' another that. You watch 'em."

"I am going to," answered Mary.

Very soon she heard the soft rustling flight of wings again and she knew at once that the robin had come again. He was very pert and lively, and hopped about so close to her feet, and put his head on one side and looked at her so slyly that she asked Ben Weatherstaff a question.

"Do you think he remembers me?" she said.

"Remembers thee!" said Weatherstaff indignantly. "He knows every cabbage stump in th' gardens, let alone th' people. He's never seen a little wench here before, an' he's bent on findin' out all about thee. Tha's no need to try to hide anything from him."

"Are things stirring down below in the dark in that garden where he lives?" Mary inquired.

"What garden?" grunted Weatherstaff, becoming surly again.

"The one where the old rose-trees are." She could not help asking, because she wanted so much to know. "Are all the flowers dead, or do some of them come again in the summer? Are there ever any roses?"

"Ask him," said Ben Weatherstaff, hunching his shoulders toward the robin. "He's the only one as knows. No one else has seen inside it for ten year'."

Ten years was a long time, Mary thought. She had been born ten years ago.

She walked away, slowly thinking. She had begun to like the garden just as she had begun to like the robin and Dickon and Martha's mother. She was beginning to like Martha, too. That seemed a good many people to like—when you were not used to liking. She thought of the robin as one of the people. She went to her walk outside the long, ivy-covered wall over which she could see the tree-tops; and the second time she walked up and down the most interesting and exciting thing happened to her, and it was all through Ben Weatherstaff's robin.

She heard a chirp and a twitter, and when she looked at the bare flower-bed at her left side there he was hopping about and pretending to peck things out of the earth to persuade her that he had not followed her. But she knew he had followed her and the surprise so filled her with delight that she almost trembled a little.

"You do remember me!" she cried out. "You do! You are prettier than anything else in the world!"

She chirped, and talked, and coaxed and he hopped, and flirted his tail and twittered. It was as if he were talking. His red waistcoat was like satin and he puffed his tiny breast out and was so fine and so grand and so pretty that it was really as if he were showing her how important and like a human person a robin could be. Mistress Mary forgot that she had ever been contrary in her life when he allowed her to draw closer and closer to him, and bend

down and talk and try to make something like robin sounds.

Oh! to think that he should actually let her come as near to him as that! He knew nothing in the world would make her put out her hand toward him or startle him in the least tiniest way. He knew it because he was a real person—only nicer than any other person in the world. She was so happy that she scarcely dared to breathe.

The flower-bed was not quite bare. It was bare of flowers because the perennial plants had been cut down for their winter rest, but there were tall shrubs and low ones which grew together at the back of the bed, and as the robin hopped about under them she saw him hop over a small pile of freshly turned up earth. He stopped on it to look for a worm. The earth had been turned up because a dog had been trying to dig up a mole and he had scratched quite a deep hole.

Mary looked at it, not really knowing why the hole was there, and as she looked she saw something almost buried in the newly-turned soil. It was something like a ring of rusty iron or brass and when the robin flew up into a tree nearby she put out her hand and picked the ring up. It was more than a ring, however; it was an old key which looked as if it had been buried a long time.

Mistress Mary stood up and looked at it with an almost frightened face as it hung from her finger.

"Perhaps it has been buried for ten years," she said in a whisper. "Perhaps it is the key to the garden!"

CHAPTER 8.

THE ROBIN WHO SHOWED THE WAY

She looked at the key quite a long time. She turned it over and over, and thought about it. As I have said before, she was not a child who had been trained to ask permission or consult her elders about things. All she thought about the key was that if it was the key to the closed garden, and she could find out where the door was, she could perhaps open it and see what was inside the walls, and what had happened to the old rose-trees. It was because it had been shut up so long that she wanted to see it. It seemed as if it must be different from other places and that something strange must have happened to it during ten years. Besides that, if she liked it she could go into it every day and shut the door behind her, and she could make up some play of her own and play it quite alone, because nobody would ever know where she was, but would think the door was still locked and the key buried in the earth. The thought of that pleased her very much.

Living as it were, all by herself in a house with a hundred mysteriously closed rooms and having nothing whatever to do to amuse herself, had set her inactive brain to working and was actually awakening her imagination. There is no doubt that the fresh, strong, pure air from the

moor had a great deal to do with it. Just as it had given her an appetite, and fighting with the wind had stirred her blood, so the same things had stirred her mind. In India she had always been too hot and languid and weak to care much about anything, but in this place she was beginning to care and to want to do new things. Already she felt less "contrary," though she did not know why.

She put the key in her pocket and walked up and down her walk. No one but herself ever seemed to come there, so she could walk slowly and look at the wall, or, rather, at the ivy growing on it. The ivy was the baffling thing. Howsoever carefully she looked she could see nothing but thickly growing, glossy, dark green leaves. She was very much disappointed. Something of her contrariness came back to her as she paced the walk and looked over it at the tree-tops inside. It seemed so silly, she said to herself, to be near it and not be able to get in. She took the key in her pocket when she went back to the house, and she made up her mind that she would always carry it with her when she went out, so that if she ever should find the hidden door she would be ready.

Mrs. Medlock had allowed Martha to sleep all night at the cottage, but she was back at her work in the morning with cheeks redder than ever and in the best of spirits.

"I got up at four o'clock," she said. "Eh! it was pretty on th' moor with th' birds gettin' up an' th' rabbits scamperin' about an' th' sun risin'. I didn't walk all th' way.

A man gave me a ride in his cart an' I did enjoy myself."

She was full of stories of the delights of her day out. Her mother had been glad to see her and they had got the baking and washing all out of the way. She had even made each of the children a doughcake with a bit of brown sugar in it.

"I had 'em all pipin' hot when they came in from playin' on th' moor. An' th' cottage all smelt o' nice, clean hot bakin' an' there was a good fire, an' they just shouted for joy. Our Dickon he said our cottage was good enough for a king."

In the evening they had all sat round the fire, and Martha and her mother had sewed patches on torn clothes and mended stockings and Martha had told them about the little girl who had come from India and who had been waited on all her life by what Martha called "blacks" until she didn't know how to put on her own stockings.

"Eh! they did like to hear about you," said Martha. "They wanted to know all about th' blacks an' about th' ship you came in. I couldn't tell 'em enough."

Mary reflected a little.

"I'll tell you a great deal more before your next day out," she said, "so that you will have more to talk about. I dare say they would like to hear about riding on elephants and camels, and about the officers going to hunt tigers."

"My word!" cried delighted Martha. "It would set 'em clean off their heads. Would tha' really do that, Miss? It

would be same as a wild beast show like we heard they had in York once."

"India is quite different from Yorkshire," Mary said slowly, as she thought the matter over. "I never thought of that. Did Dickon and your mother like to hear you talk about me?"

"Why, our Dickon's eyes nearly started out o' his head, they got that round," answered Martha. "But mother, she was put out about your seemin' to be all by yourself like. She said, 'Hasn't Mr. Craven got no governess for her, nor no nurse?' and I said, 'No, he hasn't, though Mrs. Medlock says he will when he thinks of it, but she says he mayn't think of it for two or three years.'"

"I don't want a governess," said Mary sharply.

"But mother says you ought to be learnin' your book by this time an' you ought to have a woman to look after you, an' she says: 'Now, Martha, you just think how you'd feel yourself, in a big place like that, wanderin' about all alone, an' no mother. You do your best to cheer her up,' she says, an' I said I would."

Mary gave her a long, steady look.

"You do cheer me up," she said. "I like to hear you talk."

Presently Martha went out of the room and came back with something held in her hands under her apron.

"What does tha' think," she said, with a cheerful grin. "I've brought thee a present."

"A present!" exclaimed Mistress Mary. How could a cottage full of fourteen hungry people give any one a present!

"A man was drivin' across the moor peddlin'," Martha explained. "An' he stopped his cart at our door. He had pots an' pans an' odds an' ends, but mother had no money to buy anythin'. Just as he was goin' away our 'Lizabeth Ellen called out, 'Mother, he's got skippin'-ropes with red an' blue handles.' An' mother she calls out quite sudden, 'Here, stop, mister! How much are they?' An' he says 'Tuppence', an' mother she began fumblin' in her pocket an' she says to me, 'Martha, tha's brought me thy wages like a good lass, an' I've got four places to put every penny, but I'm just goin' to take tuppence out of it to buy that child a skippin'-rope,' an' she bought one an' here it is."

She brought it out from under her apron and exhibited it quite proudly. It was a strong, slender rope with a striped red and blue handle at each end, but Mary Lennox had never seen a skipping-rope before. She gazed at it with a mystified expression.

"What is it for?" she asked curiously.

"For!" cried out Martha. "Does tha' mean that they've not got skippin'-ropes in India, for all they've got elephants and tigers and camels! No wonder most of 'em's black. This is what it's for; just watch me."

And she ran into the middle of the room and, taking a handle in each hand, began to skip, and skip, and skip,

while Mary turned in her chair to stare at her, and the queer faces in the old portraits seemed to stare at her, too, and wonder what on earth this common little cottager had the impudence to be doing under their very noses. But Martha did not even see them. The interest and curiosity in Mistress Mary's face delighted her, and she went on skipping and counted as she skipped until she had reached a hundred.

"I could skip longer than that," she said when she stopped. "I've skipped as much as five hundred when I was twelve, but I wasn't as fat then as I am now, an' I was in practice."

Mary got up from her chair beginning to feel excited herself.

"It looks nice," she said. "Your mother is a kind woman. Do you think I could ever skip like that?"

"You just try it," urged Martha, handing her the skipping-rope. "You can't skip a hundred at first, but if you practice you'll mount up. That's what mother said. She says, 'Nothin' will do her more good than skippin' rope. It's th' sensiblest toy a child can have. Let her play out in th' fresh air skippin' an' it'll stretch her legs an' arms an' give her some strength in 'em.'"

It was plain that there was not a great deal of strength in Mistress Mary's arms and legs when she first began to skip. She was not very clever at it, but she liked it so much that she did not want to stop.

"Put on tha' things and run an' skip out o' doors," said Martha. "Mother said I must tell you to keep out o' doors as much as you could, even when it rains a bit, so as tha' wrap up warm."

Mary put on her coat and hat and took her skipping-rope over her arm. She opened the door to go out, and then suddenly thought of something and turned back rather slowly.

"Martha," she said, "they were your wages. It was your two-pence really. Thank you." She said it stiffly because she was not used to thanking people or noticing that they did things for her. "Thank you," she said, and held out her hand because she did not know what else to do.

Martha gave her hand a clumsy little shake, as if she was not accustomed to this sort of thing either. Then she laughed.

"Eh! th' art a queer, old-womanish thing," she said. "If tha'd been our 'Lizabeth Ellen tha'd have given me a kiss."

Mary looked stiffer than ever.

"Do you want me to kiss you?"

Martha laughed again.

"Nay, not me," she answered. "If tha' was different, p'raps tha'd want to thysel'. But tha' isn't. Run off outside an' play with thy rope."

Mistress Mary felt a little awkward as she went out of the room. Yorkshire people seemed strange, and Martha was always rather a puzzle to her. At first she had disliked

her very much, but now she did not. The skipping-rope was a wonderful thing. She counted and skipped, and skipped and counted, until her cheeks were quite red, and she was more interested than she had ever been since she was born. The sun was shining and a little wind was blowing—not a rough wind, but one which came in delightful little gusts and brought a fresh scent of newly turned earth with it. She skipped round the fountain garden, and up one walk and down another. She skipped at last into the kitchen-garden and saw Ben Weatherstaff digging and talking to his robin, which was hopping about him. She skipped down the walk toward him and he lifted his head and looked at her with a curious expression. She had wondered if he would notice her. She wanted him to see her skip.

"Well!" he exclaimed. "Upon my word. P'raps tha' art a young 'un, after all, an' p'raps tha's got child's blood in thy veins instead of sour buttermilk. Tha's skipped red into thy cheeks as sure as my name's Ben Weatherstaff. I wouldn't have believed tha' could do it."

"I never skipped before," Mary said. "I'm just beginning. I can only go up to twenty."

"Tha' keep on," said Ben. "Tha' shapes well enough at it for a young 'un that's lived with heathen. Just see how he's watchin' thee," jerking his head toward the robin. "He followed after thee yesterday. He'll be at it again today. He'll be bound to find out what th' skippin'-rope is. He's

never seen one. Eh!" shaking his head at the bird, "tha' curiosity will be th' death of thee sometime if tha' doesn't look sharp."

Mary skipped round all the gardens and round the orchard, resting every few minutes. At length she went to her own special walk and made up her mind to try if she could skip the whole length of it. It was a good long skip and she began slowly, but before she had gone half-way down the path she was so hot and breathless that she was obliged to stop. She did not mind much, because she had already counted up to thirty. She stopped with a little laugh of pleasure, and there, lo and behold, was the robin swaying on a long branch of ivy. He had followed her and he greeted her with a chirp. As Mary had skipped toward him she felt something heavy in her pocket strike against her at each jump, and when she saw the robin she laughed again.

"You showed me where the key was yesterday," she said. "You ought to show me the door today; but I don't believe you know!"

The robin flew from his swinging spray of ivy on to the top of the wall and he opened his beak and sang a loud, lovely trill, merely to show off. Nothing in the world is quite as adorably lovely as a robin when he shows off—and they are nearly always doing it.

Mary Lennox had heard a great deal about Magic in her Ayah's stories, and she always said that what happened almost at that moment was Magic.

One of the nice little gusts of wind rushed down the walk, and it was a stronger one than the rest. It was strong enough to wave the branches of the trees, and it was more than strong enough to sway the trailing sprays of untrimmed ivy hanging from the wall. Mary had stepped close to the robin, and suddenly the gust of wind swung aside some loose ivy trails, and more suddenly still she jumped toward it and caught it in her hand. This she did because she had seen something under it—a round knob which had been covered by the leaves hanging over it. It was the knob of a door.

She put her hands under the leaves and began to pull and push them aside. Thick as the ivy hung, it nearly all was a loose and swinging curtain, though some had crept over wood and iron. Mary's heart began to thump and her hands to shake a little in her delight and excitement. The robin kept singing and twittering away and tilting his head on one side, as if he were as excited as she was. What was this under her hands which was square and made of iron and which her fingers found a hole in?

It was the lock of the door which had been closed ten years and she put her hand in her pocket, drew out the key and found it fitted the keyhole. She put the key in and turned it. It took two hands to do it, but it did turn.

And then she took a long breath and looked behind her up the long walk to see if any one was coming. No one was coming. No one ever did come, it seemed, and she took another long breath, because she could not help it, and she held back the swinging curtain of ivy and pushed back the door which opened slowly—slowly.

Then she slipped through it, and shut it behind her, and stood with her back against it, looking about her and breathing quite fast with excitement, and wonder, and delight.

She was standing inside the secret garden.

CHAPTER 9.

THE STRANGEST HOUSE ANY ONE EVER LIVED IN

It was the sweetest, most mysterious-looking place any one could imagine. The high walls which shut it in were covered with the leafless stems of climbing roses which were so thick that they were matted together. Mary Lennox knew they were roses because she had seen a great many roses in India. All the ground was covered with grass of a wintry brown and out of it grew clumps of bushes which were surely rosebushes if they were alive. There were numbers of standard roses which had so spread their branches that they were like little trees. There were other trees in the garden, and one of the things which made the place look strangest and loveliest was that climbing roses had run all over them and swung down long tendrils which made light swaying curtains, and here and there they had caught at each other or at a far-reaching branch and had crept from one tree to another and made lovely bridges of themselves. There were neither leaves nor roses on them now and Mary did not know whether they were dead or alive, but their thin gray or brown branches and sprays looked like a sort of hazy mantle spreading over everything, walls, and trees, and even brown grass, where

they had fallen from their fastenings and run along the ground. It was this hazy tangle from tree to tree which made it all look so mysterious. Mary had thought it must be different from other gardens which had not been left all by themselves so long; and indeed it was different from any other place she had ever seen in her life.

"How still it is!" she whispered. "How still!"

Then she waited a moment and listened at the stillness. The robin, who had flown to his treetop, was still as all the rest. He did not even flutter his wings; he sat without stirring, and looked at Mary.

"No wonder it is still," she whispered again. "I am the first person who has spoken in here for ten years."

She moved away from the door, stepping as softly as if she were afraid of awakening some one. She was glad that there was grass under her feet and that her steps made no sounds. She walked under one of the fairy-like gray arches between the trees and looked up at the sprays and tendrils which formed them. "I wonder if they are all quite dead," she said. "Is it all a quite dead garden? I wish it wasn't."

If she had been Ben Weatherstaff she could have told whether the wood was alive by looking at it, but she could only see that there were only gray or brown sprays and branches and none showed any signs of even a tiny leaf-bud anywhere.

But she was inside the wonderful garden and she could come through the door under the ivy any time and she felt as if she had found a world all her own.

The sun was shining inside the four walls and the high arch of blue sky over this particular piece of Misselthwaite seemed even more brilliant and soft than it was over the moor. The robin flew down from his tree-top and hopped about or flew after her from one bush to another. He chirped a good deal and had a very busy air, as if he were showing her things. Everything was strange and silent and she seemed to be hundreds of miles away from any one, but somehow she did not feel lonely at all. All that troubled her was her wish that she knew whether all the roses were dead, or if perhaps some of them had lived and might put out leaves and buds as the weather got warmer. She did not want it to be a quite dead garden. If it were a quite alive garden, how wonderful it would be, and what thousands of roses would grow on every side!

Her skipping-rope had hung over her arm when she came in and after she had walked about for a while she thought she would skip round the whole garden, stopping when she wanted to look at things. There seemed to have been grass paths here and there, and in one or two corners there were alcoves of evergreen with stone seats or tall moss-covered flower urns in them.

As she came near the second of these alcoves she stopped skipping. There had once been a flowerbed in it,

and she thought she saw something sticking out of the black earth—some sharp little pale green points. She remembered what Ben Weatherstaff had said and she knelt down to look at them.

"Yes, they are tiny growing things and they might be crocuses or snowdrops or daffodils," she whispered.

She bent very close to them and sniffed the fresh scent of the damp earth. She liked it very much.

"Perhaps there are some other ones coming up in other places," she said. "I will go all over the garden and look."

She did not skip, but walked. She went slowly and kept her eyes on the ground. She looked in the old border beds and among the grass, and after she had gone round, trying to miss nothing, she had found ever so many more sharp, pale green points, and she had become quite excited again.

"It isn't a quite dead garden," she cried out softly to herself. "Even if the roses are dead, there are other things alive."

She did not know anything about gardening, but the grass seemed so thick in some of the places where the green points were pushing their way through that she thought they did not seem to have room enough to grow. She searched about until she found a rather sharp piece of wood and knelt down and dug and weeded out the weeds and grass until she made nice little clear places around them.

"Now they look as if they could breathe," she said, after she had finished with the first ones. "I am going to do ever so many more. I'll do all I can see. If I haven't time today I can come tomorrow."

She went from place to place, and dug and weeded, and enjoyed herself so immensely that she was led on from bed to bed and into the grass under the trees. The exercise made her so warm that she first threw her coat off, and then her hat, and without knowing it she was smiling down on to the grass and the pale green points all the time.

The robin was tremendously busy. He was very much pleased to see gardening begun on his own estate. He had often wondered at Ben Weatherstaff. Where gardening is done all sorts of delightful things to eat are turned up with the soil. Now here was this new kind of creature who was not half Ben's size and yet had had the sense to come into his garden and begin at once.

Mistress Mary worked in her garden until it was time to go to her midday dinner. In fact, she was rather late in remembering, and when she put on her coat and hat, and picked up her skipping-rope, she could not believe that she had been working two or three hours. She had been actually happy all the time; and dozens and dozens of the tiny, pale green points were to be seen in cleared places, looking twice as cheerful as they had looked before when the grass and weeds had been smothering them.

"I shall come back this afternoon," she said, looking all round at her new kingdom, and speaking to the trees and the rose-bushes as if they heard her.

Then she ran lightly across the grass, pushed open the slow old door and slipped through it under the ivy. She had such red cheeks and such bright eyes and ate such a dinner that Martha was delighted.

"Two pieces o' meat an' two helps o' rice puddin'!" she said. "Eh! mother will be pleased when I tell her what th' skippin'-rope's done for thee."

In the course of her digging with her pointed stick Mistress Mary had found herself digging up a sort of white root rather like an onion. She had put it back in its place and patted the earth carefully down on it and just now she wondered if Martha could tell her what it was.

"Martha," she said, "what are those white roots that look like onions?"

"They're bulbs," answered Martha. "Lots o' spring flowers grow from 'em. Th' very little ones are snowdrops an' crocuses an' th' big ones are narcissuses an' jonquils and daffydowndillys. Th' biggest of all is lilies an' purple flags. Eh! they are nice. Dickon's got a whole lot of 'em planted in our bit o' garden."

"Does Dickon know all about them?" asked Mary, a new idea taking possession of her.

"Our Dickon can make a flower grow out of a brick walk. Mother says he just whispers things out o' th' ground."

"Do bulbs live a long time? Would they live years and years if no one helped them?" inquired Mary anxiously.

"They're things as helps themselves," said Martha. "That's why poor folk can afford to have 'em. If you don't trouble 'em, most of 'em'll work away underground for a lifetime an' spread out an' have little 'uns. There's a place in th' park woods here where there's snowdrops by thousands. They're the prettiest sight in Yorkshire when th' spring comes. No one knows when they was first planted."

"I wish the spring was here now," said Mary. "I want to see all the things that grow in England."

She had finished her dinner and gone to her favorite seat on the hearth-rug.

"I wish—I wish I had a little spade," she said. "Whatever does tha' want a spade for?" asked Martha, laughing. "Art tha' goin' to take to diggin'? I must tell mother that, too."

Mary looked at the fire and pondered a little. She must be careful if she meant to keep her secret kingdom. She wasn't doing any harm, but if Mr. Craven found out about the open door he would be fearfully angry and get a new key and lock it up forevermore. She really could not bear that.

"This is such a big lonely place," she said slowly, as if she were turning matters over in her mind. "The house is lonely, and the park is lonely, and the gardens are lonely. So many places seem shut up. I never did many things in India, but there were more people to look at—natives and soldiers marching by—and sometimes bands playing, and my Ayah told me stories. There is no one to talk to here except you and Ben Weatherstaff. And you have to do your work and Ben Weatherstaff won't speak to me often. I thought if I had a little spade I could dig somewhere as he does, and I might make a little garden if he would give me some seeds."

Martha's face quite lighted up.

"There now!" she exclaimed, "if that wasn't one of th' things mother said. She says, 'There's such a lot o' room in that big place, why don't they give her a bit for herself, even if she doesn't plant nothin' but parsley an' radishes? She'd dig an' rake away an' be right down happy over it.' Them was the very words she said."

"Were they?" said Mary. "How many things she knows, doesn't she?"

"Eh!" said Martha. "It's like she says: 'A woman as brings up twelve children learns something besides her A B C. Children's as good as 'rithmetic to set you findin' out things.'"

"How much would a spade cost—a little one?" Mary asked.

"Well," was Martha's reflective answer, "at Thwaite village there's a shop or so an' I saw little garden sets with a spade an' a rake an' a fork all tied together for two shillings. An' they was stout enough to work with, too."

"I've got more than that in my purse," said Mary. "Mrs. Morrison gave me five shillings and Mrs. Medlock gave me some money from Mr. Craven."

"Did he remember thee that much?" exclaimed Martha.

"Mrs. Medlock said I was to have a shilling a week to spend. She gives me one every Saturday. I didn't know what to spend it on."

"My word! that's riches," said Martha. "Tha' can buy anything in th' world tha' wants. Th' rent of our cottage is only one an' threepence an' it's like pullin' eye-teeth to get it. Now I've just thought of somethin'," putting her hands on her hips.

"What?" said Mary eagerly.

"In the shop at Thwaite they sell packages o' flower-seeds for a penny each, and our Dickon he knows which is th' prettiest ones an' how to make 'em grow. He walks over to Thwaite many a day just for th' fun of it. Does tha' know how to print letters?" suddenly.

"I know how to write," Mary answered.

Martha shook her head.

"Our Dickon can only read printin'. If tha' could print we could write a letter to him an' ask him to go an' buy th' garden tools an' th' seeds at th' same time."

"Oh! you're a good girl!" Mary cried. "You are, really! I didn't know you were so nice. I know I can print letters if I try. Let's ask Mrs. Medlock for a pen and ink and some paper."

"I've got some of my own," said Martha. "I bought 'em so I could print a bit of a letter to mother of a Sunday. I'll go and get it." She ran out of the room, and Mary stood by the fire and twisted her thin little hands together with sheer pleasure.

"If I have a spade," she whispered, "I can make the earth nice and soft and dig up weeds. If I have seeds and can make flowers grow the garden won't be dead at all—it will come alive."

She did not go out again that afternoon because when Martha returned with her pen and ink and paper she was obliged to clear the table and carry the plates and dishes downstairs and when she got into the kitchen Mrs. Medlock was there and told her to do something, so Mary waited for what seemed to her a long time before she came back. Then it was a serious piece of work to write to Dickon. Mary had been taught very little because her governesses had disliked her too much to stay with her. She could not spell particularly well but she found that she

could print letters when she tried. This was the letter Martha dictated to her: "My Dear Dickon:

This comes hoping to find you well as it leaves me at present. Miss Mary has plenty of money and will you go to Thwaite and buy her some flower seeds and a set of garden tools to make a flower-bed. Pick the prettiest ones and easy to grow because she has never done it before and lived in India which is different. Give my love to mother and every one of you. Miss Mary is going to tell me a lot more so that on my next day out you can hear about elephants and camels and gentlemen going hunting lions and tigers.

"Your loving sister,
Martha Phoebe Sowerby."

"We'll put the money in th' envelope an' I'll get th' butcher boy to take it in his cart. He's a great friend o' Dickon's," said Martha.

"How shall I get the things when Dickon buys them?"

"He'll bring 'em to you himself. He'll like to walk over this way."

"Oh!" exclaimed Mary, "then I shall see him! I never thought I should see Dickon."

"Does tha' want to see him?" asked Martha suddenly, for Mary had looked so pleased.

"Yes, I do. I never saw a boy foxes and crows loved. I want to see him very much."

Martha gave a little start, as if she remembered something. "Now to think," she broke out, "to think o' me

forgettin' that there; an' I thought I was goin' to tell you first thing this mornin'. I asked mother—and she said she'd ask Mrs. Medlock her own self."

"Do you mean—" Mary began.

"What I said Tuesday. Ask her if you might be driven over to our cottage some day and have a bit o' mother's hot oat cake, an' butter, an' a glass o' milk."

It seemed as if all the interesting things were happening in one day. To think of going over the moor in the daylight and when the sky was blue! To think of going into the cottage which held twelve children!

"Does she think Mrs. Medlock would let me go?" she asked, quite anxiously.

"Aye, she thinks she would. She knows what a tidy woman mother is and how clean she keeps the cottage."

"If I went I should see your mother as well as Dickon," said Mary, thinking it over and liking the idea very much. "She doesn't seem to be like the mothers in India."

Her work in the garden and the excitement of the afternoon ended by making her feel quiet and thoughtful. Martha stayed with her until tea-time, but they sat in comfortable quiet and talked very little. But just before Martha went downstairs for the tea-tray, Mary asked a question.

"Martha," she said, "has the scullery-maid had the toothache again today?"

Martha certainly started slightly.

"What makes thee ask that?" she said.

"Because when I waited so long for you to come back I opened the door and walked down the corridor to see if you were coming. And I heard that far-off crying again, just as we heard it the other night. There isn't a wind today, so you see it couldn't have been the wind."

"Eh!" said Martha restlessly. "Tha' mustn't go walkin' about in corridors an' listenin'. Mr. Craven would be that there angry there's no knowin' what he'd do."

"I wasn't listening," said Mary. "I was just waiting for you—and I heard it. That's three times."

"My word! There's Mrs. Medlock's bell," said Martha, and she almost ran out of the room.

"It's the strangest house any one ever lived in," said Mary drowsily, as she dropped her head on the cushioned seat of the armchair near her. Fresh air, and digging, and skipping-rope had made her feel so comfortably tired that she fell asleep.

CHAPTER 10.

DICKON

The sun shone down for nearly a week on the secret garden. The Secret Garden was what Mary called it when she was thinking of it. She liked the name, and she liked still more the feeling that when its beautiful old walls shut her in no one knew where she was. It seemed almost like being shut out of the world in some fairy place. The few books she had read and liked had been fairy-story books, and she had read of secret gardens in some of the stories. Sometimes people went to sleep in them for a hundred years, which she had thought must be rather stupid. She had no intention of going to sleep, and, in fact, she was becoming wider awake every day which passed at Misselthwaite. She was beginning to like to be out of doors; she no longer hated the wind, but enjoyed it. She could run faster, and longer, and she could skip up to a hundred. The bulbs in the secret garden must have been much astonished. Such nice clear places were made round them that they had all the breathing space they wanted, and really, if Mistress Mary had known it, they began to cheer up under the dark earth and work tremendously. The sun could get at them and warm them, and when the rain came down it could reach them at once, so they began to feel very much alive.

Mary was an odd, determined little person, and now she had something interesting to be determined about, she was very much absorbed, indeed. She worked and dug and pulled up weeds steadily, only becoming more pleased with her work every hour instead of tiring of it. It seemed to her like a fascinating sort of play. She found many more of the sprouting pale green points than she had ever hoped to find. They seemed to be starting up everywhere and each day she was sure she found tiny new ones, some so tiny that they barely peeped above the earth. There were so many that she remembered what Martha had said about the "snowdrops by the thousands," and about bulbs spreading and making new ones. These had been left to themselves for ten years and perhaps they had spread, like the snowdrops, into thousands. She wondered how long it would be before they showed that they were flowers. Sometimes she stopped digging to look at the garden and try to imagine what it would be like when it was covered with thousands of lovely things in bloom. During that week of sunshine, she became more intimate with Ben Weatherstaff. She surprised him several times by seeming to start up beside him as if she sprang out of the earth. The truth was that she was afraid that he would pick up his tools and go away if he saw her coming, so she always walked toward him as silently as possible. But, in fact, he did not object to her as strongly as he had at first. Perhaps he was secretly rather flattered by her evident desire for

his elderly company. Then, also, she was more civil than she had been. He did not know that when she first saw him she spoke to him as she would have spoken to a native, and had not known that a cross, sturdy old Yorkshire man was not accustomed to salaam to his masters, and be merely commanded by them to do things.

"Tha'rt like th' robin," he said to her one morning when he lifted his head and saw her standing by him. "I never knows when I shall see thee or which side tha'll come from."

"He's friends with me now," said Mary.

"That's like him," snapped Ben Weatherstaff. "Makin' up to th' women folk just for vanity an' flightiness. There's nothin' he wouldn't do for th' sake o' showin' off an' flirtin' his tail-feathers. He's as full o' pride as an egg's full o' meat."

He very seldom talked much and sometimes did not even answer Mary's questions except by a grunt, but this morning he said more than usual. He stood up and rested one hobnailed boot on the top of his spade while he looked her over.

"How long has tha' been here?" he jerked out.

"I think it's about a month," she answered.

"Tha's beginnin' to do Misselthwaite credit," he said.

"Tha's a bit fatter than tha' was an' tha's not quite so yeller. Tha' looked like a young plucked crow when tha' first came

into this garden. Thinks I to myself I never set eyes on an uglier, sourer faced young 'un."

Mary was not vain and as she had never thought much of her looks she was not greatly disturbed.

"I know I'm fatter," she said. "My stockings are getting tighter. They used to make wrinkles. There's the robin, Ben Weatherstaff."

There, indeed, was the robin, and she thought he looked nicer than ever. His red waistcoat was as glossy as satin and he flirted his wings and tail and tilted his head and hopped about with all sorts of lively graces. He seemed determined to make Ben Weatherstaff admire him. But Ben was sarcastic.

"Aye, there tha' art!" he said. "Tha' can put up with me for a bit sometimes when tha's got no one better. Tha's been reddenin' up thy waistcoat an' polishin' thy feathers this two weeks. I know what tha's up to. Tha's courtin' some bold young madam somewhere tellin' thy lies to her about bein' th' finest cock robin on Missel Moor an' ready to fight all th' rest of 'em."

"Oh! look at him!" exclaimed Mary.

The robin was evidently in a fascinating, bold mood. He hopped closer and closer and looked at Ben Weatherstaff more and more engagingly. He flew on to the nearest currant bush and tilted his head and sang a little song right at him.

"Tha' thinks tha'll get over me by doin' that," said Ben, wrinkling his face up in such a way that Mary felt sure he was trying not to look pleased. "Tha' thinks no one can stand out against thee—that's what tha' thinks."

The robin spread his wings—Mary could scarcely believe her eyes. He flew right up to the handle of Ben Weatherstaff's spade and alighted on the top of it. Then the old man's face wrinkled itself slowly into a new expression. He stood still as if he were afraid to breathe—as if he would not have stirred for the world, lest his robin should start away. He spoke quite in a whisper.

"Well, I'm danged!" he said as softly as if he were saying something quite different. "Tha' does know how to get at a chap—tha' does! Tha's fair unearthly, tha's so knowin'."

And he stood without stirring—almost without drawing his breath—until the robin gave another flirt to his wings and flew away. Then he stood looking at the handle of the spade as if there might be Magic in it, and then he began to dig again and said nothing for several minutes.

But because he kept breaking into a slow grin now and then, Mary was not afraid to talk to him.

"Have you a garden of your own?" she asked.

"No. I'm bachelder an' lodge with Martin at th' gate."

"If you had one," said Mary, "what would you plant?"

"Cabbages an' 'taters an' onions."

"But if you wanted to make a flower garden," persisted Mary, "what would you plant?"

"Bulbs an' sweet-smellin' things—but mostly roses."

Mary's face lighted up.

"Do you like roses?" she said.

Ben Weatherstaff rooted up a weed and threw it aside before he answered.

"Well, yes, I do. I was learned that by a young lady I was gardener to. She had a lot in a place she was fond of, an' she loved 'em like they was children—or robins. I've seen her bend over an' kiss 'em." He dragged out another weed and scowled at it. "That were as much as ten year' ago."

"Where is she now?" asked Mary, much interested.

"Heaven," he answered, and drove his spade deep into the soil, "'cording to what parson says."

"What happened to the roses?" Mary asked again, more interested than ever.

"They was left to themselves."

Mary was becoming quite excited.

"Did they quite die? Do roses quite die when they are left to themselves?" she ventured.

"Well, I'd got to like 'em—an' I liked her—an' she liked 'em," Ben Weatherstaff admitted reluctantly. "Once or twice a year I'd go an' work at 'em a bit—prune 'em an' dig about th' roots. They run wild, but they was in rich soil, so some of 'em lived."

"When they have no leaves and look gray and brown and dry, how can you tell whether they are dead or alive?" inquired Mary.

"Wait till th' spring gets at 'em—wait till th' sun shines on th' rain and th' rain falls on th' sunshine an' then tha'll find out."

"How—how?" cried Mary, forgetting to be careful. "Look along th' twigs an' branches an' if tha' see a bit of a brown lump swelling here an' there, watch it after th' warm rain an' see what happens." He stopped suddenly and looked curiously at her eager face. "Why does tha' care so much about roses an' such, all of a sudden?" he demanded.

Mistress Mary felt her face grow red. She was almost afraid to answer.

"I—I want to play that—that I have a garden of my own," she stammered. "I—there is nothing for me to do. I have nothing—and no one."

"Well," said Ben Weatherstaff slowly, as he watched her, "that's true. Tha' hasn't."

He said it in such an odd way that Mary wondered if he was actually a little sorry for her. She had never felt sorry for herself; she had only felt tired and cross, because she disliked people and things so much. But now the world seemed to be changing and getting nicer. If no one found out about the secret garden, she should enjoy herself always.

She stayed with him for ten or fifteen minutes longer and asked him as many questions as she dared. He answered every one of them in his queer grunting way and he did not seem really cross and did not pick up his spade and leave her. He said something about roses just as she was going away and it reminded her of the ones he had said he had been fond of.

"Do you go and see those other roses now?" she asked.

"Not been this year. My rheumatics has made me too stiff in th' joints."

He said it in his grumbling voice, and then quite suddenly he seemed to get angry with her, though she did not see why he should.

"Now look here!" he said sharply. "Don't tha' ask so many questions. Tha'rt th' worst wench for askin' questions I've ever come a cross. Get thee gone an' play thee. I've done talkin' for today."

And he said it so crossly that she knew there was not the least use in staying another minute. She went skipping slowly down the outside walk, thinking him over and saying to herself that, queer as it was, here was another person whom she liked in spite of his crossness. She liked old Ben Weatherstaff. Yes, she did like him. She always wanted to try to make him talk to her. Also she began to believe that he knew everything in the world about flowers.

There was a laurel-hedged walk which curved round the secret garden and ended at a gate which opened into a

wood, in the park. She thought she would slip round this walk and look into the wood and see if there were any rabbits hopping about. She enjoyed the skipping very much and when she reached the little gate she opened it and went through because she heard a low, peculiar whistling sound and wanted to find out what it was.

It was a very strange thing indeed. She quite caught her breath as she stopped to look at it. A boy was sitting under a tree, with his back against it, playing on a rough wooden pipe. He was a funny looking boy about twelve. He looked very clean and his nose turned up and his cheeks were as red as poppies and never had Mistress Mary seen such round and such blue eyes in any boy's face. And on the trunk of the tree he leaned against, a brown squirrel was clinging and watching him, and from behind a bush nearby a cock pheasant was delicately stretching his neck to peep out, and quite near him were two rabbits sitting up and sniffing with tremulous noses—and actually it appeared as if they were all drawing near to watch him and listen to the strange low little call his pipe seemed to make.

When he saw Mary he held up his hand and spoke to her in a voice almost as low as and rather like his piping.

"Don't tha' move," he said. "It'd flight 'em." Mary remained motionless. He stopped playing his pipe and began to rise from the ground. He moved so slowly that it scarcely seemed as though he were moving at all, but at

last he stood on his feet and then the squirrel scampered back up into the branches of his tree, the pheasant withdrew his head and the rabbits dropped on all fours and began to hop away, though not at all as if they were frightened.

"I'm Dickon," the boy said. "I know tha'rt Miss Mary."

Then Mary realized that somehow she had known at first that he was Dickon. Who else could have been charming rabbits and pheasants as the natives charm snakes in India? He had a wide, red, curving mouth and his smile spread all over his face.

"I got up slow," he explained, "because if tha' makes a quick move it startles 'em. A body 'as to move gentle an' speak low when wild things is about."

He did not speak to her as if they had never seen each other before but as if he knew her quite well. Mary knew nothing about boys and she spoke to him a little stiffly because she felt rather shy.

"Did you get Martha's letter?" she asked.

He nodded his curly, rust-colored head. "That's why I come."

He stooped to pick up something which had been lying on the ground beside him when he piped.

"I've got th' garden tools. There's a little spade an' rake an' a fork an' hoe. Eh! they are good 'uns. There's a trowel, too. An' th' woman in th' shop threw in a packet o'

white poppy an' one o' blue larkspur when I bought th' other seeds."

"Will you show the seeds to me?" Mary said.

She wished she could talk as he did. His speech was so quick and easy. It sounded as if he liked her and was not the least afraid she would not like him, though he was only a common moor boy, in patched clothes and with a funny face and a rough, rusty-red head. As she came closer to him she noticed that there was a clean fresh scent of heather and grass and leaves about him, almost as if he were made of them. She liked it very much and when she looked into his funny face with the red cheeks and round blue eyes she forgot that she had felt shy.

"Let us sit down on this log and look at them," she said.

They sat down and he took a clumsy little brown paper package out of his coat pocket. He untied the string and inside there were ever so many neater and smaller packages with a picture of a flower on each one.

"There's a lot o' mignonette an' poppies," he said. "Mignonette's th' sweetest smellin' thing as grows, an' it'll grow wherever you cast it, same as poppies will. Them as'll come up an' bloom if you just whistle to 'em, them's th' nicest of all." He stopped and turned his head quickly, his poppy-cheeked face lighting up.

"Where's that robin as is callin' us?" he said.

The chirp came from a thick holly bush, bright with scarlet berries, and Mary thought she knew whose it was.

"Is it really calling us?" she asked.

"Aye," said Dickon, as if it was the most natural thing in the world, "he's callin' some one he's friends with. That's same as sayin' 'Here I am. Look at me. I wants a bit of a chat.' There he is in the bush. Whose is he?"

"He's Ben Weatherstaff's, but I think he knows me a little," answered Mary.

"Aye, he knows thee," said Dickon in his low voice again. "An' he likes thee. He's took thee on. He'll tell me all about thee in a minute."

He moved quite close to the bush with the slow movement Mary had noticed before, and then he made a sound almost like the robin's own twitter. The robin listened a few seconds, intently, and then answered quite as if he were replying to a question.

"Aye, he's a friend o' yours," chuckled Dickon.

"Do you think he is?" cried Mary eagerly. She did so want to know. "Do you think he really likes me?"

"He wouldn't come near thee if he didn't," answered Dickon. "Birds is rare choosers an' a robin can flout a body worse than a man. See, he's making up to thee now. 'Cannot tha' see a chap?' he's sayin'."

And it really seemed as if it must be true. He so sidled and twittered and tilted as he hopped on his bush.

"Do you understand everything birds say?" said Mary.

Dickon's grin spread until he seemed all wide, red, curving mouth, and he rubbed his rough head.

"I think I do, and they think I do," he said. "I've lived on th' moor with 'em so long. I've watched 'em break shell an' come out an' fledge an' learn to fly an' begin to sing, till I think I'm one of 'em. Sometimes I think p'raps I'm a bird, or a fox, or a rabbit, or a squirrel, or even a beetle, an' I don't know it."

He laughed and came back to the log and began to talk about the flower seeds again. He told her what they looked like when they were flowers; he told her how to plant them, and watch them, and feed and water them.

"See here," he said suddenly, turning round to look at her. "I'll plant them for thee myself. Where is tha' garden?"

Mary's thin hands clutched each other as they lay on her lap. She did not know what to say, so for a whole minute she said nothing. She had never thought of this. She felt miserable. And she felt as if she went red and then pale.

"Tha's got a bit o' garden, hasn't tha'?" Dickon said.

It was true that she had turned red and then pale. Dickon saw her do it, and as she still said nothing, he began to be puzzled.

"Wouldn't they give thee a bit?" he asked. "Hasn't tha' got any yet?"

She held her hands tighter and turned her eyes toward him.

"I don't know anything about boys," she said slowly. "Could you keep a secret, if I told you one? It's a great secret. I don't know what I should do if any one found it out. I believe I should die!" She said the last sentence quite fiercely.

Dickon looked more puzzled than ever and even rubbed his hand over his rough head again, but he answered quite good-humoredly. "I'm keepin' secrets all th' time," he said. "If I couldn't keep secrets from th' other lads, secrets about foxes' cubs, an' birds' nests, an' wild things' holes, there'd be naught safe on th' moor. Aye, I can keep secrets."

Mistress Mary did not mean to put out her hand and clutch his sleeve but she did it.

"I've stolen a garden," she said very fast. "It isn't mine. It isn't anybody's. Nobody wants it, nobody cares for it, nobody ever goes into it. Perhaps everything is dead in it already. I don't know."

She began to feel hot and as contrary as she had ever felt in her life.

"I don't care, I don't care! Nobody has any right to take it from me when I care about it and they don't. They're letting it die, all shut in by itself," she ended passionately, and she threw her arms over her face and burst out crying-poor little Mistress Mary.

Dickon's curious blue eyes grew rounder and rounder. "Eh-h-h!" he said, drawing his exclamation out slowly, and the way he did it meant both wonder and sympathy.

"I've nothing to do," said Mary. "Nothing belongs to me. I found it myself and I got into it myself. I was only just like the robin, and they wouldn't take it from the robin." "Where is it?" asked Dickon in a dropped voice.

Mistress Mary got up from the log at once. She knew she felt contrary again, and obstinate, and she did not care at all. She was imperious and Indian, and at the same time hot and sorrowful.

"Come with me and I'll show you," she said.

She led him round the laurel path and to the walk where the ivy grew so thickly. Dickon followed her with a queer, almost pitying, look on his face. He felt as if he were being led to look at some strange bird's nest and must move softly. When she stepped to the wall and lifted the hanging ivy he started. There was a door and Mary pushed it slowly open and they passed in together, and then Mary stood and waved her hand round defiantly.

"It's this," she said. "It's a secret garden, and I'm the only one in the world who wants it to be alive."

Dickon looked round and round about it, and round and round again.

"Eh!" he almost whispered, "it is a queer, pretty place! It's like as if a body was in a dream."

CHAPTER 11.

THE NEST OF THE MISSEL THRUSH

For two or three minutes he stood looking round him, while Mary watched him, and then he began to walk about softly, even more lightly than Mary had walked the first time she had found herself inside the four walls. His eyes seemed to be taking in everything—the gray trees with the gray creepers climbing over them and hanging from their branches, the tangle on the walls and among the grass, the evergreen alcoves with the stone seats and tall flower urns standing in them.

"I never thought I'd see this place," he said at last, in a whisper.

"Did you know about it?" asked Mary.

She had spoken aloud and he made a sign to her.

"We must talk low," he said, "or some one'll hear us an' wonder what's to do in here."

"Oh! I forgot!" said Mary, feeling frightened and putting her hand quickly against her mouth. "Did you know about the garden?" she asked again when she had recovered herself. Dickon nodded.

"Martha told me there was one as no one ever went inside," he answered. "Us used to wonder what it was like."

He stopped and looked round at the lovely gray tangle about him, and his round eyes looked queerly happy.

"Eh! the nests as'll be here come springtime," he said. "It'd be th' safest nestin' place in England. No one never comin' near an' tangles o' trees an' roses to build in. I wonder all th' birds on th' moor don't build here."

Mistress Mary put her hand on his arm again without knowing it.

"Will there be roses?" she whispered. "Can you tell? I thought perhaps they were all dead."

"Eh! No! Not them—not all of 'em!" he answered. "Look here!"

He stepped over to the nearest tree—an old, old one with gray lichen all over its bark, but upholding a curtain of tangled sprays and branches. He took a thick knife out of his Pocket and opened one of its blades.

"There's lots o' dead wood as ought to be cut out," he said. "An' there's a lot o' old wood, but it made some new last year. This here's a new bit," and he touched a shoot which looked brownish green instead of hard, dry gray. Mary touched it herself in an eager, reverent way.

"That one?" she said. "Is that one quite alive quite?"

Dickon curved his wide smiling mouth.

"It's as wick as you or me," he said; and Mary remembered that Martha had told her that "wick" meant "alive" or "lively."

"I'm glad it's wick!" she cried out in her whisper. "I want them all to be wick. Let us go round the garden and count how many wick ones there are."

She quite panted with eagerness, and Dickon was as eager as she was. They went from tree to tree and from bush to bush. Dickon carried his knife in his hand and showed her things which she thought wonderful.

"They've run wild," he said, "but th' strongest ones has fair thrived on it. The delicatest ones has died out, but th' others has growed an' growed, an' spread an' spread, till they's a wonder. See here!" and he pulled down a thick gray, dry-looking branch. "A body might think this was dead wood, but I don't believe it is—down to th' root. I'll cut it low down an' see."

He knelt and with his knife cut the lifeless-looking branch through, not far above the earth.

"There!" he said exultantly. "I told thee so. There's green in that wood yet. Look at it."

Mary was down on her knees before he spoke, gazing with all her might.

"When it looks a bit greenish an' juicy like that, it's wick," he explained. "When th' inside is dry an' breaks easy, like this here piece I've cut off, it's done for. There's a big root here as all this live wood sprung out of, an' if th' old wood's cut off an' it's dug round, and took care of there'll be—" he stopped and lifted his face to look up at the climbing and hanging sprays above him—"there'll be a fountain o' roses here this summer."

They went from bush to bush and from tree to tree. He was very strong and clever with his knife and knew how to

cut the dry and dead wood away, and could tell when an unpromising bough or twig had still green life in it. In the course of half an hour Mary thought she could tell too, and when he cut through a lifeless-looking branch she would cry out joyfully under her breath when she caught sight of the least shade of moist green. The spade, and hoe, and fork were very useful. He showed her how to use the fork while he dug about roots with the spade and stirred the earth and let the air in.

They were working industriously round one of the biggest standard roses when he caught sight of something which made him utter an exclamation of surprise.

"Why!" he cried, pointing to the grass a few feet away. "Who did that there?"

It was one of Mary's own little clearings round the pale green points.

"I did it," said Mary.

"Why, I thought tha' didn't know nothin' about gardenin'," he exclaimed.

"I don't," she answered, "but they were so little, and the grass was so thick and strong, and they looked as if they had no room to breathe. So I made a place for them. I don't even know what they are."

Dickon went and knelt down by them, smiling his wide smile.

"Tha' was right," he said. "A gardener couldn't have told thee better. They'll grow now like Jack's bean-stalk."

They're crocuses an' snowdrops, an' these here is narcissuses," turning to another patch, "an here's daffydowndillys. Eh! they will be a sight."

He ran from one clearing to another.

"Tha' has done a lot o' work for such a little wench," he said, looking her over.

"I'm growing fatter," said Mary, "and I'm growing stronger. I used always to be tired. When I dig I'm not tired at all. I like to smell the earth when it's turned up."

"It's rare good for thee," he said, nodding his head wisely. "There's naught as nice as th' smell o' good clean earth, except th' smell o' fresh growin' things when th' rain falls on 'em. I get out on th' moor many a day when it's rainin' an' I lie under a bush an' listen to th' soft swish o' drops on th' heather an' I just sniff an' sniff. My nose end fair quivers like a rabbit's, mother says."

"Do you never catch cold?" inquired Mary, gazing at him wonderingly. She had never seen such a funny boy, or such a nice one.

"Not me," he said, grinning. "I never ketched cold since I was born. I wasn't brought up nesh enough. I've chased about th' moor in all weathers same as th' rabbits does. Mother says I've sniffed up too much fresh air for twelve year' to ever get to sniffin' with cold. I'm as tough as a white-thorn knobstick."

He was working all the time he was talking and Mary was following him and helping him with her fork or the trowel.

"There's a lot of work to do here!" he said once, looking about quite exultantly.

"Will you come again and help me to do it?" Mary begged. "I'm sure I can help, too. I can dig and pull up weeds, and do whatever you tell me. Oh! do come, Dickon!"

"I'll come every day if tha' wants me, rain or shine," he answered stoutly. "It's the best fun I ever had in my life—shut in here an' wakenin' up a garden."

"If you will come," said Mary, "if you will help me to make it alive I'll—I don't know what I'll do," she ended helplessly. What could you do for a boy like that?

"I'll tell thee what tha'll do," said Dickon, with his happy grin. "Tha'll get fat an' tha'll get as hungry as a young fox an' tha'll learn how to talk to th' robin same as I do. Eh! we'll have a lot o' fun."

He began to walk about, looking up in the trees and at the walls and bushes with a thoughtful expression.

"I wouldn't want to make it look like a gardener's garden, all clipped an' spick an' span, would you?" he said. "It's nicer like this with things runnin' wild, an' swingin' an' catchin' hold of each other."

"Don't let us make it tidy," said Mary anxiously. "It wouldn't seem like a secret garden if it was tidy."

Dickon stood rubbing his rusty-red head with a rather puzzled look. "It's a secret garden sure enough," he said, "but seems like some one besides th' robin must have been in it since it was shut up ten year' ago."

"But the door was locked and the key was buried," said Mary. "No one could get in."

"That's true," he answered. "It's a queer place. Seems to me as if there'd been a bit o' prunin' done here an' there, later than ten year' ago."

"But how could it have been done?" said Mary.

He was examining a branch of a standard rose and he shook his head.

"Aye! how could it!" he murmured. "With th' door locked an' th' key buried."

Mistress Mary always felt that however many years she lived she should never forget that first morning when her garden began to grow. Of course, it did seem to begin to grow for her that morning. When Dickon began to clear places to plant seeds, she remembered what Basil had sung at her when he wanted to tease her.

"Are there any flowers that look like bells?" she inquired.

"Lilies o' th' valley does," he answered, digging away with the trowel, "an' there's Canterbury bells, an' campanulas."

"Let's plant some," said Mary. "There's lilies o' th, valley here already; I saw 'em. They'll have growed too

close an' we'll have to separate 'em, but there's plenty. Th' other ones takes two years to bloom from seed, but I can bring you some bits o' plants from our cottage garden. Why does tha' want 'em?"

Then Mary told him about Basil and his brothers and sisters in India and of how she had hated them and of their calling her "Mistress Mary Quite Contrary."

"They used to dance round and sing at me. They sang—

'Mistress Mary, quite contrary,
How does your garden grow?
With silver bells, and cockle shells,
And marigolds all in a row.'

I just remembered it and it made me wonder if there were really flowers like silver bells."

She frowned a little and gave her trowel a rather spiteful dig into the earth.

"I wasn't as contrary as they were."

But Dickon laughed.

"Eh!" he said, and as he crumbled the rich black soil she saw he was sniffing up the scent of it. "There doesn't seem to be no need for no one to be contrary when there's flowers an' such like, an' such lots o' friendly wild things runnin' about makin' homes for themselves, or buildin' nests an' singin' an' whistlin', does there?"

Mary, kneeling by him holding the seeds, looked at him and stopped frowning.

"Dickon," she said, "you are as nice as Martha said you were. I like you, and you make the fifth person. I never thought I should like five people."

Dickon sat up on his heels as Martha did when she was polishing the grate. He did look funny and delightful, Mary thought, with his round blue eyes and red cheeks and happy looking turned-up nose.

"Only five folk as tha' likes?" he said. "Who is th' other four?"

"Your mother and Martha," Mary checked them off on her fingers, "and the robin and Ben Weatherstaff."

Dickon laughed so that he was obliged to stifle the sound by putting his arm over his mouth.

"I know tha' thinks I'm a queer lad," he said, "but I think tha' art th' queerest little lass I ever saw."

Then Mary did a strange thing. She leaned forward and asked him a question she had never dreamed of asking any one before. And she tried to ask it in Yorkshire because that was his language, and in India a native was always pleased if you knew his speech.

"Does tha' like me?" she said.

"Eh!" he answered heartily, "that I does. I likes thee wonderful, an' so does th' robin, I do believe!"

"That's two, then," said Mary. "That's two for me."

And then they began to work harder than ever and more joyfully. Mary was startled and sorry when she heard

the big clock in the courtyard strike the hour of her midday dinner.

"I shall have to go," she said mournfully. "And you will have to go too, won't you?"

Dickon grinned.

"My dinner's easy to carry about with me," he said. "Mother always lets me put a bit o' somethin' in my pocket."

He picked up his coat from the grass and brought out of a pocket a lumpy little bundle tied up in a quite clean, coarse, blue and white handkerchief. It held two thick pieces of bread with a slice of something laid between them.

"It's oftenest naught but bread," he said, "but I've got a fine slice o' fat bacon with it today."

Mary thought it looked a queer dinner, but he seemed ready to enjoy it.

"Run on an' get thy victuals," he said. "I'll be done with mine first. I'll get some more work done before I start back home."

He sat down with his back against a tree.

"I'll call th' robin up," he said, "and give him th' rind o' th' bacon to peck at. They likes a bit o' fat wonderful."

Mary could scarcely bear to leave him. Suddenly it seemed as if he might be a sort of wood fairy who might be gone when she came into the garden again. He seemed too

good to be true. She went slowly half-way to the door in the wall and then she stopped and went back.

"Whatever happens, you—you never would tell?" she said.

His poppy-colored cheeks were distended with his first big bite of bread and bacon, but he managed to smile encouragingly.

"If tha' was a missel thrush an' showed me where thy nest was, does tha' think I'd tell any one? Not me," he said. "Tha' art as safe as a missel thrush."

And she was quite sure she was.

CHAPTER 12.

“MIGHT I HAVE A BIT OF EARTH?”

Mary ran so fast that she was rather out of breath when she reached her room. Her hair was ruffled on her forehead and her cheeks were bright pink. Her dinner was waiting on the table, and Martha was waiting near it.

"Tha's a bit late," she said. "Where has tha' been?"

"I've seen Dickon!" said Mary. "I've seen Dickon!"

"I knew he'd come," said Martha exultantly. "How does tha' like him?"

"I think—I think he's beautiful!" said Mary in a determined voice.

Martha looked rather taken aback but she looked pleased, too.

"Well," she said, "he's th' best lad as ever was born, but us never thought he was handsome. His nose turns up too much."

"I like it to turn up," said Mary.

"An' his eyes is so round," said Martha, a trifle doubtful. "Though they're a nice color." "I like them round," said Mary. "And they are exactly the color of the sky over the moor."

Martha beamed with satisfaction.

"Mother says he made 'em that color with always lookin' up at th' birds an' th' clouds. But he has got a big mouth, hasn't he, now?"

"I love his big mouth," said Mary obstinately. "I wish mine were just like it."

Martha chuckled delightedly.

"It'd look rare an' funny in thy bit of a face," she said. "But I knowed it would be that way when tha' saw him. How did tha' like th' seeds an' th' garden tools?"

"How did you know he brought them?" asked Mary.

"Eh! I never thought of him not bringin' 'em. He'd be sure to bring 'em if they was in Yorkshire. He's such a trusty lad."

Mary was afraid that she might begin to ask difficult questions, but she did not. She was very much interested in the seeds and gardening tools, and there was only one moment when Mary was frightened. This was when she began to ask where the flowers were to be planted.

"Who did tha' ask about it?" she inquired.

"I haven't asked anybody yet," said Mary, hesitating. "Well, I wouldn't ask th' head gardener. He's too grand, Mr. Roach is."

"I've never seen him," said Mary. "I've only seen undergardeners and Ben Weatherstaff."

"If I was you, I'd ask Ben Weatherstaff," advised Martha. "He's not half as bad as he looks, for all he's so crabbed. Mr. Craven lets him do what he likes because he

was here when Mrs. Craven was alive, an' he used to make her laugh. She liked him. Perhaps he'd find you a corner somewhere out o' the way."

"If it was out of the way and no one wanted it, no one could mind my having it, could they?" Mary said anxiously.

"There wouldn't be no reason," answered Martha. "You wouldn't do no harm."

Mary ate her dinner as quickly as she could and when she rose from the table she was going to run to her room to put on her hat again, but Martha stopped her.

"I've got somethin' to tell you," she said. "I thought I'd let you eat your dinner first. Mr. Craven came back this mornin' and I think he wants to see you."

Mary turned quite pale.

"Oh!" she said. "Why! Why! He didn't want to see me when I came. I heard Pitcher say he didn't." "Well," explained Martha, "Mrs. Medlock says it's because o' mother. She was walkin' to Thwaite village an' she met him. She'd never spoke to him before, but Mrs. Craven had been to our cottage two or three times. He'd forgot, but mother hadn't an' she made bold to stop him. I don't know what she said to him about you but she said somethin' as put him in th' mind to see you before he goes away again, tomorrow."

"Oh!" cried Mary, "is he going away tomorrow? I am so glad!"

"He's goin' for a long time. He mayn't come back till autumn or winter. He's goin' to travel in foreign places. He's always doin' it."

"Oh! I'm so glad—so glad!" said Mary thankfully.

If he did not come back until winter, or even autumn, there would be time to watch the secret garden come alive. Even if he found out then and took it away from her she would have had that much at least.

"When do you think he will want to see—"

She did not finish the sentence, because the door opened, and Mrs. Medlock walked in. She had on her best black dress and cap, and her collar was fastened with a large brooch with a picture of a man's face on it. It was a colored photograph of Mr. Medlock who had died years ago, and she always wore it when she was dressed up. She looked nervous and excited.

"Your hair's rough," she said quickly. "Go and brush it. Martha, help her to slip on her best dress. Mr. Craven sent me to bring her to him in his study."

All the pink left Mary's cheeks. Her heart began to thump and she felt herself changing into a stiff, plain, silent child again. She did not even answer Mrs. Medlock, but turned and walked into her bedroom, followed by Martha. She said nothing while her dress was changed, and her hair brushed, and after she was quite tidy she followed Mrs. Medlock down the corridors, in silence. What was there for her to say? She was obliged to go and see Mr.

Craven and he would not like her, and she would not like him. She knew what he would think of her.

She was taken to a part of the house she had not been into before. At last Mrs. Medlock knocked at a door, and when some one said, "Come in," they entered the room together. A man was sitting in an armchair before the fire, and Mrs. Medlock spoke to him.

"This is Miss Mary, sir," she said.

"You can go and leave her here. I will ring for you when I want you to take her away," said Mr. Craven.

When she went out and closed the door, Mary could only stand waiting, a plain little thing, twisting her thin hands together. She could see that the man in the chair was not so much a hunchback as a man with high, rather crooked shoulders, and he had black hair streaked with white. He turned his head over his high shoulders and spoke to her.

"Come here!" he said.

Mary went to him.

He was not ugly. His face would have been handsome if it had not been so miserable. He looked as if the sight of her worried and fretted him and as if he did not know what in the world to do with her.

"Are you well?" he asked.

"Yes," answered Mary.

"Do they take good care of you?"

"Yes."

He rubbed his forehead fretfully as he looked her over.

"You are very thin," he said.

"I am getting fatter," Mary answered in what she knew was her stiffest way.

What an unhappy face he had! His black eyes seemed as if they scarcely saw her, as if they were seeing something else, and he could hardly keep his thoughts upon her.

"I forgot you," he said. "How could I remember you? I intended to send you a governess or a nurse, or some one of that sort, but I forgot."

"Please," began Mary. "Please—" and then the lump in her throat choked her.

"What do you want to say?" he inquired.

"I am—I am too big for a nurse," said Mary. "And please—please don't make me have a governess yet."

He rubbed his forehead again and stared at her.

"That was what the Sowerby woman said," he muttered absentmindedly.

Then Mary gathered a scrap of courage.

"Is she—is she Martha's mother?" she stammered.

"Yes, I think so," he replied.

"She knows about children," said Mary. "She has twelve. She knows."

He seemed to rouse himself.

"What do you want to do?"

"I want to play out of doors," Mary answered, hoping that her voice did not tremble. "I never liked it in India. It makes me hungry here, and I am getting fatter."

He was watching her.

"Mrs. Sowerby said it would do you good. Perhaps it will," he said. "She thought you had better get stronger before you had a governess."

"It makes me feel strong when I play and the wind comes over the moor," argued Mary.

"Where do you play?" he asked next.

"Everywhere," gasped Mary. "Martha's mother sent me a skipping-rope. I skip and run—and I look about to see if things are beginning to stick up out of the earth. I don't do any harm."

"Don't look so frightened," he said in a worried voice. "You could not do any harm, a child like you! You may do what you like."

Mary put her hand up to her throat because she was afraid he might see the excited lump which she felt jump into it. She came a step nearer to him.

"May I?" she said tremulously.

Her anxious little face seemed to worry him more than ever.

"Don't look so frightened," he exclaimed. "Of course you may. I am your guardian, though I am a poor one for any child. I cannot give you time or attention. I am too ill, and wretched and distracted; but I wish you to be happy

and comfortable. I don't know anything about children, but Mrs. Medlock is to see that you have all you need. I sent for you to-day because Mrs. Sowerby said I ought to see you. Her daughter had talked about you. She thought you needed fresh air and freedom and running about."

"She knows all about children," Mary said again in spite of herself.

"She ought to," said Mr. Craven. "I thought her rather bold to stop me on the moor, but she said—Mrs. Craven had been kind to her." It seemed hard for him to speak his dead wife's name. "She is a respectable woman. Now I have seen you I think she said sensible things. Play out of doors as much as you like. It's a big place and you may go where you like and amuse yourself as you like. Is there anything you want?" as if a sudden thought had struck him. "Do you want toys, books, dolls?"

"Might I," quavered Mary, "might I have a bit of earth?"

In her eagerness she did not realize how queer the words would sound and that they were not the ones she had meant to say. Mr. Craven looked quite startled.

"Earth!" he repeated. "What do you mean?"

"To plant seeds in—to make things grow—to see them come alive," Mary faltered.

He gazed at her a moment and then passed his hand quickly over his eyes.

"Do you—care about gardens so much," he said slowly.

"I didn't know about them in India," said Mary. "I was always ill and tired and it was too hot. I sometimes made little beds in the sand and stuck flowers in them. But here it is different."

Mr. Craven got up and began to walk slowly across the room.

"A bit of earth," he said to himself, and Mary thought that somehow she must have reminded him of something. When he stopped and spoke to her his dark eyes looked almost soft and kind.

"You can have as much earth as you want," he said. "You remind me of some one else who loved the earth and things that grow. When you see a bit of earth you want," with something like a smile, "take it, child, and make it come alive."

"May I take it from anywhere—if it's not wanted?"

"Anywhere," he answered. "There! You must go now, I am tired." He touched the bell to call Mrs. Medlock. "Good-by. I shall be away all summer."

Mrs. Medlock came so quickly that Mary thought she must have been waiting in the corridor.

"Mrs. Medlock," Mr. Craven said to her, "now I have seen the child I understand what Mrs. Sowerby meant. She must be less delicate before she begins lessons. Give her simple, healthy food. Let her run wild in the garden. Don't look after her too much. She needs liberty and fresh air and romping about. Mrs. Sowerby is to come and see her

now and then and she may sometimes go to the cottage."

Mrs. Medlock looked pleased. She was relieved to hear that she need not "look after" Mary too much. She had felt her a tiresome charge and had indeed seen as little of her as she dared. In addition to this she was fond of Martha's mother.

"Thank you, sir," she said. "Susan Sowerby and me went to school together and she's as sensible and good-hearted a woman as you'd find in a day's walk. I never had any children myself and she's had twelve, and there never was healthier or better ones. Miss Mary can get no harm from them. I'd always take Susan Sowerby's advice about children myself. She's what you might call healthy-minded—if you understand me."

"I understand," Mr. Craven answered. "Take Miss Mary away now and send Pitcher to me."

When Mrs. Medlock left her at the end of her own corridor Mary flew back to her room. She found Martha waiting there. Martha had, in fact, hurried back after she had removed the dinner service.

"I can have my garden!" cried Mary. "I may have it where I like! I am not going to have a governess for a long time! Your mother is coming to see me and I may go to your cottage! He says a little girl like me could not do any harm and I may do what I like—anywhere!"

"Eh!" said Martha delightedly, "that was nice of him wasn't it?"

"Martha," said Mary solemnly, "he is really a nice man, only his face is so miserable and his forehead is all drawn together."

She ran as quickly as she could to the garden. She had been away so much longer than she had thought she should and she knew Dickon would have to set out early on his five-mile walk. When she slipped through the door under the ivy, she saw he was not working where she had left him. The gardening tools were laid together under a tree. She ran to them, looking all round the place, but there was no Dickon to be seen. He had gone away and the secret garden was empty—except for the robin who had just flown across the wall and sat on a standard rose-bush watching her. "He's gone," she said woefully. "Oh! was he—was he—was he only a wood fairy?"

Something white fastened to the standard rose-bush caught her eye. It was a piece of paper, in fact, it was a piece of the letter she had printed for Martha to send to Dickon. It was fastened on the bush with a long thorn, and in a minute she knew Dickon had left it there. There were some roughly printed letters on it and a sort of picture. At first she could not tell what it was. Then she saw it was meant for a nest with a bird sitting on it. Underneath were the printed letters and they said:

"I will cum bak."

CHAPTER 13.

“I AM COLIN”

Mary took the picture back to the house when she went to her supper and she showed it to Martha. "Eh!" said Martha with great pride. "I never knew our Dickon was as clever as that. That there's a picture of a missel thrush on her nest, as large as life an' twice as natural."

Then Mary knew Dickon had meant the picture to be a message. He had meant that she might be sure he would keep her secret. Her garden was her nest and she was like a missel thrush. Oh, how she did like that queer, common boy!

She hoped he would come back the very next day and she fell asleep looking forward to the morning.

But you never know what the weather will do in Yorkshire, particularly in the springtime. She was awakened in the night by the sound of rain beating with heavy drops against her window. It was pouring down in torrents and the wind was "wuthering" round the corners and in the chimneys of the huge old house. Mary sat up in bed and felt miserable and angry.

"The rain is as contrary as I ever was," she said. "It came because it knew I did not want it."

She threw herself back on her pillow and buried her face. She did not cry, but she lay and hated the sound of the heavily beating rain, she hated the wind and its "wuthering." She could not go to sleep again. The mournful sound kept her awake because she felt mournful herself. If she had felt happy it would probably have lulled her to sleep. How it "wuthered" and how the big raindrops poured down and beat against the pane!

"It sounds just like a person lost on the moor and wandering on and on crying," she said.

She had been lying awake turning from side to side for about an hour, when suddenly something made her sit up in bed and turn her head toward the door listening. She listened and she listened.

"It isn't the wind now," she said in a loud whisper. "That isn't the wind. It is different. It is that crying I heard before."

The door of her room was ajar and the sound came down the corridor, a far-off faint sound of fretful crying. She listened for a few minutes and each minute she became more and more sure. She felt as if she must find out what it was. It seemed even stranger than the secret garden and the buried key. Perhaps the fact that she was in a rebellious mood made her bold. She put her foot out of bed and stood on the floor.

"I am going to find out what it is," she said.
"Everybody is in bed and I don't care about Mrs.
Medlock—I don't care!"

There was a candle by her bedside and she took it up and went softly out of the room. The corridor looked very long and dark, but she was too excited to mind that. She thought she remembered the corners she must turn to find the short corridor with the door covered with tapestry—the one Mrs. Medlock had come through the day she lost herself. The sound had come up that passage. So she went on with her dim light, almost feeling her way, her heart beating so loud that she fancied she could hear it. The far-off faint crying went on and led her. Sometimes it stopped for a moment or so and then began again. Was this the right corner to turn? She stopped and thought. Yes it was. Down this passage and then to the left, and then up two broad steps, and then to the right again. Yes, there was the tapestry door.

She pushed it open very gently and closed it behind her, and she stood in the corridor and could hear the crying quite plainly, though it was not loud. It was on the other side of the wall at her left and a few yards farther on there was a door. She could see a glimmer of light coming from beneath it. The Someone was crying in that room, and it was quite a young Someone.

So she walked to the door and pushed it open, and there she was standing in the room!

It was a big room with ancient, handsome furniture in it. There was a low fire glowing faintly on the hearth and a night light burning by the side of a carved four-posted bed hung with brocade, and on the bed was lying a boy, crying fretfully.

Mary wondered if she was in a real place or if she had fallen asleep again and was dreaming without knowing it.

The boy had a sharp, delicate face the color of ivory and he seemed to have eyes too big for it. He had also a lot of hair which tumbled over his forehead in heavy locks and made his thin face seem smaller. He looked like a boy who had been ill, but he was crying more as if he were tired and cross than as if he were in pain.

Mary stood near the door with her candle in her hand, holding her breath. Then she crept across the room, and, as she drew nearer, the light attracted the boy's attention and he turned his head on his pillow and stared at her, his gray eyes opening so wide that they seemed immense.

"Who are you?" he said at last in a half-frightened whisper. "Are you a ghost?"

"No, I am not," Mary answered, her own whisper sounding half frightened. "Are you one?"

He stared and stared and stared. Mary could not help noticing what strange eyes he had. They were agate gray and they looked too big for his face because they had black lashes all round them.

"No," he replied after waiting a moment or so. "I am Colin."

"Who is Colin?" she faltered.

"I am Colin Craven. Who are you?"

"I am Mary Lennox. Mr. Craven is my uncle."

"He is my father," said the boy.

"Your father!" gasped Mary. "No one ever told me he had a boy! Why didn't they?"

"Come here," he said, still keeping his strange eyes fixed on her with an anxious expression.

She came close to the bed and he put out his hand and touched her.

"You are real, aren't you?" he said. "I have such real dreams very often. You might be one of them."

Mary had slipped on a woolen wrapper before she left her room and she put a piece of it between his fingers.

"Rub that and see how thick and warm it is," she said. "I will pinch you a little if you like, to show you how real I am. For a minute I thought you might be a dream too."

"Where did you come from?" he asked.

"From my own room. The wind wuthered so I couldn't go to sleep and I heard some one crying and wanted to find out who it was. What were you crying for?"

"Because I couldn't go to sleep either and my head ached. Tell me your name again."

"Mary Lennox. Did no one ever tell you I had come to live here?"

He was still fingering the fold of her wrapper, but he began to look a little more as if he believed in her reality.

"No," he answered. "They daren't."

"Why?" asked Mary.

"Because I should have been afraid you would see me. I won't let people see me and talk me over."

"Why?" Mary asked again, feeling more mystified every moment.

"Because I am like this always, ill and having to lie down. My father won't let people talk me over either. The servants are not allowed to speak about me. If I live I may be a hunchback, but I shan't live. My father hates to think I may be like him."

"Oh, what a queer house this is!" Mary said. "What a queer house! Everything is a kind of secret. Rooms are locked up and gardens are locked up—and you! Have you been locked up?"

"No. I stay in this room because I don't want to be moved out of it. It tires me too much."

"Does your father come and see you?" Mary ventured.

"Sometimes. Generally when I am asleep. He doesn't want to see me."

"Why?" Mary could not help asking again.

A sort of angry shadow passed over the boy's face.

"My mother died when I was born and it makes him wretched to look at me. He thinks I don't know, but I've heard people talking. He almost hates me."

"He hates the garden, because she died," said Mary half speaking to herself.

"What garden?" the boy asked.

"Oh! just—just a garden she used to like," Mary stammered. "Have you been here always?" "Nearly always. Sometimes I have been taken to places at the seaside, but I won't stay because people stare at me. I used to wear an iron thing to keep my back straight, but a grand doctor came from London to see me and said it was stupid. He told them to take it off and keep me out in the fresh air. I hate fresh air and I don't want to go out."

"I didn't when first I came here," said Mary. "Why do you keep looking at me like that?"

"Because of the dreams that are so real," he answered rather fretfully. "Sometimes when I open my eyes I don't believe I'm awake."

"We're both awake," said Mary. She glanced round the room with its high ceiling and shadowy corners and dim fire-light. "It looks quite like a dream, and it's the middle of the night, and everybody in the house is asleep—everybody but us. We are wide awake."

"I don't want it to be a dream," the boy said restlessly. Mary thought of something all at once.

"If you don't like people to see you," she began, "do you want me to go away?"

He still held the fold of her wrapper and he gave it a little pull.

"No," he said. "I should be sure you were a dream if you went. If you are real, sit down on that big footstool and talk. I want to hear about you."

Mary put down her candle on the table near the bed and sat down on the cushioned stool. She did not want to go away at all. She wanted to stay in the mysterious hidden-away room and talk to the mysterious boy.

"What do you want me to tell you?" she said.

He wanted to know how long she had been at Misselthwaite; he wanted to know which corridor her room was on; he wanted to know what she had been doing; if she disliked the moor as he disliked it; where she had lived before she came to Yorkshire. She answered all these questions and many more and he lay back on his pillow and listened. He made her tell him a great deal about India and about her voyage across the ocean. She found out that because he had been an invalid he had not learned things as other children had. One of his nurses had taught him to read when he was quite little and he was always reading and looking at pictures in splendid books.

Though his father rarely saw him when he was awake, he was given all sorts of wonderful things to amuse himself with. He never seemed to have been amused, however. He could have anything he asked for and was never made to do anything he did not like to do. "Everyone is obliged to do what pleases me," he said indifferently. "It makes me ill to be angry. No one believes I shall live to grow up."

He said it as if he was so accustomed to the idea that it had ceased to matter to him at all. He seemed to like the sound of Mary's voice. As she went on talking he listened in a drowsy, interested way. Once or twice she wondered if he were not gradually falling into a doze. But at last he asked a question which opened up a new subject.

"How old are you?" he asked.

"I am ten," answered Mary, forgetting herself for the moment, "and so are you."

"How do you know that?" he demanded in a surprised voice.

"Because when you were born the garden door was locked and the key was buried. And it has been locked for ten years."

Colin half sat up, turning toward her, leaning on his elbows.

"What garden door was locked? Who did it? Where was the key buried?" he exclaimed as if he were suddenly very much interested.

"It—it was the garden Mr. Craven hates," said Mary nervously. "He locked the door. No one—no one knew where he buried the key." "What sort of a garden is it?" Colin persisted eagerly.

"No one has been allowed to go into it for ten years," was Mary's careful answer.

But it was too late to be careful. He was too much like herself. He too had had nothing to think about and the

idea of a hidden garden attracted him as it had attracted her. He asked question after question. Where was it? Had she never looked for the door? Had she never asked the gardeners?

"They won't talk about it," said Mary. "I think they have been told not to answer questions."

"I would make them," said Colin.

"Could you?" Mary faltered, beginning to feel frightened. If he could make people answer questions, who knew what might happen!

"Everyone is obliged to please me. I told you that," he said. "If I were to live, this place would sometime belong to me. They all know that. I would make them tell me."

Mary had not known that she herself had been spoiled, but she could see quite plainly that this mysterious boy had been. He thought that the whole world belonged to him. How peculiar he was and how coolly he spoke of not living.

"Do you think you won't live?" she asked, partly because she was curious and partly in hope of making him forget the garden.

"I don't suppose I shall," he answered as indifferently as he had spoken before. "Ever since I remember anything I have heard people say I shan't. At first they thought I was too little to understand and now they think I don't hear. But I do. My doctor is my father's cousin. He is quite poor

and if I die he will have all Misselthwaite when my father is dead. I should think he wouldn't want me to live."

"Do you want to live?" inquired Mary.

"No," he answered, in a cross, tired fashion. "But I don't want to die. When I feel ill I lie here and think about it until I cry and cry."

"I have heard you crying three times," Mary said, "but I did not know who it was. Were you crying about that?" She did so want him to forget the garden.

"I dare say," he answered. "Let us talk about something else. Talk about that garden. Don't you want to see it?"

"Yes," answered Mary, in quite a low voice.

"I do," he went on persistently. "I don't think I ever really wanted to see anything before, but I want to see that garden. I want the key dug up. I want the door unlocked. I would let them take me there in my chair. That would be getting fresh air. I am going to make them open the door."

He had become quite excited and his strange eyes began to shine like stars and looked more immense than ever.

"They have to please me," he said. "I will make them take me there and I will let you go, too."

Mary's hands clutched each other. Everything would be spoiled—everything! Dickon would never come back. She would never again feel like a missel thrush with a safe-hidden nest.

"Oh, don't—don't—don't—don't do that!" she cried out.

He stared as if he thought she had gone crazy!

"Why?" he exclaimed. "You said you wanted to see it."

"I do," she answered almost with a sob in her throat, "but if you make them open the door and take you in like that it will never be a secret again."

He leaned still farther forward.

"A secret," he said. "What do you mean? Tell me."

Mary's words almost tumbled over one another.

"You see—you see," she panted, "if no one knows but ourselves—if there was a door, hidden somewhere under the ivy—if there was—and we could find it; and if we could slip through it together and shut it behind us, and no one knew any one was inside and we called it our garden and pretended that—that we were missel thrushes and it was our nest, and if we played there almost every day and dug and planted seeds and made it all come alive—"

"Is it dead?" he interrupted her.

"It soon will be if no one cares for it," she went on.

"The bulbs will live but the roses—"

He stopped her again as excited as she was herself.

"What are bulbs?" he put in quickly.

"They are daffodils and lilies and snowdrops. They are working in the earth now—pushing up pale green points because the spring is coming."

"Is the spring coming?" he said. "What is it like? You don't see it in rooms if you are ill."

"It is the sun shining on the rain and the rain falling on the sunshine, and things pushing up and working under the earth," said Mary. "If the garden was a secret and we could get into it we could watch the things grow bigger every day, and see how many roses are alive. Don't you see? Oh, don't you see how much nicer it would be if it was a secret?"

He dropped back on his pillow and lay there with an odd expression on his face.

"I never had a secret," he said, "except that one about not living to grow up. They don't know I know that, so it is a sort of secret. But I like this kind better."

"If you won't make them take you to the garden," pleaded Mary, "perhaps—I feel almost sure I can find out how to get in sometime. And then—if the doctor wants you to go out in your chair, and if you can always do what you want to do, perhaps—perhaps we might find some boy who would push you, and we could go alone and it would always be a secret garden."

"I should—like—that," he said very slowly, his eyes looking dreamy. "I should like that. I should not mind fresh air in a secret garden."

Mary began to recover her breath and feel safer because the idea of keeping the secret seemed to please him. She felt almost sure that if she kept on talking and

could make him see the garden in his mind as she had seen it he would like it so much that he could not bear to think that everybody might tramp in to it when they chose.

"I'll tell you what I think it would be like, if we could go into it," she said. "It has been shut up so long things have grown into a tangle perhaps."

He lay quite still and listened while she went on talking about the roses which might have clambered from tree to tree and hung down—about the many birds which might have built their nests there because it was so safe. And then she told him about the robin and Ben Weatherstaff, and there was so much to tell about the robin and it was so easy and safe to talk about it that she ceased to be afraid. The robin pleased him so much that he smiled until he looked almost beautiful, and at first Mary had thought that he was even plainer than herself, with his big eyes and heavy locks of hair.

"I did not know birds could be like that," he said. "But if you stay in a room you never see things. What a lot of things you know. I feel as if you had been inside that garden."

She did not know what to say, so she did not say anything. He evidently did not expect an answer and the next moment he gave her a surprise.

"I am going to let you look at something," he said. "Do you see that rose-colored silk curtain hanging on the wall over the mantel-piece?"

Mary had not noticed it before, but she looked up and saw it. It was a curtain of soft silk hanging over what seemed to be some picture.

"Yes," she answered.

"There is a cord hanging from it," said Colin. "Go and pull it."

Mary got up, much mystified, and found the cord. When she pulled it the silk curtain ran back on rings and when it ran back it uncovered a picture. It was the picture of a girl with a laughing face. She had bright hair tied up with a blue ribbon and her gay, lovely eyes were exactly like Colin's unhappy ones, agate gray and looking twice as big as they really were because of the black lashes all round them.

"She is my mother," said Colin complainingly. "I don't see why she died. Sometimes I hate her for doing it."

"How queer!" said Mary.

"If she had lived I believe I should not have been ill always," he grumbled. "I dare say I should have lived, too. And my father would not have hated to look at me. I dare say I should have had a strong back. Draw the curtain again."

Mary did as she was told and returned to her footstool.

"She is much prettier than you," she said, "but her eyes are just like yours—at least they are the same shape and color. Why is the curtain drawn over her?"

He moved uncomfortably.

"I made them do it," he said. "Sometimes I don't like to see her looking at me. She smiles too much when I am ill and miserable. Besides, she is mine and I don't want everyone to see her." There were a few moments of silence and then Mary spoke.

"What would Mrs. Medlock do if she found out that I had been here?" she inquired.

"She would do as I told her to do," he answered. "And I should tell her that I wanted you to come here and talk to me every day. I am glad you came."

"So am I," said Mary. "I will come as often as I can, but"—she hesitated—"I shall have to look every day for the garden door."

"Yes, you must," said Colin, "and you can tell me about it afterward."

He lay thinking a few minutes, as he had done before, and then he spoke again.

"I think you shall be a secret, too," he said. "I will not tell them until they find out. I can always send the nurse out of the room and say that I want to be by myself. Do you know Martha?"

"Yes, I know her very well," said Mary. "She waits on me."

He nodded his head toward the outer corridor.

"She is the one who is asleep in the other room. The nurse went away yesterday to stay all night with her sister

and she always makes Martha attend to me when she wants to go out. Martha shall tell you when to come here."

Then Mary understood Martha's troubled look when she had asked questions about the crying.

"Martha knew about you all the time?" she said.

"Yes; she often attends to me. The nurse likes to get away from me and then Martha comes."

"I have been here a long time," said Mary. "Shall I go away now? Your eyes look sleepy."

"I wish I could go to sleep before you leave me," he said rather shyly.

"Shut your eyes," said Mary, drawing her footstool closer, "and I will do what my Ayah used to do in India. I will pat your hand and stroke it and sing something quite low."

"I should like that perhaps," he said drowsily.

Somehow she was sorry for him and did not want him to lie awake, so she leaned against the bed and began to stroke and pat his hand and sing a very low little chanting song in Hindustani.

"That is nice," he said more drowsily still, and she went on chanting and stroking, but when she looked at him again his black lashes were lying close against his cheeks, for his eyes were shut and he was fast asleep. So she got up softly, took her candle and crept away without making a sound.

CHAPTER 14.

A YOUNG RAJAH

The moor was hidden in mist when the morning came, and the rain had not stopped pouring down. There could be no going out of doors. Martha was so busy that Mary had no opportunity of talking to her, but in the afternoon she asked her to come and sit with her in the nursery. She came bringing the stocking she was always knitting when she was doing nothing else.

"What's the matter with thee?" she asked as soon as they sat down. "Tha' looks as if tha'd somethin' to say."

"I have. I have found out what the crying was," said Mary.

Martha let her knitting drop on her knee and gazed at her with startled eyes.

"Tha' hasn't!" she exclaimed. "Never!"

"I heard it in the night," Mary went on. "And I got up and went to see where it came from. It was Colin. I found him."

Martha's face became red with fright.

"Eh! Miss Mary!" she said half crying. "Tha' shouldn't have done it—tha' shouldn't! Tha'll get me in trouble. I never told thee nothin' about him—but tha'll get me in trouble. I shall lose my place and what'll mother do!"

"You won't lose your place," said Mary. "He was glad I came. We talked and talked and he said he was glad I came."

"Was he?" cried Martha. "Art tha' sure? Tha' doesn't know what he's like when anything vexes him. He's a big lad to cry like a baby, but when he's in a passion he'll fair scream just to frighten us. He knows us daren't call our souls our own."

"He wasn't vexed," said Mary. "I asked him if I should go away and he made me stay. He asked me questions and I sat on a big footstool and talked to him about India and about the robin and gardens. He wouldn't let me go. He let me see his mother's picture. Before I left him I sang him to sleep."

Martha fairly gasped with amazement.

"I can scarcely believe thee!" she protested. "It's as if tha'd walked straight into a lion's den. If he'd been like he is most times he'd have throwed himself into one of his tantrums and roused th' house. He won't let strangers look at him."

"He let me look at him. I looked at him all the time and he looked at me. We stared!" said Mary.

"I don't know what to do!" cried agitated Martha. "If Mrs. Medlock finds out, she'll think I broke orders and told thee and I shall be packed back to mother."

"He is not going to tell Mrs. Medlock anything about it yet. It's to be a sort of secret just at first," said Mary firmly. "And he says everybody is obliged to do as he pleases."

"Aye, that's true enough—th' bad lad!" sighed Martha, wiping her forehead with her apron.

"He says Mrs. Medlock must. And he wants me to come and talk to him every day. And you are to tell me when he wants me."

"Me!" said Martha; "I shall lose my place—I shall for sure!"

"You can't if you are doing what he wants you to do and everybody is ordered to obey him," Mary argued.

"Does tha' mean to say," cried Martha with wide open eyes, "that he was nice to thee!"

"I think he almost liked me," Mary answered.

"Then tha' must have bewitched him!" decided Martha, drawing a long breath.

"Do you mean Magic?" inquired Mary. "I've heard about Magic in India, but I can't make it. I just went into his room and I was so surprised to see him I stood and stared. And then he turned round and stared at me. And he thought I was a ghost or a dream and I thought perhaps he was. And it was so queer being there alone together in the middle of the night and not knowing about each other. And we began to ask each other questions. And when I asked him if I must go away he said I must not."

"Th' world's comin' to a end!" gasped Martha.

"What is the matter with him?" asked Mary.

"Nobody knows for sure and certain," said Martha. "Mr. Craven went off his head like when he was born. Th' doctors thought he'd have to be put in a 'sylum. It was because Mrs. Craven died like I told you. He wouldn't set eyes on th' baby. He just raved and said it'd be another hunchback like him and it'd better die."

"Is Colin a hunchback?" Mary asked. "He didn't look like one."

"He isn't yet," said Martha. "But he began all wrong. Mother said that there was enough trouble and raging in th' house to set any child wrong. They was afraid his back was weak an' they've always been takin' care of it—keepin' him lyin' down and not lettin' him walk. Once they made him wear a brace but he fretted so he was downright ill. Then a big doctor came to see him an' made them take it off. He talked to th' other doctor quite rough—in a polite way. He said there'd been too much medicine and too much lettin' him have his own way."

"I think he's a very spoiled boy," said Mary.

"He's th' worst young nowt as ever was!" said Martha. "I won't say as he hasn't been ill a good bit. He's had coughs an' colds that's nearly killed him two or three times. Once he had rheumatic fever an' once he had typhoid. Eh! Mrs. Medlock did get a fright then. He'd been out of his head an' she was talkin' to th' nurse, thinkin' he didn't know nothin', an' she said, 'He'll die this time sure

enough, an' best thing for him an' for everybody.' An' she looked at him an' there he was with his big eyes open, starin' at her as sensible as she was herself. She didn't know wha'd happen but he just stared at her an' says, 'You give me some water an' stop talkin'.'

"Do you think he will die?" asked Mary.

"Mother says there's no reason why any child should live that gets no fresh air an' doesn't do nothin' but lie on his back an' read picture-books an' take medicine. He's weak and hates th' trouble o' bein' taken out o' doors, an' he gets cold so easy he says it makes him ill."

Mary sat and looked at the fire. "I wonder," she said slowly, "if it would not do him good to go out into a garden and watch things growing. It did me good."

"One of th' worst fits he ever had," said Martha, "was one time they took him out where the roses is by the fountain. He'd been readin' in a paper about people gettin' somethin' he called 'rose cold' an' he began to sneeze an' said he'd got it an' then a new gardener as didn't know th' rules passed by an' looked at him curious. He threw himself into a passion an' he said he'd looked at him because he was going to be a hunchback. He cried himself into a fever an' was ill all night."

"If he ever gets angry at me, I'll never go and see him again," said Mary.

"He'll have thee if he wants thee," said Martha. "Tha' may as well know that at th' start."

Very soon afterward a bell rang and she rolled up her knitting.

"I dare say th' nurse wants me to stay with him a bit," she said. "I hope he's in a good temper."

She was out of the room about ten minutes and then she came back with a puzzled expression.

"Well, tha' has bewitched him," she said. "He's up on his sofa with his picture-books. He's told the nurse to stay away until six o'clock. I'm to wait in the next room. Th' minute she was gone he called me to him an' says, 'I want Mary Lennox to come and talk to me, and remember you're not to tell any one.' You'd better go as quick as you can."

Mary was quite willing to go quickly. She did not want to see Colin as much as she wanted to see Dickon; but she wanted to see him very much.

There was a bright fire on the hearth when she entered his room, and in the daylight she saw it was a very beautiful room indeed. There were rich colors in the rugs and hangings and pictures and books on the walls which made it look glowing and comfortable even in spite of the gray sky and falling rain. Colin looked rather like a picture himself. He was wrapped in a velvet dressing-gown and sat against a big brocaded cushion. He had a red spot on each cheek.

"Come in," he said. "I've been thinking about you all morning."

"I've been thinking about you, too," answered Mary. "You don't know how frightened Martha is. She says Mrs. Medlock will think she told me about you and then she will be sent away."

He frowned.

"Go and tell her to come here," he said. "She is in the next room."

Mary went and brought her back. Poor Martha was shaking in her shoes. Colin was still frowning.

"Have you to do what I please or have you not?" he demanded.

"I have to do what you please, sir," Martha faltered, turning quite red.

"Has Medlock to do what I please?"

"Everybody has, sir," said Martha.

"Well, then, if I order you to bring Miss Mary to me, how can Medlock send you away if she finds it out?"

"Please don't let her, sir," pleaded Martha.

"I'll send her away if she dares to say a word about such a thing," said Master Craven grandly. "She wouldn't like that, I can tell you."

"Thank you, sir," bobbing a curtsy, "I want to do my duty, sir."

"What I want is your duty" said Colin more grandly still. "I'll take care of you. Now go away."

When the door closed behind Martha, Colin found Mistress Mary gazing at him as if he had set her wondering.

"Why do you look at me like that?" he asked her.

"What are you thinking about?"

"I am thinking about two things."

"What are they? Sit down and tell me."

"This is the first one," said Mary, seating herself on the big stool. "Once in India I saw a boy who was a Rajah. He had rubies and emeralds and diamonds stuck all over him. He spoke to his people just as you spoke to Martha. Everybody had to do everything he told them—in a minute. I think they would have been killed if they hadn't."

"I shall make you tell me about Rajahs presently," he said, "but first tell me what the second thing was."

"I was thinking," said Mary, "how different you are from Dickon."

"Who is Dickon?" he said. "What a queer name!"

She might as well tell him, she thought she could talk about Dickon without mentioning the secret garden. She had liked to hear Martha talk about him. Besides, she longed to talk about him. It would seem to bring him nearer.

"He is Martha's brother. He is twelve years old," she explained. "He is not like any one else in the world. He can charm foxes and squirrels and birds just as the natives in

India charm snakes. He plays a very soft tune on a pipe and they come and listen."

There were some big books on a table at his side and he dragged one suddenly toward him. "There is a picture of a snake-charmer in this," he exclaimed. "Come and look at it."

The book was a beautiful one with superb colored illustrations and he turned to one of them.

"Can he do that?" he asked eagerly.

"He played on his pipe and they listened," Mary explained. "But he doesn't call it Magic. He says it's because he lives on the moor so much and he knows their ways. He says he feels sometimes as if he was a bird or a rabbit himself, he likes them so. I think he asked the robin questions. It seemed as if they talked to each other in soft chirps."

Colin lay back on his cushion and his eyes grew larger and larger and the spots on his cheeks burned.

"Tell me some more about him," he said.

"He knows all about eggs and nests," Mary went on. "And he knows where foxes and badgers and otters live. He keeps them secret so that other boys won't find their holes and frighten them. He knows about everything that grows or lives on the moor."

"Does he like the moor?" said Colin. "How can he when it's such a great, bare, dreary place?"

"It's the most beautiful place," protested Mary. "Thousands of lovely things grow on it and there are thousands of little creatures all busy building nests and making holes and burrows and chipping or singing or squeaking to each other. They are so busy and having such fun under the earth or in the trees or heather. It's their world."

"How do you know all that?" said Colin, turning on his elbow to look at her.

"I have never been there once, really," said Mary suddenly remembering. "I only drove over it in the dark. I thought it was hideous. Martha told me about it first and then Dickon. When Dickon talks about it you feel as if you saw things and heard them and as if you were standing in the heather with the sun shining and the gorse smelling like honey—and all full of bees and butterflies."

"You never see anything if you are ill," said Colin restlessly. He looked like a person listening to a new sound in the distance and wondering what it was.

"You can't if you stay in a room," said Mary.

"I couldn't go on the moor," he said in a resentful tone.

Mary was silent for a minute and then she said something bold.

"You might—sometime."

He moved as if he were startled.

"Go on the moor! How could I? I am going to die."
"How do you know?" said Mary unsympathetically. She didn't like the way he had of talking about dying. She did not feel very sympathetic. She felt rather as if he almost boasted about it.

"Oh, I've heard it ever since I remember," he answered crossly. "They are always whispering about it and thinking I don't notice. They wish I would, too."

Mistress Mary felt quite contrary. She pinched her lips together.

"If they wished I would," she said, "I wouldn't. Who wishes you would?"

"The servants—and of course Dr. Craven because he would get Misselthwaite and be rich instead of poor. He daren't say so, but he always looks cheerful when I am worse. When I had typhoid fever his face got quite fat. I think my father wishes it, too."

"I don't believe he does," said Mary quite obstinately.

That made Colin turn and look at her again.

"Don't you?" he said.

And then he lay back on his cushion and was still, as if he were thinking. And there was quite a long silence. Perhaps they were both of them thinking strange things children do not usually think. "I like the grand doctor from London, because he made them take the iron thing off," said Mary at last "Did he say you were going to die?"

"No."

"What did he say?"

"He didn't whisper," Colin answered. "Perhaps he knew I hated whispering. I heard him say one thing quite aloud. He said, 'The lad might live if he would make up his mind to it. Put him in the humor.' It sounded as if he was in a temper."

"I'll tell you who would put you in the humor, perhaps," said Mary reflecting. She felt as if she would like this thing to be settled one way or the other. "I believe Dickon would. He's always talking about live things. He never talks about dead things or things that are ill. He's always looking up in the sky to watch birds flying—or looking down at the earth to see something growing. He has such round blue eyes and they are so wide open with looking about. And he laughs such a big laugh with his wide mouth—and his cheeks are as red—as red as cherries." She pulled her stool nearer to the sofa and her expression quite changed at the remembrance of the wide curving mouth and wide open eyes.

"See here," she said. "Don't let us talk about dying; I don't like it. Let us talk about living. Let us talk and talk about Dickon. And then we will look at your pictures."

It was the best thing she could have said. To talk about Dickon meant to talk about the moor and about the cottage and the fourteen people who lived in it on sixteen shillings a week—and the children who got fat on the moor grass like the wild ponies. And about Dickon's

mother—and the skipping-rope—and the moor with the sun on it—and about pale green points sticking up out of the black sod. And it was all so alive that Mary talked more than she had ever talked before—and Colin both talked and listened as he had never done either before. And they both began to laugh over nothings as children will when they are happy together. And they laughed so that in the end they were making as much noise as if they had been two ordinary healthy natural ten-year-old creatures—instead of a hard, little, unloving girl and a sickly boy who believed that he was going to die.

They enjoyed themselves so much that they forgot the pictures and they forgot about the time. They had been laughing quite loudly over Ben Weatherstaff and his robin, and Colin was actually sitting up as if he had forgotten about his weak back, when he suddenly remembered something. "Do you know there is one thing we have never once thought of," he said. "We are cousins."

It seemed so queer that they had talked so much and never remembered this simple thing that they laughed more than ever, because they had got into the humor to laugh at anything. And in the midst of the fun the door opened and in walked Dr. Craven and Mrs. Medlock.

Dr. Craven started in actual alarm and Mrs. Medlock almost fell back because he had accidentally bumped against her.

"Good Lord!" exclaimed poor Mrs. Medlock with her eyes almost starting out of her head. "Good Lord!"

"What is this?" said Dr. Craven, coming forward.

"What does it mean?"

Then Mary was reminded of the boy Rajah again. Colin answered as if neither the doctor's alarm nor Mrs. Medlock's terror were of the slightest consequence. He was as little disturbed or frightened as if an elderly cat and dog had walked into the room.

"This is my cousin, Mary Lennox," he said. "I asked her to come and talk to me. I like her. She must come and talk to me whenever I send for her."

Dr. Craven turned reproachfully to Mrs. Medlock. "Oh, sir" she panted. "I don't know how it's happened. There's not a servant on the place tha'd dare to talk—they all have their orders."

"Nobody told her anything," said Colin. "She heard me crying and found me herself. I am glad she came. Don't be silly, Medlock."

Mary saw that Dr. Craven did not look pleased, but it was quite plain that he dare not oppose his patient. He sat down by Colin and felt his pulse.

"I am afraid there has been too much excitement. Excitement is not good for you, my boy," he said.

"I should be excited if she kept away," answered Colin, his eyes beginning to look dangerously sparkling. "I am

better. She makes me better. The nurse must bring up her tea with mine. We will have tea together."

Mrs. Medlock and Dr. Craven looked at each other in a troubled way, but there was evidently nothing to be done.

"He does look rather better, sir," ventured Mrs. Medlock. "But"—thinking the matter over—"he looked better this morning before she came into the room."

"She came into the room last night. She stayed with me a long time. She sang a Hindustani song to me and it made me go to sleep," said Colin. "I was better when I wakened up. I wanted my breakfast. I want my tea now. Tell nurse, Medlock."

Dr. Craven did not stay very long. He talked to the nurse for a few minutes when she came into the room and said a few words of warning to Colin. He must not talk too much; he must not forget that he was ill; he must not forget that he was very easily tired. Mary thought that there seemed to be a number of uncomfortable things he was not to forget.

Colin looked fretful and kept his strange black-lashed eyes fixed on Dr. Craven's face.

"I want to forget it," he said at last. "She makes me forget it. That is why I want her."

Dr. Craven did not look happy when he left the room. He gave a puzzled glance at the little girl sitting on the large stool. She had become a stiff, silent child again as soon as he entered and he could not see what the

attraction was. The boy actually did look brighter, however—and he sighed rather heavily as he went down the corridor.

"They are always wanting me to eat things when I don't want to," said Colin, as the nurse brought in the tea and put it on the table by the sofa. "Now, if you'll eat I will. Those muffins look so nice and hot. Tell me about Rajahs."

CHAPTER 15.

NEST BUILDING

After another week of rain the high arch of blue sky appeared again and the sun which poured down was quite hot. Though there had been no chance to see either the secret garden or Dickon, Mistress Mary had enjoyed herself very much. The week had not seemed long. She had spent hours of every day with Colin in his room, talking about Rajahs or gardens or Dickon and the cottage on the moor. They had looked at the splendid books and pictures and sometimes Mary had read things to Colin, and sometimes he had read a little to her. When he was amused and interested she thought he scarcely looked like an invalid at all, except that his face was so colorless and he was always on the sofa.

"You are a sly young one to listen and get out of your bed to go following things up like you did that night," Mrs. Medlock said once. "But there's no saying it's not been a sort of blessing to the lot of us. He's not had a tantrum or a whining fit since you made friends. The nurse was just going to give up the case because she was so sick of him, but she says she doesn't mind staying now you've gone on duty with her," laughing a little.

In her talks with Colin, Mary had tried to be very cautious about the secret garden. There were certain

things she wanted to find out from him, but she felt that she must find them out without asking him direct questions. In the first place, as she began to like to be with him, she wanted to discover whether he was the kind of boy you could tell a secret to. He was not in the least like Dickon, but he was evidently so pleased with the idea of a garden no one knew anything about that she thought perhaps he could be trusted. But she had not known him long enough to be sure. The second thing she wanted to find out was this: If he could be trusted—if he really could—wouldn't it be possible to take him to the garden without having any one find it out? The grand doctor had said that he must have fresh air and Colin had said that he would not mind fresh air in a secret garden. Perhaps if he had a great deal of fresh air and knew Dickon and the robin and saw things growing he might not think so much about dying. Mary had seen herself in the glass sometimes lately when she had realized that she looked quite a different creature from the child she had seen when she arrived from India. This child looked nicer. Even Martha had seen a change in her.

"Th' air from th' moor has done thee good already," she had said. "Tha'rt not nigh so yeller and tha'rt not nigh so scrawny. Even tha' hair doesn't slump down on tha' head so flat. It's got some life in it so as it sticks out a bit."

"It's like me," said Mary. "It's growing stronger and fatter. I'm sure there's more of it."

"It looks it, for sure," said Martha, ruffling it up a little round her face. "Tha'rt not half so ugly when it's that way an' there's a bit o' red in tha' cheeks."

If gardens and fresh air had been good for her perhaps they would be good for Colin. But then, if he hated people to look at him, perhaps he would not like to see Dickon.

"Why does it make you angry when you are looked at?" she inquired one day.

"I always hated it," he answered, "even when I was very little. Then when they took me to the seaside and I used to lie in my carriage everybody used to stare and ladies would stop and talk to my nurse and then they would begin to whisper and I knew then they were saying I shouldn't live to grow up. Then sometimes the ladies would pat my cheeks and say 'Poor child!' Once when a lady did that I screamed out loud and bit her hand. She was so frightened she ran away."

"She thought you had gone mad like a dog," said Mary, not at all admiringly.

"I don't care what she thought," said Colin, frowning.

"I wonder why you didn't scream and bite me when I came into your room?" said Mary. Then she began to smile slowly.

"I thought you were a ghost or a dream," he said. "You can't bite a ghost or a dream, and if you scream they don't care."

"Would you hate it if—if a boy looked at you?" Mary asked uncertainly.

He lay back on his cushion and paused thoughtfully.

"There's one boy," he said quite slowly, as if he were thinking over every word, "there's one boy I believe I shouldn't mind. It's that boy who knows where the foxes live—Dickon."

"I'm sure you wouldn't mind him," said Mary.

"The birds don't and other animals," he said, still thinking it over, "perhaps that's why I shouldn't. He's a sort of animal charmer and I am a boy animal."

Then he laughed and she laughed too; in fact it ended in their both laughing a great deal and finding the idea of a boy animal hiding in his hole very funny indeed.

What Mary felt afterward was that she need not fear about Dickon.

On that first morning when the sky was blue again Mary wakened very early. The sun was pouring in slanting rays through the blinds and there was something so joyous in the sight of it that she jumped out of bed and ran to the window. She drew up the blinds and opened the window itself and a great waft of fresh, scented air blew in upon her. The moor was blue and the whole world looked as if something Magic had happened to it. There were tender little fluting sounds here and there and everywhere, as if scores of birds were beginning to tune up for a concert.

Mary put her hand out of the window and held it in the sun.

"It's warm—warm!" she said. "It will make the green points push up and up and up, and it will make the bulbs and roots work and struggle with all their might under the earth."

She kneeled down and leaned out of the window as far as she could, breathing big breaths and sniffing the air until she laughed because she remembered what Dickon's mother had said about the end of his nose quivering like a rabbit's. "It must be very early," she said. "The little clouds are all pink and I've never seen the sky look like this. No one is up. I don't even hear the stable boys."

A sudden thought made her scramble to her feet.

"I can't wait! I am going to see the garden!"

She had learned to dress herself by this time and she put on her clothes in five minutes. She knew a small side door which she could unbolt herself and she flew downstairs in her stocking feet and put on her shoes in the hall. She unchained and unbolted and unlocked and when the door was open she sprang across the step with one bound, and there she was standing on the grass, which seemed to have turned green, and with the sun pouring down on her and warm sweet wafts about her and the fluting and twittering and singing coming from every bush and tree. She clasped her hands for pure joy and looked up in the sky and it was so blue and pink and pearly and white

and flooded with springtime light that she felt as if she must flute and sing aloud herself and knew that thrushes and robins and skylarks could not possibly help it. She ran around the shrubs and paths towards the secret garden.

"It is all different already," she said. "The grass is greener and things are sticking up everywhere and things are uncurling and green buds of leaves are showing. This afternoon I am sure Dickon will come."

The long warm rain had done strange things to the herbaceous beds which bordered the walk by the lower wall. There were things sprouting and pushing out from the roots of clumps of plants and there were actually here and there glimpses of royal purple and yellow unfurling among the stems of crocuses. Six months before Mistress Mary would not have seen how the world was waking up, but now she missed nothing.

When she had reached the place where the door hid itself under the ivy, she was startled by a curious loud sound. It was the caw—caw of a crow and it came from the top of the wall, and when she looked up, there sat a big glossy-plumaged blue-black bird, looking down at her very wisely indeed. She had never seen a crow so close before and he made her a little nervous, but the next moment he spread his wings and flapped away across the garden. She hoped he was not going to stay inside and she pushed the door open wondering if he would. When she got fairly into the garden she saw that he probably did intend to stay

because he had alighted on a dwarf apple-tree and under the apple-tree was lying a little reddish animal with a Bushy tail, and both of them were watching the stooping body and rust-red head of Dickon, who was kneeling on the grass working hard.

Mary flew across the grass to him.

"Oh, Dickon! Dickon!" she cried out. "How could you get here so early! How could you! The sun has only just got up!"

He got up himself, laughing and glowing, and tousled; his eyes like a bit of the sky.

"Eh!" he said. "I was up long before him. How could I have stayed abed! Th' world's all fair begun again this mornin', it has. An' it's workin' an' hummin' an' scratchin' an' pipin' an' nest-buildin' an' breathin' out scents, till you've got to be out on it 'stead o' lyin' on your back. When th' sun did jump up, th' moor went mad for joy, an' I was in the midst of th' heather, an' I run like mad myself, shoutin' an' singin'. An' I come straight here. I couldn't have stayed away. Why, th' garden was lyin' here waitin'!"

Mary put her hands on her chest, panting, as if she had been running herself.

"Oh, Dickon! Dickon!" she said. "I'm so happy I can scarcely breathe!"

Seeing him talking to a stranger, the little bushy-tailed animal rose from its place under the tree and

came to him, and the rook, cawing once, flew down from its branch and settled quietly on his shoulder.

"This is th' little fox cub," he said, rubbing the little reddish animal's head. "It's named Captain. An' this here's Soot. Soot he flew across th' moor with me an' Captain he run same as if th' hounds had been after him. They both felt same as I did."

Neither of the creatures looked as if he were the least afraid of Mary. When Dickon began to walk about, Soot stayed on his shoulder and Captain trotted quietly close to his side.

"See here!" said Dickon. "See how these has pushed up, an' these an' these! An' Eh! Look at these here!"

He threw himself upon his knees and Mary went down beside him. They had come upon a whole clump of crocuses burst into purple and orange and gold. Mary bent her face down and kissed and kissed them.

"You never kiss a person in that way," she said when she lifted her head. "Flowers are so different."

He looked puzzled but smiled.

"Eh!" he said, "I've kissed mother many a time that way when I come in from th' moor after a day's roamin' an' she stood there at th' door in th' sun, lookin' so glad an' comfortable." They ran from one part of the garden to another and found so many wonders that they were obliged to remind themselves that they must whisper or speak low. He showed her swelling leafbuds on rose

branches which had seemed dead. He showed her ten thousand new green points pushing through the mould. They put their eager young noses close to the earth and sniffed its warmed springtime breathing; they dug and pulled and laughed low with rapture until Mistress Mary's hair was as tumbled as Dickon's and her cheeks were almost as poppy red as his.

There was every joy on earth in the secret garden that morning, and in the midst of them came a delight more delightful than all, because it was more wonderful. Swiftly something flew across the wall and darted through the trees to a close grown corner, a little flare of red-breasted bird with something hanging from its beak. Dickon stood quite still and put his hand on Mary almost as if they had suddenly found themselves laughing in a church.

"We munnot stir," he whispered in broad Yorkshire. "We munnot scarce breathe. I knowed he was mate-huntin' when I seed him last. It's Ben Weatherstaff's robin. He's buildin' his nest. He'll stay here if us don't fight him." They settled down softly upon the grass and sat there without moving.

"Us mustn't seem as if us was watchin' him too close," said Dickon. "He'd be out with us for good if he got th' notion us was interferin' now. He'll be a good bit different till all this is over. He's settin' up housekeepin'. He'll be shyer an' readier to take things ill. He's got no time for visitin' an' gossipin'. Us must keep still a bit an' try to look

as if us was grass an' trees an' bushes. Then when he's got used to seein' us I'll chirp a bit an' he'll know us'll not be in his way."

Mistress Mary was not at all sure that she knew, as Dickon seemed to, how to try to look like grass and trees and bushes. But he had said the queer thing as if it were the simplest and most natural thing in the world, and she felt it must be quite easy to him, and indeed she watched him for a few minutes carefully, wondering if it was possible for him to quietly turn green and put out branches and leaves. But he only sat wonderfully still, and when he spoke dropped his voice to such a softness that it was curious that she could hear him, but she could.

"It's part o' th' springtime, this nest-buildin' is," he said. "I warrant it's been goin' on in th' same way every year since th' world was begun. They've got their way o' thinkin' and doin' things an' a body had better not meddle. You can lose a friend in springtime easier than any other season if you're too curious."

"If we talk about him I can't help looking at him," Mary said as softly as possible. "We must talk of something else. There is something I want to tell you."

"He'll like it better if us talks o' somethin' else," said Dickon. "What is it tha's got to tell me?"

"Well—do you know about Colin?" she whispered.

He turned his head to look at her.

"What does tha' know about him?" he asked.

"I've seen him. I have been to talk to him every day this week. He wants me to come. He says I'm making him forget about being ill and dying," answered Mary.

Dickon looked actually relieved as soon as the surprise died away from his round face.

"I am glad o' that," he exclaimed. "I'm right down glad. It makes me easier. I knowed I must say nothin' about him an' I don't like havin' to hide things."

"Don't you like hiding the garden?" said Mary.

"I'll never tell about it," he answered. "But I says to mother, 'Mother,' I says, 'I got a secret to keep. It's not a bad 'un, tha' knows that. It's no worse than hidin' where a bird's nest is. Tha' doesn't mind it, does tha'?"

Mary always wanted to hear about mother.

"What did she say?" she asked, not at all afraid to hear.

Dickon grinned sweet-temperedly.

"It was just like her, what she said," he answered. "She give my head a bit of a rub an' laughed an' she says, 'Eh, lad, tha' can have all th' secrets tha' likes. I've knowed thee twelve year.'"

"How did you know about Colin?" asked Mary.

"Everybody as knowed about Mester Craven knowed there was a little lad as was like to be a cripple, an' they knowed Mester Craven didn't like him to be talked about. Folks is sorry for Mester Craven because Mrs. Craven was such a pretty young lady an' they was so fond of each

other. Mrs. Medlock stops in our cottage whenever she goes to Thwaite an' she doesn't mind talkin' to mother before us children, because she knows us has been brought up to be trusty. How did tha' find out about him? Martha was in fine trouble th' last time she came home. She said tha'd heard him frettin' an' tha' was askin' questions an' she didn't know what to say."

Mary told him her story about the midnight wuthering of the wind which had wakened her and about the faint far-off sounds of the complaining voice which had led her down the dark corridors with her candle and had ended with her opening of the door of the dimly lighted room with the carved four-posted bed in the corner. When she described the small ivory-white face and the strange black-rimmed eyes Dickon shook his head.

"Them's just like his mother's eyes, only hers was always laughin', they say," he said. "They say as Mr. Craven can't bear to see him when he's awake an' it's because his eyes is so like his mother's an' yet looks so different in his miserable bit of a face."

"Do you think he wants to die?" whispered Mary.

"No, but he wishes he'd never been born. Mother she says that's th' worst thing on earth for a child. Them as is not wanted scarce ever thrives. Mester Craven he'd buy anythin' as money could buy for th' poor lad but he'd like to forget as he's on earth. For one thing, he's afraid he'll look at him some day and find he's growed hunchback."

"Colin's so afraid of it himself that he won't sit up," said Mary. "He says he's always thinking that if he should feel a lump coming he should go crazy and scream himself to death."

"Eh! he oughtn't to lie there thinkin' things like that," said Dickon. "No lad could get well as thought them sort o' things."

The fox was lying on the grass close by him, looking up to ask for a pat now and then, and Dickon bent down and rubbed his neck softly and thought a few minutes in silence. Presently he lifted his head and looked round the garden.

"When first we got in here," he said, "it seemed like everything was gray. Look round now and tell me if tha' doesn't see a difference."

Mary looked and caught her breath a little.

"Why!" she cried, "the gray wall is changing. It is as if a green mist were creeping over it. It's almost like a green gauze veil."

"Aye," said Dickon. "An' it'll be greener and greener till th' gray's all gone. Can tha' guess what I was thinkin'?"

"I know it was something nice," said Mary eagerly. "I believe it was something about Colin."

"I was thinkin' that if he was out here he wouldn't be watchin' for lumps to grow on his back; he'd be watchin' for buds to break on th' rose-bushes, an' he'd likely be healthier," explained Dickon. "I was wonderin' if us could

ever get him in th' humor to come out here an' lie under th' trees in his carriage."

"I've been wondering that myself. I've thought of it almost every time I've talked to him," said Mary. "I've wondered if he could keep a secret and I've wondered if we could bring him here without any one seeing us. I thought perhaps you could push his carriage. The doctor said he must have fresh air and if he wants us to take him out no one dare disobey him. He won't go out for other people and perhaps they will be glad if he will go out with us. He could order the gardeners to keep away so they wouldn't find out."

Dickon was thinking very hard as he scratched Captain's back.

"It'd be good for him, I'll warrant," he said. "Us'd not be thinkin' he'd better never been born. Us'd be just two children watchin' a garden grow, an' he'd be another. Two lads an' a little lass just lookin' on at th' springtime. I warrant it'd be better than doctor's stuff."

"He's been lying in his room so long and he's always been so afraid of his back that it has made him queer," said Mary. "He knows a good many things out of books but he doesn't know anything else. He says he has been too ill to notice things and he hates going out of doors and hates gardens and gardeners. But he likes to hear about this garden because it is a secret. I daren't tell him much but he said he wanted to see it."

"Us'll have him out here sometime for sure," said Dickon. "I could push his carriage well enough. Has tha' noticed how th' robin an' his mate has been workin' while we've been sittin' here? Look at him perched on that branch wonderin' where it'd be best to put that twig he's got in his beak."

He made one of his low whistling calls and the robin turned his head and looked at him inquiringly, still holding his twig. Dickon spoke to him as Ben Weatherstaff did, but Dickon's tone was one of friendly advice.

"Wheres'ever tha' puts it," he said, "it'll be all right. Tha' knew how to build tha' nest before tha' came out o' th' egg. Get on with thee, lad. Tha'st got no time to lose."

"Oh, I do like to hear you talk to him!" Mary said, laughing delightedly. "Ben Weatherstaff scolds him and makes fun of him, and he hops about and looks as if he understood every word, and I know he likes it. Ben Weatherstaff says he is so conceited he would rather have stones thrown at him than not be noticed."

Dickon laughed too and went on talking.

"Tha' knows us won't trouble thee," he said to the robin. "Us is near bein' wild things ourselves. Us is nest-buildin' too, bless thee. Look out tha' doesn't tell on us."

And though the robin did not answer, because his beak was occupied, Mary knew that when he flew away with his twig to his own corner of the garden the darkness

of his dew-bright eye meant that he would not tell their secret for the world.

CHAPTER 16.

"I WON'T!" SAID MARY

They found a great deal to do that morning and Mary was late in returning to the house and was also in such a hurry to get back to her work that she quite forgot Colin until the last moment.

"Tell Colin that I can't come and see him yet," she said to Martha. "I'm very busy in the garden."

Martha looked rather frightened.

"Eh! Miss Mary," she said, "it may put him all out of humor when I tell him that."

But Mary was not as afraid of him as other people were and she was not a self-sacrificing person.

"I can't stay," she answered. "Dickon's waiting for me;" and she ran away.

The afternoon was even lovelier and busier than the morning had been. Already nearly all the weeds were cleared out of the garden and most of the roses and trees had been pruned or dug about. Dickon had brought a spade of his own and he had taught Mary to use all her tools, so that by this time it was plain that though the lovely wild place was not likely to become a "gardener's garden" it would be a wilderness of growing things before the springtime was over.

"There'll be apple blossoms an' cherry blossoms overhead," Dickon said, working away with all his might. "An' there'll be peach an' plum trees in bloom against th' walls, an' th' grass'll be a carpet o' flowers."

The little fox and the rook were as happy and busy as they were, and the robin and his mate flew backward and forward like tiny streaks of lightning. Sometimes the rook flapped his black wings and soared away over the tree-tops in the park. Each time he came back and perched near Dickon and cawed several times as if he were relating his adventures, and Dickon talked to him just as he had talked to the robin. Once when Dickon was so busy that he did not answer him at first, Soot flew on to his shoulders and gently tweaked his ear with his large beak. When Mary wanted to rest a little Dickon sat down with her under a tree and once he took his pipe out of his pocket and played the soft strange little notes and two squirrels appeared on the wall and looked and listened.

"Tha's a good bit stronger than tha' was," Dickon said, looking at her as she was digging. "Tha's beginning to look different, for sure."

Mary was glowing with exercise and good spirits.

"I'm getting fatter and fatter every day," she said quite exultantly. "Mrs. Medlock will have to get me some bigger dresses. Martha says my hair is growing thicker. It isn't so flat and stringy."

The sun was beginning to set and sending deep gold-colored rays slanting under the trees when they parted.

"It'll be fine tomorrow," said Dickon. "I'll be at work by sunrise."

"So will I," said Mary.

She ran back to the house as quickly as her feet would carry her. She wanted to tell Colin about Dickon's fox cub and the rook and about what the springtime had been doing. She felt sure he would like to hear. So it was not very pleasant when she opened the door of her room, to see Martha standing waiting for her with a doleful face.

"What is the matter?" she asked. "What did Colin say when you told him I couldn't come?"

"Eh!" said Martha, "I wish tha'd gone. He was nigh goin' into one o' his tantrums. There's been a nice to do all afternoon to keep him quiet. He would watch the clock all th' time."

Mary's lips pinched themselves together. She was no more used to considering other people than Colin was and she saw no reason why an ill-tempered boy should interfere with the thing she liked best. She knew nothing about the pitifulness of people who had been ill and nervous and who did not know that they could control their tempers and need not make other people ill and nervous, too. When she had had a headache in India she had done her best to see that everybody else also had a

headache or something quite as bad. And she felt she was quite right; but of course now she felt that Colin was quite wrong.

He was not on his sofa when she went into his room. He was lying flat on his back in bed and he did not turn his head toward her as she came in. This was a bad beginning and Mary marched up to him with her stiff manner.

"Why didn't you get up?" she said.

"I did get up this morning when I thought you were coming," he answered, without looking at her. "I made them put me back in bed this afternoon. My back ached and my head ached and I was tired. Why didn't you come?" "I was working in the garden with Dickon," said Mary.

Colin frowned and condescended to look at her.

"I won't let that boy come here if you go and stay with him instead of coming to talk to me," he said.

Mary flew into a fine passion. She could fly into a passion without making a noise. She just grew sour and obstinate and did not care what happened.

"If you send Dickon away, I'll never come into this room again!" she retorted.

"You'll have to if I want you," said Colin.

"I won't!" said Mary.

"I'll make you," said Colin. "They shall drag you in."

"Shall they, Mr. Rajah!" said Mary fiercely. "They may drag me in but they can't make me talk when they get me

here. I'll sit and clench my teeth and never tell you one thing. I won't even look at you. I'll stare at the floor!"

They were a nice agreeable pair as they glared at each other. If they had been two little street boys they would have sprung at each other and had a rough-and-tumble fight. As it was, they did the next thing to it.

"You are a selfish thing!" cried Colin.

"What are you?" said Mary. "Selfish people always say that. Any one is selfish who doesn't do what they want. You're more selfish than I am. You're the most selfish boy I ever saw."

"I'm not!" snapped Colin. "I'm not as selfish as your fine Dickon is! He keeps you playing in the dirt when he knows I am all by myself. He's selfish, if you like!"

Mary's eyes flashed fire.

"He's nicer than any other boy that ever lived!" she said. "He's—he's like an angel!" It might sound rather silly to say that but she did not care.

"A nice angel!" Colin sneered ferociously. "He's a common cottage boy off the moor!"

"He's better than a common Rajah!" retorted Mary. "He's a thousand times better!"

Because she was the stronger of the two she was beginning to get the better of him. The truth was that he had never had a fight with any one like himself in his life and, upon the whole, it was rather good for him, though neither he nor Mary knew anything about that. He turned

his head on his pillow and shut his eyes and a big tear was squeezed out and ran down his cheek. He was beginning to feel pathetic and sorry for himself—not for any one else.

"I'm not as selfish as you, because I'm always ill, and I'm sure there is a lump coming on my back," he said. "And I am going to die besides."

"You're not!" contradicted Mary unsympathetically.

He opened his eyes quite wide with indignation. He had never heard such a thing said before. He was at once furious and slightly pleased, if a person could be both at one time.

"I'm not?" he cried. "I am! You know I am! Everybody says so."

"I don't believe it!" said Mary sourly. "You just say that to make people sorry. I believe you're proud of it. I don't believe it! If you were a nice boy it might be true—but you're too nasty!"

In spite of his invalid back Colin sat up in bed in quite a healthy rage.

"Get out of the room!" he shouted and he caught hold of his pillow and threw it at her. He was not strong enough to throw it far and it only fell at her feet, but Mary's face looked as pinched as a nutcracker.

"I'm going," she said. "And I won't come back!" She walked to the door and when she reached it she turned round and spoke again.

"I was going to tell you all sorts of nice things," she said. "Dickon brought his fox and his rook and I was going to tell you all about them. Now I won't tell you a single thing!"

She marched out of the door and closed it behind her, and there to her great astonishment she found the trained nurse standing as if she had been listening and, more amazing still—she was laughing. She was a big handsome young woman who ought not to have been a trained nurse at all, as she could not bear invalids and she was always making excuses to leave Colin to Martha or any one else who would take her place. Mary had never liked her, and she simply stood and gazed up at her as she stood giggling into her handkerchief..

"What are you laughing at?" she asked her.

"At you two young ones," said the nurse. "It's the best thing that could happen to the sickly pampered thing to have some one to stand up to him that's as spoiled as himself;" and she laughed into her handkerchief again. "If he'd had a young vixen of a sister to fight with it would have been the saving of him."

"Is he going to die?"

"I don't know and I don't care," said the nurse.

"Hysterics and temper are half what ails him."

"What are hysterics?" asked Mary.

"You'll find out if you work him into a tantrum after this—but at any rate you've given him something to have hysterics about, and I'm glad of it."

Mary went back to her room not feeling at all as she had felt when she had come in from the garden. She was cross and disappointed but not at all sorry for Colin. She had looked forward to telling him a great many things and she had meant to try to make up her mind whether it would be safe to trust him with the great secret. She had been beginning to think it would be, but now she had changed her mind entirely. She would never tell him and he could stay in his room and never get any fresh air and die if he liked! It would serve him right! She felt so sour and unrelenting that for a few minutes she almost forgot about Dickon and the green veil creeping over the world and the soft wind blowing down from the moor.

Martha was waiting for her and the trouble in her face had been temporarily replaced by interest and curiosity. There was a wooden box on the table and its cover had been removed and revealed that it was full of neat packages.

"Mr. Craven sent it to you," said Martha. "It looks as if it had picture-books in it."

Mary remembered what he had asked her the day she had gone to his room. "Do you want anything—dolls—toys—books?" She opened the package wondering if he had sent a doll, and also wondering what

she should do with it if he had. But he had not sent one. There were several beautiful books such as Colin had, and two of them were about gardens and were full of pictures. There were two or three games and there was a beautiful little writing-case with a gold monogram on it and a gold pen and inkstand.

Everything was so nice that her pleasure began to crowd her anger out of her mind. She had not expected him to remember her at all and her hard little heart grew quite warm.

"I can write better than I can print," she said, "and the first thing I shall write with that pen will be a letter to tell him I am much obliged."

If she had been friends with Colin she would have run to show him her presents at once, and they would have looked at the pictures and read some of the gardening books and perhaps tried playing the games, and he would have enjoyed himself so much he would never once have thought he was going to die or have put his hand on his spine to see if there was a lump coming. He had a way of doing that which she could not bear. It gave her an uncomfortable frightened feeling because he always looked so frightened himself. He said that if he felt even quite a little lump some day he should know his hunch had begun to grow. Something he had heard Mrs. Medlock whispering to the nurse had given him the idea and he had thought over it in secret until it was quite firmly fixed in

his mind. Mrs. Medlock had said his father's back had begun to show its crookedness in that way when he was a child. He had never told any one but Mary that most of his "tantrums" as they called them grew out of his hysterical hidden fear. Mary had been sorry for him when he had told her.

"He always began to think about it when he was cross or tired," she said to herself. "And he has been cross today. Perhaps—perhaps he has been thinking about it all afternoon."

She stood still, looking down at the carpet and thinking.

"I said I would never go back again—" she hesitated, knitting her brows—"but perhaps, just perhaps, I will go and see—if he wants me—in the morning. Perhaps he'll try to throw his pillow at me again, but—I think—I'll go."

CHAPTER 17.

A TANTRUM

She had got up very early in the morning and had worked hard in the garden and she was tired and sleepy, so as soon as Martha had brought her supper and she had eaten it, she was glad to go to bed. As she laid her head on the pillow she murmured to herself:

"I'll go out before breakfast and work with Dickon and then afterward—I believe—I'll go to see him."

She thought it was the middle of the night when she was awakened by such dreadful sounds that she jumped out of bed in an instant. What was it—what was it? The next minute she felt quite sure she knew. Doors were opened and shut and there were hurrying feet in the corridors and some one was crying and screaming at the same time, screaming and crying in a horrible way.

"It's Colin," she said. "He's having one of those tantrums the nurse called hysterics. How awful it sounds."

As she listened to the sobbing screams she did not wonder that people were so frightened that they gave him his own way in everything rather than hear them. She put her hands over her ears and felt sick and shivering.

"I don't know what to do. I don't know what to do," she kept saying. "I can't bear it."

Once she wondered if he would stop if she dared go to him and then she remembered how he had driven her out of the room and thought that perhaps the sight of her might make him worse. Even when she pressed her hands more tightly over her ears she could not keep the awful sounds out. She hated them so and was so terrified by them that suddenly they began to make her angry and she felt as if she should like to fly into a tantrum herself and frighten him as he was frightening her. She was not used to any one's tempers but her own. She took her hands from her ears and sprang up and stamped her foot.

"He ought to be stopped! Somebody ought to make him stop! Somebody ought to beat him!" she cried out.

Just then she heard feet almost running down the corridor and her door opened and the nurse came in. She was not laughing now by any means. She even looked rather pale.

"He's worked himself into hysterics," she said in a great hurry. "He'll do himself harm. No one can do anything with him. You come and try, like a good child. He likes you."

"He turned me out of the room this morning," said Mary, stamping her foot with excitement.

The stamp rather pleased the nurse. The truth was that she had been afraid she might find Mary crying and hiding her head under the bed-clothes.

"That's right," she said. "You're in the right humor. You go and scold him. Give him something new to think of. Do go, child, as quick as ever you can."

It was not until afterward that Mary realized that the thing had been funny as well as dreadful—that it was funny that all the grown-up people were so frightened that they came to a little girl just because they guessed she was almost as bad as Colin himself.

She flew along the corridor and the nearer she got to the screams the higher her temper mounted. She felt quite wicked by the time she reached the door. She slapped it open with her hand and ran across the room to the four-posted bed.

"You stop!" she almost shouted. "You stop! I hate you! Everybody hates you! I wish everybody would run out of the house and let you scream yourself to death! You will scream yourself to death in a minute, and I wish you would!" A nice sympathetic child could neither have thought nor said such things, but it just happened that the shock of hearing them was the best possible thing for this hysterical boy whom no one had ever dared to restrain or contradict.

He had been lying on his face beating his pillow with his hands and he actually almost jumped around, he turned so quickly at the sound of the furious little voice. His face looked dreadful, white and red and swollen, and

he was gasping and choking; but savage little Mary did not care an atom.

"If you scream another scream," she said, "I'll scream too—and I can scream louder than you can and I'll frighten you, I'll frighten you!"

He actually had stopped screaming because she had startled him so. The scream which had been coming almost choked him. The tears were streaming down his face and he shook all over.

"I can't stop!" he gasped and sobbed. "I can't—I can't!"

"You can!" shouted Mary. "Half that ails you is hysterics and temper—just hysterics—hysterics—hysterics!" and she stamped each time she said it.

"I felt the lump—I felt it," choked out Colin. "I knew I should. I shall have a hunch on my back and then I shall die," and he began to writhe again and turned on his face and sobbed and wailed but he didn't scream.

"You didn't feel a lump!" contradicted Mary fiercely. "If you did it was only a hysterical lump. Hysterics makes lumps. There's nothing the matter with your horrid back—nothing but hysterics! Turn over and let me look at it!"

She liked the word "hysterics" and felt somehow as if it had an effect on him. He was probably like herself and had never heard it before.

"Nurse," she commanded, "come here and show me his back this minute!"

The nurse, Mrs. Medlock and Martha had been standing huddled together near the door staring at her, their mouths half open. All three had gasped with fright more than once. The nurse came forward as if she were half afraid. Colin was heaving with great breathless sobs.

"Perhaps he—he won't let me," she hesitated in a low voice.

Colin heard her, however, and he gasped out between two sobs:

"Sh-show her! She-she'll see then!"

It was a poor thin back to look at when it was bared. Every rib could be counted and every joint of the spine, though Mistress Mary did not count them as she bent over and examined them with a solemn savage little face. She looked so sour and old-fashioned that the nurse turned her head aside to hide the twitching of her mouth. There was just a minute's silence, for even Colin tried to hold his breath while Mary looked up and down his spine, and down and up, as intently as if she had been the great doctor from London.

"There's not a single lump there!" she said at last. "There's not a lump as big as a pin—except backbone lumps, and you can only feel them because you're thin. I've got backbone lumps myself, and they used to stick out as much as yours do, until I began to get fatter, and I am not

fat enough yet to hide them. There's not a lump as big as a pin! If you ever say there is again, I shall laugh!"

No one but Colin himself knew what effect those crossly spoken childish words had on him. If he had ever had any one to talk to about his secret terrors—if he had ever dared to let himself ask questions—if he had had childish companions and had not lain on his back in the huge closed house, breathing an atmosphere heavy with the fears of people who were most of them ignorant and tired of him, he would have found out that most of his fright and illness was created by himself. But he had lain and thought of himself and his aches and weariness for hours and days and months and years. And now that an angry unsympathetic little girl insisted obstinately that he was not as ill as he thought he was he actually felt as if she might be speaking the truth.

"I didn't know," ventured the nurse, "that he thought he had a lump on his spine. His back is weak because he won't try to sit up. I could have told him there was no lump there." Colin gulped and turned his face a little to look at her.

"C-could you?" he said pathetically.

"Yes, sir."

"There!" said Mary, and she gulped too.

Colin turned on his face again and but for his long-drawn broken breaths, which were the dying down of his storm of sobbing, he lay still for a minute, though great

tears streamed down his face and wet the pillow. Actually the tears meant that a curious great relief had come to him. Presently he turned and looked at the nurse again and strangely enough he was not like a Rajah at all as he spoke to her.

"Do you think—I could—live to grow up?" he said.

The nurse was neither clever nor soft-hearted but she could repeat some of the London doctor's words.

"You probably will if you will do what you are told to do and not give way to your temper, and stay out a great deal in the fresh air."

Colin's tantrum had passed and he was weak and worn out with crying and this perhaps made him feel gentle. He put out his hand a little toward Mary, and I am glad to say that, her own tantum having passed, she was softened too and met him half-way with her hand, so that it was a sort of making up.

"I'll—I'll go out with you, Mary," he said. "I shan't hate fresh air if we can find—" He remembered just in time to stop himself from saying "if we can find the secret garden" and he ended, "I shall like to go out with you if Dickon will come and push my chair. I do so want to see Dickon and the fox and the crow."

The nurse remade the tumbled bed and shook and straightened the pillows. Then she made Colin a cup of beef tea and gave a cup to Mary, who really was very glad to get it after her excitement. Mrs. Medlock and Martha

gladly slipped away, and after everything was neat and calm and in order the nurse looked as if she would very gladly slip away also. She was a healthy young woman who resented being robbed of her sleep and she yawned quite openly as she looked at Mary, who had pushed her big footstool close to the four-posted bed and was holding Colin's hand.

"You must go back and get your sleep out," she said. "He'll drop off after a while—if he's not too upset. Then I'll lie down myself in the next room."

"Would you like me to sing you that song I learned from my Ayah?" Mary whispered to Colin.

His hand pulled hers gently and he turned his tired eyes on her appealingly.

"Oh, yes!" he answered. "It's such a soft song. I shall go to sleep in a minute."

"I will put him to sleep," Mary said to the yawning nurse. "You can go if you like."

"Well," said the nurse, with an attempt at reluctance. "If he doesn't go to sleep in half an hour you must call me."

"Very well," answered Mary.

The nurse was out of the room in a minute and as soon as she was gone Colin pulled Mary's hand again.

"I almost told," he said; "but I stopped myself in time. I won't talk and I'll go to sleep, but you said you had a whole lot of nice things to tell me. Have you—do you think

you have found out anything at all about the way into the secret garden?"

Mary looked at his poor little tired face and swollen eyes and her heart relented.

"Ye-es," she answered, "I think I have. And if you will go to sleep I will tell you tomorrow." His hand quite trembled.

"Oh, Mary!" he said. "Oh, Mary! If I could get into it I think I should live to grow up! Do you suppose that instead of singing the Ayah song—you could just tell me softly as you did that first day what you imagine it looks like inside? I am sure it will make me go to sleep."

"Yes," answered Mary. "Shut your eyes."

He closed his eyes and lay quite still and she held his hand and began to speak very slowly and in a very low voice.

"I think it has been left alone so long—that it has grown all into a lovely tangle. I think the roses have climbed and climbed and climbed until they hang from the branches and walls and creep over the ground—almost like a strange gray mist. Some of them have died but many—are alive and when the summer comes there will be curtains and fountains of roses. I think the ground is full of daffodils and snowdrops and lilies and iris working their way out of the dark. Now the spring has begun—perhaps—perhaps—"

The soft drone of her voice was making him stiller and stiller and she saw it and went on.

"Perhaps they are coming up through the grass—perhaps there are clusters of purple crocuses and gold ones—even now. Perhaps the leaves are beginning to break out and uncurl—and perhaps—the gray is changing and a green gauze veil is creeping—and creeping over—everything. And the birds are coming to look at it—because it is—so safe and still. And perhaps—perhaps—perhaps—" very softly and slowly indeed, "the robin has found a mate—and is building a nest."

And Colin was asleep.

CHAPTER 18.

“THA' MUNNOT WASTE NO TIME”

Of course Mary did not waken early the next morning. She slept late because she was tired, and when Martha brought her breakfast she told her that though. Colin was quite quiet he was ill and feverish as he always was after he had worn himself out with a fit of crying. Mary ate her breakfast slowly as she listened.

"He says he wishes tha' would please go and see him as soon as tha' can," Martha said. "It's queer what a fancy he's took to thee. Tha' did give it him last night for sure—didn't tha? Nobody else would have dared to do it. Eh! poor lad! He's been spoiled till salt won't save him. Mother says as th' two worst things as can happen to a child is never to have his own way—or always to have it. She doesn't know which is th' worst. Tha' was in a fine temper tha'self, too. But he says to me when I went into his room, 'Please ask Miss Mary if she'll please come an' talk to me?' Think o' him saying please! Will you go, Miss?" "I'll run and see Dickon first," said Mary. "No, I'll go and see Colin first and tell him—I know what I'll tell him," with a sudden inspiration.

She had her hat on when she appeared in Colin's room and for a second he looked disappointed. He was in bed.

His face was pitifully white and there were dark circles round his eyes.

"I'm glad you came," he said. "My head aches and I ache all over because I'm so tired. Are you going somewhere?"

Mary went and leaned against his bed.

"I won't be long," she said. "I'm going to Dickon, but I'll come back. Colin, it's—it's something about the garden."

His whole face brightened and a little color came into it.

"Oh! is it?" he cried out. "I dreamed about it all night I heard you say something about gray changing into green, and I dreamed I was standing in a place all filled with trembling little green leaves—and there were birds on nests everywhere and they looked so soft and still. I'll lie and think about it until you come back."

In five minutes Mary was with Dickon in their garden. The fox and the crow were with him again and this time he had brought two tame squirrels. "I came over on the pony this mornin'," he said. "Eh! he is a good little chap—Jump is! I brought these two in my pockets. This here one he's called Nut an' this here other one's called Shell."

When he said "Nut" one squirrel leaped on to his right shoulder and when he said "Shell" the other one leaped on to his left shoulder.

When they sat down on the grass with Captain curled at their feet, Soot solemnly listening on a tree and Nut and Shell nosing about close to them, it seemed to Mary that it would be scarcely bearable to leave such delightfulness, but when she began to tell her story somehow the look in Dickon's funny face gradually changed her mind. She could see he felt sorrier for Colin than she did. He looked up at the sky and all about him.

"Just listen to them birds—th' world seems full of 'em—all whistlin' an' pipin'," he said. "Look at 'em dartin' about, an' hearken at 'em callin' to each other. Come springtime seems like as if all th' world's callin'. The leaves is uncurlin' so you can see 'em—an', my word, th' nice smells there is about!" sniffing with his happy turned-up nose. "An' that poor lad lyin' shut up an' seein' so little that he gets to thinkin' o' things as sets him screamin'. Eh! my! we mun get him out here—we mun get him watchin' an' listenin' an' sniffin' up th' air an' get him just soaked through wi' sunshine. An' we munnot lose no time about it."

When he was very much interested he often spoke quite broad Yorkshire though at other times he tried to modify his dialect so that Mary could better understand. But she loved his broad Yorkshire and had in fact been trying to learn to speak it herself. So she spoke a little now.

"Aye, that we mun," she said (which meant "Yes, indeed, we must"). "I'll tell thee what us'll do first," she

proceeded, and Dickon grinned, because when the little wench tried to twist her tongue into speaking Yorkshire it amused him very much. "He's took a graidely fancy to thee. He wants to see thee and he wants to see Soot an' Captain. When I go back to the house to talk to him I'll ax him if tha' canna' come an' see him tomorrow mornin'—an'. bring tha' creatures wi' thee—an' then—in a bit, when there's more leaves out, an' happen a bud or two, we'll get him to come out an' tha' shall push him in his chair an' we'll bring him here an' show him everything."

When she stopped she was quite proud of herself. She had never made a long speech in Yorkshire before and she had remembered very well.

"Tha' mun talk a bit o' Yorkshire like that to Mester Colin," Dickon chuckled. "Tha'll make him laugh an' there's nowt as good for ill folk as laughin' is. Mother says she believes as half a hour's good laugh every mornin' 'ud cure a chap as was makin' ready for typhus fever."

"I'm going to talk Yorkshire to him this very day," said Mary, chuckling herself.

The garden had reached the time when every day and every night it seemed as if Magicians were passing through it drawing loveliness out of the earth and the boughs with wands. It was hard to go away and leave it all, particularly as Nut had actually crept on to her dress and Shell had scrambled down the trunk of the apple-tree they sat under and stayed there looking at her with inquiring eyes. But

she went back to the house and when she sat down close to Colin's bed he began to sniff as Dickon did though not in such an experienced way.

"You smell like flowers and—and fresh things," he cried out quite joyously. "What is it you smell of? It's cool and warm and sweet all at the same time."

"It's th' wind from th' moor," said Mary. "It comes o' sittin' on th' grass under a tree wi' Dickon an' wi' Captain an' Soot an' Nut an' Shell. It's th' springtime an' out o' doors an' sunshine as smells so graidely."

She said it as broadly as she could, and you do not know how broadly Yorkshire sounds until you have heard some one speak it. Colin began to laugh.

"What are you doing?" he said. "I never heard you talk like that before. How funny it sounds."

"I'm givin' thee a bit o' Yorkshire," answered Mary triumphantly. "I canna' talk as graidely as Dickon an' Martha can but tha' sees I can shape a bit. Doesn't tha' understand a bit o' Yorkshire when tha' hears it? An' tha' a Yorkshire lad thysel' bred an' born! Eh! I wonder tha'rt not ashamed o' thy face."

And then she began to laugh too and they both laughed until they could not stop themselves and they laughed until the room echoed and Mrs. Medlock opening the door to come in drew back into the corridor and stood listening amazed.

"Well, upon my word!" she said, speaking rather broad Yorkshire herself because there was no one to hear her and she was so astonished. "Whoever heard th' like! Whoever on earth would ha' thought it!"

There was so much to talk about. It seemed as if Colin could never hear enough of Dickon and Captain and Soot and Nut and Shell and the pony whose name was Jump. Mary had run round into the wood with Dickon to see Jump. He was a tiny little shaggy moor pony with thick locks hanging over his eyes and with a pretty face and a nuzzling velvet nose. He was rather thin with living on moor grass but he was as tough and wiry as if the muscle in his little legs had been made of steel springs. He had lifted his head and whinnied softly the moment he saw Dickon and he had trotted up to him and put his head across his shoulder and then Dickon had talked into his ear and Jump had talked back in odd little whinnies and puffs and snorts. Dickon had made him give Mary his small front hoof and kiss her on her cheek with his velvet muzzle.

"Does he really understand everything Dickon says?" Colin asked.

"It seems as if he does," answered Mary. "Dickon says anything will understand if you're friends with it for sure, but you have to be friends for sure."

Colin lay quiet a little while and his strange gray eyes seemed to be staring at the wall, but Mary saw he was thinking.

"I wish I was friends with things," he said at last, "but I'm not. I never had anything to be friends with, and I can't bear people."

"Can't you bear me?" asked Mary.

"Yes, I can," he answered. "It's funny but I even like you."

"Ben Weatherstaff said I was like him," said Mary. "He said he'd warrant we'd both got the same nasty tempers. I think you are like him too. We are all three alike—you and I and Ben Weatherstaff. He said we were neither of us much to look at and we were as sour as we looked. But I don't feel as sour as I used to before I knew the robin and Dickon."

"Did you feel as if you hated people?"

"Yes," answered Mary without any affectation. "I should have detested you if I had seen you before I saw the robin and Dickon."

Colin put out his thin hand and touched her.

"Mary," he said, "I wish I hadn't said what I did about sending Dickon away. I hated you when you said he was like an angel and I laughed at you but—but perhaps he is."

"Well, it was rather funny to say it," she admitted frankly, "because his nose does turn up and he has a big mouth and his clothes have patches all over them and he talks broad Yorkshire, but—but if an angel did come to Yorkshire and live on the moor—if there was a Yorkshire angel—I believe he'd understand the green things and know how to make them grow and he would know how to

talk to the wild creatures as Dickon does and they'd know he was friends for sure."

"I shouldn't mind Dickon looking at me," said Colin; "I want to see him."

"I'm glad you said that," answered Mary, "because—because—"

Quite suddenly it came into her mind that this was the minute to tell him. Colin knew something new was coming.

"Because what?" he cried eagerly.

Mary was so anxious that she got up from her stool and came to him and caught hold of both his hands.

"Can I trust you? I trusted Dickon because birds trusted him. Can I trust you—for sure—for sure?" she implored.

Her face was so solemn that he almost whispered his answer.

"Yes—yes!"

"Well, Dickon will come to see you tomorrow morning, and he'll bring his creatures with him."

"Oh! Oh!" Colin cried out in delight.

"But that's not all," Mary went on, almost pale with solemn excitement. "The rest is better. There is a door into the garden. I found it. It is under the ivy on the wall."

If he had been a strong healthy boy Colin would probably have shouted "Hooray! Hooray! Hooray!" but he

was weak and rather hysterical; his eyes grew bigger and bigger and he gasped for breath.

"Oh! Mary!" he cried out with a half sob. "Shall I see it? Shall I get into it? Shall I live to get into it?" and he clutched her hands and dragged her toward him.

"Of course you'll see it!" snapped Mary indignantly. "Of course you'll live to get into it! Don't be silly!"

And she was so un-hysterical and natural and childish that she brought him to his senses and he began to laugh at himself and a few minutes afterward she was sitting on her stool again telling him not what she imagined the secret garden to be like but what it really was, and Colin's aches and tiredness were forgotten and he was listening enraptured.

"It is just what you thought it would be," he said at last. "It sounds just as if you had really seen it. You know I said that when you told me first."

Mary hesitated about two minutes and then boldly spoke the truth.

"I had seen it—and I had been in," she said. "I found the key and got in weeks ago. But I daren't tell you—I daren't because I was so afraid I couldn't trust you—for sure!"

CHAPTER 19.

“IT HAS COME!”

Of course Dr. Craven had been sent for the morning after Colin had had his tantrum. He was always sent for at once when such a thing occurred and he always found, when he arrived, a white shaken boy lying on his bed, sulky and still so hysterical that he was ready to break into fresh sobbing at the least word. In fact, Dr. Craven dreaded and detested the difficulties of these visits. On this occasion he was away from Misselthwaite Manor until afternoon.

"How is he?" he asked Mrs. Medlock rather irritably when he arrived. "He will break a blood-vessel in one of those fits some day. The boy is half insane with hysteria and self-indulgence."

"Well, sir," answered Mrs. Medlock, "you'll scarcely believe your eyes when you see him. That plain sour-faced child that's almost as bad as himself has just bewitched him. How she's done it there's no telling. The Lord knows she's nothing to look at and you scarcely ever hear her speak, but she did what none of us dare do. She just flew at him like a little cat last night, and stamped her feet and ordered him to stop screaming, and somehow she startled him so that he actually did stop, and this afternoon—well just come up and see, sir. It's past crediting."

The scene which Dr. Craven beheld when he entered his patient's room was indeed rather astonishing to him. As Mrs. Medlock opened the door he heard laughing and chattering. Colin was on his sofa in his dressing-gown and he was sitting up quite straight looking at a picture in one of the garden books and talking to the plain child who at that moment could scarcely be called plain at all because her face was so glowing with enjoyment.

"Those long spires of blue ones—we'll have a lot of those," Colin was announcing. "They're called Del-phin-iums."

"Dickon says they're larkspurs made big and grand," cried Mistress Mary. "There are clumps there already."

Then they saw Dr. Craven and stopped. Mary became quite still and Colin looked fretful.

"I am sorry to hear you were ill last night, my boy," Dr. Craven said a trifle nervously. He was rather a nervous man.

"I'm better now—much better," Colin answered, rather like a Rajah. "I'm going out in my chair in a day or two if it is fine. I want some fresh air."

Dr. Craven sat down by him and felt his pulse and looked at him curiously.

"It must be a very fine day," he said, "and you must be very careful not to tire yourself."

"Fresh air won't tire me," said the young Rajah.

As there had been occasions when this same young gentleman had shrieked aloud with rage and had insisted that fresh air would give him cold and kill him, it is not to be wondered at that his doctor felt somewhat startled.

"I thought you did not like fresh air," he said.

"I don't when I am by myself," replied the Rajah; "but my cousin is going out with me."

"And the nurse, of course?" suggested Dr. Craven.

"No, I will not have the nurse," so magnificently that Mary could not help remembering how the young native Prince had looked with his diamonds and emeralds and pearls stuck all over him and the great rubies on the small dark hand he had waved to command his servants to approach with salaams and receive his orders.

"My cousin knows how to take care of me. I am always better when she is with me. She made me better last night. A very strong boy I know will push my carriage."

Dr. Craven felt rather alarmed. If this tiresome hysterical boy should chance to get well he himself would lose all chance of inheriting Misselthwaite; but he was not an unscrupulous man, though he was a weak one, and he did not intend to let him run into actual danger.

"He must be a strong boy and a steady boy," he said.

"And I must know something about him. Who is he? What is his name?"

"It's Dickon," Mary spoke up suddenly. She felt somehow that everybody who knew the moor must know

Dickon. And she was right, too. She saw that in a moment Dr. Craven's serious face relaxed into a relieved smile.

"Oh, Dickon," he said. "If it is Dickon you will be safe enough. He's as strong as a moor pony, is Dickon."

"And he's trusty," said Mary. "He's th' trustiest lad i' Yorkshire." She had been talking Yorkshire to Colin and she forgot herself.

"Did Dickon teach you that?" asked Dr. Craven, laughing outright.

"I'm learning it as if it was French," said Mary rather coldly. "It's like a native dialect in India. Very clever people try to learn them. I like it and so does Colin." "Well, well," he said. "If it amuses you perhaps it won't do you any harm. Did you take your bromide last night, Colin?"

"No," Colin answered. "I wouldn't take it at first and after Mary made me quiet she talked me to sleep—in a low voice—about the spring creeping into a garden."

"That sounds soothing," said Dr. Craven, more perplexed than ever and glancing sideways at Mistress Mary sitting on her stool and looking down silently at the carpet. "You are evidently better, but you must remember—"

"I don't want to remember," interrupted the Rajah, appearing again. "When I lie by myself and remember I begin to have pains everywhere and I think of things that make me begin to scream because I hate them so. If there was a doctor anywhere who could make you forget you

were ill instead of remembering it I would have him brought here." And he waved a thin hand which ought really to have been covered with royal signet rings made of rubies. "It is because my cousin makes me forget that she makes me better."

Dr. Craven had never made such a short stay after a "tantrum"; usually he was obliged to remain a very long time and do a great many things. This afternoon he did not give any medicine or leave any new orders and he was spared any disagreeable scenes. When he went downstairs he looked very thoughtful and when he talked to Mrs. Medlock in the library she felt that he was a much puzzled man.

"Well, sir," she ventured, "could you have believed it?"

"It is certainly a new state of affairs," said the doctor. "And there's no denying it is better than the old one."

"I believe Susan Sowerby's right—I do that," said Mrs. Medlock. "I stopped in her cottage on my way to Thwaite yesterday and had a bit of talk with her. And she says to me, 'Well, Sarah Ann, she mayn't be a good child, an' she mayn't be a pretty one, but she's a child, an' children needs children.' We went to school together, Susan Sowerby and me."

"She's the best sick nurse I know," said Dr. Craven. "When I find her in a cottage I know the chances are that I shall save my patient."

Mrs. Medlock smiled. She was fond of Susan Sowerby.

"She's got a way with her, has Susan," she went on quite volubly. "I've been thinking all morning of one thing she said yesterday. She says, 'Once when I was givin' th' children a bit of a preach after they'd been fightin' I ses to 'em all, "When I was at school my jography told as th' world was shaped like a orange an' I found out before I was ten that th' whole orange doesn't belong to nobody. No one owns more than his bit of a quarter an' there's times it seems like there's not enow quarters to go round. But don't you—none o' you—think as you own th' whole orange or you'll find out you're mistaken, an' you won't find it out without hard knocks." 'What children learns from children,' she says, 'is that there's no sense in grabbin' at th' whole orange—peel an' all. If you do you'll likely not get even th' pips, an' them's too bitter to eat.'"

"She's a shrewd woman," said Dr. Craven, putting on his coat.

"Well, she's got a way of saying things," ended Mrs. Medlock, much pleased. "Sometimes I've said to her, 'Eh! Susan, if you was a different woman an' didn't talk such broad Yorkshire I've seen the times when I should have said you was clever.'"

That night Colin slept without once awakening and when he opened his eyes in the morning he lay still and smiled without knowing it—smiled because he felt so curiously comfortable. It was actually nice to be awake, and he turned over and stretched his limbs luxuriously. He

felt as if tight strings which had held him had loosened themselves and let him go. He did not know that Dr. Craven would have said that his nerves had relaxed and rested themselves. Instead of lying and staring at the wall and wishing he had not awakened, his mind was full of the plans he and Mary had made yesterday, of pictures of the garden and of Dickon and his wild creatures. It was so nice to have things to think about. And he had not been awake more than ten minutes when he heard feet running along the corridor and Mary was at the door. The next minute she was in the room and had run across to his bed, bringing with her a waft of fresh air full of the scent of the morning.

"You've been out! You've been out! There's that nice smell of leaves!" he cried.

She had been running and her hair was loose and blown and she was bright with the air and pink-cheeked, though he could not see it.

"It's so beautiful!" she said, a little breathless with her speed. "You never saw anything so beautiful! It has come! I thought it had come that other morning, but it was only coming. It is here now! It has come, the Spring! Dickon says so!"

"Has it?" cried Colin, and though he really knew nothing about it he felt his heart beat. He actually sat up in bed.

"Open the window!" he added, laughing half with joyful excitement and half at his own fancy. "Perhaps we may hear golden trumpets!"

And though he laughed, Mary was at the window in a moment and in a moment more it was opened wide and freshness and softness and scents and birds' songs were pouring through.

"That's fresh air," she said. "Lie on your back and draw in long breaths of it. That's what Dickon does when he's lying on the moor. He says he feels it in his veins and it makes him strong and he feels as if he could live forever and ever. Breathe it and breathe it."

She was only repeating what Dickon had told her, but she caught Colin's fancy.

"Forever and ever"! Does it make him feel like that?" he said, and he did as she told him, drawing in long deep breaths over and over again until he felt that something quite new and delightful was happening to him.

Mary was at his bedside again.

"Things are crowding up out of the earth," she ran on in a hurry. "And there are flowers uncurling and buds on everything and the green veil has covered nearly all the gray and the birds are in such a hurry about their nests for fear they may be too late that some of them are even fighting for places in the secret garden. And the rose-bushes look as wick as wick can be, and there are primroses in the lanes and woods, and the seeds we

planted are up, and Dickon has brought the fox and the crow and the squirrels and a new-born lamb."

And then she paused for breath. The new-born lamb Dickon had found three days before lying by its dead mother among the gorse bushes on the moor. It was not the first motherless lamb he had found and he knew what to do with it. He had taken it to the cottage wrapped in his jacket and he had let it lie near the fire and had fed it with warm milk. It was a soft thing with a darling silly baby face and legs rather long for its body. Dickon had carried it over the moor in his arms and its feeding bottle was in his pocket with a squirrel, and when Mary had sat under a tree with its limp warmth huddled on her lap she had felt as if she were too full of strange joy to speak. A lamb—a lamb! A living lamb who lay on your lap like a baby!

She was describing it with great joy and Colin was listening and drawing in long breaths of air when the nurse entered. She started a little at the sight of the open window. She had sat stifling in the room many a warm day because her patient was sure that open windows gave people cold.

"Are you sure you are not chilly, Master Colin?" she inquired.

"No," was the answer. "I am breathing long breaths of fresh air. It makes you strong. I am going to get up to the sofa for breakfast. My cousin will have breakfast with me."

The nurse went away, concealing a smile, to give the order for two breakfasts. She found the servants' hall a more amusing place than the invalid's chamber and just now everybody wanted to hear the news from upstairs. There was a great deal of joking about the unpopular young recluse who, as the cook said, "had found his master, and good for him." The servants' hall had been very tired of the tantrums, and the butler, who was a man with a family, had more than once expressed his opinion that the invalid would be all the better "for a good hiding."

When Colin was on his sofa and the breakfast for two was put upon the table he made an announcement to the nurse in his most Rajah-like manner.

"A boy, and a fox, and a crow, and two squirrels, and a new-born lamb, are coming to see me this morning. I want them brought upstairs as soon as they come," he said. "You are not to begin playing with the animals in the servants' hall and keep them there. I want them here." The nurse gave a slight gasp and tried to conceal it with a cough.

"Yes, sir," she answered.

"I'll tell you what you can do," added Colin, waving his hand. "You can tell Martha to bring them here. The boy is Martha's brother. His name is Dickon and he is an animal charmer."

"I hope the animals won't bite, Master Colin," said the nurse.

"I told you he was a charmer," said Colin austere-ly.
"Charmers' animals never bite."

"There are snake-charmers in India," said Mary. "And they can put their snakes' heads in their mouths."

"Goodness!" shuddered the nurse.

They ate their breakfast with the morning air pouring in upon them. Colin's breakfast was a very good one and Mary watched him with serious interest.

"You will begin to get fatter just as I did," she said. "I never wanted my breakfast when I was in India and now I always want it."

"I wanted mine this morning," said Colin. "Perhaps it was the fresh air. When do you think Dickon will come?"

He was not long in coming. In about ten minutes Mary held up her hand.

"Listen!" she said. "Did you hear a caw?"

Colin listened and heard it, the oddest sound in the world to hear inside a house, a hoarse "caw-caw."

"Yes," he answered.

"That's Soot," said Mary. "Listen again. Do you hear a bleat—a tiny one?"

"Oh, yes!" cried Colin, quite flushing.

"That's the new-born lamb," said Mary. "He's coming."

Dickon's moorland boots were thick and clumsy and though he tried to walk quietly they made a clumping sound as he walked through the long corridors. Mary and Colin heard him marching—marching, until he passed

through the tapestry door on to the soft carpet of Colin's own passage.

"If you please, sir," announced Martha, opening the door, "if you please, sir, here's Dickon an' his creatures."

Dickon came in smiling his nicest wide smile. The new-born lamb was in his arms and the little red fox trotted by his side. Nut sat on his left shoulder and Soot on his right and Shell's head and paws peeped out of his coat pocket.

Colin slowly sat up and stared and stared—as he had stared when he first saw Mary; but this was a stare of wonder and delight. The truth was that in spite of all he had heard he had not in the least understood what this boy would be like and that his fox and his crow and his squirrels and his lamb were so near to him and his friendliness that they seemed almost to be part of himself. Colin had never talked to a boy in his life and he was so overwhelmed by his own pleasure and curiosity that he did not even think of speaking.

But Dickon did not feel the least shy or awkward. He had not felt embarrassed because the crow had not known his language and had only stared and had not spoken to him the first time they met. Creatures were always like that until they found out about you. He walked over to Colin's sofa and put the new-born lamb quietly on his lap, and immediately the little creature turned to the warm velvet dressing-gown and began to nuzzle and nuzzle into

its folds and butt its tight-curved head with soft impatience against his side. Of course no boy could have helped speaking then.

"What is it doing?" cried Colin. "What does it want?"

"It wants its mother," said Dickon, smiling more and more. "I brought it to thee a bit hungry because I knowed tha'd like to see it feed."

He knelt down by the sofa and took a feeding-bottle from his pocket.

"Come on, little 'un," he said, turning the small woolly white head with a gentle brown hand. "This is what tha's after. Tha'll get more out o' this than tha' will out o' silk velvet coats. There now," and he pushed the rubber tip of the bottle into the nuzzling mouth and the lamb began to suck it with ravenous ecstasy.

After that there was no wondering what to say. By the time the lamb fell asleep questions poured forth and Dickon answered them all. He told them how he had found the lamb just as the sun was rising three mornings ago. He had been standing on the moor listening to a skylark and watching him swing higher and higher into the sky until he was only a speck in the heights of blue.

"I'd almost lost him but for his song an' I was wonderin' how a chap could hear it when it seemed as if he'd get out o' th' world in a minute—an' just then I heard somethin' else far off among th' gorse bushes. It was a weak bleatin' an' I knowed it was a new lamb as was

hungry an' I knowed it wouldn't be hungry if it hadn't lost its mother somehow, so I set off searchin'. Eh! I did have a look for it. I went in an' out among th' gorse bushes an' round an' round an' I always seemed to take th' wrong turnin'. But at last I seed a bit o' white by a rock on top o' th' moor an' I climbed up an' found th' little 'un half dead wi' cold an' clemmin'." While he talked, Soot flew solemnly in and out of the open window and cawed remarks about the scenery while Nut and Shell made excursions into the big trees outside and ran up and down trunks and explored branches. Captain curled up near Dickon, who sat on the hearth-rug from preference.

They looked at the pictures in the gardening books and Dickon knew all the flowers by their country names and knew exactly which ones were already growing in the secret garden.

"I couldna' say that there name," he said, pointing to one under which was written "Aquilegia," "but us calls that a columbine, an' that there one it's a snapdragon and they both grow wild in hedges, but these is garden ones an' they're bigger an' grander. There's some big clumps o' columbine in th' garden. They'll look like a bed o' blue an' white butterflies flutterin' when they're out."

"I'm going to see them," cried Colin. "I am going to see them!"

"Aye, that tha' mun," said Mary quite seriously. "An' tha' munnot lose no time about it."

CHAPTER 20.

“I SHALL LIVE FOREVER—AND EVER—AND EVER!”

But they were obliged to wait more than a week because first there came some very windy days and then Colin was threatened with a cold, which two things happening one after the other would no doubt have thrown him into a rage but that there was so much careful and mysterious planning to do and almost every day Dickon came in, if only for a few minutes, to talk about what was happening on the moor and in the lanes and hedges and on the borders of streams. The things he had to tell about otters' and badgers' and water-rats' houses, not to mention birds' nests and field-mice and their burrows, were enough to make you almost tremble with excitement when you heard all the intimate details from an animal charmer and realized with what thrilling eagerness and anxiety the whole busy underworld was working.

"They're same as us," said Dickon, "only they have to build their homes every year. An' it keeps 'em so busy they fair scuffle to get 'em done."

The most absorbing thing, however, was the preparations to be made before Colin could be transported

with sufficient secrecy to the garden. No one must see the chair-carriage and Dickon and Mary after they turned a certain corner of the shrubbery and entered upon the walk outside the ivied walls. As each day passed, Colin had become more and more fixed in his feeling that the mystery surrounding the garden was one of its greatest charms. Nothing must spoil that. No one must ever suspect that they had a secret. People must think that he was simply going out with Mary and Dickon because he liked them and did not object to their looking at him. They had long and quite delightful talks about their route. They would go up this path and down that one and cross the other and go round among the fountain flower-beds as if they were looking at the "bedding-out plants" the head gardener, Mr. Roach, had been having arranged. That would seem such a rational thing to do that no one would think it at all mysterious. They would turn into the shrubbery walks and lose themselves until they came to the long walls. It was almost as serious and elaborately thought out as the plans of march made by great generals in time of war.

Rumors of the new and curious things which were occurring in the invalid's apartments had of course filtered through the servants' hall into the stable yards and out among the gardeners, but notwithstanding this, Mr. Roach was startled one day when he received orders from Master Colin's room to the effect that he must report himself in

the apartment no outsider had ever seen, as the invalid himself desired to speak to him.

"Well, well," he said to himself as he hurriedly changed his coat, "what's to do now? His Royal Highness that wasn't to be looked at calling up a man he's never set eyes on."

Mr. Roach was not without curiosity. He had never caught even a glimpse of the boy and had heard a dozen exaggerated stories about his uncanny looks and ways and his insane tempers. The thing he had heard oftenest was that he might die at any moment and there had been numerous fanciful descriptions of a humped back and helpless limbs, given by people who had never seen him.

"Things are changing in this house, Mr. Roach," said Mrs. Medlock, as she led him up the back staircase to the corridor on to which opened the hitherto mysterious chamber.

"Let's hope they're changing for the better, Mrs. Medlock," he answered.

"They couldn't well change for the worse," she continued; "and queer as it all is there's them as finds their duties made a lot easier to stand up under. Don't you be surprised, Mr. Roach, if you find yourself in the middle of a menagerie and Martha Sowerby's Dickon more at home than you or me could ever be."

There really was a sort of Magic about Dickon, as Mary always privately believed. When Mr. Roach heard his name he smiled quite leniently.

"He'd be at home in Buckingham Palace or at the bottom of a coal mine," he said. "And yet it's not impudence, either. He's just fine, is that lad."

It was perhaps well he had been prepared or he might have been startled. When the bedroom door was opened a large crow, which seemed quite at home perched on the high back of a carven chair, announced the entrance of a visitor by saying "Caw—Caw" quite loudly. In spite of Mrs. Medlock's warning, Mr. Roach only just escaped being sufficiently undignified to jump backward.

The young Rajah was neither in bed nor on his sofa. He was sitting in an armchair and a young lamb was standing by him shaking its tail in feeding-lamb fashion as Dickon knelt giving it milk from its bottle. A squirrel was perched on Dickon's bent back attentively nibbling a nut. The little girl from India was sitting on a big footstool looking on.

"Here is Mr. Roach, Master Colin," said Mrs. Medlock.

The young Rajah turned and looked his servitor over—at least that was what the head gardener felt happened.

"Oh, you are Roach, are you?" he said. "I sent for you to give you some very important orders."

"Very good, sir," answered Roach, wondering if he was to receive instructions to fell all the oaks in the park or to transform the orchards into water-gardens.

"I am going out in my chair this afternoon," said Colin. "If the fresh air agrees with me I may go out every day. When I go, none of the gardeners are to be anywhere near the Long Walk by the garden walls. No one is to be there. I shall go out about two o'clock and everyone must keep away until I send word that they may go back to their work."

"Very good, sir," replied Mr. Roach, much relieved to hear that the oaks might remain and that the orchards were safe. "Mary," said Colin, turning to her, "what is that thing you say in India when you have finished talking and want people to go?"

"You say, 'You have my permission to go,'" answered Mary.

The Rajah waved his hand.

"You have my permission to go, Roach," he said. "But, remember, this is very important."

"Caw—Caw!" remarked the crow hoarsely but not impolitely.

"Very good, sir. Thank you, sir," said Mr. Roach, and Mrs. Medlock took him out of the room.

Outside in the corridor, being a rather good-natured man, he smiled until he almost laughed.

"My word!" he said, "he's got a fine lordly way with him, hasn't he? You'd think he was a whole Royal Family rolled into one—Prince Consort and all."

"Eh!" protested Mrs. Medlock, "we've had to let him trample all over every one of us ever since he had feet and he thinks that's what folks was born for."

"Perhaps he'll grow out of it, if he lives," suggested Mr. Roach.

"Well, there's one thing pretty sure," said Mrs. Medlock. "If he does live and that Indian child stays here I'll warrant she teaches him that the whole orange does not belong to him, as Susan Sowerby says. And he'll be likely to find out the size of his own quarter."

Inside the room Colin was leaning back on his cushions.

"It's all safe now," he said. "And this afternoon I shall see it—this afternoon I shall be in it!"

Dickon went back to the garden with his creatures and Mary stayed with Colin. She did not think he looked tired but he was very quiet before their lunch came and he was quiet while they were eating it. She wondered why and asked him about it.

"What big eyes you've got, Colin," she said. "When you are thinking they get as big as saucers. What are you thinking about now?"

"I can't help thinking about what it will look like," he answered.

"The garden?" asked Mary.

"The springtime," he said. "I was thinking that I've really never seen it before. I scarcely ever went out and when I did go I never looked at it. I didn't even think about it."

"I never saw it in India because there wasn't any," said Mary.

Shut in and morbid as his life had been, Colin had more imagination than she had and at least he had spent a good deal of time looking at wonderful books and pictures.

"That morning when you ran in and said 'It's come! It's come!', you made me feel quite queer. It sounded as if things were coming with a great procession and big bursts and wafts of music. I've a picture like it in one of my books—crowds of lovely people and children with garlands and branches with blossoms on them, everyone laughing and dancing and crowding and playing on pipes. That was why I said, 'Perhaps we shall hear golden trumpets' and told you to throw open the window."

"How funny!" said Mary. "That's really just what it feels like. And if all the flowers and leaves and green things and birds and wild creatures danced past at once, what a crowd it would be! I'm sure they'd dance and sing and flute and that would be the wafts of music."

They both laughed but it was not because the idea was laughable but because they both so liked it.

A little later the nurse made Colin ready. She noticed that instead of lying like a log while his clothes were put on he sat up and made some efforts to help himself, and he talked and laughed with Mary all the time.

"This is one of his good days, sir," she said to Dr. Craven, who dropped in to inspect him. "He's in such good spirits that it makes him stronger."

"I'll call in again later in the afternoon, after he has come in," said Dr. Craven. "I must see how the going out agrees with him. I wish," in a very low voice, "that he would let you go with him."

"I'd rather give up the case this moment, sir, than even stay here while it's suggested," answered the nurse. With sudden firmness.

"I hadn't really decided to suggest it," said the doctor, with his slight nervousness. "We'll try the experiment. Dickon's a lad I'd trust with a new-born child."

The strongest footman in the house carried Colin down stairs and put him in his wheeled chair near which Dickon waited outside. After the manservant had arranged his rugs and cushions the Rajah waved his hand to him and to the nurse.

"You have my permission to go," he said, and they both disappeared quickly and it must be confessed giggled when they were safely inside the house.

Dickon began to push the wheeled chair slowly and steadily. Mistress Mary walked beside it and Colin leaned

back and lifted his face to the sky. The arch of it looked very high and the small snowy clouds seemed like white birds floating on outspread wings below its crystal blueness. The wind swept in soft big breaths down from the moor and was strange with a wild clear scented sweetness. Colin kept lifting his thin chest to draw it in, and his big eyes looked as if it were they which were listening—listening, instead of his ears.

"There are so many sounds of singing and humming and calling out," he said. "What is that scent the puffs of wind bring?"

"It's gorse on th' moor that's openin' out," answered Dickon. "Eh! th' bees are at it wonderful today."

Not a human creature was to be caught sight of in the paths they took. In fact every gardener or gardener's lad had been witched away. But they wound in and out among the shrubbery and out and round the fountain beds, following their carefully planned route for the mere mysterious pleasure of it. But when at last they turned into the Long Walk by the ivied walls the excited sense of an approaching thrill made them, for some curious reason they could not have explained, begin to speak in whispers.

"This is it," breathed Mary. "This is where I used to walk up and down and wonder and wonder." "Is it?" cried Colin, and his eyes began to search the ivy with eager curiosity. "But I can see nothing," he whispered. "There is no door."

"That's what I thought," said Mary.

Then there was a lovely breathless silence and the chair wheeled on.

"That is the garden where Ben Weatherstaff works," said Mary.

"Is it?" said Colin.

A few yards more and Mary whispered again.

"This is where the robin flew over the wall," she said.

"Is it?" cried Colin. "Oh! I wish he'd come again!"

"And that," said Mary with solemn delight, pointing under a big lilac bush, "is where he perched on the little heap of earth and showed me the key."

Then Colin sat up.

"Where? Where? There?" he cried, and his eyes were as big as the wolf's in Red Riding-Hood, when Red Riding-Hood felt called upon to remark on them. Dickon stood still and the wheeled chair stopped.

"And this," said Mary, stepping on to the bed close to the ivy, "is where I went to talk to him when he chirped at me from the top of the wall. And this is the ivy the wind blew back," and she took hold of the hanging green curtain.

"Oh! is it—is it!" gasped Colin.

"And here is the handle, and here is the door. Dickon push him in—push him in quickly!"

And Dickon did it with one strong, steady, splendid push.

But Colin had actually dropped back against his cushions, even though he gasped with delight, and he had covered his eyes with his hands and held them there shutting out everything until they were inside and the chair stopped as if by magic and the door was closed. Not till then did he take them away and look round and round and round as Dickon and Mary had done. And over walls and earth and trees and swinging sprays and tendrils the fair green veil of tender little leaves had crept, and in the grass under the trees and the gray urns in the alcoves and here and there everywhere were touches or splashes of gold and purple and white and the trees were showing pink and snow above his head and there were fluttering of wings and faint sweet pipes and humming and scents and scents. And the sun fell warm upon his face like a hand with a lovely touch. And in wonder Mary and Dickon stood and stared at him. He looked so strange and different because a pink glow of color had actually crept all over him—ivory face and neck and hands and all.

"I shall get well! I shall get well!" he cried out. "Mary! Dickon! I shall get well! And I shall live forever and ever and ever!"

CHAPTER 21.

BEN WEATHERSTAFF

One of the strange things about living in the world is that it is only now and then one is quite sure one is going to live forever and ever and ever.

One knows it sometimes when one gets up at the tender solemn dawn-time and goes out and stands alone and throws one's head far back and looks up and up and watches the pale sky slowly changing and flushing and marvelous unknown things happening until the East almost makes one cry out and one's heart stands still at the strange unchanging majesty of the rising of the sun—which has been happening every morning for thousands and thousands and thousands of years. One knows it then for a moment or so. And one knows it sometimes when one stands by oneself in a wood at sunset and the mysterious deep gold stillness slanting through and under the branches seems to be saying slowly again and again something one cannot quite hear, however much one tries. Then sometimes the immense quiet of the dark blue at night with millions of stars waiting and watching makes one sure; and sometimes a sound of far-off music makes it true; and sometimes a look in some one's eyes.

And it was like that with Colin when he first saw and heard and felt the Springtime inside the four high walls of

a hidden garden. That afternoon the whole world seemed to devote itself to being perfect and radiantly beautiful and kind to one boy. Perhaps out of pure heavenly goodness the spring came and crowned everything it possibly could into that one place. More than once Dickon paused in what he was doing and stood still with a sort of growing wonder in his eyes, shaking his head softly.

"Eh! it is graidely," he said. "I'm twelve goin' on thirteen an' there's a lot o' afternoons in thirteen years, but seems to me like I never seed one as graidely as this 'ere."

"Aye, it is a graidely one," said Mary, and she sighed for mere joy. "I'll warrant it's the graidelest one as ever was in this world."

"Does tha' think," said Colin with dreamy carefulness, "as happen it was made loike this 'ere all o' purpose for me?"

"My word!" cried Mary admiringly, "that there is a bit o' good Yorkshire. Tha'rt shapin' first-rate—that tha' art."

And delight reigned. They drew the chair under the plum-tree, which was snow-white with blossoms and musical with bees. It was like a king's canopy, a fairy king's. There were flowering cherry-trees near and apple-trees whose buds were pink and white, and here and there one had burst open wide. Between the blossoming branches of the canopy bits of blue sky looked down like wonderful eyes.

Mary and Dickon worked a little here and there and Colin watched them. They brought him things to look at—buds which were opening, buds which were tight closed, bits of twig whose leaves were just showing green, the feather of a woodpecker which had dropped on the grass, the empty shell of some bird early hatched. Dickon pushed the chair slowly round and round the garden, stopping every other moment to let him look at wonders springing out of the earth or trailing down from trees. It was like being taken in state round the country of a magic king and queen and shown all the mysterious riches it contained.

"I wonder if we shall see the robin?" said Colin.

"Tha'll see him often enow after a bit," answered Dickon. "When th' eggs hatches out th' little chap he'll be kep' so busy it'll make his head swim. Tha'll see him flyin' backward an' for'ard carryin' worms nigh as big as himsel' an' that much noise goin' on in th' nest when he gets there as fair flusters him so as he scarce knows which big mouth to drop th' first piece in. An' gapin' beaks an' squawks on every side. Mother says as when she sees th' work a robin has to keep them gapin' beaks filled, she feels like she was a lady with nothin' to do. She says she's seen th' little chaps when it seemed like th' sweat must be droppin' off 'em, though folk can't see it."

This made them giggle so delightedly that they were obliged to cover their mouths with their hands,

remembering that they must not be heard. Colin had been instructed as to the law of whispers and low voices several days before. He liked the mysteriousness of it and did his best, but in the midst of excited enjoyment it is rather difficult never to laugh above a whisper.

Every moment of the afternoon was full of new things and every hour the sunshine grew more golden. The wheeled chair had been drawn back under the canopy and Dickon had sat down on the grass and had just drawn out his pipe when Colin saw something he had not had time to notice before.

"That's a very old tree over there, isn't it?" he said. Dickon looked across the grass at the tree and Mary looked and there was a brief moment of stillness.

"Yes," answered Dickon, after it, and his low voice had a very gentle sound.

Mary gazed at the tree and thought.

"The branches are quite gray and there's not a single leaf anywhere," Colin went on. "It's quite dead, isn't it?"

"Aye," admitted Dickon. "But them roses as has climbed all over it will near hide every bit o' th' dead wood when they're full o' leaves an' flowers. It won't look dead then. It'll be th' prettiest of all."

Mary still gazed at the tree and thought.

"It looks as if a big branch had been broken off," said Colin. "I wonder how it was done."

"It's been done many a year," answered Dickon. "Eh!" with a sudden relieved start and laying his hand on Colin. "Look at that robin! There he is! He's been foragin' for his mate."

Colin was almost too late but he just caught sight of him, the flash of red-breasted bird with something in his beak. He darted through the greenness and into the close-grown corner and was out of sight. Colin leaned back on his cushion again, laughing a little. "He's taking her tea to her. Perhaps it's five o'clock. I think I'd like some tea myself."

And so they were safe.

"It was Magic which sent the robin," said Mary secretly to Dickon afterward. "I know it was Magic." For both she and Dickon had been afraid Colin might ask something about the tree whose branch had broken off ten years ago and they had talked it over together and Dickon had stood and rubbed his head in a troubled way.

"We mun look as if it wasn't no different from th' other trees," he had said. "We couldn't never tell him how it broke, poor lad. If he says anything about it we mun—we mun try to look cheerful."

"Aye, that we mun," had answered Mary.

But she had not felt as if she looked cheerful when she gazed at the tree. She wondered and wondered in those few moments if there was any reality in that other thing Dickon had said. He had gone on rubbing his rust-red hair

in a puzzled way, but a nice comforted look had begun to grow in his blue eyes.

"Mrs. Craven was a very lovely young lady," he had gone on rather hesitatingly. "An' mother she thinks maybe she's about Misselthwaite many a time lookin' after Mester Colin, same as all mothers do when they're took out o' th' world. They have to come back, tha' sees. Happen she's been in the garden an' happen it was her set us to work, an' told us to bring him here."

Mary had thought he meant something about Magic. She was a great believer in Magic. Secretly she quite believed that Dickon worked Magic, of course good Magic, on everything near him and that was why people liked him so much and wild creatures knew he was their friend. She wondered, indeed, if it were not possible that his gift had brought the robin just at the right moment when Colin asked that dangerous question. She felt that his Magic was working all the afternoon and making Colin look like an entirely different boy. It did not seem possible that he could be the crazy creature who had screamed and beaten and bitten his pillow. Even his ivory whiteness seemed to change. The faint glow of color which had shown on his face and neck and hands when he first got inside the garden really never quite died away. He looked as if he were made of flesh instead of ivory or wax.

They saw the robin carry food to his mate two or three times, and it was so suggestive of afternoon tea that Colin felt they must have some.

"Go and make one of the men servants bring some in a basket to the rhododendron walk," he said. "And then you and Dickon can bring it here."

It was an agreeable idea, easily carried out, and when the white cloth was spread upon the grass, with hot tea and buttered toast and crumpets, a delightfully hungry meal was eaten, and several birds on domestic errands paused to inquire what was going on and were led into investigating crumbs with great activity. Nut and Shell whisked up trees with pieces of cake and Soot took the entire half of a buttered crumpet into a corner and pecked at and examined and turned it over and made hoarse remarks about it until he decided to swallow it all joyfully in one gulp.

The afternoon was dragging towards its mellow hour. The sun was deepening the gold of its lances, the bees were going home and the birds were flying past less often. Dickon and Mary were sitting on the grass, the tea-basket was repacked ready to be taken back to the house, and Colin was lying against his cushions with his heavy locks pushed back from his forehead and his face looking quite a natural color.

"I don't want this afternoon to go," he said; "but I shall come back tomorrow, and the day after, and the day after, and the day after."

"You'll get plenty of fresh air, won't you?" said Mary. "I'm going to get nothing else," he answered. "I've seen the spring now and I'm going to see the summer. I'm going to see everything grow here. I'm going to grow here myself."

"That tha' will," said Dickon. "Us'll have thee walkin' about here an' diggin' same as other folk afore long."

Colin flushed tremendously.

"Walk!" he said. "Dig! Shall I?"

Dickon's glance at him was delicately cautious. Neither he nor Mary had ever asked if anything was the matter with his legs.

"For sure tha' will," he said stoutly. "Tha—tha's got legs o' thine own, same as other folks!"

Mary was rather frightened until she heard Colin's answer.

"Nothing really ails them," he said, "but they are so thin and weak. They shake so that I'm afraid to try to stand on them."

Both Mary and Dickon drew a relieved breath.

"When tha' stops bein' afraid tha'lt stand on 'em," Dickon said with renewed cheer. "An' tha'lt stop bein' afraid in a bit."

"I shall?" said Colin, and he lay still as if he were wondering about things.

They were really very quiet for a little while. The sun was dropping lower. It was that hour when everything stills itself, and they really had had a busy and exciting afternoon. Colin looked as if he were resting luxuriously. Even the creatures had ceased moving about and had drawn together and were resting near them. Soot had perched on a low branch and drawn up one leg and dropped the gray film drowsily over his eyes. Mary privately thought he looked as if he might snore in a minute.

In the midst of this stillness it was rather startling when Colin half lifted his head and exclaimed in a loud suddenly alarmed whisper:

"Who is that man?" Dickon and Mary scrambled to their feet.

"Man!" they both cried in low quick voices.

Colin pointed to the high wall. "Look!" he whispered excitedly. "Just look!"

Mary and Dickon wheeled about and looked. There was Ben Weatherstaff's indignant face glaring at them over the wall from the top of a ladder! He actually shook his fist at Mary.

"If I wasn't a bachelor, an' tha' was a wench o' mine," he cried, "I'd give thee a hidin'!"

He mounted another step threateningly as if it were his energetic intention to jump down and deal with her; but as she came toward him he evidently thought better of

it and stood on the top step of his ladder shaking his fist down at her.

"I never thowt much o' thee!" he harangued. "I couldna' abide thee th' first time I set eyes on thee. A scrawny buttermilk-faced young besom, allus askin' questions an' pokin' tha' nose where it wasna, wanted. I never knowed how tha' got so thick wi' me. If it hadna' been for th' robin— Drat him—"

"Ben Weatherstaff," called out Mary, finding her breath. She stood below him and called up to him with a sort of gasp. "Ben Weatherstaff, it was the robin who showed me the way!"

Then it did seem as if Ben really would scramble down on her side of the wall, he was so outraged.

"Tha' young bad 'un!" he called down at her. "Layin' tha' badness on a robin—not but what he's impidint enow for anythin'. Him showin' thee th' way! Him! Eh! tha' young nowt"—she could see his next words burst out because he was overpowered by curiosity—"however i' this world did tha' get in?"

"It was the robin who showed me the way," she protested obstinately. "He didn't know he was doing it but he did. And I can't tell you from here while you're shaking your fist at me."

He stopped shaking his fist very suddenly at that very moment and his jaw actually dropped as he stared over her

head at something he saw coming over the grass toward him.

At the first sound of his torrent of words Colin had been so surprised that he had only sat up and listened as if he were spellbound. But in the midst of it he had recovered himself and beckoned imperiously to Dickon.

"Wheel me over there!" he commanded. "Wheel me quite close and stop right in front of him!"

And this, if you please, this is what Ben Weatherstaff beheld and which made his jaw drop. A wheeled chair with luxurious cushions and robes which came toward him looking rather like some sort of State Coach because a young Rajah leaned back in it with royal command in his great black-rimmed eyes and a thin white hand extended haughtily toward him. And it stopped right under Ben Weatherstaff's nose. It was really no wonder his mouth dropped open.

"Do you know who I am?" demanded the Rajah.

How Ben Weatherstaff stared! His red old eyes fixed themselves on what was before him as if he were seeing a ghost. He gazed and gazed and gulped a lump down his throat and did not say a word. "Do you know who I am?" demanded Colin still more imperiously. "Answer!"

Ben Weatherstaff put his gnarled hand up and passed it over his eyes and over his forehead and then he did answer in a queer shaky voice.

"Who tha' art?" he said. "Aye, that I do—wi' tha' mother's eyes starin' at me out o' tha' face. Lord knows how tha' come here. But tha'rt th' poor cripple."

Colin forgot that he had ever had a back. His face flushed scarlet and he sat bolt upright.

"I'm not a cripple!" he cried out furiously. "I'm not!"

"He's not!" cried Mary, almost shouting up the wall in her fierce indignation. "He's not got a lump as big as a pin! I looked and there was none there—not one!"

Ben Weatherstaff passed his hand over his forehead again and gazed as if he could never gaze enough. His hand shook and his mouth shook and his voice shook. He was an ignorant old man and a tactless old man and he could only remember the things he had heard.

"Tha'—tha' hasn't got a crooked back?" he said hoarsely.

"No!" shouted Colin.

"Tha'—tha' hasn't got crooked legs?" quavered Ben more hoarsely yet. It was too much. The strength which Colin usually threw into his tantrums rushed through him now in a new way. Never yet had he been accused of crooked legs—even in whispers—and the perfectly simple belief in their existence which was revealed by Ben Weatherstaff's voice was more than Rajah flesh and blood could endure. His anger and insulted pride made him forget everything but this one moment and filled him with

a power he had never known before, an almost unnatural strength.

"Come here!" he shouted to Dickon, and he actually began to tear the coverings off his lower limbs and disentangle himself. "Come here! Come here! This minute!"

Dickon was by his side in a second. Mary caught her breath in a short gasp and felt herself turn pale.

"He can do it! He can do it! He can do it! He can!" she gabbled over to herself under her breath as fast as ever she could.

There was a brief fierce scramble, the rugs were tossed on the ground, Dickon held Colin's arm, the thin legs were out, the thin feet were on the grass. Colin was standing upright—upright—as straight as an arrow and looking strangely tall—his head thrown back and his strange eyes flashing lightning. "Look at me!" he flung up at Ben Weatherstaff. "Just look at me—you! Just look at me!"

"He's as straight as I am!" cried Dickon. "He's as straight as any lad i' Yorkshire!"

What Ben Weatherstaff did Mary thought queer beyond measure. He choked and gulped and suddenly tears ran down his weather-wrinkled cheeks as he struck his old hands together.

"Eh!" he burst forth, "th' lies folk tells! Tha'rt as thin as a lath an' as white as a wraith, but there's not a knob on thee. Tha'lt make a mon yet. God bless thee!"

Dickon held Colin's arm strongly but the boy had not begun to falter. He stood straighter and straighter and looked Ben Weatherstaff in the face.

"I'm your master," he said, "when my father is away. And you are to obey me. This is my garden. Don't dare to say a word about it! You get down from that ladder and go out to the Long Walk and Miss Mary will meet you and bring you here. I want to talk to you. We did not want you, but now you will have to be in the secret. Be quick!"

Ben Weatherstaff's crabbed old face was still wet with that one queer rush of tears. It seemed as if he could not take his eyes from thin straight Colin standing on his feet with his head thrown back.

"Eh! lad," he almost whispered. "Eh! my lad!" And then remembering himself he suddenly touched his hat gardener fashion and said, "Yes, sir! Yes, sir!" and obediently disappeared as he descended the ladder.

CHAPTER 22.

WHEN THE SUN WENT DOWN

When his head was out of sight Colin turned to Mary.

"Go and meet him," he said; and Mary flew across the grass to the door under the ivy.

Dickon was watching him with sharp eyes. There were scarlet spots on his cheeks and he looked amazing, but he showed no signs of falling.

"I can stand," he said, and his head was still held up and he said it quite grandly.

"I told thee tha' could as soon as tha' stopped bein' afraid," answered Dickon. "An' tha's stopped."

"Yes, I've stopped," said Colin.

Then suddenly he remembered something Mary had said.

"Are you making Magic?" he asked sharply.

Dickon's curly mouth spread in a cheerful grin.

"Tha's doin' Magic thysel'," he said. "It's same Magic as made these 'ere work out o' th' earth," and he touched with his thick boot a clump of crocuses in the grass. Colin looked down at them.

"Aye," he said slowly, "there couldna' be bigger Magic than that there—there couldna' be."

He drew himself up straighter than ever.

"I'm going to walk to that tree," he said, pointing to one a few feet away from him. "I'm going to be standing when Weatherstaff comes here. I can rest against the tree if I like. When I want to sit down I will sit down, but not before. Bring a rug from the chair."

He walked to the tree and though Dickon held his arm he was wonderfully steady. When he stood against the tree trunk it was not too plain that he supported himself against it, and he still held himself so straight that he looked tall.

When Ben Weatherstaff came through the door in the wall he saw him standing there and he heard Mary muttering something under her breath.

"What art sayin'?" he asked rather testily because he did not want his attention distracted from the long thin straight boy figure and proud face.

But she did not tell him. What she was saying was this:

"You can do it! You can do it! I told you you could! You can do it! You can do it! You can!" She was saying it to Colin because she wanted to make Magic and keep him on his feet looking like that. She could not bear that he should give in before Ben Weatherstaff. He did not give in. She was uplifted by a sudden feeling that he looked quite beautiful in spite of his thinness. He fixed his eyes on Ben Weatherstaff in his funny imperious way.

"Look at me!" he commanded. "Look at me all over! Am I a hunchback? Have I got crooked legs?"

Ben Weatherstaff had not quite got over his emotion, but he had recovered a little and answered almost in his usual way.

"Not tha'," he said. "Nowt o' th' sort. What's tha' been doin' with thysel'—hidin' out o' sight an' lettin' folk think tha' was cripple an' half-witted?"

"Half-witted!" said Colin angrily. "Who thought that?"

"Lots o' fools," said Ben. "Th' world's full o' jackasses brayin' an' they never bray nowt but lies. What did tha' shut thysel' up for?"

"Everyone thought I was going to die," said Colin shortly. "I'm not!"

And he said it with such decision Ben Weatherstaff looked him over, up and down, down and up.

"Tha' die!" he said with dry exultation. "Nowt o' th' sort! Tha's got too much pluck in thee. When I seed thee put tha' legs on th' ground in such a hurry I knowed tha' was all right. Sit thee down on th' rug a bit young Mester an' give me thy orders."

There was a queer mixture of crabbed tenderness and shrewd understanding in his manner. Mary had poured out speech as rapidly as she could as they had come down the Long Walk. The chief thing to be remembered, she had told him, was that Colin was getting well—getting well. The

garden was doing it. No one must let him remember about having humps and dying.

The Rajah condescended to seat himself on a rug under the tree.

"What work do you do in the gardens, Weatherstaff?" he inquired.

"Anythin' I'm told to do," answered old Ben. "I'm kep' on by favor—because she liked me."

"She?" said Colin.

"Tha' mother," answered Ben Weatherstaff.

"My mother?" said Colin, and he looked about him quietly. "This was her garden, wasn't it?"

"Aye, it was that!" and Ben Weatherstaff looked about him too. "She were main fond of it."

"It is my garden now. I am fond of it. I shall come here every day," announced Colin. "But it is to be a secret. My orders are that no one is to know that we come here. Dickon and my cousin have worked and made it come alive. I shall send for you sometimes to help—but you must come when no one can see you."

Ben Weatherstaff's face twisted itself in a dry old smile.

"I've come here before when no one saw me," he said.

"What!" exclaimed Colin.

"When?"

"Th' last time I was here," rubbing his chin and looking round, "was about two year' ago."

"But no one has been in it for ten years!" cried Colin.

"There was no door!"

"I'm no one," said old Ben dryly. "An' I didn't come through th' door. I come over th' wall. Th' rheumatics held me back th' last two year'."

"Tha' come an' did a bit o' prunin'!" cried Dickon. "I couldn't make out how it had been done."

"She was so fond of it—she was!" said Ben Weatherstaff slowly. "An' she was such a pretty young thing. She says to me once, 'Ben,' says she laughin', 'if ever I'm ill or if I go away you must take care of my roses.' When she did go away th' orders was no one was ever to come nigh. But I come," with grumpy obstinacy. "Over th' wall I come—until th' rheumatics stopped me—an' I did a bit o' work once a year. She'd gave her order first."

"It wouldn't have been as wick as it is if tha' hadn't done it," said Dickon. "I did wonder."

"I'm glad you did it, Weatherstaff," said Colin. "You'll know how to keep the secret."

"Aye, I'll know, sir," answered Ben. "An' it'll be easier for a man wi' rheumatics to come in at th' door."

On the grass near the tree Mary had dropped her trowel. Colin stretched out his hand and took it up. An odd expression came into his face and he began to scratch at the earth. His thin hand was weak enough but presently as they watched him—Mary with quite breathless

interest—he drove the end of the trowel into the soil and turned some over.

"You can do it! You can do it!" said Mary to herself. "I tell you, you can!"

Dickon's round eyes were full of eager curiosity but he said not a word. Ben Weatherstaff looked on with interested face.

Colin persevered. After he had turned a few trowelfuls of soil he spoke exultantly to Dickon in his best Yorkshire.

"Tha' said as tha'd have me walkin' about here same as other folk—an' tha' said tha'd have me diggin'. I thowt tha' was just leein' to please me. This is only th' first day an' I've walked—an' here I am diggin'."

Ben Weatherstaff's mouth fell open again when he heard him, but he ended by chuckling.

"Eh!" he said, "that sounds as if tha'd got wits enow. Tha'rt a Yorkshire lad for sure. An' tha'rt diggin', too. How'd tha' like to plant a bit o' somethin'? I can get thee a rose in a pot."

"Go and get it!" said Colin, digging excitedly. "Quick! Quick!"

It was done quickly enough indeed. Ben Weatherstaff went his way forgetting rheumatics. Dickon took his spade and dug the hole deeper and wider than a new digger with thin white hands could make it. Mary slipped out to run and bring back a watering-can. When Dickon had deepened the hole Colin went on turning the soft earth

over and over. He looked up at the sky, flushed and glowing with the strangely new exercise, slight as it was.

"I want to do it before the sun goes quite—quite down," he said.

Mary thought that perhaps the sun held back a few minutes just on purpose. Ben Weatherstaff brought the rose in its pot from the greenhouse. He hobbled over the grass as fast as he could. He had begun to be excited, too. He knelt down by the hole and broke the pot from the mould.

"Here, lad," he said, handing the plant to Colin. "Set it in the earth thysel' same as th' king does when he goes to a new place."

The thin white hands shook a little and Colin's flush grew deeper as he set the rose in the mould and held it while old Ben made firm the earth. It was filled in and pressed down and made steady. Mary was leaning forward on her hands and knees. Soot had flown down and marched forward to see what was being done. Nut and Shell chattered about it from a cherry-tree.

"It's planted!" said Colin at last. "And the sun is only slipping over the edge. Help me up, Dickon. I want to be standing when it goes. That's part of the Magic."

And Dickon helped him, and the Magic—or whatever it was—so gave him strength that when the sun did slip over the edge and end the strange lovely afternoon for them there he actually stood on his two feet—laughing.

CHAPTER 23.

FEITIÇO

Dr. Craven had been waiting some time at the house when they returned to it. He had indeed begun to wonder if it might not be wise to send some one out to explore the garden paths. When Colin was brought back to his room the poor man looked him over seriously.

"You should not have stayed so long," he said. "You must not overexert yourself."

"I am not tired at all," said Colin. "It has made me well. Tomorrow I am going out in the morning as well as in the afternoon."

"I am not sure that I can allow it," answered Dr. Craven. "I am afraid it would not be wise."

"It would not be wise to try to stop me," said Colin quite seriously. "I am going."

Even Mary had found out that one of Colin's chief peculiarities was that he did not know in the least what a rude little brute he was with his way of ordering people about. He had lived on a sort of desert island all his life and as he had been the king of it he had made his own manners and had had no one to compare himself with. Mary had indeed been rather like him herself and since she had been at Misselthwaite had gradually discovered that

her own manners had not been of the kind which is usual or popular. Having made this discovery she naturally thought it of enough interest to communicate to Colin. So she sat and looked at him curiously for a few minutes after Dr. Craven had gone. She wanted to make him ask her why she was doing it and of course she did.

"What are you looking at me for?" he said.

"I'm thinking that I am rather sorry for Dr. Craven."

"So am I," said Colin calmly, but not without an air of some satisfaction. "He won't get Misselthwaite at all now I'm not going to die."

"I'm sorry for him because of that, of course," said Mary, "but I was thinking just then that it must have been very horrid to have had to be polite for ten years to a boy who was always rude. I would never have done it."

"Am I rude?" Colin inquired undisturbedly.

"If you had been his own boy and he had been a slapping sort of man," said Mary, "he would have slapped you."

"But he daren't," said Colin.

"No, he daren't," answered Mistress Mary, thinking the thing out quite without prejudice. "Nobody ever dared to do anything you didn't like—because you were going to die and things like that. You were such a poor thing."

"But," announced Colin stubbornly, "I am not going to be a poor thing. I won't let people think I'm one. I stood on my feet this afternoon."

"It is always having your own way that has made you so queer," Mary went on, thinking aloud.

Colin turned his head, frowning.

"Am I queer?" he demanded.

"Yes," answered Mary, "very. But you needn't be cross," she added impartially, "because so am I queer—and so is Ben Weatherstaff. But I am not as queer as I was before I began to like people and before I found the garden."

"I don't want to be queer," said Colin. "I am not going to be," and he frowned again with determination.

He was a very proud boy. He lay thinking for a while and then Mary saw his beautiful smile begin and gradually change his whole face.

"I shall stop being queer," he said, "if I go every day to the garden. There is Magic in there—good Magic, you know, Mary. I am sure there is." "So am I," said Mary.

"Even if it isn't real Magic," Colin said, "we can pretend it is. Something is there—something!"

"It's Magic," said Mary, "but not black. It's as white as snow."

They always called it Magic and indeed it seemed like it in the months that followed—the wonderful months—the radiant months—the amazing ones. Oh! the things which happened in that garden! If you have never had a garden you cannot understand, and if you have had a garden you will know that it would take a whole book to describe all that came to pass there. At first it seemed that

green things would never cease pushing their way through the earth, in the grass, in the beds, even in the crevices of the walls. Then the green things began to show buds and the buds began to unfurl and show color, every shade of blue, every shade of purple, every tint and hue of crimson. In its happy days flowers had been tucked away into every inch and hole and corner. Ben Weatherstaff had seen it done and had himself scraped out mortar from between the bricks of the wall and made pockets of earth for lovely clinging things to grow on. Iris and white lilies rose out of the grass in sheaves, and the green alcoves filled themselves with amazing armies of the blue and white flower lances of tall delphiniums or columbines or campanulas.

"She was main fond o' them—she was," Ben Weatherstaff said. "She liked them things as was allus pointin' up to th' blue sky, she used to tell. Not as she was one o' them as looked down on th' earth—not her. She just loved it but she said as th' blue sky allus looked so joyful."

The seeds Dickon and Mary had planted grew as if fairies had tended them. Satiny poppies of all tints danced in the breeze by the score, gaily defying flowers which had lived in the garden for years and which it might be confessed seemed rather to wonder how such new people had got there. And the roses—the roses! Rising out of the grass, tangled round the sun-dial, wreathing the tree trunks and hanging from their branches, climbing up the

walls and spreading over them with long garlands falling in cascades—they came alive day by day, hour by hour. Fair fresh leaves, and buds—and buds—tiny at first but swelling and working Magic until they burst and uncurled into cups of scent delicately spilling themselves over their brims and filling the garden air.

Colin saw it all, watching each change as it took place. Every morning he was brought out and every hour of each day when it didn't rain he spent in the garden. Even gray days pleased him. He would lie on the grass "watching things growing," he said. If you watched long enough, he declared, you could see buds unsheath themselves. Also you could make the acquaintance of strange busy insect things running about on various unknown but evidently serious errands, sometimes carrying tiny scraps of straw or feather or food, or climbing blades of grass as if they were trees from whose tops one could look out to explore the country. A mole throwing up its mound at the end of its burrow and making its way out at last with the long-nailed paws which looked so like elfish hands, had absorbed him one whole morning. Ants' ways, beetles' ways, bees' ways, frogs' ways, birds' ways, plants' ways, gave him a new world to explore and when Dickon revealed them all and added foxes' ways, otters' ways, ferrets' ways, squirrels' ways, and trout' and water-rats' and badgers' ways, there was no end to the things to talk about and think over.

And this was not the half of the Magic. The fact that he had really once stood on his feet had set Colin thinking tremendously and when Mary told him of the spell she had worked he was excited and approved of it greatly. He talked of it constantly.

"Of course there must be lots of Magic in the world," he said wisely one day, "but people don't know what it is like or how to make it. Perhaps the beginning is just to say nice things are going to happen until you make them happen. I am going to try and experiment."

The next morning when they went to the secret garden he sent at once for Ben Weatherstaff. Ben came as quickly as he could and found the Rajah standing on his feet under a tree and looking very grand but also very beautifully smiling.

"Good morning, Ben Weatherstaff," he said. "I want you and Dickon and Miss Mary to stand in a row and listen to me because I am going to tell you something very important."

"Aye, aye, sir!" answered Ben Weatherstaff, touching his forehead. (One of the long concealed charms of Ben Weatherstaff was that in his boyhood he had once run away to sea and had made voyages. So he could reply like a sailor.)

"I am going to try a scientific experiment," explained the Rajah. "When I grow up I am going to make great

scientific discoveries and I am going to begin now with this experiment."

"Aye, aye, sir!" said Ben Weatherstaff promptly, though this was the first time he had heard of great scientific discoveries.

It was the first time Mary had heard of them, either, but even at this stage she had begun to realize that, queer as he was, Colin had read about a great many singular things and was somehow a very convincing sort of boy. When he held up his head and fixed his strange eyes on you it seemed as if you believed him almost in spite of yourself though he was only ten years old—going on eleven. At this moment he was especially convincing because he suddenly felt the fascination of actually making a sort of speech like a grown-up person.

"The great scientific discoveries I am going to make," he went on, "will be about Magic. Magic is a great thing and scarcely any one knows anything about it except a few people in old books—and Mary a little, because she was born in India where there are fakirs. I believe Dickon knows some Magic, but perhaps he doesn't know he knows it. He charms animals and people. I would never have let him come to see me if he had not been an animal charmer—which is a boy charmer, too, because a boy is an animal. I am sure there is Magic in everything, only we have not sense enough to get hold of it and make it do things for us—like electricity and horses and steam."

This sounded so imposing that Ben Weatherstaff became quite excited and really could not keep still. "Aye, aye, sir," he said and he began to stand up quite straight.

"When Mary found this garden it looked quite dead," the orator proceeded. "Then something began pushing things up out of the soil and making things out of nothing. One day things weren't there and another they were. I had never watched things before and it made me feel very curious. Scientific people are always curious and I am going to be scientific. I keep saying to myself, 'What is it? What is it?' It's something. It can't be nothing! I don't know its name so I call it Magic. I have never seen the sun rise but Mary and Dickon have and from what they tell me I am sure that is Magic too. Something pushes it up and draws it. Sometimes since I've been in the garden I've looked up through the trees at the sky and I have had a strange feeling of being happy as if something were pushing and drawing in my chest and making me breathe fast. Magic is always pushing and drawing and making things out of nothing. Everything is made out of Magic, leaves and trees, flowers and birds, badgers and foxes and squirrels and people. So it must be all around us. In this garden—in all the places. The Magic in this garden has made me stand up and know I am going to live to be a man. I am going to make the scientific experiment of trying to get some and put it in myself and make it push and draw me and make me strong. I don't know how to do

it but I think that if you keep thinking about it and calling it perhaps it will come. Perhaps that is the first baby way to get it. When I was going to try to stand that first time Mary kept saying to herself as fast as she could, 'You can do it! You can do it!' and I did. I had to try myself at the same time, of course, but her Magic helped me—and so did Dickon's. Every morning and evening and as often in the daytime as I can remember I am going to say, 'Magic is in me! Magic is making me well! I am going to be as strong as Dickon, as strong as Dickon!' And you must all do it, too. That is my experiment Will you help, Ben Weatherstaff?"

"Aye, aye, sir!" said Ben Weatherstaff. "Aye, aye!"

"If you keep doing it every day as regularly as soldiers go through drill we shall see what will happen and find out if the experiment succeeds. You learn things by saying them over and over and thinking about them until they stay in your mind forever and I think it will be the same with Magic. If you keep calling it to come to you and help you it will get to be part of you and it will stay and do things." "I once heard an officer in India tell my mother that there were fakirs who said words over and over thousands of times," said Mary.

"I've heard Jem Fettleworth's wife say th' same thing over thousands o' times—callin' Jem a drunken brute," said Ben Weatherstaff dryly. "Summat allus come o' that, sure enough. He gave her a good hidin' an' went to th' Blue Lion an' got as drunk as a lord."

Colin drew his brows together and thought a few minutes. Then he cheered up.

"Well," he said, "you see something did come of it. She used the wrong Magic until she made him beat her. If she'd used the right Magic and had said something nice perhaps he wouldn't have got as drunk as a lord and perhaps—perhaps he might have bought her a new bonnet."

Ben Weatherstaff chuckled and there was shrewd admiration in his little old eyes.

"Tha'rt a clever lad as well as a straight-legged one, Mester Colin," he said. "Next time I see Bess Fettleworth I'll give her a bit of a hint o' what Magic will do for her. She'd be rare an' pleased if th' sinetifik 'speriment worked—an' so 'ud Jem."

Dickon had stood listening to the lecture, his round eyes shining with curious delight. Nut and Shell were on his shoulders and he held a long-eared white rabbit in his arm and stroked and stroked it softly while it laid its ears along its back and enjoyed itself.

"Do you think the experiment will work?" Colin asked him, wondering what he was thinking. He so often wondered what Dickon was thinking when he saw him looking at him or at one of his "creatures" with his happy wide smile.

He smiled now and his smile was wider than usual.

"Aye," he answered, "that I do. It'll work same as th' seeds do when th' sun shines on 'em. It'll work for sure. Shall us begin it now?"

Colin was delighted and so was Mary. Fired by recollections of fakirs and devotees in illustrations Colin suggested that they should all sit cross-legged under the tree which made a canopy.

"It will be like sitting in a sort of temple," said Colin. "I'm rather tired and I want to sit down."

"Eh!" said Dickon, "tha' mustn't begin by sayin' tha'rt tired. Tha' might spoil th' Magic."

Colin turned and looked at him—into his innocent round eyes.

"That's true," he said slowly. "I must only think of the Magic." It all seemed most majestic and mysterious when they sat down in their circle. Ben Weatherstaff felt as if he had somehow been led into appearing at a prayer-meeting. Ordinarily he was very fixed in being what he called "agen' prayer-meetin's" but this being the Rajah's affair he did not resent it and was indeed inclined to be gratified at being called upon to assist. Mistress Mary felt solemnly enraptured. Dickon held his rabbit in his arm, and perhaps he made some charmer's signal no one heard, for when he sat down, cross-legged like the rest, the crow, the fox, the squirrels and the lamb slowly drew near and made part of the circle, settling each into a place of rest as if of their own desire.

"The 'creatures' have come," said Colin gravely. "They want to help us."

Colin really looked quite beautiful, Mary thought. He held his head high as if he felt like a sort of priest and his strange eyes had a wonderful look in them. The light shone on him through the tree canopy.

"Now we will begin," he said. "Shall we sway backward and forward, Mary, as if we were dervishes?"

"I canna' do no swayin' back'ard and for'ard," said Ben Weatherstaff. "I've got th' rheumatics."

"The Magic will take them away," said Colin in a High Priest tone, "but we won't sway until it has done it. We will only chant."

"I canna' do no chantin'" said Ben Weatherstaff a trifle testily. "They turned me out o' th' church choir th' only time I ever tried it."

No one smiled. They were all too much in earnest. Colin's face was not even crossed by a shadow. He was thinking only of the Magic.

"Then I will chant," he said. And he began, looking like a strange boy spirit. "The sun is shining—the sun is shining. That is the Magic. The flowers are growing—the roots are stirring. That is the Magic. Being alive is the Magic—being strong is the Magic. The Magic is in me—the Magic is in me. It is in me—it is in me. It's in every one of us. It's in Ben Weatherstaff's back. Magic! Magic! Come and help!"

He said it a great many times—not a thousand times but quite a goodly number. Mary listened entranced. She felt as if it were at once queer and beautiful and she wanted him to go on and on. Ben Weatherstaff began to feel soothed into a sort of dream which was quite agreeable. The humming of the bees in the blossoms mingled with the chanting voice and drowsily melted into a doze. Dickon sat cross-legged with his rabbit asleep on his arm and a hand resting on the lamb's back. Soot had pushed away a squirrel and huddled close to him on his shoulder, the gray film dropped over his eyes. At last Colin stopped.

"Now I am going to walk round the garden," he announced.

Ben Weatherstaff's head had just dropped forward and he lifted it with a jerk.

"You have been asleep," said Colin.

"Nowt o' th' sort," mumbled Ben. "Th' sermon was good enow—but I'm bound to get out afore th' collection."

He was not quite awake yet.

"You're not in church," said Colin.

"Not me," said Ben, straightening himself. "Who said I were? I heard every bit of it. You said th' Magic was in my back. Th' doctor calls it rheumatics."

The Rajah waved his hand.

"That was the wrong Magic," he said. "You will get better. You have my permission to go to your work. But come back tomorrow."

"I'd like to see thee walk round the garden," grunted Ben.

It was not an unfriendly grunt, but it was a grunt. In fact, being a stubborn old party and not having entire faith in Magic he had made up his mind that if he were sent away he would climb his ladder and look over the wall so that he might be ready to hobble back if there were any stumbling.

The Rajah did not object to his staying and so the procession was formed. It really did look like a procession. Colin was at its head with Dickon on one side and Mary on the other. Ben Weatherstaff walked behind, and the "creatures" trailed after them, the lamb and the fox cub keeping close to Dickon, the white rabbit hopping along or stopping to nibble and Soot following with the solemnity of a person who felt himself in charge.

It was a procession which moved slowly but with dignity. Every few yards it stopped to rest. Colin leaned on Dickon's arm and privately Ben Weatherstaff kept a sharp lookout, but now and then Colin took his hand from its support and walked a few steps alone. His head was held up all the time and he looked very grand.

"The Magic is in me!" he kept saying. "The Magic is making me strong! I can feel it! I can feel it!"

It seemed very certain that something was upholding and uplifting him. He sat on the seats in the alcoves, and once or twice he sat down on the grass and several times he paused in the path and leaned on Dickon, but he would not give up until he had gone all round the garden. When he returned to the canopy tree his cheeks were flushed and he looked triumphant.

"I did it! The Magic worked!" he cried. "That is my first scientific discovery."

"What will Dr. Craven say?" broke out Mary.

"He won't say anything," Colin answered, "because he will not be told. This is to be the biggest secret of all. No one is to know anything about it until I have grown so strong that I can walk and run like any other boy. I shall come here every day in my chair and I shall be taken back in it. I won't have people whispering and asking questions and I won't let my father hear about it until the experiment has quite succeeded. Then sometime when he comes back to Misselthwaite I shall just walk into his study and say 'Here I am; I am like any other boy. I am quite well and I shall live to be a man. It has been done by a scientific experiment.'"

"He will think he is in a dream," cried Mary. "He won't believe his eyes."

Colin flushed triumphantly. He had made himself believe that he was going to get well, which was really more than half the battle, if he had been aware of it. And

the thought which stimulated him more than any other was this imagining what his father would look like when he saw that he had a son who was as straight and strong as other fathers' sons. One of his darkest miseries in the unhealthy morbid past days had been his hatred of being a sickly weak-backed boy whose father was afraid to look at him.

"He'll be obliged to believe them," he said.

"One of the things I am going to do, after the Magic works and before I begin to make scientific discoveries, is to be an athlete."

"We shall have thee takin' to boxin' in a week or so," said Ben Weatherstaff. "Tha'lt end wi' winnin' th' Belt an' bein' champion prize-fighter of all England."

Colin fixed his eyes on him sternly.

"Weatherstaff," he said, "that is disrespectful. You must not take liberties because you are in the secret. However much the Magic works I shall not be a prize-fighter. I shall be a Scientific Discoverer."

"Ax pardon—ax pardon, sir" answered Ben, touching his forehead in salute. "I ought to have seed it wasn't a jokin' matter," but his eyes twinkled and secretly he was immensely pleased. He really did not mind being snubbed since the snubbing meant that the lad was gaining strength and spirit.

CHAPTER 24.

“LET THEM LAUGH”

The secret garden was not the only one Dickon worked in. Round the cottage on the moor there was a piece of ground enclosed by a low wall of rough stones. Early in the morning and late in the fading twilight and on all the days Colin and Mary did not see him, Dickon worked there planting or tending potatoes and cabbages, turnips and carrots and herbs for his mother. In the company of his "creatures" he did wonders there and was never tired of doing them, it seemed. While he dug or weeded he whistled or sang bits of Yorkshire moor songs or talked to Soot or Captain or the brothers and sisters he had taught to help him.

"We'd never get on as comfortable as we do," Mrs. Sowerby said, "if it wasn't for Dickon's garden. Anything'll grow for him. His 'taters and cabbages is twice th' size of any one else's an' they've got a flavor with 'em as nobody's has."

When she found a moment to spare she liked to go out and talk to him. After supper there was still a long clear twilight to work in and that was her quiet time. She could sit upon the low rough wall and look on and hear stories of the day. She loved this time. There were not only vegetables in this garden. Dickon had bought penny

packages of flower seeds now and then and sown bright sweet-scented things among gooseberry bushes and even cabbages and he grew borders of mignonette and pinks and pansies and things whose seeds he could save year after year or whose roots would bloom each spring and spread in time into fine clumps. The low wall was one of the prettiest things in Yorkshire because he had tucked moorland foxglove and ferns and rock-cress and hedgerow flowers into every crevice until only here and there glimpses of the stones were to be seen.

"All a chap's got to do to make 'em thrive, mother," he would say, "is to be friends with 'em for sure. They're just like th' 'creatures.' If they're thirsty give 'em drink and if they're hungry give 'em a bit o' food. They want to live same as we do. If they died I should feel as if I'd been a bad lad and somehow treated them heartless."

It was in these twilight hours that Mrs. Sowerby heard of all that happened at Misselthwaite Manor. At first she was only told that "Mester Colin" had taken a fancy to going out into the grounds with Miss Mary and that it was doing him good. But it was not long before it was agreed between the two children that Dickon's mother might "come into the secret." Somehow it was not doubted that she was "safe for sure."

So one beautiful still evening Dickon told the whole story, with all the thrilling details of the buried key and the robin and the gray haze which had seemed like deadness

and the secret Mistress Mary had planned never to reveal. The coming of Dickon and how it had been told to him, the doubt of Mester Colin and the final drama of his introduction to the hidden domain, combined with the incident of Ben Weatherstaff's angry face peering over the wall and Mester Colin's sudden indignant strength, made Mrs. Sowerby's nice-looking face quite change color several times.

"My word!" she said. "It was a good thing that little lass came to th' Manor. It's been th' makin' o' her an' th' savin, o' him. Standin' on his feet! An' us all thinkin' he was a poor half-witted lad with not a straight bone in him."

She asked a great many questions and her blue eyes were full of deep thinking.

"What do they make of it at th' Manor—him being so well an' cheerful an' never complainin'?" she inquired.

"They don't know what to make of it," answered Dickon.

"Every day as comes round his face looks different. It's fillin' out and doesn't look so sharp an' th' waxy color is goin'. But he has to do his bit o' complainin'," with a highly entertained grin.

"What for, i' Mercy's name?" asked Mrs. Sowerby.

Dickon chuckled.

"He does it to keep them from guessin' what's happened. If the doctor knew he'd found out he could stand on his feet he'd likely write and tell Mester Craven. Mester Colin's savin' th' secret to tell himself. He's goin' to

practise his Magic on his legs every day till his father comes back an' then he's goin' to march into his room an' show him he's as straight as other lads. But him an' Miss Mary thinks it's best plan to do a bit o' groanin' an' frettin' now an' then to throw folk off th' scent."

Mrs. Sowerby was laughing a low comfortable laugh long before he had finished his last sentence.

"Eh!" she said, "that pair's enjoyin' their-selves I'll warrant. They'll get a good bit o' actin' out of it an' there's nothin' children likes as much as play actin'. Let's hear what they do, Dickon lad." Dickon stopped weeding and sat up on his heels to tell her. His eyes were twinkling with fun.

"Mester Colin is carried down to his chair every time he goes out," he explained. "An' he flies out at John, th' footman, for not carryin' him careful enough. He makes himself as helpless lookin' as he can an' never lifts his head until we're out o' sight o' th' house. An' he grunts an' frets a good bit when he's bein' settled into his chair. Him an' Miss Mary's both got to enjoyin' it an' when he groans an' complains she'll say, 'Poor Colin! Does it hurt you so much? Are you so weak as that, poor Colin?'—but th' trouble is that sometimes they can scarce keep from burstin' out laughin'. When we get safe into the garden they laugh till they've no breath left to laugh with. An' they have to stuff their faces into Mester Colin's cushions to keep the gardeners from hearin', if any of, 'em's about."

"Th' more they laugh th' better for 'em!" said Mrs. Sowerby, still laughing herself. "Good healthy child laughin's better than pills any day o' th' year. That pair'll plump up for sure."

"They are plumpin' up," said Dickon. "They're that hungry they don't know how to get enough to eat without makin' talk. Mester Colin says if he keeps sendin' for more food they won't believe he's an invalid at all. Miss Mary says she'll let him eat her share, but he says that if she goes hungry she'll get thin an' they mun both get fat at once."

Mrs. Sowerby laughed so heartily at the revelation of this difficulty that she quite rocked backward and forward in her blue cloak, and Dickon laughed with her.

"I'll tell thee what, lad," Mrs. Sowerby said when she could speak. "I've thought of a way to help 'em. When tha' goes to 'em in th' mornin's tha' shall take a pail o' good new milk an' I'll bake 'em a crusty cottage loaf or some buns wi' currants in 'em, same as you children like. Nothin's so good as fresh milk an' bread. Then they could take off th' edge o' their hunger while they were in their garden an' th, fine food they get indoors 'ud polish off th' corners."

"Eh! mother!" said Dickon admiringly, "what a wonder tha' art! Tha' always sees a way out o' things. They was quite in a pother yesterday. They didn't see how they was

to manage without orderin' up more food—they felt that empty inside."

"They're two young 'uns growin' fast, an' health's comin' back to both of 'em. Children like that feels like young wolves an' food's flesh an' blood to 'em," said Mrs. Sowerby. Then she smiled Dickon's own curving smile. "Eh! but they're enjoyin' theirselves for sure," she said.

She was quite right, the comfortable wonderful mother creature—and she had never been more so than when she said their "play actin'" would be their joy. Colin and Mary found it one of their most thrilling sources of entertainment. The idea of protecting themselves from suspicion had been unconsciously suggested to them first by the puzzled nurse and then by Dr. Craven himself.

"Your appetite. Is improving very much, Master Colin," the nurse had said one day. "You used to eat nothing, and so many things disagreed with you."

"Nothing disagrees with me now" replied Colin, and then seeing the nurse looking at him curiously he suddenly remembered that perhaps he ought not to appear too well just yet. "At least things don't so often disagree with me. It's the fresh air."

"Perhaps it is," said the nurse, still looking at him with a mystified expression. "But I must talk to Dr. Craven about it."

"How she stared at you!" said Mary when she went away. "As if she thought there must be something to find out."

"I won't have her finding out things," said Colin. "No one must begin to find out yet." When Dr. Craven came that morning he seemed puzzled, also. He asked a number of questions, to Colin's great annoyance.

"You stay out in the garden a great deal," he suggested. "Where do you go?"

Colin put on his favorite air of dignified indifference to opinion.

"I will not let any one know where I go," he answered. "I go to a place I like. Every one has orders to keep out of the way. I won't be watched and stared at. You know that!"

"You seem to be out all day but I do not think it has done you harm—I do not think so. The nurse says that you eat much more than you have ever done before."

"Perhaps," said Colin, prompted by a sudden inspiration, "perhaps it is an unnatural appetite."

"I do not think so, as your food seems to agree with you," said Dr. Craven. "You are gaining flesh rapidly and your color is better."

"Perhaps—perhaps I am bloated and feverish," said Colin, assuming a discouraging air of gloom. "People who are not going to live are often—different." Dr. Craven shook his head. He was holding Colin's wrist and he pushed up his sleeve and felt his arm.

"You are not feverish," he said thoughtfully, "and such flesh as you have gained is healthy. If you can keep this up, my boy, we need not talk of dying. Your father will be happy to hear of this remarkable improvement."

"I won't have him told!" Colin broke forth fiercely. "It will only disappoint him if I get worse again—and I may get worse this very night. I might have a raging fever. I feel as if I might be beginning to have one now. I won't have letters written to my father—I won't—I won't! You are making me angry and you know that is bad for me. I feel hot already. I hate being written about and being talked over as much as I hate being stared at!"

"Hush-h! my boy," Dr. Craven soothed him. "Nothing shall be written without your permission. You are too sensitive about things. You must not undo the good which has been done."

He said no more about writing to Mr. Craven and when he saw the nurse he privately warned her that such a possibility must not be mentioned to the patient.

"The boy is extraordinarily better," he said. "His advance seems almost abnormal. But of course he is doing now of his own free will what we could not make him do before. Still, he excites himself very easily and nothing must be said to irritate him." Mary and Colin were much alarmed and talked together anxiously. From this time dated their plan of "play actin'."

"I may be obliged to have a tantrum," said Colin regretfully. "I don't want to have one and I'm not miserable enough now to work myself into a big one. Perhaps I couldn't have one at all. That lump doesn't come in my throat now and I keep thinking of nice things instead of horrible ones. But if they talk about writing to my father I shall have to do something."

He made up his mind to eat less, but unfortunately it was not possible to carry out this brilliant idea when he wakened each morning with an amazing appetite and the table near his sofa was set with a breakfast of home-made bread and fresh butter, snow-white eggs, raspberry jam and clotted cream. Mary always breakfasted with him and when they found themselves at the table—particularly if there were delicate slices of sizzling ham sending forth tempting odors from under a hot silver cover—they would look into each other's eyes in desperation.

"I think we shall have to eat it all this morning, Mary," Colin always ended by saying. "We can send away some of the lunch and a great deal of the dinner."

But they never found they could send away anything and the highly polished condition of the empty plates returned to the pantry awakened much comment.

"I do wish," Colin would say also, "I do wish the slices of ham were thicker, and one muffin each is not enough for any one."

"It's enough for a person who is going to die," answered Mary when first she heard this, "but it's not enough for a person who is going to live. I sometimes feel as if I could eat three when those nice fresh heather and gorse smells from the moor come pouring in at the open window."

The morning that Dickon—after they had been enjoying themselves in the garden for about two hours—went behind a big rosebush and brought forth two tin pails and revealed that one was full of rich new milk with cream on the top of it, and that the other held cottage-made currant buns folded in a clean blue and white napkin, buns so carefully tucked in that they were still hot, there was a riot of surprised joyfulness. What a wonderful thing for Mrs. Sowerby to think of! What a kind, clever woman she must be! How good the buns were! And what delicious fresh milk!

"Magic is in her just as it is in Dickon," said Colin. "It makes her think of ways to do things—nice things. She is a Magic person. Tell her we are grateful, Dickon—extremely grateful." He was given to using rather grown-up phrases at times. He enjoyed them. He liked this so much that he improved upon it.

"Tell her she has been most bounteous and our gratitude is extreme."

And then forgetting his grandeur he fell to and stuffed himself with buns and drank milk out of the pail in copious

draughts in the manner of any hungry little boy who had been taking unusual exercise and breathing in moorland air and whose breakfast was more than two hours behind him.

This was the beginning of many agreeable incidents of the same kind. They actually awoke to the fact that as Mrs. Sowerby had fourteen people to provide food for she might not have enough to satisfy two extra appetites every day. So they asked her to let them send some of their shillings to buy things.

Dickon made the stimulating discovery that in the wood in the park outside the garden where Mary had first found him piping to the wild creatures there was a deep little hollow where you could build a sort of tiny oven with stones and roast potatoes and eggs in it. Roasted eggs were a previously unknown luxury and very hot potatoes with salt and fresh butter in them were fit for a woodland king—besides being deliciously satisfying. You could buy both potatoes and eggs and eat as many as you liked without feeling as if you were taking food out of the mouths of fourteen people.

Every beautiful morning the Magic was worked by the mystic circle under the plum-tree which provided a canopy of thickening green leaves after its brief blossom-time was ended. After the ceremony Colin always took his walking exercise and throughout the day he exercised his newly found power at intervals. Each day he grew stronger and

could walk more steadily and cover more ground. And each day his belief in the Magic grew stronger—as well it might. He tried one experiment after another as he felt himself gaining strength and it was Dickon who showed him the best things of all.

"Yesterday," he said one morning after an absence, "I went to Thwaite for mother an' near th' Blue Cow Inn I seed Bob Haworth. He's the strongest chap on th' moor. He's the champion wrestler an' he can jump higher than any other chap an' throw th' hammer farther. He's gone all th' way to Scotland for th' sports some years. He's knowed me ever since I was a little 'un an' he's a friendly sort an' I axed him some questions. Th' gentry calls him a athlete and I thought o' thee, Mester Colin, and I says, 'How did tha' make tha' muscles stick out that way, Bob? Did tha' do anythin' extra to make thysel' so strong?' An' he says 'Well, yes, lad, I did. A strong man in a show that came to Thwaite once showed me how to exercise my arms an' legs an' every muscle in my body. An' I says, 'Could a delicate chap make himself stronger with 'em, Bob?' an' he laughed an' says, 'Art tha' th' delicate chap?' an' I says, 'No, but I knows a young gentleman that's gettin' well of a long illness an' I wish I knowed some o' them tricks to tell him about.' I didn't say no names an' he didn't ask none. He's friendly same as I said an' he stood up an' showed me good-natured like, an' I imitated what he did till I knowed it by heart."

Colin had been listening excitedly.

"Can you show me?" he cried. "Will you?"

"Aye, to be sure," Dickon answered, getting up. "But he says tha' mun do 'em gentle at first an' be careful not to tire thysel'. Rest in between times an' take deep breaths an' don't overdo."

"I'll be careful," said Colin. "Show me! Show me! Dickon, you are the most Magic boy in the world!"

Dickon stood up on the grass and slowly went through a carefully practical but simple series of muscle exercises. Colin watched them with widening eyes. He could do a few while he was sitting down. Presently he did a few gently while he stood upon his already steadied feet. Mary began to do them also. Soot, who was watching the performance, became much disturbed and left his branch and hopped about restlessly because he could not do them too.

From that time the exercises were part of the day's duties as much as the Magic was. It became possible for both Colin and Mary to do more of them each time they tried, and such appetites were the results that but for the basket Dickon put down behind the bush each morning when he arrived they would have been lost. But the little oven in the hollow and Mrs. Sowerby's bounties were so satisfying that Mrs. Medlock and the nurse and Dr. Craven became mystified again. You can trifle with your breakfast and seem to disdain your dinner if you are full to the brim with roasted eggs and potatoes and richly frothed new

milk and oatcakes and buns and heather honey and clotted cream.

"They are eating next to nothing," said the nurse. "They'll die of starvation if they can't be persuaded to take some nourishment. And yet see how they look."

"Look!" exclaimed Mrs. Medlock indignantly. "Eh! I'm moithered to death with them. They're a pair of young Satans. Bursting their jackets one day and the next turning up their noses at the best meals Cook can tempt them with. Not a mouthful of that lovely young fowl and bread sauce did they set a fork into yesterday—and the poor woman fair invented a pudding for them—and back it's sent. She almost cried. She's afraid she'll be blamed if they starve themselves into their graves."

Dr. Craven came and looked at Colin long and carefully, He wore an extremely worried expression when the nurse talked with him and showed him the almost untouched tray of breakfast she had saved for him to look at—but it was even more worried when he sat down by Colin's sofa and examined him. He had been called to London on business and had not seen the boy for nearly two weeks. When young things begin to gain health they gain it rapidly. The waxen tinge had left, Colins skin and a warm rose showed through it; his beautiful eyes were clear and the hollows under them and in his cheeks and temples had filled out. His once dark, heavy locks had begun to look as if they sprang healthily from his forehead and were

soft and warm with life. His lips were fuller and of a normal color. In fact as an imitation of a boy who was a confirmed invalid he was a disgraceful sight. Dr. Craven held his chin in his hand and thought him over.

"I am sorry to hear that you do not eat anything," he said. "That will not do. You will lose all you have gained—and you have gained amazingly. You ate so well a short time ago."

"I told you it was an unnatural appetite," answered Colin.

Mary was sitting on her stool nearby and she suddenly made a very queer sound which she tried so violently to repress that she ended by almost choking.

"What is the matter?" said Dr. Craven, turning to look at her.

Mary became quite severe in her manner.

"It was something between a sneeze and a cough," she replied with reproachful dignity, "and it got into my throat."

"But," she said afterward to Colin, "I couldn't stop myself. It just burst out because all at once I couldn't help remembering that last big potato you ate and the way your mouth stretched when you bit through that thick lovely crust with jam and clotted cream on it."

"Is there any way in which those children can get food secretly?" Dr. Craven inquired of Mrs. Medlock.

"There's no way unless they dig it out of the earth or pick it off the trees," Mrs. Medlock answered. "They stay out in the grounds all day and see no one but each other. And if they want anything different to eat from what's sent up to them they need only ask for it."

"Well," said Dr. Craven, "so long as going without food agrees with them we need not disturb ourselves. The boy is a new creature."

"So is the girl," said Mrs. Medlock. "She's begun to be downright pretty since she's filled out and lost her ugly little sour look. Her hair's grown thick and healthy looking and she's got a bright color. The glummiest, ill-natured little thing she used to be and now her and Master Colin laugh together like a pair of crazy young ones. Perhaps they're growing fat on that."

"Perhaps they are," said Dr. Craven. "Let them laugh."

CHAPTER 25.

THE CURTAIN

And the secret garden bloomed and bloomed and every morning revealed new miracles. In the robin's nest there were Eggs and the robin's mate sat upon them keeping them warm with her feathery little breast and careful wings. At first she was very nervous and the robin himself was indignantly watchful. Even Dickon did not go near the close-grown corner in those days, but waited until by the quiet working of some mysterious spell he seemed to have conveyed to the soul of the little pair that in the garden there was nothing which was not quite like themselves—nothing which did not understand the wonderfulness of what was happening to them—the immense, tender, terrible, heart-breaking beauty and solemnity of Eggs. If there had been one person in that garden who had not known through all his or her innermost being that if an Egg were taken away or hurt the whole world would whirl round and crash through space and come to an end—if there had been even one who did not feel it and act accordingly there could have been no happiness even in that golden springtime air. But they all knew it and felt it and the robin and his mate knew they knew it.

At first the robin watched Mary and Colin with sharp anxiety. For some mysterious reason he knew he need not watch Dickon. The first moment he set his dew-bright black eye on Dickon he knew he was not a stranger but a sort of robin without beak or feathers. He could speak robin (which is a quite distinct language not to be mistaken for any other). To speak robin to a robin is like speaking French to a Frenchman. Dickon always spoke it to the robin himself, so the queer gibberish he used when he spoke to humans did not matter in the least. The robin thought he spoke this gibberish to them because they were not intelligent enough to understand feathered speech. His movements also were robin. They never startled one by being sudden enough to seem dangerous or threatening. Any robin could understand Dickon, so his presence was not even disturbing.

But at the outset it seemed necessary to be on guard against the other two. In the first place the boy creature did not come into the garden on his legs. He was pushed in on a thing with wheels and the skins of wild animals were thrown over him. That in itself was doubtful. Then when he began to stand up and move about he did it in a queer unaccustomed way and the others seemed to have to help him. The robin used to secrete himself in a bush and watch this anxiously, his head tilted first on one side and then on the other. He thought that the slow movements might mean that he was preparing to pounce, as cats do. When

cats are preparing to pounce they creep over the ground very slowly. The robin talked this over with his mate a great deal for a few days but after that he decided not to speak of the subject because her terror was so great that he was afraid it might be injurious to the Eggs.

When the boy began to walk by himself and even to move more quickly it was an immense relief. But for a long time—or it seemed a long time to the robin—he was a source of some anxiety. He did not act as the other humans did. He seemed very fond of walking but he had a way of sitting or lying down for a while and then getting up in a disconcerting manner to begin again.

One day the robin remembered that when he himself had been made to learn to fly by his parents he had done much the same sort of thing. He had taken short flights of a few yards and then had been obliged to rest. So it occurred to him that this boy was learning to fly—or rather to walk. He mentioned this to his mate and when he told her that the Eggs would probably conduct themselves in the same way after they were fledged she was quite comforted and even became eagerly interested and derived great pleasure from watching the boy over the edge of her nest—though she always thought that the Eggs would be much cleverer and learn more quickly. But then she said indulgently that humans were always more clumsy and slow than Eggs and most of them never seemed really to

learn to fly at all. You never met them in the air or on tree-tops.

After a while the boy began to move about as the others did, but all three of the children at times did unusual things. They would stand under the trees and move their arms and legs and heads about in a way which was neither walking nor running nor sitting down. They went through these movements at intervals every day and the robin was never able to explain to his mate what they were doing or trying to do. He could only say that he was sure that the Eggs would never flap about in such a manner; but as the boy who could speak robin so fluently was doing the thing with them, birds could be quite sure that the actions were not of a dangerous nature. Of course neither the robin nor his mate had ever heard of the champion wrestler, Bob Haworth, and his exercises for making the muscles stand out like lumps. Robins are not like human beings; their muscles are always exercised from the first and so they develop themselves in a natural manner. If you have to fly about to find every meal you eat, your muscles do not become atrophied (atrophied means wasted away through want of use).

When the boy was walking and running about and digging and weeding like the others, the nest in the corner was brooded over by a great peace and content. Fears for the Eggs became things of the past. Knowing that your Eggs were as safe as if they were locked in a bank vault and

the fact that you could watch so many curious things going on made setting a most entertaining occupation. On wet days the Eggs' mother sometimes felt even a little dull because the children did not come into the garden.

But even on wet days it could not be said that Mary and Colin were dull. One morning when the rain streamed down unceasingly and Colin was beginning to feel a little restive, as he was obliged to remain on his sofa because it was not safe to get up and walk about, Mary had an inspiration.

"Now that I am a real boy," Colin had said, "my legs and arms and all my body are so full of Magic that I can't keep them still. They want to be doing things all the time. Do you know that when I waken in the morning, Mary, when it's quite early and the birds are just shouting outside and everything seems just shouting for joy—even the trees and things we can't really hear—I feel as if I must jump out of bed and shout myself. If I did it, just think what would happen!"

Mary giggled inordinately.

"The nurse would come running and Mrs. Medlock would come running and they would be sure you had gone crazy and they'd send for the doctor," she said.

Colin giggled himself. He could see how they would all look—how horrified by his outbreak and how amazed to see him standing upright.

"I wish my father would come home," he said. "I want to tell him myself. I'm always thinking about it—but we couldn't go on like this much longer. I can't stand lying still and pretending, and besides I look too different. I wish it wasn't raining today."

It was then Mistress Mary had her inspiration.

"Colin," she began mysteriously, "do you know how many rooms there are in this house?"

"About a thousand, I suppose," he answered.

"There's about a hundred no one ever goes into," said Mary. "And one rainy day I went and looked into ever so many of them. No one ever knew, though Mrs. Medlock nearly found me out. I lost my way when I was coming back and I stopped at the end of your corridor. That was the second time I heard you crying."

Colin started up on his sofa.

"A hundred rooms no one goes into," he said. "It sounds almost like a secret garden. Suppose we go and look at them. Wheel me in my chair and nobody would know we went."

"That's what I was thinking," said Mary. "No one would dare to follow us. There are galleries where you could run. We could do our exercises. There is a little Indian room where there is a cabinet full of ivory elephants. There are all sorts of rooms."

"Ring the bell," said Colin.

When the nurse came in he gave his orders.

"I want my chair," he said. "Miss Mary and I are going to look at the part of the house which is not used. John can push me as far as the picture-gallery because there are some stairs. Then he must go away and leave us alone until I send for him again."

Rainy days lost their terrors that morning. When the footman had wheeled the chair into the picture-gallery and left the two together in obedience to orders, Colin and Mary looked at each other delighted. As soon as Mary had made sure that John was really on his way back to his own quarters below stairs, Colin got out of his chair.

"I am going to run from one end of the gallery to the other," he said, "and then I am going to jump and then we will do Bob Haworth's exercises."

And they did all these things and many others. They looked at the portraits and found the plain little girl dressed in green brocade and holding the parrot on her finger.

"All these," said Colin, "must be my relations. They lived a long time ago. That parrot one, I believe, is one of my great, great, great, great aunts. She looks rather like you, Mary—not as you look now but as you looked when you came here. Now you are a great deal fatter and better looking."

"So are you," said Mary, and they both laughed.

They went to the Indian room and amused themselves with the ivory elephants. They found the rose-colored

brocade boudoir and the hole in the cushion the mouse had left, but the mice had grown up and run away and the hole was empty. They saw more rooms and made more discoveries than Mary had made on her first pilgrimage. They found new corridors and corners and flights of steps and new old pictures they liked and weird old things they did not know the use of. It was a curiously entertaining morning and the feeling of wandering about in the same house with other people but at the same time feeling as if one were miles away from them was a fascinating thing.

"I'm glad we came," Colin said. "I never knew I lived in such a big queer old place. I like it. We will ramble about every rainy day. We shall always be finding new queer corners and things."

That morning they had found among other things such good appetites that when they returned to Colin's room it was not possible to send the luncheon away untouched.

When the nurse carried the tray down-stairs she slapped it down on the kitchen dresser so that Mrs. Loomis, the cook, could see the highly polished dishes and plates.

"Look at that!" she said. "This is a house of mystery, and those two children are the greatest mysteries in it."

"If they keep that up every day," said the strong young footman John, "there'd be small wonder that he weighs twice as much to-day as he did a month ago. I should have

to give up my place in time, for fear of doing my muscles an injury."

That afternoon Mary noticed that something new had happened in Colin's room. She had noticed it the day before but had said nothing because she thought the change might have been made by chance. She said nothing today but she sat and looked fixedly at the picture over the mantel. She could look at it because the curtain had been drawn aside. That was the change she noticed.

"I know what you want me to tell you," said Colin, after she had stared a few minutes. "I always know when you want me to tell you something. You are wondering why the curtain is drawn back. I am going to keep it like that."

"Why?" asked Mary.

"Because it doesn't make me angry any more to see her laughing. I wakened when it was bright moonlight two nights ago and felt as if the Magic was filling the room and making everything so splendid that I couldn't lie still. I got up and looked out of the window. The room was quite light and there was a patch of moonlight on the curtain and somehow that made me go and pull the cord. She looked right down at me as if she were laughing because she was glad I was standing there. It made me like to look at her. I want to see her laughing like that all the time. I think she must have been a sort of Magic person perhaps."

"You are so like her now," said Mary, "that sometimes I think perhaps you are her ghost made into a boy."

That idea seemed to impress Colin. He thought it over and then answered her slowly.

"If I were her ghost—my father would be fond of me."

"Do you want him to be fond of you?" inquired Mary.

"I used to hate it because he was not fond of me. If he grew fond of me I think I should tell him about the Magic. It might make him more cheerful."

CHAPTER 26.

“IT'S MOTHER!”

T heir belief in the Magic was an abiding thing. After the morning's incantations Colin sometimes gave them Magic lectures.

"I like to do it," he explained, "because when I grow up and make great scientific discoveries I shall be obliged to lecture about them and so this is practise. I can only give short lectures now because I am very young, and besides Ben Weatherstaff would feel as if he were in church and he would go to sleep."

"Th' best thing about lecturin'," said Ben, "is that a chap can get up an' say aught he pleases an' no other chap can answer him back. I wouldn't be agen' lecturin' a bit mysel' sometimes."

But when Colin held forth under his tree old Ben fixed devouring eyes on him and kept them there. He looked him over with critical affection. It was not so much the lecture which interested him as the legs which looked straighter and stronger each day, the boyish head which held itself up so well, the once sharp chin and hollow cheeks which had filled and rounded out and the eyes which had begun to hold the light he remembered in another pair. Sometimes when Colin felt Ben's earnest gaze meant that he was much impressed he wondered what he was reflecting on

and once when he had seemed quite entranced he questioned him.

"What are you thinking about, Ben Weatherstaff?" he asked.

"I was thinkin'" answered Ben, "as I'd warrant tha's, gone up three or four pound this week. I was lookin' at tha' calves an' tha' shoulders. I'd like to get thee on a pair o' scales."

"It's the Magic and—and Mrs. Sowerby's buns and milk and things," said Colin. "You see the scientific experiment has succeeded."

That morning Dickon was too late to hear the lecture. When he came he was ruddy with running and his funny face looked more twinkling than usual. As they had a good deal of weeding to do after the rains they fell to work. They always had plenty to do after a warm deep sinking rain. The moisture which was good for the flowers was also good for the weeds which thrust up tiny blades of grass and points of leaves which must be pulled up before their roots took too firm hold. Colin was as good at weeding as any one in these days and he could lecture while he was doing it. "The Magic works best when you work, yourself," he said this morning. "You can feel it in your bones and muscles. I am going to read books about bones and muscles, but I am going to write a book about Magic. I am making it up now. I keep finding out things."

It was not very long after he had said this that he laid down his trowel and stood up on his feet. He had been silent for several minutes and they had seen that he was thinking out lectures, as he often did. When he dropped his trowel and stood upright it seemed to Mary and Dickon as if a sudden strong thought had made him do it. He stretched himself out to his tallest height and he threw out his arms exultantly. Color glowed in his face and his strange eyes widened with joyfulness. All at once he had realized something to the full.

"Mary! Dickon!" he cried. "Just look at me!"

They stopped their weeding and looked at him.

"Do you remember that first morning you brought me in here?" he demanded.

Dickon was looking at him very hard. Being an animal charmer he could see more things than most people could and many of them were things he never talked about. He saw some of them now in this boy. "Aye, that we do," he answered.

Mary looked hard too, but she said nothing.

"Just this minute," said Colin, "all at once I remembered it myself—when I looked at my hand digging with the trowel—and I had to stand up on my feet to see if it was real. And it is real! I'm well—I'm well!"

"Aye, that th' art!" said Dickon.

"I'm well! I'm well!" said Colin again, and his face went quite red all over.

He had known it before in a way, he had hoped it and felt it and thought about it, but just at that minute something had rushed all through him—a sort of rapturous belief and realization and it had been so strong that he could not help calling out.

"I shall live forever and ever and ever!" he cried grandly. "I shall find out thousands and thousands of things. I shall find out about people and creatures and everything that grows—like Dickon—and I shall never stop making Magic. I'm well! I'm well! I feel—I feel as if I want to shout out something—something thankful, joyful!"

Ben Weatherstaff, who had been working near a rose-bush, glanced round at him.

"Tha' might sing th' Doxology," he suggested in his driest grunt. He had no opinion of the Doxology and he did not make the suggestion with any particular reverence.

But Colin was of an exploring mind and he knew nothing about the Doxology.

"What is that?" he inquired.

"Dickon can sing it for thee, I'll warrant," replied Ben Weatherstaff.

Dickon answered with his all-perceiving animal charmer's smile.

"They sing it i' church," he said. "Mother says she believes th' skylarks sings it when they gets up i' th' mornin'."

"If she says that, it must be a nice song," Colin answered. "I've never been in a church myself. I was always too ill. Sing it, Dickon. I want to hear it."

Dickon was quite simple and unaffected about it. He understood what Colin felt better than Colin did himself. He understood by a sort of instinct so natural that he did not know it was understanding. He pulled off his cap and looked round still smiling.

"Tha' must take off tha' cap," he said to Colin, "an' so mun tha', Ben—an' tha' mun stand up, tha' knows."

Colin took off his cap and the sun shone on and warmed his thick hair as he watched Dickon intently. Ben Weatherstaff scrambled up from his knees and bared his head too with a sort of puzzled half-resentful look on his old face as if he didn't know exactly why he was doing this remarkable thing.

Dickon stood out among the trees and rose-bushes and began to sing in quite a simple matter-of-fact way and in a nice strong boy voice:

"Praise God from whom all blessings flow,
Praise Him all creatures here below,
Praise Him above ye Heavenly Host,
Praise Father, Son, and Holy Ghost.
Amen."

When he had finished, Ben Weatherstaff was standing quite still with his jaws set obstinately but with a disturbed

look in his eyes fixed on Colin. Colin's face was thoughtful and appreciative.

"It is a very nice song," he said. "I like it. Perhaps it means just what I mean when I want to shout out that I am thankful to the Magic." He stopped and thought in a puzzled way. "Perhaps they are both the same thing. How can we know the exact names of everything? Sing it again, Dickon. Let us try, Mary. I want to sing it, too. It's my song. How does it begin? 'Praise God from whom all blessings flow'?"

And they sang it again, and Mary and Colin lifted their voices as musically as they could and Dickon's swelled quite loud and beautiful—and at the second line Ben Weatherstaff raspily cleared his throat and at the third line he joined in with such vigor that it seemed almost savage and when the "Amen" came to an end Mary observed that the very same thing had happened to him which had happened when he found out that Colin was not a cripple—his chin was twitching and he was staring and winking and his leathery old cheeks were wet.

"I never seed no sense in th' Doxology afore," he said hoarsely, "but I may change my mind i' time. I should say tha'd gone up five pound this week Mester Colin—five on 'em!"

Colin was looking across the garden at something attracting his attention and his expression had become a startled one.

"Who is coming in here?" he said quickly. "Who is it?"

The door in the ivied wall had been pushed gently open and a woman had entered. She had come in with the last line of their song and she had stood still listening and looking at them. With the ivy behind her, the sunlight drifting through the trees and dappling her long blue cloak, and her nice fresh face smiling across the greenery she was rather like a softly colored illustration in one of Colin's books. She had wonderful affectionate eyes which seemed to take everything in—all of them, even Ben Weatherstaff and the "creatures" and every flower that was in bloom. Unexpectedly as she had appeared, not one of them felt that she was an intruder at all. Dickon's eyes lighted like lamps.

"It's mother—that's who it is!" he cried and went across the grass at a run.

Colin began to move toward her, too, and Mary went with him. They both felt their pulses beat faster.

"It's mother!" Dickon said again when they met halfway. "I knowed tha' wanted to see her an' I told her where th' door was hid."

Colin held out his hand with a sort of flushed royal shyness but his eyes quite devoured her face.

"Even when I was ill I wanted to see you," he said, "you and Dickon and the secret garden. I'd never wanted to see any one or anything before."

The sight of his uplifted face brought about a sudden change in her own. She flushed and the corners of her mouth shook and a mist seemed to sweep over her eyes.

"Eh! dear lad!" she broke out tremulously. "Eh! dear lad!" as if she had not known she were going to say it. She did not say, "Mester Colin," but just "dear lad" quite suddenly. She might have said it to Dickon in the same way if she had seen something in his face which touched her. Colin liked it.

"Are you surprised because I am so well?" he asked. She put her hand on his shoulder and smiled the mist out of her eyes. "Aye, that I am!" she said; "but tha'rt so like thy mother tha' made my heart jump."

"Do you think," said Colin a little awkwardly, "that will make my father like me?"

"Aye, for sure, dear lad," she answered and she gave his shoulder a soft quick pat. "He mun come home—he mun come home."

"Susan Sowerby," said Ben Weatherstaff, getting close to her. "Look at th' lad's legs, wilt tha'? They was like drumsticks i' stockin' two month' ago—an' I heard folk tell as they was bandy an' knock-kneed both at th' same time. Look at 'em now!"

Susan Sowerby laughed a comfortable laugh.

"They're goin' to be fine strong lad's legs in a bit," she said. "Let him go on playin' an' workin' in the garden an' eatin' hearty an' drinkin' plenty o' good sweet milk an'

there'll not be a finer pair i' Yorkshire, thank God for it."

She put both hands on Mistress Mary's shoulders and looked her little face over in a motherly fashion.

"An' thee, too!" she said. "Tha'rt grown near as hearty as our 'Lisabeth Ellen. I'll warrant tha'rt like thy mother too. Our Martha told me as Mrs. Medlock heard she was a pretty woman. Tha'lt be like a blush rose when tha' grows up, my little lass, bless thee."

She did not mention that when Martha came home on her "day out" and described the plain sallow child she had said that she had no confidence whatever in what Mrs. Medlock had heard. "It doesn't stand to reason that a pretty woman could be th' mother o' such a fou' little lass," she had added obstinately.

Mary had not had time to pay much attention to her changing face. She had only known that she looked "different" and seemed to have a great deal more hair and that it was growing very fast. But remembering her pleasure in looking at the Mem Sahib in the past she was glad to hear that she might some day look like her.

Susan Sowerby went round their garden with them and was told the whole story of it and shown every bush and tree which had come alive. Colin walked on one side of her and Mary on the other. Each of them kept looking up at her comfortable rosy face, secretly curious about the delightful feeling she gave them—a sort of warm, supported feeling. It seemed as if she understood them as

Dickon understood his "creatures." She stooped over the flowers and talked about them as if they were children. Soot followed her and once or twice cawed at her and flew upon her shoulder as if it were Dickon's. When they told her about the robin and the first flight of the young ones she laughed a motherly little mellow laugh in her throat.

"I suppose learnin' 'em to fly is like learnin' children to walk, but I'm feared I should be all in a worrit if mine had wings instead o' legs," she said.

It was because she seemed such a wonderful woman in her nice moorland cottage way that at last she was told about the Magic.

"Do you believe in Magic?" asked Colin after he had explained about Indian fakirs. "I do hope you do."

"That I do, lad," she answered. "I never knowed it by that name but what does th' name matter? I warrant they call it a different name i' France an' a different one i' Germany. Th' same thing as set th' seeds swellin' an' th' sun shinin' made thee a well lad an' it's th' Good Thing. It isn't like us poor fools as think it matters if us is called out of our names. Th' Big Good Thing doesn't stop to worrit, bless thee. It goes on makin' worlds by th' million—worlds like us. Never thee stop believin' in th' Big Good Thing an' knowin' th' world's full of it—an' call it what tha' likes. Tha' wert singin' to it when I come into th' garden."

"I felt so joyful," said Colin, opening his beautiful strange eyes at her. "Suddenly I felt how different I

was—how strong my arms and legs were, you know—and how I could dig and stand—and I jumped up and wanted to shout out something to anything that would listen."

"Th' Magic listened when tha' sung th' Doxology. It would ha' listened to anything tha'd sung. It was th' joy that mattered. Eh! lad, lad—what's names to th' Joy Maker," and she gave his shoulders a quick soft pat again.

She had packed a basket which held a regular feast this morning, and when the hungry hour came and Dickon brought it out from its hiding place, she sat down with them under their tree and watched them devour their food, laughing and quite gloating over their appetites. She was full of fun and made them laugh at all sorts of odd things. She told them stories in broad Yorkshire and taught them new words. She laughed as if she could not help it when they told her of the increasing difficulty there was in pretending that Colin was still a fretful invalid.

"You see we can't help laughing nearly all the time when we are together," explained Colin. "And it doesn't sound ill at all. We try to choke it back but it will burst out and that sounds worse than ever."

"There's one thing that comes into my mind so often," said Mary, "and I can scarcely ever hold in when I think of it suddenly. I keep thinking suppose Colin's face should get to look like a full moon. It isn't like one yet but he gets a tiny bit fatter every day—and suppose some morning it should look like one—what should we do!"

"Bless us all, I can see tha' has a good bit o' play actin' to do," said Susan Sowerby. "But tha' won't have to keep it up much longer. Mester Craven'll come home."

"Do you think he will?" asked Colin. "Why?"

Susan Sowerby chuckled softly.

"I suppose it 'ud nigh break thy heart if he found out before tha' told him in tha' own way," she said. "Tha's laid awake nights plannin' it."

"I couldn't bear any one else to tell him," said Colin. "I think about different ways every day, I think now I just want to run into his room." "That'd be a fine start for him," said Susan Sowerby. "I'd like to see his face, lad. I would that! He mun come back—that he mun."

One of the things they talked of was the visit they were to make to her cottage. They planned it all. They were to drive over the moor and lunch out of doors among the heather. They would see all the twelve children and Dickon's garden and would not come back until they were tired.

Susan Sowerby got up at last to return to the house and Mrs. Medlock. It was time for Colin to be wheeled back also. But before he got into his chair he stood quite close to Susan and fixed his eyes on her with a kind of bewildered adoration and he suddenly caught hold of the fold of her blue cloak and held it fast.

"You are just what I—what I wanted," he said. "I wish you were my mother—as well as Dickon's!"

All at once Susan Sowerby bent down and drew him with her warm arms close against the bosom under the blue cloak—as if he had been Dickon's brother. The quick mist swept over her eyes.

"Eh! dear lad!" she said. "Thy own mother's in this 'ere very garden, I do believe. She couldna' keep out of it. Thy father mun come back to thee—he mun!"

CHAPTER 27.

IN THE GARDEN

In each century since the beginning of the world wonderful things have been discovered. In the last century more amazing things were found out than in any century before. In this new century hundreds of things still more astounding will be brought to light. At first people refuse to believe that a strange new thing can be done, then they begin to hope it can be done, then they see it can be done—then it is done and all the world wonders why it was not done centuries ago. One of the new things people began to find out in the last century was that thoughts—just mere thoughts—are as powerful as electric batteries—as good for one as sunlight is, or as bad for one as poison. To let a sad thought or a bad one get into your mind is as dangerous as letting a scarlet fever germ get into your body. If you let it stay there after it has got in you may never get over it as long as you live.

So long as Mistress Mary's mind was full of disagreeable thoughts about her dislikes and sour opinions of people and her determination not to be pleased by or interested in anything, she was a yellow-faced, sickly, bored and wretched child. Circumstances, however, were very kind to her, though she was not at all aware of it. They began to push her about for her own good. When her mind

gradually filled itself with robins, and moorland cottages crowded with children, with queer crabbed old gardeners and common little Yorkshire housemaids, with springtime and with secret gardens coming alive day by day, and also with a moor boy and his "creatures," there was no room left for the disagreeable thoughts which affected her liver and her digestion and made her yellow and tired.

So long as Colin shut himself up in his room and thought only of his fears and weakness and his detestation of people who looked at him and reflected hourly on humps and early death, he was a hysterical half-crazy little hypochondriac who knew nothing of the sunshine and the spring and also did not know that he could get well and could stand upon his feet if he tried to do it. When new beautiful thoughts began to push out the old hideous ones, life began to come back to him, his blood ran healthily through his veins and strength poured into him like a flood. His scientific experiment was quite practical and simple and there was nothing weird about it at all. Much more surprising things can happen to any one who, when a disagreeable or discouraged thought comes into his mind, just has the sense to remember in time and push it out by putting in an agreeable determinedly courageous one. Two things cannot be in one place.

"Where, you tend a rose, my lad,
A thistle cannot grow."

While the secret garden was coming alive and two children were coming alive with it, there was a man wandering about certain far-away beautiful places in the Norwegian fiords and the valleys and mountains of Switzerland and he was a man who for ten years had kept his mind filled with dark and heart-broken thinking. He had not been courageous; he had never tried to put any other thoughts in the place of the dark ones. He had wandered by blue lakes and thought them; he had lain on mountain-sides with sheets of deep blue gentians blooming all about him and flower breaths filling all the air and he had thought them. A terrible sorrow had fallen upon him when he had been happy and he had let his soul fill itself with blackness and had refused obstinately to allow any rift of light to pierce through. He had forgotten and deserted his home and his duties. When he traveled about, darkness so brooded over him that the sight of him was a wrong done to other people because it was as if he poisoned the air about him with gloom. Most strangers thought he must be either half mad or a man with some hidden crime on his soul. He, was a tall man with a drawn face and crooked shoulders and the name he always entered on hotel registers was, "Archibald Craven, Misselthwaite Manor, Yorkshire, England."

He had traveled far and wide since the day he saw Mistress Mary in his study and told her she might have her "bit of earth." He had been in the most beautiful places in

Europe, though he had remained nowhere more than a few days. He had chosen the quietest and remotest spots. He had been on the tops of mountains whose heads were in the clouds and had looked down on other mountains when the sun rose and touched them with such light as made it seem as if the world were just being born.

But the light had never seemed to touch himself until one day when he realized that for the first time in ten years a strange thing had happened. He was in a wonderful valley in the Austrian Tyrol and he had been walking alone through such beauty as might have lifted, any man's soul out of shadow. He had walked a long way and it had not lifted his. But at last he had felt tired and had thrown himself down to rest on a carpet of moss by a stream. It was a clear little stream which ran quite merrily along on its narrow way through the luscious damp greenness. Sometimes it made a sound rather like very low laughter as it bubbled over and round stones. He saw birds come and dip their heads to drink in it and then flick their wings and fly away. It seemed like a thing alive and yet its tiny voice made the stillness seem deeper. The valley was very, very still.

As he sat gazing into the clear running of the water, Archibald Craven gradually felt his mind and body both grow quiet, as quiet as the valley itself. He wondered if he were going to sleep, but he was not. He sat and gazed at the sunlit water and his eyes began to see things growing

at its edge. There was one lovely mass of blue forget-me-nots growing so close to the stream that its leaves were wet and at these he found himself looking as he remembered he had looked at such things years ago. He was actually thinking tenderly how lovely it was and what wonders of blue its hundreds of little blossoms were. He did not know that just that simple thought was slowly filling his mind—filling and filling it until other things were softly pushed aside. It was as if a sweet clear spring had begun to rise in a stagnant pool and had risen and risen until at last it swept the dark water away. But of course he did not think of this himself. He only knew that the valley seemed to grow quieter and quieter as he sat and stared at the bright delicate blueness. He did not know how long he sat there or what was happening to him, but at last he moved as if he were awakening and he got up slowly and stood on the moss carpet, drawing a long, deep, soft breath and wondering at himself. Something seemed to have been unbound and released in him, very quietly.

"What is it?" he said, almost in a whisper, and he passed his hand over his forehead. "I almost feel as if—I were alive!"

I do not know enough about the wonderfulness of undiscovered things to be able to explain how this had happened to him. Neither does any one else yet. He did not understand at all himself—but he remembered this strange hour months afterward when he was at Misselthwaite

again and he found out quite by accident that on this very day Colin had cried out as he went into the secret garden:

"I am going to live forever and ever and ever!"

The singular calmness remained with him the rest of the evening and he slept a new reposeful sleep; but it was not with him very long. He did not know that it could be kept. By the next night he had opened the doors wide to his dark thoughts and they had come trooping and rushing back. He left the valley and went on his wandering way again. But, strange as it seemed to him, there were minutes—sometimes half-hours—when, without his knowing why, the black burden seemed to lift itself again and he knew he was a living man and not a dead one. Slowly—slowly—for no reason that he knew of—he was "coming alive" with the garden.

As the golden summer changed into the deep golden autumn he went to the Lake of Como. There he found the loveliness of a dream. He spent his days upon the crystal blueness of the lake or he walked back into the soft thick verdure of the hills and tramped until he was tired so that he might sleep. But by this time he had begun to sleep better, he knew, and his dreams had ceased to be a terror to him.

"Perhaps," he thought, "my body is growing stronger."

It was growing stronger but—because of the rare peaceful hours when his thoughts were changed—his soul was slowly growing stronger, too. He began to think of

Misselthwaite and wonder if he should not go home. Now and then he wondered vaguely about his boy and asked himself what he should feel when he went and stood by the carved four-posted bed again and looked down at the sharply chiseled ivory-white face while it slept and, the black lashes rimmed so startlingly the close-shut eyes. He shrank from it.

One marvel of a day he had walked so far that when he returned the moon was high and full and all the world was purple shadow and silver. The stillness of lake and shore and wood was so wonderful that he did not go into the villa he lived in. He walked down to a little bowered terrace at the water's edge and sat upon a seat and breathed in all the heavenly scents of the night. He felt the strange calmness stealing over him and it grew deeper and deeper until he fell asleep.

He did not know when he fell asleep and when he began to dream; his dream was so real that he did not feel as if he were dreaming. He remembered afterward how intensely wide awake and alert he had thought he was. He thought that as he sat and breathed in the scent of the late roses and listened to the lapping of the water at his feet he heard a voice calling. It was sweet and clear and happy and far away. It seemed very far, but he heard it as distinctly as if it had been at his very side.

"Archie! Archie! Archie!" it said, and then again, sweeter and clearer than before, "Archie! Archie!"

He thought he sprang to his feet not even startled. It was such a real voice and it seemed so natural that he should hear it.

"Lilias! Lilias!" he answered. "Lilias! where are you?"

"In the garden," it came back like a sound from a golden flute. "In the garden!"

And then the dream ended. But he did not awaken. He slept soundly and sweetly all through the lovely night. When he did awake at last it was brilliant morning and a servant was standing staring at him. He was an Italian servant and was accustomed, as all the servants of the villa were, to accepting without question any strange thing his foreign master might do. No one ever knew when he would go out or come in or where he would choose to sleep or if he would roam about the garden or lie in the boat on the lake all night. The man held a salver with some letters on it and he waited quietly until Mr. Craven took them. When he had gone away Mr. Craven sat a few moments holding them in his hand and looking at the lake. His strange calm was still upon him and something more—a lightness as if the cruel thing which had been done had not happened as he thought—as if something had changed. He was remembering the dream—the real—real dream.

"In the garden!" he said, wondering at himself. "In the garden! But the door is locked and the key is buried deep."

When he glanced at the letters a few minutes later he saw that the one lying at the top of the rest was an English

letter and came from Yorkshire. It was directed in a plain woman's hand but it was not a hand he knew. He opened it, scarcely thinking of the writer, but the first words attracted his attention at once.

"Dear Sir:

I am Susan Sowerby that made bold to speak to you once on the moor. It was about Miss Mary I spoke. I will make bold to speak again. Please, sir, I would come home if I was you. I think you would be glad to come and—if you will excuse me, sir—I think your lady would ask you to come if she was here.

Your obedient servant,
Susan Sowerby."

Mr. Craven read the letter twice before he put it back in its envelope. He kept thinking about the dream.

"I will go back to Misselthwaite," he said. "Yes, I'll go at once."

And he went through the garden to the villa and ordered Pitcher to prepare for his return to England.

In a few days he was in Yorkshire again, and on his long railroad journey he found himself thinking of his boy as he had never thought in all the ten years past. During those years he had only wished to forget him. Now, though he did not intend to think about him, memories of him constantly drifted into his mind. He remembered the black days when he had raved like a madman because the child was alive and the mother was dead. He had refused to see

it, and when he had gone to look at it at last it had been, such a weak wretched thing that everyone had been sure it would die in a few days. But to the surprise of those who took care of it the days passed and it lived and then everyone believed it would be a deformed and crippled creature.

He had not meant to be a bad father, but he had not felt like a father at all. He had supplied doctors and nurses and luxuries, but he had shrunk from the mere thought of the boy and had buried himself in his own misery. The first time after a year's absence he returned to Misselthwaite and the small miserable looking thing languidly and indifferently lifted to his face the great gray eyes with black lashes round them, so like and yet so horribly unlike the happy eyes he had adored, he could not bear the sight of them and turned away pale as death. After that he scarcely ever saw him except when he was asleep, and all he knew of him was that he was a confirmed invalid, with a vicious, hysterical, half-insane temper. He could only be kept from furies dangerous to himself by being given his own way in every detail.

All this was not an uplifting thing to recall, but as the train whirled him through mountain passes and golden plains the man who was "coming alive" began to think in a new way and he thought long and steadily and deeply.

"Perhaps I have been all wrong for ten years," he said to himself. "Ten years is a long time. It may be too late to

do anything—quite too late. What have I been thinking of!"

Of course this was the wrong Magic—to begin by saying "too late." Even Colin could have told him that. But he knew nothing of Magic—either black or white. This he had yet to learn. He wondered if Susan Sowerby had taken courage and written to him only because the motherly creature had realized that the boy was much worse—was fatally ill. If he had not been under the spell of the curious calmness which had taken possession of him he would have been more wretched than ever. But the calm had brought a sort of courage and hope with it. Instead of giving way to thoughts of the worst he actually found he was trying to believe in better things.

"Could it be possible that she sees that I may be able to do him good and control him?" he thought. "I will go and see her on my way to Misselthwaite."

But when on his way across the moor he stopped the carriage at the cottage, seven or eight children who were playing about gathered in a group and bobbing seven or eight friendly and polite curtsies told him that their mother had gone to the other side of the moor early in the morning to help a woman who had a new baby. "Our Dickon," they volunteered, was over at the Manor working in one of the gardens where he went several days each week.

Mr. Craven looked over the collection of sturdy little bodies and round red-cheeked faces, each one grinning in its own particular way, and he awoke to the fact that they were a healthy likable lot. He smiled at their friendly grins and took a golden sovereign from his pocket and gave it to "our 'Lizabeth Ellen" who was the oldest.

"If you divide that into eight parts there will be half a crown for each of, you," he said.

Then amid grins and chuckles and bobbing of curtsies he drove away, leaving ecstasy and nudging elbows and little jumps of joy behind.

The drive across the wonderfulness of the moor was a soothing thing. Why did it seem to give him a sense of homecoming which he had been sure he could never feel again—that sense of the beauty of land and sky and purple bloom of distance and a warming of the heart at drawing, nearer to the great old house which had held those of his blood for six hundred years? How he had driven away from it the last time, shuddering to think of its closed rooms and the boy lying in the four-posted bed with the brocaded hangings. Was it possible that perhaps he might find him changed a little for the better and that he might overcome his shrinking from him? How real that dream had been—how wonderful and clear the voice which called back to him, "In the garden—In the garden!"

"I will try to find the key," he said. "I will try to open the door. I must—though I don't know why."

When he arrived at the Manor the servants who received him with the usual ceremony noticed that he looked better and that he did not go to the remote rooms where he usually lived attended by Pitcher. He went into the library and sent for Mrs. Medlock. She came to him somewhat excited and curious and flustered.

"How is Master Colin, Medlock?" he inquired. "Well, sir," Mrs. Medlock answered, "he's—he's different, in a manner of speaking."

"Worse?" he suggested.

Mrs. Medlock really was flushed.

"Well, you see, sir," she tried to explain, "neither Dr. Craven, nor the nurse, nor me can exactly make him out."

"Why is that?"

"To tell the truth, sir, Master Colin might be better and he might be changing for the worse. His appetite, sir, is past understanding—and his ways—"

"Has he become more—more peculiar?" her master, asked, knitting his brows anxiously.

"That's it, sir. He's growing very peculiar—when you compare him with what he used to be. He used to eat nothing and then suddenly he began to eat something enormous—and then he stopped again all at once and the meals were sent back just as they used to be. You never knew, sir, perhaps, that out of doors he never would let himself be taken. The things we've gone through to get him to go out in his chair would leave a body trembling

like a leaf. He'd throw himself into such a state that Dr. Craven said he couldn't be responsible for forcing him. Well, sir, just without warning—not long after one of his worst tantrums he suddenly insisted on being taken out every day by Miss Mary and Susan Sowerby's boy Dickon that could push his chair. He took a fancy to both Miss Mary and Dickon, and Dickon brought his tame animals, and, if you'll credit it, sir, out of doors he will stay from morning until night."

"How does he look?" was the next question.

"If he took his food natural, sir, you'd think he was putting on flesh—but we're afraid it may be a sort of bloat. He laughs sometimes in a queer way when he's alone with Miss Mary. He never used to laugh at all. Dr. Craven is coming to see you at once, if you'll allow him. He never was as puzzled in his life."

"Where is Master Colin now?" Mr. Craven asked.

"In the garden, sir. He's always in the garden—though not a human creature is allowed to go near for fear they'll look at him."

Mr. Craven scarcely heard her last words.

"In the garden," he said, and after he had sent Mrs. Medlock away he stood and repeated it again and again. "In the garden!"

He had to make an effort to bring himself back to the place he was standing in and when he felt he was on earth again he turned and went out of the room. He took his

way, as Mary had done, through the door in the shrubbery and among the laurels and the fountain beds. The fountain was playing now and was encircled by beds of brilliant autumn flowers. He crossed the lawn and turned into the Long Walk by the ivied walls. He did not walk quickly, but slowly, and his eyes were on the path. He felt as if he were being drawn back to the place he had so long forsaken, and he did not know why. As he drew near to it his step became still more slow. He knew where the door was even though the ivy hung thick over it—but he did not know exactly where it lay—that buried key.

So he stopped and stood still, looking about him, and almost the moment after he had paused he started and listened—asking himself if he were walking in a dream.

The ivy hung thick over the door, the key was buried under the shrubs, no human being had passed that portal for ten lonely years—and yet inside the garden there were sounds. They were the sounds of running scuffling feet seeming to chase round and round under the trees, they were strange sounds of lowered suppressed voices—exclamations and smothered joyous cries. It seemed actually like the laughter of young things, the uncontrollable laughter of children who were trying not to be heard but who in a moment or so—as their excitement mounted—would burst forth. What in heaven's name was he dreaming of—what in heaven's name did he hear? Was he losing his reason and thinking he heard things which

were not for human ears? Was it that the far clear voice had meant?

And then the moment came, the uncontrollable moment when the sounds forgot to hush themselves. The feet ran faster and faster—they were nearing the garden door—there was quick strong young breathing and a wild outbreak of laughing shows which could not be contained—and the door in the wall was flung wide open, the sheet of ivy swinging back, and a boy burst through it at full speed and, without seeing the outsider, dashed almost into his arms.

Mr. Craven had extended them just in time to save him from falling as a result of his unseeing dash against him, and when he held him away to look at him in amazement at his being there he truly gasped for breath.

He was a tall boy and a handsome one. He was glowing with life and his running had sent splendid color leaping to his face. He threw the thick hair back from his forehead and lifted a pair of strange gray eyes—eyes full of boyish laughter and rimmed with black lashes like a fringe. It was the eyes which made Mr. Craven gasp for breath. "Who—What? Who!" he stammered.

This was not what Colin had expected—this was not what he had planned. He had never thought of such a meeting. And yet to come dashing out—winning a race—perhaps it was even better. He drew himself up to his very tallest. Mary, who had been running with him and had

dashed through the door too, believed that he managed to make himself look taller than he had ever looked before—inches taller.

"Father," he said, "I'm Colin. You can't believe it. I scarcely can myself. I'm Colin."

Like Mrs. Medlock, he did not understand what his father meant when he said hurriedly:

"In the garden! In the garden!"

"Yes," hurried on Colin. "It was the garden that did it—and Mary and Dickon and the creatures—and the Magic. No one knows. We kept it to tell you when you came. I'm well, I can beat Mary in a race. I'm going to be an athlete."

He said it all so like a healthy boy—his face flushed, his words tumbling over each other in his eagerness—that Mr. Craven's soul shook with unbelieving joy.

Colin put out his hand and laid it on his father's arm.

"Aren't you glad, Father?" he ended. "Aren't you glad? I'm going to live forever and ever and ever!"

Mr. Craven put his hands on both the boy's shoulders and held him still. He knew he dared not even try to speak for a moment.

"Take me into the garden, my boy," he said at last. "And tell me all about it."

And so they led him in.

The place was a wilderness of autumn gold and purple and violet blue and flaming scarlet and on every side were

sheaves of late lilies standing together—lilies which were white or white and ruby. He remembered well when the first of them had been planted that just at this season of the year their late glories should reveal themselves. Late roses climbed and hung and clustered and the sunshine deepening the hue of the yellowing trees made one feel that one, stood in an embowered temple of gold. The newcomer stood silent just as the children had done when they came into its grayness. He looked round and round.

"I thought it would be dead," he said.

"Mary thought so at first," said Colin. "But it came alive."

Then they sat down under their tree—all but Colin, who wanted to stand while he told the story.

It was the strangest thing he had ever heard, Archibald Craven thought, as it was poured forth in headlong boy fashion. Mystery and Magic and wild creatures, the weird midnight meeting—the coming of the spring—the passion of insulted pride which had dragged the young Rajah to his feet to defy old Ben Weatherstaff to his face. The odd companionship, the play acting, the great secret so carefully kept. The listener laughed until tears came into his eyes and sometimes tears came into his eyes when he was not laughing. The Athlete, the Lecturer, the Scientific Discoverer was a laughable, lovable, healthy young human thing.

"Now," he said at the end of the story, "it need not be a secret any more. I dare say it will frighten them nearly into fits when they see me—but I am never going to get into the chair again. I shall walk back with you, Father—to the house."

Ben Weatherstaff's duties rarely took him away from the gardens, but on this occasion he made an excuse to carry some vegetables to the kitchen and being invited into the servants' hall by Mrs. Medlock to drink a glass of beer he was on the spot—as he had hoped to be—when the most dramatic event Misselthwaite Manor had seen during the present generation actually took place. One of the windows looking upon the courtyard gave also a glimpse of the lawn. Mrs. Medlock, knowing Ben had come from the gardens, hoped that he might have caught sight of his master and even by chance of his meeting with Master Colin.

"Did you see either of them, Weatherstaff?" she asked.

Ben took his beer-mug from his mouth and wiped his lips with the back of his hand.

"Aye, that I did," he answered with a shrewdly significant air.

"Both of them?" suggested Mrs. Medlock.

"Both of 'em," returned Ben Weatherstaff. "Thank ye kindly, ma'am, I could sup up another mug of it."

"Together?" said Mrs. Medlock, hastily overfilling his beer-mug in her excitement.

"Together, ma'am," and Ben gulped down half of his new mug at one gulp.

"Where was Master Colin? How did he look? What did they say to each other?"

"I didna' hear that," said Ben, "along o' only bein' on th' stepladder lookin, over th' wall. But I'll tell thee this. There's been things goin' on outside as you house people knows nowt about. An' what tha'll find out tha'll find out soon."

And it was not two minutes before he swallowed the last of his beer and waved his mug solemnly toward the window which took in through the shrubbery a piece of the lawn.

"Look there," he said, "if tha's curious. Look what's comin' across th' grass."

When Mrs. Medlock looked she threw up her hands and gave a little shriek and every man and woman servant within hearing bolted across the servants' hall and stood looking through the window with their eyes almost starting out of their heads.

Across the lawn came the Master of Misselthwaite and he looked as many of them had never seen him. And by his, side with his head up in the air and his eyes full of laughter walked as strongly and steadily as any boy in Yorkshire—Master Colin.

Sumário

O Jardim Secreto

Capítulo 1. Não sobrou ninguém

Capítulo 2. Dona Mary, sempre irritada

Capítulo 3. Pela charneca

Capítulo 4. Martha

Capítulo 5. Gritos no corredor

Capítulo 6. “Tinha alguém chorando. Eu ouvi!”

Capítulo 7. A chave para o jardim

Capítulo 8. O pisco mostrou o caminho

Capítulo 9. A casa mais estranha que alguém já morou

Capítulo 10. Dickon

Capítulo 11. O ninho dos piscos

Capítulo 12. “Posso ter um pedaço de terra?”

Capítulo 13. “Me chamo Colin”

Capítulo 14. Um jovem rajá

Capítulo 15. Construindo ninhos

Capítulo 16. “Não vou!”, disse Mary

Capítulo 17. Acesso de raiva

Capítulo 18. “Não perca tempo”

Capítulo 19. “Chegou!”

Capítulo 20. “Vou viver para todo o sempre...e sempre!”

Capítulo 21. Ben Weatherstaff

Capítulo 22. Quando o sol se pôs

Capítulo 23. Magia

Capítulo 24. “Deixe que riam”

Capítulo 25. A cortina

Capítulo 26. “É a mãe!”

Capítulo 27. No jardim

Notas

The Secret Garden

Chapter 1. There is no one left

Chapter 2. Mistress Mary quite contrary

Chapter 3. Across the moor

Chapter 4. Martha

Chapter 5. The cry in the corridor

Chapter 6. “There was some one crying—there was!”

Chapter 7. The key to the garden

Chapter 8. The robin who showed the way

Chapter 9. The strangest house any one ever lived in

Chapter 10. Dickon

Chapter 11. The nest of the missel thrush

Chapter 12. “Might i have a bit of earth?”

Chapter 13. "I am Colin"

Chapter 14. A young rajah

Chapter 15. Nest building

Chapter 16. "I won't!" said Mary

Chapter 17. A tantrum

Chapter 18. "Tha' munnot waste no time"

Chapter 19. "It has come!"

Chapter 20. "I shall live forever—and ever—and ever!"

Chapter 21. Ben Weatherstaff

Chapter 22. When the sun went down

Chapter 23. Feitiço

Chapter 24. "Let them laugh"

Chapter 25. The curtain

Chapter 26. "It's mother!"

Chapter 27. In the garden

Clube do Livro para Leitores Extraordinários

De domínio público para o domínio do público

Ficha técnica



MOJO.ORG.BR

Este livro é o resultado de muitas horas de trabalho dos colaboradores e voluntários do Instituto Mojo de Comunicação Intercultural, uma instituição sem fins lucrativos. A receita gerada pelos livros extraordinários impressos alimenta um acervo de traduções e edições de obras em domínio público gratuitamente no site mojo.org.br. Assim, Livros Extraordinários de todas as línguas — que muitos também chamam de “clássicos” — ficarão para sempre ao alcance da comunidade de leitores de língua portuguesa.

Para que os frutos dessa iniciativa sejam perenes, duas coisas são imprescindíveis. A primeira é que a adaptação dessas obras deve ser extremamente atenciosa, irretocável e contemporânea, feita para os leitores do século 21. Somente com uma equipe de colaboradores extraordinários pode tornar realidade uma biblioteca aberta como essa. A segunda, é que o financiamento desse esforço deve vir da iniciativa civil, sem vínculos de dependência comercial ou governamental. Quanto mais apoiadores adquirem os livros, mais obras serão entregues para fruição gratuita e pública.

Os mundos extraordinários não podem ficar encerrados dentro de livros empoeirados em línguas desconhecidas; não podem estar nas vitrines das livrarias, atrás de um vidro ou de uma caixa registradora. Nossas publicações podem ser utilizadas livremente em escolas e comunidades; podem ser compartilhadas, impressas, copiadas e estudadas por todos, mas nunca poderão ser comercializadas.

CONHECER UM MUNDO EXTRAORDINÁRIO
NA VIDA É DIREITO DE TODOS.

ACESSO IRRESTRITO AOS BENS
DO DOMÍNIO PÚBLICO.

DE DOMÍNIO PÚBLICO PARA O DOMÍNIO DO PÚBLICO

Que você faça o bem e não o mal.

*Que você seja perdoado e que perdoe
aos outros.*

*Que você compartilhe livremente,
nunca tomando mais do que
está dando.*

Embora sejam de livre acesso, as obras da literatura mundial em domínio público precisam ser adaptadas para a nossa língua. Peter Pan fala inglês, Pinocchio fala italiano, *20 mil léguas submarinas* está em francês. Os brasileiros precisam falar a língua original ou comprar uma edição impressa — ou até piratear? Toda tradução é um trabalho intelectual e custoso. Toda tradução é propriedade dos tradutores ou editores que a produziram. Na Mojo, depois de financiado e

realizado, o livro se torna público em formato digital. A democratização do domínio público não é apenas necessária, mas extremamente divertida, intrigante e cheia de descobertas extraordinárias. São livros, obras de arte e todo o conhecimento humano que sobreviveram ao teste do tempo.

COMO FUNCIONA

O Instituto Mojo é uma iniciativa social, sem fins lucrativos. Os livros impressos do Clube do Livro para Leitores Extraordinários gera os recursos para a publicação de ebooks gratuitos em português. A fórmula é simples:

1. Domínio público

É quando uma obra não tem mais que pagar direitos autorais ao seu criador e está livre para acesso de todos.

2. Instituto Mojo de Comunicação Intercultural

De que vale o acesso às obras se o leitor não fala a língua de origem? Por isso, a Mojo traduz, edita e disponibiliza essas obras em sua plataforma digital.

3. Clube do Livro para Leitores Extraordinários

Para financiar esse trabalho, publicamos as obras em formato impresso, ilustradas, com capa dura, texto integral e extremo cuidado editorial e gráfico.

4. mojo.org.br

É o site onde ebooks, ensaios acadêmicos, artigos e outros conteúdos livres podem ser acessados gratuitamente por qualquer pessoa.

A reprodução não autorizada desta publicação, em todo ou em parte, fora das permissões do Projeto Domínio ao Público, do Instituto Mojo, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98).

Descubra em nosso site todas as modalidades de contribuição que você e sua empresa podem escolher para colaborar. Associe-se, doe, divulgue, leia os livros, conte as histórias para seus filhos e amigos. Assim, demolir das barreiras linguísticas do domínio público fica mais fácil.

VOCÊ É EXTRAORDINÁRIO PARA
200 MILHÕES DE LEITORES

APOIE
mojo.org.br



Editores

Ricardo Giassetti Gabriel Naldi

Revisores

Amanda Zampieri

Naiara Aimee

Direção de arte

Cyla Costa

Julio Giacomelli

Edição EPUB

Fernando Ribeiro

mojo.org

Presidente

Ricardo Giassetti

Tesoureiro

Alexandre Storari

Diretores

Gabriel Naldi, Tatiana Bornato

Conselho consultivo

Aurea Leszczynski Vieira,

Leonardo Tonus,

Marcelo Amstalden Möller,

Marcelo Andrade,

Marcelo Gusmão Eid,

Renato Roschel,

Thiago Fogaça,

William Hertz.

contato@mojo.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Burnett, Frances Hodgson, 1849-1924
O jardim Secreto / Frances Hodgson Burnett;
traduzido por Ricardo Giassetti; ilustrado por André
Ducci. -- São Paulo : Mojo.org, 2020. -- (Mundos
extraordinários ; 7) Título original: The Secret
Garden

ISBN 978-65-990752-7-8

1. Literatura infantojuvenil I. Giassetti, Ricardo. II.
Título. III. Série.

19-24993 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
 2. Literatura infantojuvenil 028.5
-

Tradução e edição © 2021 Instituto Mojo de
Comunicação Intercultural

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<http://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Raleway”.

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<http://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Crimson Text”.

This Font Software is licensed under the SIL Open Font License, Version 1.1.

This license is available with a FAQ at:

<http://scripts.sil.org/OFL>